

Joana Lima

A GÉNESE DO MUSEU DO **NEO-REALISMO**



Edições Colibri

Associação Promotora
do Museu do Neo-Realismo

Shi

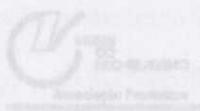
Joana Lima

O Museu do Neo-Realismo autorizou a publicação das imagens reproduzidas nas figuras n.º 18, 19, 20 e 22 e a fotografia nas novas instalações do Museu inscrita na contracapa.

A Associação Portuguesa de Estudos de Arte e de História autorizou a publicação das imagens reproduzidas nas figuras n.º 11, 12, 13, 14, 23, 24, 25, 26, 30 e 31 e a fotografia nas novas instalações do Museu inscrita na contracapa.

São de autoria de António Arroio as imagens das figuras n.º 14, 20, 22, 30, 40, 43, 49, 50, 53, 61.

A GÉNESE DO MUSEU DO NEO-REALISMO





O Museu do Neo-Realismo autorizou a publicação das imagens reproduzidas nas figuras n.ºs 18, 19, 20 e 22 e a fotografia nas novas instalações do Museu inserida na contracapa.

A Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo autorizou a publicação das imagens reproduzidas nas figuras n.ºs 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 24, 25, 26, 30 e 33 e a fotografia exterior das antigas instalações do Museu inserida na contracapa, de autoria de António Mota Redol.

São de autoria de António Mota Redol as fotografias das figuras 14, 20, 22, 30, 40, 43, 49, 50, 53, 61.

JOANA LIRA
em 1981. Em
em Geologia,
de Ciências
Lisboa (FCU)
o Mestrado
tidos Expo
em 2008, cu
"A Génese
-Realismo - de 1969 a 2007".
iniciou a sua atividade profissional
em 2008, no Centro de Documen-
tação da Fundação Portuguesa das
Comunicações. A partir de 2010,
participou como bolsista de
investigação em diferentes projetos
desenvolvidos na Universidade
Nova de Lisboa, na Universidade
dos Açores e na Universidade
do Porto, tendo participado também
no projeto Matemática do Planeta
Terra 2013. Em 2013 foi viver para
o Rio de Janeiro, onde atualmente
desenvolve a sua tese de Doutora-
do em Museologia e Património
(UNIRIO / MAST).

Joana Lima

AGRADECIMENTOS

A GÉNESE DO MUSEU DO NEO-REALISMO

Desejo, em primeiro lugar, agradecer muito especial a António Mota, pelo seu apoio e firmeza de publicar este livro. O seu interesse, empenho e disponibilidade foram essenciais para a realização desta obra. O valioso testemunho que prestou e a riqueza de fontes de que dispõe, às quais graciosamente me disponibilizou, constituem matéria essencial deste trabalho. Além disso, o tempo que dedicou à revisão do texto, bem como todas as informações que acrescentou ao mesmo, constituem um contributo fundamental. Pelos motivos apresentados e também pela simpatia e disponibilidade que sempre demonstrou, transmito-lhe os meus mais sinceros agradecimentos.

Tratando-se de uma versão revista, reformulada e atualizada da tese produzida no âmbito do Mestrado em Museologia: Conteúdos Expositivos, pelo ISCTE, não posso deixar de agradecer também à minha orientadora, Professora Luísa Tiago de Oliveira, que à distância de quase dez anos, teve um papel fundamental no desenvolvimento e concretização da minha dissertação de Mestrado. A sua disponibilidade e paciência, permitiram-me levar a bom termo aquele projeto.

Quero agradecer ao Dr. David Santos, pelo apoio e disponibilidade às funcionárias da Biblioteca e da Área documental do Museu do Neo-Realismo, pela simpatia e disponibilidade que mostraram durante o processo de consulta daqueles materiais.

Agradeço ao Dr. Arquimedes da Silva, à Dra. Catarina Nunes e à Dra. Clara Camacho, pela atenção e disponibilidade com que me receberam e por terem prestado os seus testemunhos.

Gostaria ainda de agradecer às funcionárias do Arquivo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e do Departamento de Administração Central, pela ajuda que me prestaram.

Finalmente, agradeço aos amigos e familiares que me acompanharam e amigos pela atenção e presença constantes no decorrer deste processo. Ao Paulo, deixo o meu agradecimento muito especial, pelo incansável apoio que sempre me deu não só nesta, como em outras realizações pessoais.



Edições Colibri



Biblioteca Nacional de Portugal
– *Catálogo na Publicação*

LIMA, Joana, 1981-

A génese do Museu do Neo-Realismo. – 1ª ed. – (Extra-colecção)

ISBN 978-989-689-660-7

CDU 069

Título: A Génese do Museu do Neo-Realismo

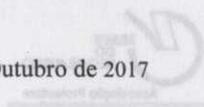
Autora: Joana Lima

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Dorindo Carvalho

Depósito legal n.º 424 173/17

Lisboa, Outubro de 2017



AGRADECIMENTOS

Desejo, em primeiro lugar, transmitir um agradecimento muito especial a António Mota Redol pela convicção firme de publicar este livro. O seu interesse, empenho e persistência, tornaram possível esta realização. O valioso testemunho que prestou e a riqueza das fontes de que dispõe, às quais graciosamente me facultou o acesso, constituem matéria essencial deste trabalho. Além disso, o tempo que dedicou à revisão do texto, bem como todas as informações que acrescentou ao mesmo, constituem um contributo fundamental. Pelos motivos apresentados e também pela simpatia e disponibilidade que sempre demonstrou, transmito-lhe os meus mais sinceros agradecimentos.

Tratando-se de uma versão revista, reformulada e atualizada da tese produzida no âmbito do Mestrado em Museologia: Conteúdos Expositivos, pelo ISCTE, não posso deixar de agradecer também à minha orientadora, Professora Luísa Tiago de Oliveira, que à distância de quase dez anos, teve um papel fundamental no desenvolvimento e concretização da minha dissertação de Mestrado. A sua disponibilidade e paciência, permitiram-me levar a bom termo aquele projeto.

Quero agradecer ao Dr. David Santos, pelo seu testemunho e às funcionárias da Biblioteca e da Área documental do Museu do Neo-Realismo, pela simpatia e disponibilidade que mostraram durante o processo de consulta daqueles materiais.

Agradeço ao Dr. Arquimedes da Silva Santos, à Dra. Graça Nunes e à Dra. Clara Camacho, pela atenção e disponibilidade com que me receberam e por terem prestado os seus testemunhos.

Gostaria ainda de agradecer às funcionárias do Arquivo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e do Departamento de Administração Central pela ajuda que me prestaram.

Finalmente, agradeço à minha mãe, restante família e amigos pela atenção e presença constantes no decorrer deste processo. Ao Paulo, deixo o meu agradecimento muito especial, pelo incansável apoio que sempre me deu não só nesta, como em outras realizações pessoais.

AGRADECIMENTOS

A gentileza do Museu do Neo-Realismo. - 1.ª ed. - (Extra-ordinária)

Desejo, em primeiro lugar, transmitir um agradecimento muito especial a António Mota Redol pela convicção firme de publicar este livro. O seu interesse, empenho e persistência, tornaram possível esta realização. O valioso testemunho que prestou e a riqueza das fontes de que dispôs, às quais graciosamente me facultou o acesso, constituem matéria essencial deste trabalho. Além disso, o tempo que dedicou à revisão do texto, bem como todas as informações que acrescentou ao mesmo, constituem um contributo fundamental. Pelos motivos apresentados e também pela simpatia e disponibilidade que sempre demonstrou, transmito-lhe os meus mais sinceros agradecimentos.

Também se de uma versão revista, reformulada e atualizada da tese produzida no âmbito do Mestrado em Museologia: *Conteúdos Expositivos*, vos, pelo ISCTE, não posso deixar de agradecer também à minha orientadora, Professora Luísa Tiago de Oliveira, que à distância de quase dez anos, teve um papel fundamental no desenvolvimento e concretização da minha dissertação de Mestrado. A sua disponibilidade e paciência, permitiram-me levar a bom termo aquele projeto.

Quero agradecer ao Dr. David Santos, pelo seu testemunho e às funcionárias da Biblioteca e da Área documental do Museu do Neo-Realismo, pela simpatia e disponibilidade que mostraram durante o processo de consulta dasquelas matérias.

Agradeço ao Dr. Arqumendes da Silva Santos e à Dra. Graça Nunes e à Dra. Clara Camacho, pela atenção e disponibilidade com que me receberam e por terem prestado os seus testemunhos.

Gozaria ainda de agradecer às funcionárias do Arquivo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e do Departamento de Administração Central pela ajuda que me prestaram.

Finalmente, agradeço à minha mãe, restante família e amigos pela atenção e presença constantes no decorrer deste processo. Ao Paulo, deixo o meu agradecimento muito especial, pelo incansável apoio que sempre me deu não só nesta, como em outras realizações pessoais.

PREFÁCIO

Quando, em Outubro de 2007, as novas instalações do Museu do Neo-Realismo foram inauguradas, alcançava-se o objectivo principal de um longo processo de luta, iniciado pouco depois da morte da figura pioneira do Neo-Realismo, António Alves Redol.

Nesse mesmo ano lectivo, surgia logo uma investigação sobre este Museu, da autoria de Joana Lima. De facto, havia duas originalidades do percurso do Museu que bastavam para o tornar notável, sugerindo uma investigação.

Antes do mais, o facto de ser um Museu de sociedade dedicado a um movimento cultural, situação invulgar, sendo que, neste caso, foram abordados vários campos de expressão e o movimento cultural escolhido foi contextualizado de forma muito aprofundada, com grande atenção ao mundo em que este movimento surgiu e se afirmou, centrando-se o discurso museológico na articulação política/cultura/sociedade. Portugal, a Europa e o Mundo da 1ª Guerra Mundial aos anos 70 constam dos objectos, das palavras, dos sons e das imagens do Museu.

Para além disso, o Museu do Neo-Realismo baseou-se na vontade de proprietários de espólios individuais que se organizaram em grupos mais ou menos informais e depois em Associação formal (Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo). Em primeiro plano, destaca-se o filho e herdeiro de Alves Redol, António Mota Redol. Consciente do valor do espólio que possuía e do seu significado social, trabalhou, anos a fio, para que da ideia inicial de uma Casa-Museu com o nome do seu pai se passasse para um Museu do Neo-Realismo, cujo acervo albergasse os materiais do escritor bem como de outras figuras desta corrente.

Da conjugação de esforços e do empenho da autarquia de Vila Franca de Xira, ambos com percalços e momentos difíceis, surgiu um Museu nesta última cidade, na rua Alves Redol, onde tinham sido dados muitos passos da vida do autor de *Gaibéus*. Não teria obrigatoriamente de ser assim. Havendo inúmeras dificuldades (nomeadamente de ordem financeira) para a abertura de um Museu de vocação nacional e com edifício

próprio, os impulsionadores do Museu tiveram também de encarar as possibilidades da sua localização em Coimbra, Lisboa ou Santiago do Cacém. A certa altura, a autarquia levantou a hipótese da localização do Museu em Alhandra. Porém, a opção inicial do grupo promotor por Vila Franca de Xira acabou por vingar, para tal contribuindo os promotores, o próprio município e a população local.

O livro *A Génese do Museu do Neo-Realismo* partiu duma dissertação de Mestrado em *Museologia: Conteúdos Expositivos*, defendida no ISCTE em Dezembro de 2008, que orientei. Tendo tido alta classificação, foi avaliada por um júri de professores do ISCTE, composto por Brian O'Neill que presidiu, pelo arguente Joaquim Pais de Brito, então destacado como director do Museu de Etnologia, e por mim. Na altura, o arguente sublinhou uma enorme qualidade da tese: o acesso à génese de um museu por dentro. Para esse facto, contribuiu a documentação inédita consultada e as entrevistas efectuadas que permitiram entrar no palco e nos bastidores do Museu do Neo-Realismo, no visível e no invisível aos olhos dos visitantes habituais. Outras dimensões da investigação como a análise sistemática de catálogos, a abordagem dos inventários dos espólios, incorporações e doações, a observação e a consulta de periódicos e bibliografia possibilitaram a Joana Lima chegar a um tal resultado.

Estrutura-se o livro, que no essencial vai de 1969 a 2007, em três capítulos nucleares. Num deles, Joana Lima narra a singular história do Museu do Neo-Realismo: da vontade de manter a memória de Alves Redol e das causas em que se empenhou à inauguração de um Museu, num edifício construído de raiz, em Vila Franca de Xira. Outro capítulo do livro analisa a constituição do seu acervo bem como as actividades de difusão da memória do Neo-Realismo, atendendo à noção de património cultural. No último capítulo analítico, Joana Lima debruça-se sobre as exposições do Museu antes de ser Museu-com-sede-construída-de-raiz, preocupando-se com a natureza destas exposições, a sua organização e curadoria, a cronologia, a duração e finalmente com a sua geografia, marcada pela itinerância. Estes dois últimos capítulos permitiram concluir que a Literatura e, a partir de certo momento, as Artes Plásticas constituíram as áreas fundamentais da acção do Museu.

Estes três capítulos nucleares são antecedidos por uma introdução em que Joana Lima define o objecto de estudo, os materiais sobre os quais trabalhou e apresenta a estrutura do livro. A conclusão da obra sintetiza e discute os resultados da investigação. Seguem-se valiosos Anexos que documentam o acervo do Museu assim como as suas exposições.

Mais tarde, em 2010/11 e em 2016, abrindo-se a possibilidade de uma edição, Joana Lima procurou aprofundar e actualizar o texto, voltando ao tema e recolhendo dados que se reportam a anos posteriores ao da inau-

guração das novas instalações do Museu – como sabemos, verificada em 2007. Obviamente que a autora assinala tal facto nas páginas do seu livro.

Um original capítulo, assinado por António Mota Redol, antecede o texto de Joana Lima. Segue o percurso das obras do Neo-Realismo na literatura, artes plásticas, teatro, cinema, música e também no ensaísmo. Ao recensar exaustivamente autores assim como periódicos de âmbito nacional, colonial, regional e local, com as suas páginas literárias, e ao efectuar um levantamento de editoras em Lisboa, Porto, Coimbra e noutras localidades, este capítulo constitui um roteiro único do universo neo-realista.

Com a edição deste livro, estão, pois, de parabéns o Museu e os grupos que o incentivaram, sem cujo labor ao longo de quatro décadas o Museu não existiria, assim como a sua principal alma, António Mota Redol.

E está de parabéns Joana Lima que, vinda da Geologia, aportou à Museologia, não temendo enveredar por investigação sobre museus de sociedade e conseguindo chegar a bom e promissor porto. Que a Joana Lima prossiga viagem, é o que todos desejamos!

Lisboa, 21 de Março de 2017

Luísa Tiago de Oliveira

| | |
|--|-----|
| ORIGENS E TRAJETÓRIA DO MUSEU DO NEO-REALISMO | |
| Lisboa, 21 de Março de 2017 | |
| Luísa Tiago de Oliveira | 37 |
| 1.1.1) A importância das Comemorações do 40.º Aniversário de Gaibema | 43 |
| 1.1.2) Os primeiros contactos para a criação do acervo do Museu | 46 |
| 1.2) Ao encontro da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira | 49 |
| 1.2.1) A Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo | 55 |
| 1.2.2) A Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo | 62 |
| 1.2.3) O Centro de Documentação | 67 |
| 1.3) O Museu abre ao público | 79 |
| 1.3.1) Transferência de poderes da CIMNR para a APMNR – Um processo prolongado | 81 |
| 1.3.2) Protocolo de Intercâmbio e Cooperação com a Universidade de Nápoles | 91 |
| 1.3.3) O Museu procura apoios | 93 |
| 1.3.4) A “Questão de Alhandra” | 93 |
| 1.4) As novas instalações do Museu | 103 |
| 1.4.1) Um terreno, um programa | 103 |
| 1.4.2) O projeto arquitetónico e o financiamento (POC e Câmara Municipal de Vila Franca de Xira) | 108 |
| 1.4.3) A inauguração das novas instalações do Museu | 115 |

Joana Lima dedica-se a analisar a estrutura do livro, que se desenvolve em três capítulos nucleares. Num primeiro capítulo, Joana Lima trata a singular história do Museu do Neo-Realismo: da vontade de manter a memória de Alves Redel e das causas em que se empenhou a inauguração de um Museu, num edifício construído de raiz, em Vila Franca de Xira. Outro capítulo do livro analisa a constituição do seu acervo bem como as actividades de difusão da memória do Neo-Realismo, atendendo à noção de património cultural. No último capítulo analítico, Joana Lima debruça-se sobre as exposições do Museu antes de ser Museu – com sede construída de raiz, preocupando-se com a natureza destas exposições, a sua organização e curadoria, a cronologia, a duração e finalmente com a sua geografia, marcada pela itinerância. Estes dois últimos capítulos permitiram concluir que a Literatura e, a partir de certo momento, as Artes Plásticas constituíram as áreas fundamentais da acção do Museu.

Estes três capítulos nucleares são antecedidos por uma introdução em que Joana Lima define o objecto de estudo, os materiais sobre os quais trabalhou e apresenta a estrutura do livro. A conclusão da obra sintetiza e discute os resultados da investigação. Seguem-se valiosos Anexos que documentam o acervo do Museu assim como as suas exposições.

Mais tarde, em 2010 e em 2016, abrindo-se a possibilidade de uma edição, Joana Lima procurou aprofundar e actualizar o texto, voltando ao tema e recolhendo dados que se reportam a anos posteriores no da inau-

CAPÍTULO 2
MUSEALIZAÇÃO DE UM MOVIMENTO CULTURAL

| | |
|--|-----|
| 2.1) Porque um acervo do Neo-Realismo? | 121 |
| 2.1.1) Neo-Realismo: Património Cultural | 121 |
| 2.1.2) Coleccionismo, coleções, musealização e espólios musealizados | 123 |
| 2.2) Os passos em torno do Neo-Realismo | 128 |

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| Agradecimentos | 5 |
| Prefácio | 7 |
| O NEO-REALISMO EM PORTUGAL | 15 |
| INTRODUÇÃO | 31 |
| CAPÍTULO 1 | |
| ORIGENS E TRAJETÓRIA DO MUSEU DO NEO-REALISMO | |
| 1.1) Da “Casa-Museu Alves Redol” ao Museu do Neo-Realismo | |
| – Uma ideia em preparação | 37 |
| 1.1.1) A importância das Comemorações do 40.º Aniversário de Gaibéus | 43 |
| 1.1.2) Os primeiros contactos para a criação do acervo do Museu | 46 |
| 1.2) Ao encontro da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira | 49 |
| 1.2.1) A Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo | 55 |
| 1.2.2) A Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo | 62 |
| 1.2.3) O Centro de Documentação | 67 |
| 1.3) O Museu abre ao público | 79 |
| 1.3.1) Transferência de poderes da CIMNR para a APMNR | |
| – Um processo prolongado | 81 |
| 1.3.2) Protocolo de Intercâmbio e Cooperação com a Universidade de Nápoles | 91 |
| 1.3.3) O Museu procura apoios | 93 |
| 1.3.4) A “Questão de Alhandra” | 93 |
| 1.4) As novas instalações do Museu | 103 |
| 1.4.1) Um terreno, um programa | 103 |
| 1.4.2) O projeto arquitetónico e o financiamento (POC e Câmara Municipal de Vila Franca de Xira) | 108 |
| 1.4.3) A inauguração das novas instalações do Museu | 115 |

CAPÍTULO 2

MUSEALIZAÇÃO DE UM MOVIMENTO CULTURAL

| | |
|---|-----|
| 2.1) Porquê um acervo do Neo-Realismo? | 121 |
| 2.1.1) Neo-Realismo: Património Cultural | 121 |
| 2.1.2) Colecionismo, coleções, musealização e espólios musealizados | 123 |
| 2.2) Os passos em torno do Neo-Realismo | 128 |
| 2.2.1) Primeiro passo: Os neorrealistas e os objetos do Neo-Realismo | 129 |
| 2.2.2) Segundo passo: Áreas consideradas | 130 |
| 2.2.2.1) Literatura | 130 |
| 2.2.2.2) Artes plásticas | 132 |
| 2.2.2.3) Música | 133 |
| 2.2.2.4) Cinema e Teatro | 134 |
| 2.2.3) Terceiro passo: Constituição do acervo do Museu | 136 |
| 2.2.3.1) Critérios e prioridades – Primazia das letras | 136 |
| 2.2.3.2) Constituição do acervo – Um processo por etapas ... | 138 |
| 2.2.3.3) Tratamento do acervo | 143 |
| 2.3) Outras atividades relacionadas com a preservação da memória | 145 |
| 2.3.1) Recolha de Documentação Oral | 145 |
| 2.3.2) O património cultural neorrealista em Portugal | 146 |
| 2.3.2.1) O Neo-Realismo nas Bibliotecas do Concelho | 148 |
| 2.3.3) Atividades culturais complementares | 148 |

CAPÍTULO 3

O NEO-REALISMO EM EXPOSIÇÃO

| | |
|--|------------|
| 3.1) Natureza das exposições | 153 |
| 3.1.1) Vida e obra: exposições de literatura | 154 |
| 3.1.2) Apresentação do Museu | 164 |
| 3.1.3) Movimento neorrealista e seu contexto histórico | 165 |
| 3.1.4) Exposições de artes plásticas | 169 |
| 3.2) Organização e curadoria das exposições | 175 |
| 3.3) Ritmos de atividade do Museu | 176 |
| 3.4) Geografia e itinerância das exposições | 178 |
| 3.5) Duração das exposições | 179 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 181 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AMR – António Mota Redol
APE – Associação Portuguesa de Escritores
APA – Associação Portuguesa de Arquitetos
APMNR – Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo
BAD – Biblioteca Arquivo e Documentação
CAR – Cooperativa Alves Redol
CIMNR – Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo
CLAR – Comissão “Legado Alves Redol”
CPAR – Cooperativa Centro Popular Alves Redol
DASC – Departamento de Ação Sociocultural
DHU – Departamento de Habitação e Turismo
IPA – Instituto Português de Arqueologia
IPM – Instituto Português de Museus
IPPC – Instituto Português do Património
MNR – Museu do Neo-Realismo
PIDDAC – Programa de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central
POC – Programa Operacional da Cultura
QCA – Quadro Comunitário de Apoio
SEC – Secretaria de Estado da Cultura
SNBA – Sociedade Nacional de Belas Artes
UDV – União Desportiva Vilafranquense
VFX – Vila Franca de Xira

CAPÍTULO 2 MUSEALIZAÇÃO DE UM MOVIMENTO CULTURAL

| | | |
|-----------------------------|--|-----|
| 2.1) | Porquê um acervo do Neo-Realismo? | 121 |
| 2.1.1) | Neo-Realismo: Património Cultural | 121 |
| 2.1.2) | Coleccionismo, colecções, musealização e espólios musealizados | 123 |
| 2.2) | Os passos em torno do Neo-Realismo | 128 |
| 2.2.1) | LISTA DE ABBREVIATURAS E SIGLAS | 129 |
| 2.2.2) | Segundo o plano de trabalho | 131 |
| 2.2.2.1) | 2.2.2.1.1) AMR – António Maria Rebelo | 131 |
| 2.2.2.2) | 2.2.2.2.1) AAF – Associação Portuguesa de Escritores | 132 |
| 2.2.2.3) | 2.2.2.3.1) AAR – Associação Portuguesa de Arqueólogos | 132 |
| 2.2.2.4) | 2.2.2.4.1) AAFNR – Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo | 132 |
| 2.2.2.5) | 2.2.2.5.1) BAF – Biblioteca Municipal e Documentação | 132 |
| 2.2.2.6) | 2.2.2.6.1) CAR – Cooperativa Alves Redol | 132 |
| 2.2.2.7) | 2.2.2.7.1) CMR – Comissão Municipal do Neo-Realismo | 132 |
| 2.2.2.8) | 2.2.2.8.1) CLAR – Comissão “Legado Alves Redol” | 132 |
| 2.2.2.9) | 2.2.2.9.1) CRAR – Cooperativa “Caro Registo Alves Redol” | 132 |
| 2.2.2.10) | 2.2.2.10.1) DARC – Departamento de Apoio Sociocultural | 132 |
| 2.2.2.11) | 2.2.2.11.1) DHU – Departamento de História da Universidade | 132 |
| 2.2.2.12) | 2.2.2.12.1) IPA – Instituto Português de Arqueologia | 132 |
| 2.2.2.13) | 2.2.2.13.1) IPT – Instituto Português de Museologia | 132 |
| 2.2.2.14) | 2.2.2.14.1) IPPC – Instituto Português do Património Cultural | 132 |
| 2.2.2.15) | 2.2.2.15.1) MNR – Museu do Neo-Realismo | 132 |
| 2.2.2.16) | 2.2.2.16.1) PIDAC – Programa de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central | 132 |
| 2.2.2.17) | 2.2.2.17.1) POC – Programa Operacional da Cultura | 132 |
| 2.2.2.18) | 2.2.2.18.1) QCA – Quadro Comunitário de Apoio | 132 |
| 2.2.2.19) | 2.2.2.19.1) SEC – Secretaria de Estado da Cultura | 132 |
| 2.2.2.20) | 2.2.2.20.1) SNRA – Sociedade Nacional de Belas Artes | 132 |
| 2.2.2.21) | 2.2.2.21.1) UDV – União Desportiva Vilafranquense | 132 |
| 2.2.2.22) | 2.2.2.22.1) VFX – Vila Franca de Xira | 132 |
| 2.3) | 2.3.1) 2.3.1.1) 2.3.1.2) 2.3.1.3) 2.3.1.4) 2.3.1.5) | 132 |
| 2.4) | 2.4.1) 2.4.2) 2.4.3) 2.4.4) 2.4.5) | 132 |
| 2.5) | 2.5.1) 2.5.2) 2.5.3) 2.5.4) 2.5.5) | 132 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | | 181 |

O NEO-REALISMO EM PORTUGAL

António Mota Redol

Os primeiros passos

Em inícios dos anos 30 do Séc. XX, começaram a manifestar-se em Portugal posições contrárias à arte que então se praticava, muito desligada dos problemas reais que o mundo, confrontado com o fascismo e o nazismo, e o país, então já dominado pela extrema direita, enfrentavam. Eram as sequelas da crise de 1929, a reacção das camadas trabalhadoras a essa crise, o aparecimento de grupos políticos que defendiam regimes ditatoriais, as primeiras manifestações do fascismo e do nazismo. A revolução russa de 1917 estava ainda fresca e havia grandes esperanças na sua evolução e no triunfo universal do socialismo. O fascismo e o nazismo pretendiam travar a expansão dessa revolução.

Em 1934, realizou-se o I Congresso dos Escritores Soviéticos, que estabeleceu, através das ideias de Zdanov (as quais, na sua aplicação prática, se mostraram muito mais agressivas e castradoras), linhas de actuação para a arte e teve grande impacte em todo o mundo. Era o Realismo Socialista. Já antes desse acontecimento escritores e artistas plásticos soviéticos praticavam uma arte que se colocava ao lado das classes trabalhadoras e que produziam para elas, embora com uma perspectiva mais abrangente. Em vários países, despontaram artistas denunciando as condições sociais daquelas classes e a exploração a que eram sujeitas: EUA (Mark Twain, Jack London, Sinclair Lewis, Upton Sinclair, Michael Gold, John Steinbeck, John dos Passos, Erskine Caldwell), União Soviética (Andreiev, Gorki, Gladkov, Maiakovski, Cholokov, Alexei Tolstoi, Bulgakov, Ilya Ehrenburg), França (mesmo antes dos anos 30; Zola, Henri Barbusse, Romain Rolland, Roger Martin du Gard e Louis Aragon, Paul Éluard, pouco depois; na pintura, Picasso), na Alemanha (Ernst Glaeser, Anna Seghers), no Reino Unido (no teatro, Bernard Shaw), em Itália (Ignazio Silone, Elio Vittorini, Italo Calvino, Vasco

Pratolini pouco depois), Espanha (Federico García Lorca, Rafael Alberti, António Machado), no Brasil (na literatura, Erico Veríssimo, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Amando Fontes, Joracy Camargo; na pintura, Portinari), no México (os muralistas, Orozco, Rivera, Siqueiros), em Cuba (Nicolás Guillén), no Chile (Pablo Neruda) e outros países da América Latina.

Surgiram, então, em vários jornais e revistas portuguesas (*Seara Nova*, *Liberdade*, *Globo*, *Gleba*, *Gládio*, de modo esporádico naquela revista) apesar da Censura, posições fazendo a defesa teórica dessa arte e da teoria marxista, sem que daquela houvesse ainda manifestações artísticas concretas.

Antes disso, em 1933, Bento de Jesus Caraça pronunciou a importante conferência “A Cultura Integral do Indivíduo – Problema Central do Nosso Tempo”.

No jornal *Liberdade*, dirigido por Bento de Jesus Caraça e José Rodrigues Miguéis, em 1934 e 1935 foram publicados textos de Álvaro Marinha de Campos, Mário Dionísio, Vasco Magalhães Vilhena, Francisco Ramos da Costa, Álvaro Cunhal, defendendo as novas ideias.

A partir de 1935/1936, aparecem vários jornais escolares e, depois, as páginas literárias de jornais já existentes da chamada “província”, da responsabilidade de gente muito jovem que queria intervir, nomeadamente através da arte. E, ainda, alguns jornais. Citam-se, em particular, entre os que tiveram páginas literárias juvenis, os jornais *Aurora do Lima*, de Viana do Castelo, *Renovação*, de Vila do Conde, *Heraldo*, de Lousada, *Estrela do Minho*, de Vila Nova de Famalicão, *Flôr do Tâmega*, Amarante, *O Cávado*, de Esposende, *O Comércio da Póvoa*, de Póvoa do Varzim, *O Trabalho*, de Viseu, *Independência d’Águeda*, *A Ideia Livre*, de Anadia, *Gazeta de Coimbra*, *Diário de Coimbra*, *Jornal da Figueira*, de Figueira da Foz, *Ecos do Alcoa*, de Alcobaça, *Ecos de Sintra*, *Mensageiro do Ribatejo*, de Vila Franca de Xira, *O Barreiro*, *Democracia do Sul*, de Évora, *A Mocidade*, de Ponte de Sor, *Jornal de Elvas*, *Diário do Alentejo*, de Beja, *Jornal de Lagos*, *Ecos do Sul*, de Vila Real de S^{to} António etc. E, entre os jornais, *Alma Nova*, de Braga, *Foz do Guadiana*, de Vila Real de Sto António, etc.

O início da Guerra Civil de Espanha teve um papel determinante nesse aparecimento. Em Vila Franca de Xira, em 1936, desponta o chamado “Grupo Neo-Realista de Vila Franca”, com Alves Redol, António Dias Lourenço, Arquimedes da Silva Santos, Garcez da Silva, Bona da Silva, Mário Rodrigues Faria e Carlos Pato, que conseguem (mas só em 1939) dirigir uma “Página Literária” no jornal *Mensageiro do Ribatejo*. Um pouco mais tarde, em muitas outras localidades, com especial relevo para Coimbra, em torno de João José Cochofel e da sua notável biblioteca, nascem grupos idênticos.

As ideias formadoras: o marxismo

No jornal *O Diabo* começam a aparecer artigos desses jovens marxistas, que vão substituindo as influências anarco-sindicalista e republicana de esquerda. Mas também estas correntes defendem uma nova arte, que deve ter preocupações sociais e baseiam-se em alguns dos mesmo textos seguidos pelos marxistas. Em 1937, estreia a sua publicação o jornal *Sol Nascente*, inicialmente com aquelas mesmas influências, mas rapidamente dominado pelos jovens marxistas.

Nestas publicações surgem divulgações do materialismo dialéctico, do materialismo histórico, da economia política marxista, através de escritos de Marx, Engels, Lenine, Staline, publicados com pseudónimos ou sob a forma de textos adaptados por jovens colaboradores. Aparecem, também, artigos defendendo uma nova arte, baseados em *Arte e Vida Social*, de Georges Plekanov e trabalhos de Marx, Lenine e outros. Armando Martins, Jofre Amaral Nogueira, Mário Dionísio, Vasco Magalhães Vilhena, António Ramos de Almeida, Rodrigo Soares, Joaquim Namorado, Álvaro Cunhal, Fernando Piteira Santos, Avelino Cunhal, Manuel Campos Lima destacam-se, alguns apenas na vertente filosófica.

Os jornais citados começam, então, a apresentar, em particular em 1936 e mais intensamente em 1937, contos, poemas e desenhos desses jovens. Estalam as polémicas entre esses jovens e os intelectuais ligados à revista *presença*. Os presenciistas clamam por obras de relevo dessa gente jovem que se expande em vendaval por todo o lado, pois o Movimento alastra por todo o país, das cidades mais importantes ao interior.

Num artigo sobre o escritor brasileiro Amando Fontes publicado em *O Diabo* em Dezembro de 1938, Joaquim Namorado baptiza o novo movimento de Neo-Realismo, porque, por motivos de Censura, não podia designá-lo por aquilo que idealizava: Realismo Socialista.

As primeiras manifestações consistentes.

São publicados os livros de poesia de António Ramos de Almeida, em 1938, *Sinal de Alarme* e, em 1939, *Sinfonia de Guerra*; em 1938, o livro de contos *Ilusão na Morte*, de Afonso Ribeiro, com dois ou três contos manifestamente neo-realistas e, em 1939, a obra mais substancial, o romance *Gaibéus*, de Alves Redol, autor que publicou em 1940 o volume de contos *Nasci Com Passaporte de Turista* e, em 1941, outro romance: *Marés*. Em 1940, Manuel da Fonseca publicou o livro de poesia *Rosa dos Ventos*, em 1941, Joaquim Ferrer deu à estampa *Rampagodos*, e, no final desse mesmo ano, Soeiro Pereira Gomes fez sair *Esteiros*.

Entre 1942 e 1944 publicou-se em Coimbra a colecção de poesia *Novo Cancioneiro* – Fernando Namora, Mário Dionísio, João José Cochofel, Joaquim Namorado, Álvaro Feijó, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Sidónio Muralha, Francisco José Tenreiro, Políbio Gomes dos Santos. Entre 1943 e 1946 publicou-se a colecção *Novos Prosadores* – Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Vergílio Ferreira, Mário Braga, Mário Dionísio, Joaquim Ferrer, João Falcato, Tomaz Ribas, etc.

A partir daqui revelou-se uma pleiade de escritores de várias gerações, que com os anteriores somam algumas dezenas, alguns dos quais iniciaram a sua actividade literária antes dos já referidos, embora em manifestações de pequena monta ou de índole não neo-realista: António Vicente Campinas, Garibaldino de Andrade, Manuel Mendes, Avelino Cunhal, José Marmelo e Silva, Faure da Rosa, Antunes da Silva, Alexandre Cabral, Manuela Porto, Castro Soromenho, António Vitorino, Rogério de Freitas, Leão Penedo, Romeu Correia, Manuel do Nascimento, José Ferreira Monte, Papiniano Carlos, Aleixo Ribeiro, Orlando Gonçalves, Joaquim Lagoeiro, António Borga, Ilse Losa, etc., considerados, também, da 1.^a vaga, 1.^a geração ou 1.^a fase. Sem falar naqueles que nos jornais locais e regionais publicavam poesia, ficção e ensaio que não atingia o mesmo nível de qualidade ou de impacte nacional.

No ano seguinte àquele em que em Portugal foram proibidos *Sol Nascente* e *O Diabo* (1940), surgiu em Moçambique (Lourenço Marques), o jornal *Itinerário*, dirigido por Afonso Ribeiro e Augusto dos Santos Abranches. Nele se dava notícia de livros de neo-realistas publicados em Portugal e se publicavam textos desses mesmos escritores, substituindo em parte aqueles jornais. Era a Censura menos rigorosa nas ex-colónias?

As primeiras manifestações nas artes plásticas

Ainda nos anos 30, surgiram em *O Diabo* e *Sol Nascente* desenhos e gravuras (Frederico George, Manuel de Azevedo, Arco, Somar, Ares, Huertas Lobo), alguns inspirados no expressionismo alemão. Já nos anos 40 e 50, os muralistas mexicanos e Portinari, que não o “Realismo Socialista soviético”, inspiraram Manuel Ribeiro de Pavia, Júlio Pomar, Lima de Freitas, Cipriano Dourado, Vespeira, Rogério Ribeiro, Júlio Resende, Victor Palla, Querubim Lapa, Nuno San-Payo, Jorge de Oliveira, Augusto Gomes e muitos outros; Manuel Filipe com clara influência do expressionismo alemão. Na escultura destacaram-se Maria Barreira e Vasco da Conceição, José Farinha, José Dias Coelho e outros. Muitos destes artistas ilustraram obras de escritores neo-realistas, numa colaboração muito frequente entre escrita e artes plásticas, a qual não era inédita, mas era muito menos comum com escritores de outras correntes literárias.

No ensaio e na crítica vieram a público Mário Dionísio, João José Cochofel, Manuel Mendes, Vitorino Magalhães Godinho, Huertas Lobo, Joaquim Barradas de Carvalho, Luís de Albuquerque, Egídio Namorado, Armando Castro, Luiz Francisco Rebello, Joel Serrão, Rui Grácio, Óscar Lopes, António José Saraiva, Mário Sacramento, Armando Bacelar, Rui Feijó, Raúl Gomes (também director da revista *Vértice* desde o n.º 1), etc., alguns dos quais já em meados dos anos 40.

A Editorial Inquérito foi uma das editoras em que os mais destacados destes escritores publicaram, frequentemente com capas e ilustrações de artistas plásticos.

Em 1945, foi fundada a editora e distribuidora Publicações Europa-América, que teve grande desenvolvimento em finais dos anos 50 e nos anos 60, publicando alguns dos escritores neo-realistas de maior relevo.

Entre 1941 e 1948, publicou-se a Biblioteca Cosmos, dirigida por Bento de Jesus Caraça, com a chancela de Edições Cosmos, de Manuel Rodrigues de Oliveira, com livros dedicados a vários ramos da cultura e da ciência. Manuel Rodrigues de Oliveira esteve com Bento Gonçalves, Secretário-Geral do PCP, na prisão de Angra do Heroísmo, onde combinaram que o primeiro, quando fosse libertado, constituiria uma editora destinada a publicar livros que educassem o povo trabalhador. E assim apareceu Edições Cosmos.

As proibições de 1940 e os novos porta-vozes

Com a proibição de *O Diabo e Sol Nascente* em 1940 e, depois, *Síntese e Pensamento*, o desaparecimento das páginas literárias, o aumento da repressão e da acção da Censura com a vitória das forças fascistas em Espanha, o Movimento Neo-Realista ficou sem imprensa para se exprimir, teoricamente e através da prática artística, embora os escritores continuassem a publicar com cada vez maior sucesso junto do público, sucedendo-se as edições.

Com o fim da guerra assiste-se a um novo impulso e os neo-realistas tomaram conta da revista *Vértice* ainda em 1945, a qual se transformou no órgão do Movimento. Apesar de grandes dificuldades financeiras e das ofensivas da Censura, conseguiu perdurar até ao 25 de Abril, sempre com Raúl Gomes como Director e Mário Braga como Editor, continuando depois daquela data, até ter sido adquirida por uma editora. Em diferentes períodos, manteve-se devido à persistência de um ou dois colaboradores.

O Neo-Realismo nas artes plásticas e no teatro

Antes disso, em 1943, realizou-se no Porto a “Exposição Independente”, em que participaram os jovens artistas que frequentavam o Café Magestic, entre os quais Júlio Resende, Rui Pimentel, Victor Palla e Júlio Pomar. Esta exposição foi a Coimbra em 1944 e a Lisboa em 1945 e, depois, a outras cidades. Na inauguração desta exposição em Lisboa, no Instituto Superior Técnico, Júlio Pomar e Victor Palla pronunciaram duas conferências sobre arte, em que os princípios do Neo-Realismo foram apresentados, embora sem se aludir a esta designação. Também em 1945, Manuel Filipe realizou uma exposição em Coimbra e outra no Porto, referindo-se Joaquim Namorado à de Coimbra em *Vértice*.

Ainda em 1945, realizou-se em Évora a “IX Missão Estética de Férias”, em que participaram, entre outros, Júlio Pomar, Francisco Castro Rodrigues, Vasco da Conceição, tendo-se juntado ao grupo o muito jovem Lima de Freitas.

No mesmo ano, Júlio Pomar dirigiu o suplemento “Arte” no jornal *A Tarde*, no Porto, onde ele, Victor Palla, Arco (Rui Pimentel), Fernando José Francisco, Aníbal Alcino, M. Azeredo, Pedro Oom, Mário Cesariny de Vasconcelos, António Pimentel, Vespeira defenderam a nova arte, com Alfredo Ângelo de Magalhães e João Henriques a dedicarem-se a uma nova arquitectura. Júlio Gesta e José Leonel abordaram o cinema e Mário Cesariny a música. Alguns destes nomes, que começaram no Neo-Realismo, entraram em divergência com este Movimento e vieram a integrar o Surrealismo. Nesta situação também esteve José Augusto França.

Em 1946, iniciaram-se as Gerais de Artes Plásticas, impulsionadas pelos jovens artistas do MUD Juvenil, em que o Movimento Neo-Realista apareceu em força, não só no desenho e gravura, como na pintura, escultura, tapeçaria, “design” e, até, arquitectura. É a partir destas exposições que o Neo-Realismo nas artes plásticas teve uma projecção pública relevante, como acontecera na literatura no início dos anos 40.

No teatro surgiu a experiência do Teatro Estúdio do Salitre a partir de 1946, em que participaram Luiz Francisco Rebello, Alves Redol, Arquimedes da Silva Santos e várias personalidades ligadas ao teatro, com decisiva intervenção do italiano Gino Saviotti, que dirigia o Instituto Italiano de Cultura, em cujas instalações foi construída aquela sala de teatro. Alves Redol apresentou aqui a sua primeira peça de teatro (*Maria Emília*). Nesta sala e na da Sociedade Guilherme Cossul formou-se uma nova vaga de actores que marcaram o teatro português nas décadas seguintes. Ainda nos anos 40, Luiz Francisco Rebello escreveu as suas primeiras peças de teatro, uma das quais *O Mundo Começou às 5 e 47* foi

apresentada naquele Teatro Estúdio. Em Coimbra, no Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), dirigido por Paulo Quintela, professor universitário não aderente ao Neo-Realismo, principalmente Arquimedes da Silva Santos e Deniz Jacinto procuraram dar um cunho neo-realista ao grupo.

Anos 50: a 2.ª vaga

Pelos finais dos anos 40 e inícios dos anos 50, despontou o que é designada por 2.ª vaga, 2.ª geração ou 2.ª fase do Neo-Realismo com José Cardoso Pires, Augusto Abelaira, Orlando da Costa, Jorge Reis, Júlio Graça, Manuel Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues (mais tardiamente) na ficção, Daniel Filipe, João Apolinário, José Fernandes Fafe, Armando Ventura Ferreira, Orlando Neves, Egito Gonçalves, Luís Veiga Leitão na poesia. Estes dois últimos, embora nascidos no período correspondente aos primeiros neo-realistas, só começaram a publicar livros nos anos 50.

Joaquim Namorado e Carlos de Oliveira dirigiram a Colecção Galo, de Coimbra, a qual se distinguiu por ter um logótipo de Júlio Pomar que representava uma cabeça de galo. De 1948 até, talvez, 1953, publicou diversos volumes em edição de autor, de José Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira, Armindo Rodrigues, José Ferreira Monte (2), João José Cochofel.

Armindo Rodrigues, poeta mais velho mas que aderiu ao Movimento no início dos anos 40, dirigiu a Colecção Cancioneiro Geral, em Lisboa, numa editora dos escritores, Centro Bibliográfico, em que estiveram Alves Redol, Alexandre Cabral, Rogério de Freitas, Orlando Gonçalves e outros e com a chancela da qual José Cardoso Pires publicou o seu primeiro livro (de contos), em 1949. Aqueles escritores e outros publicaram ali obras nos anos 50.

Neste período, surgiu o poeta, crítico e ensaísta literário Alexandre Pinheiro Torres e, também, Alberto Ferreira, o qual, nascido no mesmo período dos primeiros neo-realistas, só nestes anos publica os seus primeiros ensaios de filosofia. Mais tarde também, escreverá várias obras de ficção. Do primeiro, é célebre a polémica com Vergílio Ferreira nos anos 60, quando este se afastou do Neo-Realismo. Nesta fase, continuaram activos os críticos e ensaístas anteriormente referidos e apareceram Mário Braga, Deniz Jacinto, José Fernandes Fafe, Urbano Tavares Rodrigues e outros.

Jornais diários como *O Comércio do Porto* (com Óscar Lopes), *O Primeiro de Janeiro*, *Jornal de Notícias* (com António Ramos de Almeida), *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *Diário Ilustrado*, tiveram páginas literárias em que os neo-realistas tinham maior ou menor preponderância, mas em que diferente correntes artísticas eram contempladas.

A polémica interna do Neo-Realismo

Em 1952 – e é provável que já antes houvesse manifestações concretas, embora não públicas – emergiram divergências explícitas entre os neo-realistas com o aparecimento do designado “Grupo de Amigos da *Vértice*”, que entendia que a revista não estava a cumprir os objectivos para que fora criada. Mas, na realidade, confrontavam-se duas concepções diferentes de arte, as quais, no entanto, já existiam desde o início do Movimento. Ainda naquele ano, veio a público na revista uma polémica entre João José Cochofel e António José Saraiva. Carlos de Oliveira, Mário Dionísio, Fernando Lopes Graça apoiaram o primeiro. Em Maio de 1954, António José Saraiva escreveu o conhecido artigo “A ponte abstracta” e, em Setembro, António Vale (Álvaro Cunhal) veio tomar posição na mesma linha de Saraiva. As hostes neo-realistas dividiram-se. Menos entre os escritores, em que os mais relevantes alinharam ou estavam perto de Cochofel e Dionísio. Mas todos continuaram a praticar uma arte voltada para a vida, numa perspectiva marxista, embora com leituras diferentes do marxismo.

No início desta polémica, ainda em 1952, Publicações Europa-América recomeça a editar a revista *Ler* (inicialmente boletim bibliográfico), de que era Director Francisco Lyon de Castro, a qual, além de divulgar as obras publicadas pela editora, foi o porta voz dos neo-realistas do grupo divergente, Mário Dionísio / João José Cochofel / Carlos de Oliveira / Fernando Lopes Graça, tendo Fernando Piteira Santos como responsável editorial. Não tendo agradado ao sector mais radical do Neo-Realismo (António José Saraiva colaborou apenas no início), contou com a colaboração dos escritores referidos e de José Gomes Ferreira, Luiz Francisco Rebello, Tomás Ribas, Manuel Mendes, o próprio Piteira Santos e o crítico Álvaro Salema. Alves Redol e Fernando Namora foram entrevistados.

As editoras ligadas ao Neo-Realismo

Em 1954, Orlando Gonçalves fundou a editora Orion, mais tarde ligada ao jornal *Notícias da Amadora*, quando assumiu a sua direcção em 1963. Nela publicaram, contos, romances, teatro, o próprio Orlando Gonçalves, Antunes da Silva, Romeu Correia, Faure da Rosa, Garibaldino de Andrade, Júlio Graça, Alexandre Cabral, Manuel Ferreira, Franco de Sousa, Miguel Serrano, Lília da Fonseca, até 1959.

Ainda no início dos anos 50, foram fundadas outras editoras ligadas ao Neo-Realismo, como Livros Horizonte e Iniciativas Editoriais. Esta

última, constituída por iniciativa de José Fernandes Fafe, Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira, para além de publicar grandes obras de referência, como *Contos Tradicionais Portugueses*, volumes organizados por Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira, *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, dirigido por João José Cochofel, *Romanceiro Geral do Povo Português*, organizado por Alves Redol, com colaboração de Fernando Lopes Graça na vertente musical, publicou várias colecções de textos de influência marxista, e livros de poesia de Afonso Duarte, José Gomes Ferreira, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Carlos de Oliveira, José Fernandes Fafe, de ficção de Ilse Losa e de entrevistas a operários de Júlio Graça.

Em 1956, foi fundada pelos neo-realistas a Cooperativa Gravura, que introduziu a gravura em Portugal de forma sustentada e editou obras de artistas de várias correntes estéticas, perdurando até depois do 25 de Abril. Cipriano Dourado e Alice Jorge foram os especialistas que ensinaram aos outros as técnicas da gravura.

A revista *Vértice* iniciou em 1957 a colecção “Textos Vértice”, na qual se publicou, em edições de autor, ficção, ensaio e poesia, com textos de Mário Braga, Vergílio Ferreira, Papiniano Carlos, Egídio Namorado, Antunes da Silva, Luís de Albuquerque, Pedro da Silveira, Manuel Ferreira e Alberto Ferreira.

João José Cochofel, em 1958, transformou *Gazeta Musical*, revista de que fora fundador e prioritariamente dedicada à música, em *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, mais abrangente em termos temáticos do que a anterior e mais aberta do que *Vértice* em termos ideológicos. Todavia, os neo-realistas de maior projecção pública (Alves Redol, Fernando Namora, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira), que eram, também, os que aderiam às ideias de Mário Dionísio e Cochofel, tiveram nesta revista ampla audiência, através de textos escritos sobre as suas obras e entrevistas. Colaboraram Fernando Lopes Graça, Manuel Mendes, Faure da Rosa, Arquimedes da Silva Santos, Mário Dionísio, Vergílio Ferreira, Luiz Francisco Rebello, Deniz Jacinto, Augusto Abelaira, José Fernandes Fafe, Urbano Tavares Rodrigues, Alexandre Pinheiro Torres, Joaquim Barradas de Carvalho, Rui Grácio, Joel Serrão, além de José Rodrigues Miguéis, um precursor do Neo-Realismo.

Cinema e música

No cinema, os neo-realistas tentaram influenciar o aparecimento de um novo cinema português, escrevendo os argumentos ou os diálogos de vários filmes, experiência iniciada por Alves Redol (diálogos) em *Bola ao Centro* (1947), de João Moreira e nos filmes com Manuel Guimarães;

Leão Penedo/ Rogério de Freitas com Perdigão Queiroga (argumento, sequência, diálogos) intervieram no filme *Sonhar é Fácil* (1950-1951), de Perdigão Queiroga; Manuel da Fonseca (argumento com Perdigão Queiroga, diálogos) colaborou em *Os Três da Vida Airada* (1952), de Perdigão Queiroga. Outros projectos, de Alves Redol (1946), Manuel da Fonseca – Fernando Namora (1953), goraram-se. José Gomes Ferreira participou em *A Canção de Lisboa* (1933), mas como assistente de montagem, em *A Aldeia da Roupa Branca* (1938) na planificação e noutros filmes, até como actor.

O realizador Manuel Guimarães, cujo filme *Saltimbancos* (1951) se baseou num romance de Leão Penedo, seguiu em *Nazaré* (1952) um argumento de Alves Redol e em *Vidas Sem Rumo* (1952-1956) utilizou diálogos da autoria deste último, sendo para alguns ensaístas o único cineasta neo-realista português. Antes, Manoel de Oliveira realizara *Douro, Faina Fluvial* (1931) (documentário) e *Aniki Bobó* (1942) (longa metragem), que muitos críticos consideram neo-realistas.

Nos anos 60, sucederam-se outros filmes de Manuel Guimarães, nomeadamente, *O Crime de Aldeia Velha* (1964), seguindo a peça de Bernardo Santareno com o mesmo título, com argumento deste escritor e *O Trigo e o Joio* (1965) com base no romance de Fernando Namora. Cineastas do designado “Novo Cinema Português” recorreram a obras de escritores neo-realistas: *Pássaros de Asas Cortadas* (1963), de Artur Ramos, adaptado da peça de teatro homónima de Luiz Francisco Rebelo, *Domingo à Tarde* (1965), de António de Macedo, sobre romance homónimo de Fernando Namora, *Uma Abelha na Chuva* (1968-1971), de Fernando Lopes, baseado no romance de Carlos de Oliveira, *Pedro Só* (1971), de Alfredo Tropa, adaptação do romance *Pedro, Romance de um Vagabundo*, de Manuel Mendes. Ernesto de Sousa realizou *Dom Roberto* (1961), com argumento de Leão Penedo. Bernardo Santareno, um escritor que se foi aproximando do Neo-Realismo, viu uma das suas peças de teatro entrar no mundo do cinema – *A Promessa* (1972), de António de Macedo. Jorge Brum do Canto, realizador que não se pode integrar no “Novo Cinema Português”, adaptou *Retalhos da Vida de um Médico* (1962), obra de Fernando Namora. Só em 1978-80, Manuel da Fonseca teve um seu romance (*Cerromaior*) passado ao celulóide, pela mão de Luís Filipe Rocha. Mais tarde, escritores neo-realistas ou aparentados tiveram livros seus adaptados ao cinema, como Fernando Namora, José Cardoso Pires, Manuel Tiago.

Na música, Fernando Lopes Graça, não só compôs obras baseadas na música tradicional portuguesa – obras eruditas que transmitiam as novas ideias e as célebres *Heróicas*, com base em poemas de poetas neo-realistas –, como produziu textos teóricos e ensaios. Nos anos 60, 70 e 80, Michel Giacometti, com alguma colaboração de Lopes Graça, recolheu música tradicional portuguesa.

Anos 60: a 3.ª vaga

Em 1960, José Carlos de Vasconcelos, então estudante em Coimbra, publicou, com ilustração de Cipriano Dourado, um livro de poemas, evento que talvez possa ser considerado a inauguração de uma 3.ª vaga, 3.ª geração ou 3.ª fase do Neo-Realismo. Na colecção “Cancioneiro Vértice”, publicada no âmbito da revista *Vértice*, vieram a público obras de poesia de Fernando Assis Pacheco (1963), José Carlos de Vasconcelos (1964), Manuel Alegre (1965), Rui Namorado (1970), além dos neo-realistas da 1.ª vaga João José Cochofel (1966) e Joaquim Namorado (1966), etc. Ainda na poesia, mas através doutras editoras, manifestaram-se Armando Ventura Ferreira, Manuel Simões, José Carlos Ary dos Santos, etc.. Na ficção, Jorge Reis (com idade dos neo-realistas de 2.ª vaga, só em 1961 publicou o seu primeiro livro, o romance *Matai-vos Uns aos Outros*), Mário Ventura, Baptista Bastos, Miguel Serrano, Júlio Conrado, Dias de Melo. Nesta fase, destacaram-se os críticos e ensaístas literários anteriores, como Mário Dionísio, João José Cochofel, Mário Sacramento, Óscar Lopes, António José Saraiva, continuaram activos outros, como José Fernandes Fafe, Alexandre Pinheiro Torres, Urbano Tavares Rodrigues, e apareceram ainda outros, como Rogério Fernandes, José Carlos de Vasconcelos, Fernando Assis Pacheco, Rui Namorado, Manuel Simões, Mário Vilaça, António Rebordão Navarro, Eduardo Prado Coelho, e muitos dos adiante referidos como colaboradores de *Seara Nova*, alguns dos quais mais tarde se afastaram do Neo-Realismo ou mesmo do marxismo.

Nos anos 60, vários escritores da 1.ª vaga, na fase de maturidade, reescreveram os seus livros, introduzindo, por vezes, alterações profundas: Alves Redol, Carlos de Oliveira, Fernando Namora; e publicaram as suas obras mais relevantes. Manuel da Fonseca publicou *Seara de Vento*.

Os jornais e as revistas na 3.ª vaga

A revista *Seara Nova*, passa a estar nas mãos dos marxistas em 1959. Colaboram, nos anos 60, Augusto Casimiro, José Rodrigues Miguéis, João José Cochofel, Armando Castro, Mário Sacramento, Manuel Mendes, Óscar Lopes, Lima de Freitas, Augusto da Costa Dias, Alberto Ferreira, Victor de Sá, José Tengarrinha, Jacinto Baptista, José Fernandes Fafe, Urbano Tavares Rodrigues, Augusto Abelaira, Rogério Fernandes, Luís de Carvalho e Oliveira, Eduardo Guerra (pseudónimo de Gilberto Lindim Ramos), Adriano de Carvalho, Jorge Reis, Sottomayor Cardia, António Reis, António Coimbra Martins, Alexandre Pinheiro Torres,

Eduardo Prado Coelho, Artur Ramos, Jorge Peixinho, Mário Vieira de Carvalho, J. Vaz Pereira, Manuel Machado da Luz, etc., etc..

Os jornais diários já citados, *O Comércio do Porto*, *O Primeiro de Janeiro*, *Jornal de Notícias*, *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *Diário Ilustrado*, continuaram com as páginas literárias dirigidas por neo-realistas ou com grande influência sua. Álvaro Salema dirigiu o suplemento literário do *Diário de Lisboa*, tendo uma colaboração assídua de Mário Sacramento. O suplemento *Juvenil* do mesmo jornal, iniciado por Augusto da Costa Dias e continuado durante vários anos por Mário Castrim, teve grande influência junto da juventude que se preocupava com a literatura (em grande parte, estudantes que participavam nas lutas estudantis desta época) e foi o alfofre de numerosos escritores, ensaístas e críticos que se vieram a destacar.

Reapareceram as páginas literárias orientadas por neo-realistas em jornais regionais diferentes dos citados e em alguns dos mesmos, como *Notícias de Guimarães*, de Guimarães, *Independência d'Águeda*, de Águeda, *Litoral*, de Aveiro, *Mar Alto* e *Notícias da Figueira*, ambos de Figueira da Foz, *O Almonda*, de Torres Novas, *Badaladas*, de Torres Vedras, "Labareda" em *O Templário*, de Tomar, *A Nossa Terra* e *Jornal da Costa do Sol*, ambos de Cascais, *A Planície*, de Moura.

Vários jornais regionais, como *Notícias da Amadora*, *Jornal do Fundão*, *Badaladas*, de Torres Vedras e outros, mesmo sem ser nas páginas literárias, deram relevo ao Neo-Realismo e aos seus cultores.

Em 1961, foi lançado o *Jornal de Letras e Artes*, em que os neo-realistas tiveram bastante relevo, além do mais, por integrarem a corrente artística mais relevante. Por esta altura, a maioria dos escritores mais conhecidos declarava-se neo-realista.

1960 assistiu à fundação da Editorial Estampa, que publicou, apesar da Censura, numerosos títulos sobre teoria marxista e, mais tarde, as obras de José Rodrigues Miguéis. Teve muitos livros proibidos pela Censura.

As editoras na 3.ª vaga

Nesse mesmo ano, foi constituída em Sá da Bandeira (Angola) a editora Publicações Imbondeiro, por iniciativa, principalmente, de Garibaldi de Andrade (que fora director do jornal *A Mocidade*, em Ponte de Sor e que emigrara para a colónia) e Leonel Cosme, a qual teve um papel primordial na divulgação de escritores angolanos de matriz neo-realista ou próxima, mas publicando, também, escritores portugueses.

A Prelo Editora foi fundada no início dos anos 60, publicando textos de ensaístas de tendência marxista, como António Borges Coelho, Flausino Torres, Mário Sottomayor Cardia, Blasco Hugo Fernandes,

Sérgio Ribeiro (Economia) e textos de ficção de Avelino Cunhal, Manuel da Fonseca, Sidónio Muralha, Alexandre Cabral, Antunes da Silva, Mário Braga, Jorge Reis, Baptista Bastos, Álvaro Guerra, João de Melo, Júlio Conrado, Júlio Moreira, J. Rentes de Carvalho, Franco de Sousa, Teixeira de Sousa, Dias de Melo, Altino do Tojal, Mário Castrim, António Modesto Navarro, o cabo-verdiano Baltasar Lopes, uma selecção de contos de autores neo-realistas ribatejanos e Romeu Correia com teatro.

Tomar viu fundar-se em 1966 a editora Nova Realidade, dirigida por Manuel Simões e Carlos Loures, que publicou o primeiro livro de poesias que José Afonso utilizou nas suas canções (*Cantares*), a 1.ª edição de *O Canto e as Armas*, de Manuel Alegre e textos de António Cabral, Manuel Simões, Carlos Loures, Armando da Silva Carvalho, José Ferreira Monte, Eduardo Guerra Carneiro, etc.

Em 1962, começou a publicar-se com chancela da Portugália Editora a Colecção Portugália, dirigida por Augusto da Costa Dias, em que se editaram livros deste ensaísta, Joel Serrão, Flausino Torres, Alexandre Cabral, José Tengarrinha, Alberto Ferreira, Victor de Sá, Armando Castro, António Borges Coelho.

Muitos dos textos são do domínio da história. Mas historiadores marxistas também foram Fernando Piteira Santos, António de Sousa, Jorge Borges de Macedo (fase inicial), Luís de Albuquerque.

O teatro, o Novo Cinema Português, a canção de intervenção

No teatro, Romeu Correia escreveu peças que foram publicadas nos anos 50 a 80, algumas das quais representadas, apesar da Censura, mesmo no oficial Teatro Nacional D. Maria II, dirigido por Amélia Ray Colaço e Robles Monteiro. Alexandre Babo, apesar de nascido em 1916, apenas nos anos 50 começou a publicar peças de teatro, prolongando tal escrita até aos anos 70. Foi, ainda, crítico de teatro, ensaísta e romancista. Também Costa Ferreira, advogado e actor, nascido com os neo-realistas da 1.ª vaga, só nos anos 50 publicou teatro, algum do qual conseguiu que fosse representado. Nos anos 60 e 70, vieram a público textos de Miguel Franco, sendo que *O Motim* foi levada à cena por Amélia Rey Colaço no Teatro Nacional D. Maria II, mas proibida após uma representação em que esteve presente o então Presidente da República Almirante Américo Thomaz. Bernardo Santareno, que começou a escrever para teatro em finais dos anos 50 textos com grande intensidade dramática e grande êxito público, aproximou-se do Neo-Realismo em 1966 com *O Judeu*, não abandonando essa via nos anos seguintes. Luís de Sttau Monteiro, que trouxe a público as suas primeiras peças de teatro no início dos anos 60, é considerado próximo do Neo-Realismo. Também Carlos Coutinho e Jaime

Gralheiro escreveram para teatro. Inúmeros grupos de teatro amador por todo país representaram os autores neo-realistas nacionais e estrangeiros ou apresentaram uma leitura neo-realista de peças que o não eram.

No início dos anos 60, surgiu uma nova geração de cineastas que deram origem ao Novo Cinema Português, com muitos pontos comuns com a designada 2.^a geração do Neo-Realismo: Ernesto de Sousa, Paulo Rocha, Fernando Lopes, António da Cunha Teles, José Fonseca e Costa, Artur Ramos, Alberto Seixas Santos, António Macedo. Ernesto de Sousa, sempre se considerou um neo-realista, mesmo quando aderiu a uma arte que não o seria.

Os cine-clubes, com início nos anos 50, tiveram grande desenvolvimento nos anos 60, transmitindo uma visão do cinema e da sociedade adaptada pelos neo-realistas.

Na música, surgiu Carlos Paredes e despontaram vários cantautores que propuseram a chamada “canção de protesto” ou “de intervenção”, com muitos pontos de contacto com o Neo-Realismo: José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, José Mário Branco, Sérgio Godinho, Manuel Freire, José Jorge Letria, Francisco Fanhais, etc..

Anos 70: a 4.^a vaga

Nos finais dos anos 60 e inícios de 70, surge uma 4.^a vaga, 4.^a geração ou 4.^a fase, com António Modesto Navarro, José Manuel Mendes, José Jorge Letria, Carlos Coutinho, etc.. Depois do 25 de Abril, apesar de algumas terem sido escritas provavelmente durante a prisão do autor, vêm a público as obras de ficção de Álvaro Cunhal, mantido durante vários anos incógnito, com o pseudónimo de Manuel Tiago.

Na crítica e no ensaio aparecem muitos nomes, entre os quais, na revista *Vértice*, José Manuel Mendes, Vital Moreira, António Avelãs Nunes e, na *Seara Nova*, alguns dos colaboradores anteriormente citados.

A Editora Inova surgiu em 1968, pele mão de José da Cruz Santos, com direcção literária de Óscar Lopes, publicando muitas obras de orientação marxista e ficção de escritores de várias nacionalidades da mesma tendência ou próxima.

1970 marca o aparecimento da editora Centelha em Coimbra. Sem ter uma predominância ideológica, publicou títulos de Marx, Lenine, Mao-Tsé-Tung e Trotsky, além de obras de ficção de autores, mais uns, menos outros, próximos do Neo-Realismo. Como seria de esperar, teve muitos livros proibidos pela Censura.

No Porto, Arsénio Mota promoveu publicações com a chancela de Razão Actual, com autores de várias sensibilidades marxistas e autores galegos.

Em 1971, com chancela da Atlântica Editora, de Coimbra e algumas edições de autor, iniciou-se a publicação da 2.^a série dos “Textos Vértice”, com ensaios de Rui Clímaco, Armando Castro, A. J. Avelãs Nunes, Joaquim Gomes Canotilho, V. Tribuna Moreira (Vital Moreira), Orlando Carvalho, Mário Vilaça, Luís de Albuquerque, Egidio Namorado.

Em 1973, a editora Orion retomou a publicação, com a sigla “n.a.*orion”, que foi mais ou menos regular até 1991, com apenas duas edições desde esta data até 2006; textos, na sua maioria de ficção, de Orlando Gonçalves, Helena Neves, António Modesto Navarro, Josué da Silva, Carlos Pinhão, A. Vicente Campinas, Maria Luísa Antunes.

Nos anos 70, emergiram novas editoras de orientação marxista publicando obras teóricas, desafiando a Censura, como a Livraria Júlio Brandão, a Manuel Rodrigues Xavier e outras ligadas à extrema esquerda, como Maria da Fonte e Povo e Cultura.

Depois do 25 de Abril, apareceu uma nova editora com gente de esquerda muito próxima do Neo-Realismo, a Diabril, com um estatuto de cooperativa. Além de muitas obras de carácter político adequadas ao processo que então se vivia, publicou textos de ficção, nomeadamente iniciando a colecção das obras completas de José Gomes Ferreira. Veio a público, ainda, a editora Forja, mais virada para a ficção, que publicou livros de Manuel da Fonseca (tipo obras completas), Baptista Bastos, João Apolinário e outros não conotados com o Neo-Realismo.

Também se fundou a Editorial Caminho, que editou muitas obras de numerosos autores neo-realistas das várias vagas e as obras completas de alguns deles. Dedicou-se, também a autores estrangeiros inseridos no Neo-Realismo em vários países e autores africanos com assumida influência neo-realista portuguesa.

Surgiram, também, muitas editoras ligadas a diferentes grupos de esquerda e extrema esquerda, publicando textos teóricos e outros de intervenção política imediata.

Muitos estudiosos limitam a 1974, com a reconquista da liberdade e da democracia, o período de vigência do Neo-Realismo, mas alguns outros consideram que esta corrente artística ainda não se extinguiu, havendo ainda escritores e artistas que nela participam, embora num contexto muito diferente e segundo formas também muito diferentes. Há quem considere, romances, como por exemplo, *Levantado do Chão*, de José Saramago, e outros, e algumas obras de artes plásticas e filmes, como eloquentes heranças desse Neo-Realismo anterior a 1974.

Em 1933, foram lançadas as primeiras edições de Contos e histórias de autores iniciados na publicação de contos e histórias. Vieram com o nome de "Livro Novo", editado por José Sá. Os autores foram: João de Melo, Mário Viana, Luís de Albuquerque, Luís de Almeida, Luís de Sousa e António Soares. O livro foi publicado em 1933, com o título "Livro Novo".

Em 1934, foram lançadas as primeiras edições de Contos e histórias de autores iniciados na publicação de contos e histórias. Vieram com o nome de "Livro Novo", editado por José Sá. Os autores foram: João de Melo, Mário Viana, Luís de Albuquerque, Luís de Almeida, Luís de Sousa e António Soares. O livro foi publicado em 1934, com o título "Livro Novo".

Em 1935, foram lançadas as primeiras edições de Contos e histórias de autores iniciados na publicação de contos e histórias. Vieram com o nome de "Livro Novo", editado por José Sá. Os autores foram: João de Melo, Mário Viana, Luís de Albuquerque, Luís de Almeida, Luís de Sousa e António Soares. O livro foi publicado em 1935, com o título "Livro Novo".

Em 1936, foram lançadas as primeiras edições de Contos e histórias de autores iniciados na publicação de contos e histórias. Vieram com o nome de "Livro Novo", editado por José Sá. Os autores foram: João de Melo, Mário Viana, Luís de Albuquerque, Luís de Almeida, Luís de Sousa e António Soares. O livro foi publicado em 1936, com o título "Livro Novo".

Em 1937, foram lançadas as primeiras edições de Contos e histórias de autores iniciados na publicação de contos e histórias. Vieram com o nome de "Livro Novo", editado por José Sá. Os autores foram: João de Melo, Mário Viana, Luís de Albuquerque, Luís de Almeida, Luís de Sousa e António Soares. O livro foi publicado em 1937, com o título "Livro Novo".

Em 1938, foram lançadas as primeiras edições de Contos e histórias de autores iniciados na publicação de contos e histórias. Vieram com o nome de "Livro Novo", editado por José Sá. Os autores foram: João de Melo, Mário Viana, Luís de Albuquerque, Luís de Almeida, Luís de Sousa e António Soares. O livro foi publicado em 1938, com o título "Livro Novo".

Em 1939, foram lançadas as primeiras edições de Contos e histórias de autores iniciados na publicação de contos e histórias. Vieram com o nome de "Livro Novo", editado por José Sá. Os autores foram: João de Melo, Mário Viana, Luís de Albuquerque, Luís de Almeida, Luís de Sousa e António Soares. O livro foi publicado em 1939, com o título "Livro Novo".

Em 1940, foram lançadas as primeiras edições de Contos e histórias de autores iniciados na publicação de contos e histórias. Vieram com o nome de "Livro Novo", editado por José Sá. Os autores foram: João de Melo, Mário Viana, Luís de Albuquerque, Luís de Almeida, Luís de Sousa e António Soares. O livro foi publicado em 1940, com o título "Livro Novo".

Logo a seguir e outros são apontados com o Neo-Realismo. Também se incluem o "Livro Novo" que chegou em duas partes, primeiro em março de 1933 e depois em julho de 1933. Outros autores neo-realistas são apontados nas primeiras páginas do livro de "Livro Novo" e também a seguir, em seguida, no Neo-Realismo em várias partes e sempre, embora, com assunção de liberdade neo-realista portuguesa.

Surgiram também muitas outras linhas e diferentes autores, de estado e de autores neo-realistas, publicando textos, poemas e outras intervenções literárias modernas.

Muitos autores foram também a 1934, com a publicação de "Livro Novo" e de outros livros de "Livro Novo" de Neo-Realismo, com alguns autores neo-realistas que esta corrente literária ainda não se estendeu, porque ainda escritores e artistas que não participaram com o Neo-Realismo, mas também foram também escritores. Há quem considere também como Neo-Realismo, o livro de José Sá e alguns outros de escritores de "Livro Novo".

Alguns autores de Neo-Realismo são apontados em 1933, com outros livros proibidos pelo Censura.

No Porto, Arsénio Matos procurava publicações com a chance de Razão Actual, com autores de várias localidades marítimas e autores galegos.

INTRODUÇÃO

No dia 20 de outubro de 2007 o Museu do Neo-Realismo (MNR) inaugurou as suas instalações na Rua Alves Redol, em Vila Franca de Xira (VFX). Para trás ficaram quase quatro décadas de um projeto marcado fundamentalmente pela ação de um pequeno grupo de pessoas, em conjunto com a Câmara Municipal daquela cidade. Alguns meses antes deste acontecimento, surgiu a oportunidade de conhecer brevemente os principais passos do longo projeto que culminou na inauguração das novas instalações do Museu do Neo-Realismo, através de um seminário apresentado por António Mota Redol e Graça Nunes, no âmbito do Mestrado em Museologia: Conteúdos Expositivos (ISCTE).

Recuando ao fim do ano de 1969, a morte de Alves Redol foi decisiva para o despertar das ideias em torno da criação de um museu. Por outras palavras, a gênese do Museu do Neo-Realismo, abrangendo o período temporal que vai desde aquele ano até ao momento da inauguração do atual edifício do Museu, em 2007, surgiu como um terreno por explorar. A crescente curiosidade, acompanhada de algumas questões não completamente esclarecidas, foram o motor necessário para delinear o projeto de investigação que está na origem desta publicação. A estrutura do livro foi traçada de modo a apresentar uma análise da gênese do Museu do Neo-Realismo em três níveis distintos: as origens e história do projeto de criação do Museu; a musealização do Movimento neorrealista; e as exposições realizadas no período temporal considerado. Consciente da complexidade das questões geralmente envolvidas na gênese de museus e na criação do Museu do Neo-Realismo, em particular, o primeiro impulso foi fazer uma história do Museu. Analisar a gênese do MNR, identificando os motivos que conduziram à sua criação, as fases do projeto e a natureza dos fatores que interferiram em cada fase.

O primeiro capítulo apresenta o percurso do Museu, em quatro momentos distintos. Primeiro, abordam-se as origens do projeto, que remonta ao ano de 1969 (marcado pela morte de Alves Redol) e termina no primeiro encontro estabelecido com a Câmara Municipal de VFX, em 1987. Em menos de uma década formou-se a ideia de criar o Museu do

Neo-Realismo, tendo como principal antecedente o legado deixado pelo escritor. A passagem para a segunda fase é marcada pelo ano de 1987, quando se estabeleceu aquele primeiro contacto com a Câmara Municipal de VFX. A criação da Comissão Instaladora (CIMNR), da Associação Promotora (APMNR) e do Centro de Documentação, associados ao Museu do Neo-Realismo, na época ainda não concretizado, desempenharam um papel importante neste período. A terceira fase tem início na inauguração do Museu com a abertura do Centro de Documentação, em 1993, num espaço provisório na cidade de Vila Franca de Xira. O caminho percorrido desde então foi pautado por uma série de acontecimentos que tornam a década de noventa um período de profundas modificações no processo de criação do MNR.

A história deste Museu é marcada pela procura sucessiva de instalações que elevassem o Museu ao que efetivamente pretendia ser – um projeto de âmbito nacional. Todavia, a concretização deste desejo esteve sujeita a sucessivos adiamentos, a par com a conquista de novos espaços cedidos pela Câmara Municipal, todos eles de carácter provisório; de resto, uma imagem fortemente associada ao percurso do MNR. Na viragem do milénio, o projeto do novo Museu chegou mesmo a ser colocado em causa com a “Questão de Alhandra”, sob ameaça da implementação do Museu nesta vila e não em Vila Franca de Xira. Porém, em 2001 foi encontrada a solução definitiva para a instalação do mesmo num terreno adquirido pela autarquia vila-franquense. Este desfecho marca o início da quarta e última fase da criação do Museu. A partir de então, num sentido metafórico, foi lançada a primeira pedra para a inauguração das novas instalações do MNR, que só veio a concretizar-se em outubro de 2007. Esta última etapa da história do Museu aborda o novo projeto, identificando os aspetos mais relevantes da sua estruturação, organização e implementação, do ponto de vista museológico e arquitetónico.

A par com a história do Museu, o segundo capítulo é sobre a musealização do Neo-Realismo, com manifestações nas mais diversas áreas (literatura, artes plásticas, cinema, teatro, música, fotografia, arquitetura, história, filosofia, etc.). Trata-se do processo de musealização de um movimento cultural, cujas primeiras manifestações se encontram à distância de várias décadas. Assim, levantam-se algumas questões: como apresentar esse passado no presente? Através de que testemunhos (objetos)? Serão, estes, representativos do passado que se pretende representar? Pela sua singularidade, a musealização do Neo-Realismo tornou-se também objeto de análise, através da identificação dos espólios, dos critérios subjacentes à incorporação dos mesmos e das áreas contempladas na constituição do acervo do MNR. Como ponto de partida para a musealização do Movimento, os fundadores do Museu procuraram definir as figuras enquadradas no Neo-Realismo. De um modo geral, identifica-

ram-se as suas manifestações nas diversas áreas, bem como os objetos que poderiam representá-las, através de uma seleção de materiais com interesse para o acervo do Museu. No entanto, os critérios de recolha acabaram por basear-se, essencialmente, em prioridades de aquisição, focadas, numa primeira fase, exclusivamente na literatura. Por outras palavras, a recolha e tratamento dos espólios não obedeceu a uma programação entendida como o processo básico da criação de museus. Foi, sim, um percurso traçado intuitivamente e marcado, sobretudo, pela procura de soluções para os problemas, fossem eles a escassez do espaço, o acondicionamento inadequado dos materiais ou, até mesmo, a falta de funcionários. Ainda neste capítulo encontram-se “outras atividades relacionadas com a preservação da memória”; de resto, um tema relevante se tivermos em conta a história do papel dos museus ao longo dos séculos. Das motivações para a recolha dos materiais, até à entrada destes no Museu (seguida do tratamento necessário), vai um longo percurso que culmina na musealização do Movimento neorrealista.

Finalmente, não menos importantes para o retrato da gênese do MNR, são as exposições, presentes em todo o percurso do Museu. À distância de cinco décadas sobre o despertar de um movimento, os fundadores procuraram – através da CIMNR e, mais tarde, do Centro de Documentação e da APMNR – apresentar o Neo-Realismo, organizando exposições. O terceiro e último capítulo aborda precisamente este aspeto. Fez-se o levantamento e a análise das exposições, tendo em conta o ano e o local onde foram realizadas; a duração; a autoria (da organização e curadoria) e ainda as itinerâncias de algumas delas, permitindo apurar quais os ritmos de atividade do Museu no período abrangido. Foram também considerados os critérios subjacentes à realização das exposições e a natureza dos seus conteúdos. A caracterização deste conjunto de sessenta e três exposições, possibilitou o seu agrupamento em quatro categorias distintas – a) Vida e obra: exposições de literatura (VO) b) Apresentação do Museu (MNR); c) Movimento neorrealista e seu contexto histórico (NR); d) Artes plásticas (AP).

Para a realização deste estudo foram recolhidos depoimentos de pessoas com papéis distintos na formação do MNR, seguindo o tipo de entrevista semidiretiva. Foram entrevistados os fundadores do Museu, António Mota Redol e Arquimedes da Silva Santos, o último selecionado também na categoria de figura do Neo-Realismo. Destaque-se a importância de António Mota Redol, figura presente em todos os momentos da gênese do MNR e, portanto, essencial para o desenvolvimento da pesquisa. Por outro lado, não menos relevantes para a recolha de informações, foram algumas pessoas que, no âmbito profissional, participaram em diversas fases da gênese do Museu. Atendendo às suas distintas funções, foram entrevistados Clara Camacho (diretora do Departamento de Ação Sociocultural – DASC), Graça Nunes, (conservadora no Museu Municipal) e

David Santos (diretor do MNR). Importa ainda referir que do total destas cinco entrevistas realizadas, somente quatro foram utilizadas como fontes para o desenvolvimento da pesquisa. Além daqueles intervenientes, foram responsáveis pela implementação do Museu – embora não tenham sido entrevistados, por diversos motivos – os outros elementos da CIMNR (Daniel Branco, Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; José António da Luz Carmo, Vereador da Cultura; Rogério Ribeiro, Garcez da Silva, Júlio Graça e Rodrigo de Freitas) e duas pessoas nomeadas pela Câmara Municipal para funções diretivas no Museu (Luís Augusto Costa Dias e Idalina Mesquita).

A análise documental foi também um dos métodos utilizados no decorrer da investigação. Para tal, foram consultadas fontes arquivísticas e catálogos. De extrema importância para a pesquisa foram o arquivo pessoal de António Mota Redol (AMR) e o arquivo da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo. Apesar de alguns documentos “avulsos” não estarem datados, os restantes documentos foram fundamentais na identificação das linhas mestras do projeto do MNR contribuindo, deste modo, para a sua estruturação. Pode dizer-se que, em conjunto, estes arquivos abrangem toda a história do Museu, no período considerado neste estudo. Deste modo, a consulta à Câmara Municipal veio complementar os dados recolhidos naqueles arquivos. Por este motivo, não foi realizada uma pesquisa exaustiva dos livros de atas, mas somente daqueles que poderiam acrescentar alguma informação àquela já obtida no arquivo pessoal de António Mota Redol e no arquivo da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo. Contudo, na data em que os dados foram levantados, não foi possível aceder às atas referentes ao ano de 1999, em virtude de estarem em processo de encadernação.

No que respeita à consulta de publicações periódicas, por motivos de tempo, ficou limitada às fontes do arquivo de recortes de imprensa do MNR, não abrangendo outros arquivos que poderiam complementá-lo, nomeadamente a Hemeroteca Municipal de Lisboa.

Relativamente aos catálogos de algumas exposições, foram utilizados para a recolha de informações sobre a organização dos conteúdos temáticos, bem como para a identificação dos materiais expostos. Porém, nem todos os catálogos consultados preencheram os requisitos necessários para a recolha sistematizada de informações. Além disso, não podemos descurar as limitações envolvidas na consulta dos catálogos, na condição de complementos das exposições. Quanto aos guiões, foi possível aceder somente a três.

Além do levantamento e análise de fontes primárias, o presente estudo fundamentou-se numa pesquisa bibliográfica sobre museologia, génese de museus e sobre o Neo-Realismo em Portugal. Contou também com o testemunho escrito e oral de António Mota Redol, que acompanhou a revisão do texto, acrescentando e corrigindo algumas informações.

Ao estudar as origens do Museu do Neo-Realismo, cedo se intuiu que a análise da sua gênese é essencial para a compreensão de alguns aspetos, nomeadamente para a musealização de movimentos culturais, na medida em que há registo de poucos casos e, mesmo esses, reportam-se essencialmente ao Movimento Romântico. Em Portugal, a publicação sobre musealização de movimentos culturais resume-se ao único caso em que este processo ocorreu: o *Museu Romântico da Quinta da Macieirinha*¹. A autora apresenta sumariamente a origem da instituição, que pretende “*ilustrar o Romantismo, Movimento literário e artístico característico do século XIX e tão bem aceite pelos portugueses*”². Faz uma descrição do espaço museológico, dividido por salas, e dos objetos nele expostos, numa espécie de viagem descritiva pelo Museu.

Para além deste estudo, parece escasso o terreno das publicações em torno da musealização de movimentos culturais. Ao nível internacional, a musealização de movimentos é representada por mais três casos de museus associados ao Movimento romântico: o Musée de la Vie Romantique (França); o Museu Romântico (Madrid); e o Museu Romântico (Cuba).

Por outro lado, a gênese do Museu do Neo-Realismo permite compreender a gênese de museus a partir de espólios particulares, na medida em que é um exemplo desse processo. Na criação do Museu, está muito presente o sentido de reconhecimento do valor daqueles que partiram, tal como da importância em deixar um testemunho através da preservação dos materiais que simbolizam a vida e a obra dos neorrealistas. De resto, uma característica comum à gênese da grande maioria dos museus. O estudo da gênese do MNR permite ainda compreender a museologia em espaços autárquicos. Trata-se de um museu cuja criação respeita os três passos que, geralmente, acompanham a gênese dos museus sob tutela autárquica: a existência de espólios, o desejo de perenidade e a instalação física dos mesmos³. Porém, apesar da sua tutela autárquica, a dimensão nacional do MNR distingue-o de um museu municipal que, habitualmente, procura apresentar as identidades culturais locais.

Finalmente, a análise da gênese do Museu do Neo-Realismo permite compreender o papel do associativismo na gênese dos museus em Portugal. Uma vez mais, é um exemplo do papel desempenhado por grupos de pessoas que atuam à margem de um poder local, mas também central, permanecendo a ideia de que em Portugal, e graças ao fenómeno do associativismo que acompanha a gênese de um grande número de museus, estes vão de certo modo existindo antes mesmo de existirem.

¹ Marques, 1996, p. 2.

² *Idem*.

³ Camacho, 1999.

As ideias de origem holandesa de Van der Stoep, com as suas ideias e análises de fontes primárias e secundárias de estudos fundamentados numa pesquisa bibliográfica sobre museologia, história de museus e sobre o Neo-Realismo em Portugal. Contém também um testemunho escrito e oral de António Mota Kadal, que acompanha a revisão do texto, acrescentando e corrigindo algumas informações.

CAPÍTULO I

ORIGENS E TRAJETÓRIA DO MUSEU DO NEO-REALISMO

I.1) Da “Casa-Museu Alves Redol” ao Museu do Neo-Realismo - Uma ideia em preparação

Pode dizer-se que a história do Museu do Neo-Realismo começou no final de 1969. A morte de Alves Redol, no dia 29 de novembro daquele ano, desencadeou junto de amigos e familiares a vontade de perpetuar o nome e a obra do escritor neorrealista, natural de Vila Franca de Xira.

O crescimento daquela vontade originou vários pensamentos e ideias que, regra geral, passavam pela criação de uma Casa-Museu, Biblioteca-Museu ou, até mesmo, de uma Casa da Cultura, todas elas referentes ao escritor. Não obstante, ainda em vida, Alves Redol manifestou junto de alguns amigos a vontade de aplicar parte dos direitos de autor dos seus livros (após a sua morte) ao “apoio a iniciativas em prol da cultura popular, particularmente a bibliotecas fixas já fundadas ou a fundar em centros que o justificarem”. Para o efeito, deveria realizar-se um “inquérito à escala nacional” para tomar conhecimento das “necessidades” e “prioridades” a estabelecer, de modo que não fossem criadas bibliotecas “por influências individuais, mas por verdadeiras necessidades coletivas”. Era igual intenção do escritor, incentivar o “estímulo monetário às associações de cultura e recreio” que se interessassem “pelo estudo dos problemas concretos da sua localidade ou região, de modo a torná-los elementos úteis para investigadores, etc.”. Por fim, como também refere o próprio: “se se fizer obra útil nestes sectores, muito se fez. A quem vier depois ficará o encargo de prosseguir”¹.

¹ Apontamentos redigidos por Alves Redol nos últimos dias de vida (Arquivo pessoal de AMR).

Na sequência destas disposições e visando concretizar a vontade do escritor, foi criada a Comissão “Legado Alves Redol” (CLAR)², indicada pelo próprio. Formalizada em conferência de imprensa no dia 9 de abril de 1970, a Comissão “Legado” era constituída por um grupo de pessoas indicadas pelo escritor em curta nota manuscrita, composto por: António Mota Redol, José Cardoso Pires, Alberto Ferreira e Mário Ventura³. A CLAR foi criada com a intenção de cumprir os desejos manifestados oralmente por Alves Redol nos seus últimos dias de vida. Porém, acabou por ir um pouco mais longe. Além dos fins a que se propôs, pretendia “desenvolver todos os esforços no sentido de se criar em Vila Franca de Xira uma “Casa Museu Alves Redol”, destinada a reunir objetos e documentos relativos à vida e obra daquele escritor”⁴. Como ponto de partida, a Comissão “Legado” tinha em sua posse os rendimentos “provenientes dos direitos de autor de Alves Redol, devidos até à data ao seu herdeiro, os livros que constavam da biblioteca” e outros bens do escritor⁵. Posteriormente, pretendia angariar “donativos, heranças e legados com que fossem contemplados”, bem como receitas provenientes de “festas, subscrições e outras iniciativas”, em conjunto com as quotas dos “Amigos” da CLAR. Podia ainda adquirir quaisquer bens, móveis e imóveis, a título “gratuito” ou “oneroso”. Segundo consta na ata de uma das reuniões⁶ (Figura 1), para além dos aspetos jurídicos inerentes à sua formação, a Comissão “Legado” pretendia organizar por todo o país várias iniciativas de “caráter cultural”, visando a divulgação da obra do escritor e procurando colaborar naquelas que lhe fossem solicitadas. Outro dos objetivos da Comissão “Legado” era analisar as propostas das editoras

² A certa altura, a Comissão “Legado Alves Redol” pensou que o estatuto de fundação serviria melhor à legalização do projeto encabeçado. Na sequência desta ideia, foi elaborado o documento *Estatutos da CLAR*, s.d. (Arquivo pessoal de AMR), os quais não tiveram seguimento.

³ Estes quatro membros deveriam fazer parte da “Comissão Diretiva” (responsável pela administração e gerência da instituição) da Fundação “Legado Alves Redol”, cujos estatutos chegaram a ser preparados com a colaboração do jurista Luís Nunes de Almeida (mais tarde, juiz e Presidente do Tribunal Constitucional), mas não tiveram sequência. Os estatutos contemplavam ainda os seguintes órgãos: uma “Assembleia de Amigos” (“constituída por todos aqueles que se inscreverem como tal e que satisfaçam uma quota”), uma “Comissão Fiscalizadora” e uma “Comissão Executiva”. (*Estatutos da Fundação “Legado Alves Redol”*, s.d. – Arquivo pessoal de AMR).

⁴ *Estatutos da CLAR*, s.d. (Arquivo pessoal de AMR).

⁵ Esses bens constam da relação em anexo ao documento *Estatutos da CLAR*, s.d. (Arquivo pessoal de AMR).

⁶ Ata da reunião da CLAR, 18 de outubro de 1972 (Arquivo pessoal de AMR) (Figura 1).

ACTA NÚMERO UM

Aos dezoito dias do mês de Outubro de mil novecentos e setenta e dois reuniram-se na residência do escritor José Cardoso Pires, Rua de São João de Brito, dois primeiro, em Lisboa, os escritores Alberto Ferreira, José Cardoso Pires e Mário Ventura Henriques e engenheiro António Mota Redol, membros da Comissão do Legado Alves Redol e ainda José Filipe Teixeira como colaborador convidado e que secretariou a reunião.

Os quatro primeiros confirmam a sua decisão de dar cumprimento ao desejo expresso pelo escritor Alves Redol com a finalidade de constituir uma Comissão cujos objectivos estão expressos no Documento deixado pelo falecido e que a seguir se transcreve:

"Nos últimos dias de vida, o escritor Alves Redol redigiu os seguintes apontamentos referentes à directriz que deverá presidir ao destino dos proventos resultantes dos seus Direitos de Autor, após a sua morte:

- (1)-Apoio a iniciativas em prol da cultura popular, particularmente a bibliotecas fixas já fundadas ou a fundar em centros que o justificarem.
- (2)-Inquérito à escala nacional para se conhecerem as necessidades e as prioridades a estabelecer, de modo a que não se criem bibliotecas por influências individuais, mas por verdadeiras necessidades colectivas.
- (3)-Estímulo monetário às associações de cultura e recreio que se interessam pelo estudo dos problemas concretos da sua localidade ou região, de modo a torná-los elementos úteis para investigadores, etc.
- (4)-Se se fizer obra útil nestes sectores, muito se fez. A quem vier depois ficará o encargo de prosseguir.

Indicou ainda uma Comissão que se encarregaria de fazer cumprir esse desejo, constituída pelos Escritores Alberto Ferreira, José Cardoso Pires e Mário Ventura Henriques e pelo filho, António Mota Redol."

Esta Comissão tem reunido e trabalhado desde a morte de Alves Redol tendo adoptado desde então a designação de "Comissão Legado Alves Redol".

Em resumo se descreve as principais tarefas levadas a cabo no seu Exercício:

- 1ª.- Acordo dos herdeiros em prescindir dos direitos autorais em favor dos objectivos definidos na disposição anterior;
- 2ª.- Divulgação pública da vontade de Alves Redol e dos pontos de vista dos componentes sobre o assunto;
- 3ª.- Redacção e discussão do projecto de estatutos com a colaboração dos advogados Drs. António Goucha Soares, Nunes de Almeida, António Silva e António Borges Coutinho;
- 4ª.- Exame das diferentes propostas de Editoras para a edição das Obras Completas de Alves Redol. Decidiu-se a sua entrega às Publicações

Figura 1 – Ata da reunião da Comissão “Legado Alves Redol” (CLAR), realizada no dia 18 de Outubro de 1972 e assinada por todos os membros da Comissão, Alberto Ferreira, José Cardoso Pires, António Mota Redol e Mário Ventura Henriques. Tem o n.º 1, apesar de se terem realizado várias reuniões antes desta data, porque houve a necessidade de se fixar em texto escrito assinado por todos os princípios orientadores da Comissão. Das reuniões anteriores não foi elaborada ata (Arquivo pessoal de AMR).

para a edição das “Obras Completas de Alves Redol”⁷. A CLAR também chegou a oferecer livros do escritor a algumas coletividades. De acordo com António Mota Redol, muito embora se tenham realizado muitas dezenas de iniciativas por todo o país, elas resultaram da ação de pessoas dispostas a colaborar com a Comissão “Legado” e não propriamente desta enquanto grupo. No entanto, a CLAR – ainda que pouco funcional e dotada de alguma imobilidade –, acabou por desempenhar um papel fundamental, não tanto na concretização do Centro Popular Alves Redol (CPAR), como será mencionado adiante, mas, sobretudo, na formulação da ideia⁸.

Em paralelo às atividades desenvolvidas pela CLAR, foi criada a Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol, encarregue da realização por todo o país de uma “campanha de recolha de fundos” (apoiada pela imprensa). Estes seriam aplicados na execução de “uma pequena e simples obra escultórica” (para assinalar a campa de Alves Redol) e de uma lápide a colocar na casa onde nasceu, assim como na criação de um “fundo permanente”. Em abril de 1970, foi publicada a primeira circular (Figura 2), anunciando as intenções acima descritas. À primeira, seguiram-se outras circulares⁹ publicadas pela Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol. Muito embora tenha atuado como alavanca na concretização deste Centro em Vila Franca de Xira – cuja atuação seria “independente” daquela “nomeada pelo autor de *Gaibéus*”, mas com benefícios semelhantes a “qualquer outra coletividade de caráter cultural”, sem prejuízo da “obra à escala nacional, como a pensou Alves Redol”¹⁰ –, a ideia do Centro de Cultura Popular partiu dos membros da CLAR. Coube a José Noel Perdigão anunciá-la na conferência de imprensa onde também foi apresentada publicamente a criação da Comissão “Legado Alves Redol”.

O CPAR previa a criação de: “um museu dedicado à obra do autor de *Gaibéus* (Museu Alves Redol)”; uma “Biblioteca constituída a partir da

⁷ Por deliberação conjunta, decidiu-se a sua entrega a Publicações Europa-América (ata da reunião da CLAR, 18 de outubro de 1972 – Arquivo pessoal de AMR).

⁸ Veja-se a seguinte afirmação: “Veio igualmente a público que um grupo dos seus amigos de Vila Franca de Xira, pensou tornar a ideia mais extensa, idealizando formar nesta vila um centro de cultura popular” (*Circular n.º1*, abril de 1970, Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol – Arquivo pessoal de AMR).

⁹ No total, a “campanha de recolha de fundos” realizada pela Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol, publicou sete circulares, nas seguintes datas: abril de 1970; outubro de 1970; novembro de 1970; 12 de novembro de 1970; dezembro de 1970; 12 de junho de 1971; e junho de 1971.

¹⁰ *Circular n.º1*, abril de 1970, Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol (Arquivo pessoal de AMR).

COMISSÃO PRÓ-CENTRO POPULAR ALVES REDOL

CIRCULAR N.º 1

Vila Franca de Xira, de Abril de 1970



Noticiaram os jornais que o Escritor Alves Redol, em breves notas escritas pouco antes de morrer, legou os seus direitos de autor às colectividades de cultura popular, indicando os Escritores José Cardoso Pires, Mário Ventura Henriques e Alberto Ferreira e o filho, António Mota Redol, para gerirem esses direitos.

Veio igualmente a público, que um grupo dos seus amigos de Vila Franca de Xira, pensou tornar a ideia mais extensa, idealizando formar nesta vila um centro de cultura popular, o «CENTRO POPULAR ALVES REDOL», com as seguintes actividades:

- a) Museu Alves Redol;
- b) Biblioteca constituída a partir da biblioteca do Escritor;
- c) Estudos regionais ribatejanos, nomeadamente etnográficos;
- d) Biblioteca infantil;
- e) Outras iniciativas culturais.

Este Centro será independente da Comissão nomeada pelo autor de «Gaibéus», sendo beneficiada como qualquer outra colectividade de carácter cultural, não prejudicando assim a obra à escala nacional, como a pensou Alves Redol.

Sendo assim, é necessário obter fundos para a montagem e iniciação do Centro, bem como para a sua manutenção.

Pensa-se ainda mandar executar uma obra escultórica muito simples destinada à Campa do Escritor no cemitério de Vila Franca e uma placa que assinala a casa onde nasceu.

Deste grupo de amigos, formou-se uma Comissão Central de Fundos que, dando início ao seu programa, está a organizar em todo o país comissões angariadoras de fundos.

Vem, por isso, solicitar a vossa colaboração, pois só deste modo e dentro da linha de pensamento que sempre guiou o autor de «Fanga», esta obra não será puro idealismo de um grupo de amigos de Redol. Então «muito se fará», servindo-nos das suas últimas palavras, nas breves notas a que nos referimos.

Se estiverem dispostos a oferecer a vossa colaboração, deverá formar-se uma Comissão local de que será indicado um elemento de ligação, fornecendo-nos o seu nome e morada.

Solicitamos a mais ampla divulgação desta iniciativa através das formas que julgarem mais aconselháveis. Poderão realizar-se colóquios sobre a obra de Alves Redol e o Neo-Realismo, onde aquela se divulgará, para que as populações tomem conhecimento e colaborem. A Comissão formada deve procurar ligações com pessoas e colectividades das cercanias, a fim de se conseguir essa divulgação.

Para todos os esclarecimentos devem as Comissões pôr-se em contacto com a Comissão Central. Oportunamente serão enviadas as listas e demais material para a realização da referida campanha.

Entretanto agradece-se uma resposta urgente.

A Comissão Central de Fundos

N. B. — Toda a correspondência deve ser dirigida para a rua António José de Almeida, 55 — Vila Franca de Xira

Figura 2 – Circular n.º 1, abril de 1970, Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol (CPAR) (Arquivo pessoal de AMR).

biblioteca do escritor”; uma Biblioteca infantil; e um “Museu do Tejo” – “ideia muito querida ao autor de *Fanga*” –, formado por “elementos de toda a ordem recolhidos ao longo do Tejo (desde Espanha), que mostrassem a multiplicidade da vida do povo ao longo deste rio”. O Centro Popular incluiria ainda atividades de promoção e incentivo aos “estudos regionais ribatejanos, nomeadamente etnográficos”, bem como “todas as atividades” – consideradas “úteis” a uma “coletividade com preocupações e finalidades de ordem cultural” –, tais como: “colóquios, exposições, sessões de cinema, etc.”¹¹. Em termos sucintos, foram organizadas “comissões angariadoras” locais, por todo o país, com o intuito de obter financiamento para a criação daquele Centro, resultado “de um esforço coletivo em todo o país” e “uma verdadeira expressão da vontade popular”¹². O apelo à unidade, presente nas ações da Comissão Pró-Centro, é claro na seguinte pergunta: “como montar um Museu Alves Redol, que estude a sua vida e a sua obra, se não se contar com o franco apoio de todos?”. Esta pergunta reflete claramente as ações e o tipo de recursos que, durante décadas, acompanharam a evolução do amplo projeto que é hoje o Museu do Neo-Realismo. Mediante diversos pedidos, tais como: “contamos com a tua contribuição Amigo, de acordo com as tuas possibilidades”¹³, foi reunido o “mínimo de condições de trabalho” essenciais à montagem do que seria, afinal de contas, uma sociedade. Finalmente, no dia 19 de maio de 1971¹⁴, foi constituído o Centro Popular Alves Redol – Cooperativa Literária, S.C.R.L. (CPAR).

Para além das atividades acima mencionadas, o Centro Popular tinha o objetivo de “divulgar a literatura portuguesa e em particular a obra de Alves Redol”¹⁵. Porém, nos estatutos publicados aquando da escritura, os fins daquela sociedade resumem-se a “promover e incentivar, por todos os meios possíveis, a promoção cultural dos seus sócios (...), fornecendo-lhes quanto necessitem para satisfação das suas necessidades”¹⁶. Os motivos pelos quais os Estatutos da CPAR não expressam as reais inten-

¹¹ Informações retiradas de um documento dactilografado, não datado e do documento *Circular n.º 1*, abril de 1970, Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol (Arquivo pessoal de AMR).

¹² O número de localidades que apoiaram a Comissão Pró-Centro, chegou a totalizar-se em 50 (Carta, 23 de novembro de 1970 – Arquivo pessoal de AMR).

¹³ *Circular*, novembro de 1970, Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol (Arquivo Gráfico, MNR).

¹⁴ Data da escritura pública. Seguiram-se: a publicação no Diário do Governo, no dia 16 de junho, e a eleição dos Corpos gerentes, no dia 23 de julho do mesmo ano (Relatório da Direção, 1971 – Arquivo pessoal de AMR).

¹⁵ *Estatutos* do CPAR, 7 de novembro de 1970 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁶ Diário da Republica, III Série – n.º 140.

ções da sociedade, prendem-se com a inevitável simplificação da escritura notarial e a vontade de afastar qualquer género de repressão. Ainda a respeito do papel do CPAR na trajetória do Museu do Neo-Realismo, é lícito afirmar que o trabalho de divulgação¹⁷ que desenvolveu, mediante a venda ao público das obras de Alves Redol e outros neorrealistas e a realização de pequenas exposições (relativas àquele e outros escritores neorrealistas), tenha contribuído para o alargamento da preservação da memória do escritor e da preservação da memória do Movimento que ele próprio representou. No entanto, o CPAR não teve qualquer influência na evolução do projeto do Museu. E a intervenção da sua sucessora, a Cooperativa Alves Redol, resumiu-se simplesmente à cedência do espaço para reuniões da APMNR e da CIMNR e à utilização das instalações para arquivar documentos da última.

De um modo geral, pode dizer-se que a década de setenta foi palco do fermentar das ideias em torno do legado de Alves Redol e do Movimento neorrealista, do qual foi pioneiro. Assim, veja-se, logo após a morte do escritor, foram organizadas duas exposições¹⁸ itinerantes, apresentadas de norte a sul do país e acompanhadas de colóquios, da venda de livros do autor e da oferta a inúmeras bibliotecas populares¹⁹. Foram mais de três dezenas as localidades onde decorreram aquelas exposições, em muitos casos acompanhadas por feiras do livro organizadas pelas próprias entidades locais.

1.1.1) A importância das Comemorações do 40.º Aniversário de Gaibéus

O ano de 1979, pautado pelas “Comemorações do 40.º Aniversário de *Gaibéus*”, foi importante para a evolução da ideia inicial da criação da Casa-Museu Alves Redol.

No âmbito das “Comemorações”, realizou-se a exposição *Gaibéus e o Seu Tempo* (Quadros 3.1 e 5.1) – cujo guião é da autoria de Joaquim Namorado –, com quatro versões itinerantes que estiveram em mais de 140 localidades por todo o país. Uma das versões foi entregue ao Ministério da Educação, que organizou a sua itinerância por uma escola de cada distrito do país, acompanhada de ações junto dos alunos que, na época,

¹⁷ “Sobretudo entre o 25 de Abril e 1980, a Cooperativa teve um papel bastante importante na difusão da literatura neorrealista e nos títulos, nas obras do próprio escritor” (entrevista a David Santos, 25 de março de 2008).

¹⁸ Intituladas *Alves Redol* e realizadas em 1970 e 1971, respetivamente (Quadros 3.1 e 5.1).

¹⁹ Informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010.

estudavam o livro *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos*, da autoria de Alves Redol. As restantes versões – das quais uma foi montada pela Secretaria de Estado da Cultura (SEC) – percorreram o país de norte a sul, uma semana em cada localidade. Em vários concelhos foram organizadas itinerâncias por todas as freguesias, sempre acompanhadas por sessões sobre o escritor, nas quais intervieram muitas dezenas de escritores, ensaístas e personalidades do meio cultural²⁰, sempre com a participação de várias centenas²¹ de ouvintes.

Além das exposições itinerantes, realizaram-se várias outras iniciativas no período de 1979 a 1981. De entre elas destaca-se a distribuição de

²⁰ Nas sessões que acompanharam a exposição participaram muitos escritores, críticos, cidadãos de relevo na vida nacional, atores, cantores e grupos de teatro. Referem-se, entre os **escritores**: Alberto Ferreira, Alexandre Babo, Alexandre Cabral, Álvaro Pina, António Modesto Navarro, Antunes da Silva, Arquimedes da Silva Santos, Baptista Bastos, Bona da Silva, Carlos Coutinho, Carlos Pinhão, Dinis Machado, Fernando Assis Pacheco, Fernando Lopes-Graça, Fernando Namora, Fernando Piteira Santos, Garcez da Silva, Helena Cidade Moura, Henrique de Barros, João de Freitas Branco, Joaquim Namorado, José Cardoso Pires, José Carlos Ary dos Santos, José Carlos de Vasconcelos, José Gomes Ferreira, José Jorge Letria, José Magalhães Godinho, José Manuel Mendes, José Manuel Tengarrinha, José Marmelo e Silva, José Saramago, Júlio Graça, Luís Francisco Rebello, Manuel Campos Lima, Manuel da Fonseca, Manuel Ferreira, Manuel Frias Martins, Maria Lúcia Lepecki, Mário Dionísio, Mário Ventura, Rogério Fernandes, Rui Mário Gonçalves, Urbano Tavares Rodrigues. No que respeita a **escritores de literatura infantil**, participaram: Alice Gomes, Alice Vieira, António Torrado, Carlos Pinhão, Garcia Barreto, Lília da Fonseca, Mário Castrim, Matilde Rosa Araújo. De entre os **políticos e outros** referem-se: António Dias Lourenço, Edmundo Pedro, Etelvina Lopes de Almeida, Francisco Ramos da Costa, General Costa Gomes, General Vasco Gonçalves, Igrejas Caeiro, Maria de Jesus Barroso, Octávio Pato, Vasco da Gama Fernandes. Referem-se, entre os **atores**: Canto e Castro, Cremilda Gil, Ema Paul, Fernanda Lapa, Gina Santos, José Viana, Madalena Pestana, Maria do Céu Guerra, Mário Viegas, Paula Guedes, Rogério Paulo e os grupos de teatro de Campolide, A Barraca e Esteiros. Armando Caldas, acompanhado por José Carlos Calazans à guitarra e Alexandre Branco em flauta, apresentou poesia neorrealista. Participaram ainda os seguintes **cantores**: Adriano Correia de Oliveira, Carlos do Carmo, Carlos Mendes, Edmundo Silva, Fernando Tordo, José Afonso, José Barata Moura, Paco Bandeira, Vitorino. E o músico Júlio Pereira. Atuou o Coro da Academia dos Amadores de Música, dirigido por Fernando Lopes-Graça e José Robert. Contou-se ainda com a participação do Grupo Folclórico Ribatejano e do Rancho Folclórico “Os Avieiros”, ambos de Vila Franca de Xira. (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010).

²¹ A título de exemplo, mencionemos a sessão realizada na Cova da Piedade (na qual José Barata Moura cantou), onde estiveram presentes mais de 1000 crianças do concelho de Almada (informação fornecida por AMR em nota escrita a 4 de junho de 2011).

cerca de 30.000 exemplares de cada um dos textos editados pela CLAR – o texto completo de *Uma Flor Chamada Maria* e um capítulo de *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos*. A Comissão “Legado” ofereceu cerca de 3000 exemplares desta obra ao Ministério da Educação, que os distribuiu pelas escolas de todo o país²². Coube ainda à CLAR a organização de concursos de fotografia, artes plásticas e ensaio, baseados na obra de Alves Redol, dos quais resultaram exposições na Sociedade Nacional de Belas Artes e a publicação de catálogos. Para além destas atividades, foi editada uma biobibliografia do escritor, com cerca de 50.000 exemplares distribuídos e preparou-se, com base em aproximadamente uma centena de depoimentos, o livro *In-Memoriám* de Alves Redol, posteriormente intitulado *Alves Redol – Testemunhos dos Seus Contemporâneos*. Como veremos adiante, no capítulo 3, as comemorações do 40.º aniversário de *Gaibéus* tiveram um papel importante no desencadear de outras exposições comemorativas.

Pode dizer-se que o período de 1979 a 1981 foi rico em ações que terão contribuído, de algum modo, para um maior envolvimento no projeto da criação de um museu alusivo ao escritor. Imbuídos do espírito das *Comemorações do 40.º Aniversário de Gaibéus*, os membros da CLAR anunciaram, na conferência de imprensa²³ de apresentação do programa, a intenção de prosseguirem com o projeto da Casa-Museu Alves Redol. Todavia, o filho do escritor propôs a criação de um “Museu do Neo-Realismo”, que não só transformava a ideia inicial em algo mais abrangente, como evitava o insucesso associado à falta de projeção que começava a fazer-se sentir nas casas-museu²⁴ em Portugal. Nessa altura, Arquimedes da Silva Santos propôs – numa reunião da CLAR (8 de abril de 1979) em que também esteve presente Joaquim Namorado –, a designação de “Museu Alves Redol e do Neo-Realismo”. Porém, essa ideia foi abandonada ficando somente Museu do Neo-Realismo, na medida em que se percebeu que este movimento cultural era um legado a preservar.

²² Também esteve presente em várias escolas do país, uma exposição sobre a obra infantil de Alves Redol (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010).

²³ As “Comemorações” iniciaram-se com uma conferência de imprensa realizada na Associação Portuguesa de Escritores, no dia 21 de junho de 1979. Nessa conferência, a CLAR divulgou não só as iniciativas a concretizar, como também a constituição de uma Comissão Nacional.

²⁴ “A verdade é que, em poucos anos, a ideia da Casa-Museu era considerada por algumas das pessoas que se empenharam na preservação do legado do escritor, como não sendo a melhor. Era um modelo um pouco desgastado e por vezes, depois de uma fase inicial, essas casas eram abandonadas” (entrevista a David Santos, no dia 25 de março de 2008).

Se não fossem movidos esforços nesse sentido, tal atitude podia levar à perda de uma parte do património cultural português.

Para a evolução da ideia terá contribuído o trabalho desenvolvido pela secção cultural da União Desportiva Vila-franquense (UDV) que durante várias décadas foi, possivelmente, a instituição cultural mais importante do concelho de Vila Franca de Xira. Formada em 1957, como resultado da fusão de três coletividades desportivas e de uma coletividade recreativa e cultural (o Ginásio Vila-franquense²⁵), a secção cultural da UDV onde foi incorporada a Biblioteca Alves Redol, desenvolveu intensa atividade cultural, desde a promoção da leitura, aos encontros com escritores, à realização de colóquios, exposições, feiras do livro e de sessões de cinema para adultos e crianças (com filmes cedidos pelas embaixadas), que chegaram a juntar centenas de pessoas. Particularmente relevantes para a compreensão do papel da Secção Cultural da UDV na criação de um ambiente favorável à divulgação do Neo-Realismo, são: a homenagem nacional ao escritor Alves Redol, em 1964, pelo 25.º aniversário da publicação de *Gaibéus*, com sessões apresentadas em vários locais; e o ciclo de Colóquios sobre Literatura Portuguesa Contemporânea, que provocou atos repressivos por parte das autoridades²⁶. Parece claro o impacto que tiveram as iniciativas culturais desenvolvidas pela secção cultural da UDV, na década de sessenta, em todo o concelho e outras localidades, continuando em intensa atividade até ao 25 de Abril, inclusive, com a formação de um cineclub.

1.1.2) Os primeiros contactos para a criação do acervo do Museu

Na sequência das reuniões conduzidas pela CLAR e por decisão consensual, Joaquim Namorado e António Mota Redol começaram a estabelecer os primeiros contactos com escritores neorrealistas, já o ano de 1981 decorria. Ambos tinham a intenção de mover os escritores a oferecerem os espólios que viriam a constituir o acervo do futuro Museu. Em entrevista ao segundo, este afirmou que “havia ali um núcleo duro do Neo-

²⁵ O Ginásio Vila-franquense resultou da Sociedade União Musical Vila-franquense, na qual os continuadores do Grupo Neorrealista de VFX desenvolveram trabalho cultural após o encerramento do Sport Lisboa e Vila Franca no final de 1940, início de 1941. Do Ginásio fazia parte a Biblioteca Alves Redol (assim designada em 1951, em homenagem ao escritor pelo Prémio Ricardo Malheiros atribuído pela Academia das Ciências) que acabou por incorporar a Secção Cultural da UDV (informação fornecida por AMR em nota escrita a 4 de junho de 2011).

²⁶ Informação fornecida por AMR em nota escrita a 4 de junho de 2011.



O NEO-REALISMO E AS SUAS MARGENS

descoberta e afirmação

exposição documental

Museu da Figueira da Foz - Janeiro/Fevereiro 1983

Figura 3 – Catálogo da exposição *O Neo-Realismo e as Suas Margens – I Descoberta e Afirmação*, realizada em 1983 e organizada por Joaquim Namorado na Biblioteca Municipal da Figueira da Foz, aquando de uma homenagem que lhe foi prestada (Arquivo do Centro de Documentação da Casa da Cerca, Almada).

-Realismo com neorealistas que de facto era necessário contactar”, partindo do princípio que “deviam doar parte dos seus pertences”²⁷.

Em 1983, a inauguração da exposição *O Neo-Realismo e as Suas Margens* (Quadros 3.1 e 5.1), realizada por Joaquim Namorado, foi apresentada como a primeira abordagem ao Museu (Figura 3). Consistiu na discussão de quais materiais deveriam constituir o acervo do Museu do Neo-Realismo. A maior parte desses materiais pertenciam ao próprio Joaquim Namorado, sendo sua intenção doá-los posteriormente ao Museu; os restantes materiais foram emprestados. Apesar da dificuldade que se impunha na delimitação do Movimento neorrealista, aquela exposição tentou, tanto quanto foi possível, abranger não só o Neo-Realismo, mas também os movimentos que este tinha tocado e influenciado (Quadro 8.1). Poucos anos depois, a morte de Joaquim Namorado²⁸ provocou algum embaraço em António Mota Redol, relativamente ao projeto que ambos iam conduzindo²⁹. Seguiu-se um período de suspensão das atividades até então desenvolvidas. Porém, em 1987, Rogério Ribeiro, ciente dos contactos já realizados e conhecendo as iniciativas desenvolvidas até à data, incentivou a continuidade do projeto que já vinha esmorecendo há alguns meses.

Entretanto, o funcionamento da CLAR dependia, sobretudo, da participação de colaboradores ocasionais. Deste modo, a falta de tempo de alguns dos seus elementos terá dificultado a continuação das ações até então iniciadas, levando à extinção da Comissão “Legado”, por volta de 1982³⁰, sem quaisquer consequências para a continuidade dos projetos delineados. Pese embora o escasso dinamismo da maioria dos seus membros, foram tomadas importantes resoluções, nomeadamente no que respeita à publicação das obras de Alves Redol e às restantes iniciativas, já referidas, realizadas logo após a morte do escritor e, posteriormente, de 1979 a 1981. Do mesmo modo, sublinhe-se uma vez mais, partiu da Comissão “Legado” o desejo de criar o Centro Popular e, mais tarde, o Museu do Neo-Realismo.

Em suma, parece não haver dúvidas quanto aos papéis que a CLAR e o CPAR desempenharam em paralelo e com objetivos distintos. O fun-

²⁷ Entrevista a AMR, no dia 11 de março de 2008.

²⁸ Joaquim Namorado morreu no dia 29 de dezembro de 1986.

²⁹ “Era eu e ele, e eu fiquei sozinho e um pouco desorientado com a morte dele” (entrevista a AMR, no dia 11 de março de 2008).

³⁰ Esta conclusão é baseada nas informações da ata de 5 de dezembro de 1981 e nas considerações apresentadas por António Mota Redol, em informação fornecida pelo mesmo a 27 de maio de 2008.

cionamento de ambas, impulsionou um vasto conjunto de atividades de divulgação das ideias em torno de Alves Redol e do Neo-Realismo. A primeira metade da década de oitenta representou o germinar de um projeto que, pese embora o estado embrionário, encerrou a força e persistência necessárias ao seu crescimento.

1.2) Ao encontro da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

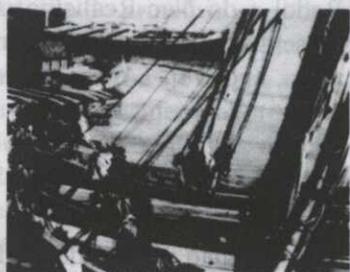
Esta fase começou em 1987, com o pedido de reunião ao Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (Daniel Branco³¹), feito por um grupo de pessoas que se apresentou como “Comissão Promotora do Museu do Neo-Realismo”. Foi Rogério Ribeiro quem propôs esta iniciativa a António Mota Redol, apesar da decisão de abordar em primeiro lugar aquela entidade remonte a uma conversa, anos antes, entre o último e Joaquim Namorado. A propósito desta conversa, António Mota Redol afirma ter ficado surpreso com o rápido consenso a que chegaram: “para grande espanto meu, o Joaquim Namorado – que não sendo natural de Coimbra, tinha uma devoção especial pela cidade que, sem dúvida, tinha sido muito importante para o Neo-Realismo – propôs que fosse em Vila Franca, por várias razões”³².

Entenderam ambos – que então encabeçavam o projeto e já haviam contactado vários escritores e artistas no sentido de conhecerem as suas disponibilidades para a criação do Museu – que Vila Franca de Xira reunia melhores condições. Além disso, de entre os presidentes de câmara possíveis de contactar, o daquela localidade mostrava-se mais sensível às questões culturais. Caso a autarquia concluísse não ter capacidade para apoiar o projeto, era intenção de ambos contactarem outra Câmara Municipal. Como alternativas, foram apontadas as cidades de Coimbra, Lisboa e Santiago do Cacém, consideradas os grandes e mais importantes núcleos do Movimento neorrealista. Na origem da decisão, esteve o pressuposto de Vila Franca de Xira ter sido a cidade onde, em meados dos anos 30, se constituiu o “Grupo Neo-Realista de Vila Franca” (Figura 4), com algumas particularidades relativamente aos restantes grupos regionais. A sua relação de proximidade com a população distinguiu-o do grupo de Coimbra, cujas iniciativas não tinham passado de uma “elite universitária”. Em Vila Franca de Xira, o “Grupo Neo-Realista” tinha penetrado significativamente na população, cumprindo o seu desígnio – “as próprias obras estavam impregnadas dessa ligação”³³. Por outro lado, o interesse

³¹ Eleito, em 1982, como representante da Aliança Povo Unido (APU).

³² Entrevista a AMR, no dia 11 de março de 2008.

³³ *Idem*.



GARCEZ DA SILVA

Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca

CAMINHO

Figura 4 – Livro *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca*, de Garcez da Silva, Editorial Caminho, 1990, financiado pela Câmara Municipal de VFX e pela APMNR.

que o Presidente da Câmara Municipal mostrava pelas atividades culturais em geral, serviu de ímpeto para a decisão de estabelecer com ele o primeiro contacto de apresentação da ideia do Museu (Figura 5).

No dia 10 de dezembro de 1987, o “Grupo Fundador”³⁴ do Museu – constituído por Rogério Ribeiro, António Mota Redol, Arquimedes da Silva Santos e Garcez da Silva – reuniu-se com Daniel Branco (Presidente da Câmara de Vila Franca de Xira) e José António da Luz Carmo e apresentou um projeto, na época ainda abstrato (Figura 6). Numa primeira abordagem, foi considerada a existência de duas secções distintas: literatura e artes plásticas. A primeira incluía livros, revistas, jornais de (e sobre), escritores neorealistas; apontamentos; cartas; fotografias e objetos pessoais. Já nessa altura o Museu aspirava ser “dinâmico”, “polivalente” e também um “centro de investigação”³⁵. Outro aspeto considerado na reunião foi o edifício, que devia ser um “espaço próprio”, com “custo elevado”³⁶. Relativamente à estrutura organizacional, esta devia incluir uma “Comissão Promotora”, uma “Comissão Nacional” (constituída pelos nomes mais importantes do Neo-Realismo) e um grupo de colaboradores – os “Amigos do Museu do Neo-Realismo”. Foi igualmente considerada a possibilidade de criação, numa primeira fase, de uma “Biblioteca do Neo-Realismo” que serviria de ponte para a implementação do Museu. Em virtude do tempo previsto para a concretização de um projeto que se pretendia nacional e envolveria a recolha de espólios (ainda em fase prematura), a Biblioteca seria o local de recolha de materiais escritos, considerados mais acessíveis, face aos materiais das restantes áreas do Neo-Realismo. Deste modo, poderia avançar-se com a organização dos espólios e a criação de registos, além de ser uma forma

³⁴ A decisão de pedir a reunião com o Presidente da Câmara Municipal foi tomada num encontro realizado em casa de Arquimedes da Silva Santos, na Póvoa de St.^ª

Iria. Também nessa altura Arquimedes sugeriu que se incluísse Garcez da Silva. Só mais tarde, no dia 2 de fevereiro de 1988, numa reunião entre este grupo – já alargado a Rodrigo de Freitas – e a Câmara Municipal (nas pessoas de Daniel Branco, José António da Luz Carmo, Clara Camacho), se decidiu que esta nomearia formalmente uma Comissão Instaladora, composta pelas referidas pessoas e por representantes da Câmara Municipal (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010)

³⁵ Ata manuscrita da reunião de 10 de dezembro de 1987 (Arquivo pessoal de AMR).

³⁶ Mais tarde, a então CIMNR chegou à conclusão que o projeto custaria “várias centenas de milhares de contos” – “queremos fazer o Museu do Neo-Realismo, mas note-se, isto é um museu nacional, não será um pequeno museu em que a Câmara disponibilize uma sala ou duas, mas terá de ser um espaço com uma área grande” (ata manuscrita da reunião de 10 de dezembro de 1987 – Arquivo pessoal de AMR). Na altura chegou a ser pensado “um valor de área mínima, do qual já não me recordo” (entrevista a AMR, no dia 11 de março de 2008).

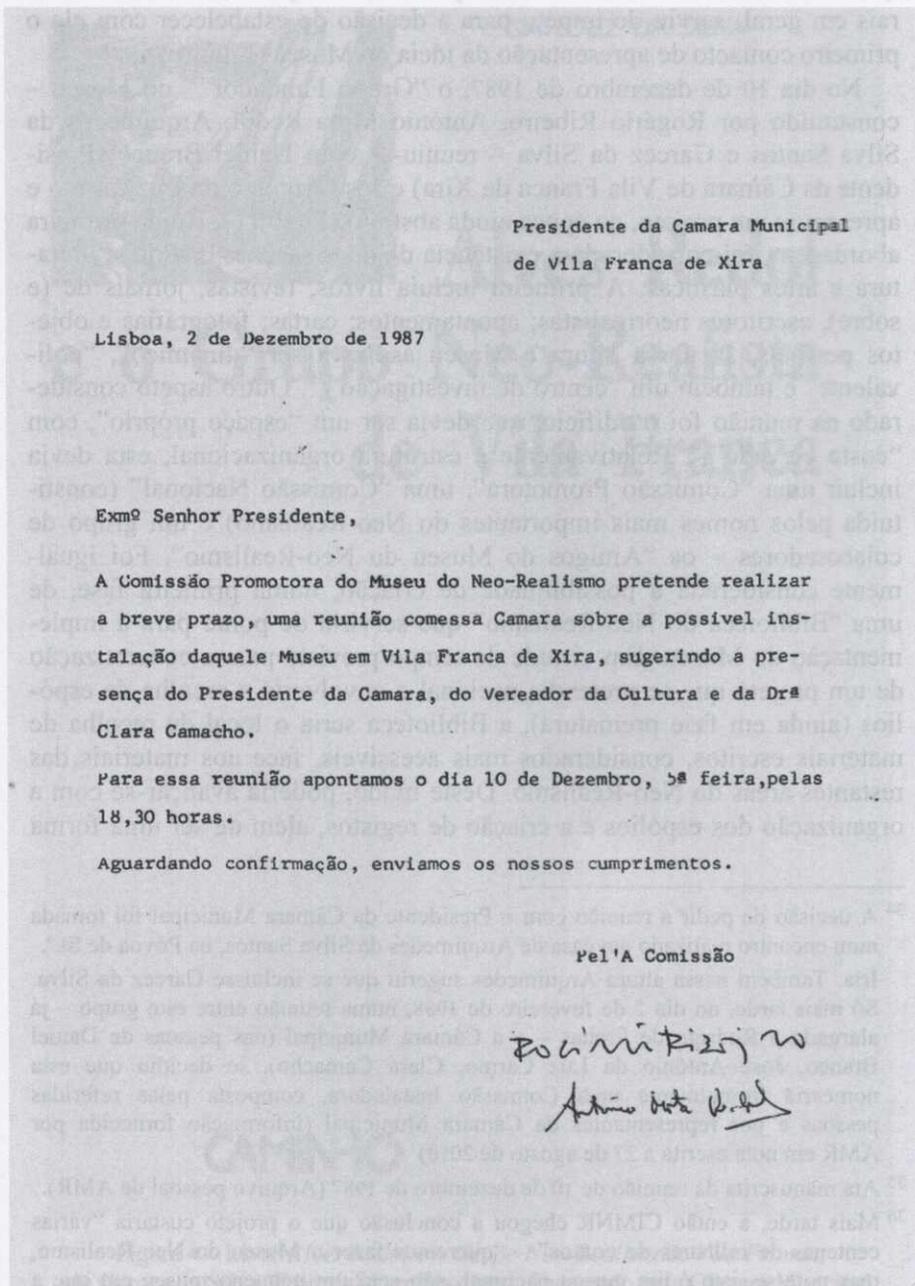


Figura 5 – Carta ao Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Daniel Branco, de 2 de dezembro de 1987, solicitando uma reunião, assinada por Rogério Ribeiro e António Mota Redol (Arquivo pessoal de AMR).

Reunião com a Câmara Municipal de V.F.X. em 10 de Dezembro de 1987

em 10 de Dezembro de 1987

Presença: Câmara Municipal - Daniel Branco, José A. Gomes,
Rogério Ribeiro, Arquivista de Lilia Leite, Garry de Lilia, António da Silva

A Comissão Promotora do Museu do Neo-Realismo, entidade de facto para efeitos legais, apresenta o seguinte relatório:

1) Torna-se importante saber

A Comissão Promotora do Museu do Neo-Realismo, designação que tomou o grupo de pessoas que reuniu com a Câmara Municipal de V.F.X. apresenta os seus dados, em relação ao Museu, no qual incluem: livros, revistas, jornais de e sobre o autor, neo-realistas, mas também originais, apontamentos, cartas, fotografias e objectos pessoais.

O Museu deverá ser dinâmico, polivalente, tanto de investigação.

2) Espaço

A importância do Neo-Realismo não se confunde com um espaço antigo. Tem de ser um espaço independente ao anterior que aí se está a expor, e a fazer, para que espaço seja possível a exposição, um também novo que crie da cidade por fazer o ^{contexto} ambiente que se pretende.

De espaço ter um certo modo aberto, o que seja o protagonista de vários estudos.

3) Estrutura organizativa

Após a reunião realizada aqui houve uma reunião local, entidade de facto, nomear um representante ligado ao Neo-Realismo.

Terá ainda lugar no grupo de pessoas interessadas, sobretudo em termos de trabalho, criando-se "Amigos do Museu do Neo-Realismo".

4) Realização do Museu

Dado que o Museu vai ser um espaço de investigação, entidade, com vários departamentos, é importante iniciar imediatamente a ^{trabalho} realização, e não só fazer o espaço físico.

Figura 6 – 1.ª página da ata manuscrita por AMR da 1.ª reunião do “Grupo Fundador” com o Presidente da Câmara Municipal de VFX, em 10 de dezembro de 1987 (Arquivo pessoal de AMR).

de transmitir aos futuros doadores confiança na instituição. A necessidade de criar uma lista com todos os escritores das várias áreas, em simultâneo com outra que incluísse todos os artistas plásticos, foi também um dos pontos considerados juntamente com a necessidade de estudar a relação do Movimento com a “atividade cultural de massas” que terá tido em Vila Franca de Xira a sua primeira expressão³⁷.

Em resposta à primeira abordagem, a Câmara Municipal não se mostrou impressionada com a grandeza do projeto, chegando mesmo a referir a existência, no concelho, de vários projetos de dimensão idêntica que estavam a progredir. Mencionou também a possibilidade de recorrer à Secretaria de Estado da Cultura e ao mecenato do concelho. Quanto ao espaço, o próprio Daniel Branco propôs um terreno junto à Escola Secundária Alves Redol. De acordo José António da Luz Carmo, o Museu do Neo-Realismo devia ser um dos núcleos do Museu Municipal, sugestão que o “Grupo Fundador” considerou desadequada, mercê da desvalorização que o projeto poderia sofrer. Em relação ao enquadramento jurídico³⁸, a Câmara Municipal mostrou interesse na criação de uma estrutura independente³⁹ que pudesse receber subsídios de entidades oficiais, visto estar condicionada pela Lei das Finanças Locais. A Secretaria de Estado da Cultura e o mecenato do concelho de Vila Franca de Xira foram apontados como possíveis apoios aos quais se podia recorrer. No que concerne à proposta de criação de uma biblioteca, a autarquia manifestou interesse imediato e alargado à forma de centro de documentação, para o qual se comprometeu a arranjar um espaço. O “Grupo Fundador” expôs ainda a necessidade de constituir um corpo de pessoas responsáveis pelo tratamento dos materiais doados.

Daniel Branco associou-se ao projeto, sugerindo que se realizasse, em maio, uma conferência de imprensa com vista à apresentação do projeto. Além disso, conseguiu desde logo que o setor de museologia da Câmara Municipal trabalhasse para aquele fim. Na mesma reunião foi ainda exposta a ideia de realizar uma exposição com as obras de artes plásticas

³⁷ Estas necessidades foram apresentadas no ponto designado por “Estudos e Investigações” (ata manuscrita da reunião de 10 de dezembro de 1987 – Arquivo pessoal de AMR).

³⁸ A Câmara Municipal ficou de apresentar a questão ao seu consultor jurídico. Mais tarde, na reunião realizada no dia 25 de fevereiro de 1988, foi manifestado interesse em formar um grupo de trabalho para análise destas questões, constituído por: Vítor Figueiredo, Rui Parreira e Clara Camacho, o que não teve seguimento (Arquivo pessoal de AMR).

³⁹ Na reunião com a Câmara Municipal, realizada no dia 2 de fevereiro de 1988, o “Grupo Fundador” considerou a necessidade de formar uma entidade independente – por exemplo, um Centro Cultural Alves Redol – cujo objetivo seria a fundação do Museu (Arquivo pessoal de AMR).

mais significativas do Movimento neorrealista⁴⁰, servindo a ocasião para inaugurar a Galeria Municipal.

Aquele dia de dezembro foi, porventura, o primeiro registo da longa caminhada que o Museu do Neo-Realismo traçou. Desde então, um conjunto de pessoas⁴¹ dedicou-se, consoante as disponibilidades assim permitiam, à realização de reuniões, de frequência variável, e tarefas concretas de natureza diversa, nomeadamente: o estabelecimento de contactos para obtenção de espólios e de primeiras edições; contactos com pessoas e instituições e a elaboração de documentos definidores da linha estratégica, etc. Em conjunto, estas tarefas – para as quais os serviços da Câmara Municipal não se mostravam vocacionados – foram conferindo sustento ao projeto que se pretendia nacional.

1.2.1) A Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo

Na história do MNR destacam-se os papéis desempenhados pela Comissão Instaladora e pela Associação Promotora, a par com a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Recuemos à primeira reunião com o presidente daquela autarquia. Daniel Branco prontamente disponibilizou o Departamento de Ação Sociocultural (DASC), na época dirigido por Clara Camacho, para colaboração no projeto. Neste sentido, foi proposta a constituição de duas entidades distintas⁴². Por um lado, uma comissão que se encarregasse da instalação do Museu, por outro, uma associação que promovesse junto da população local, um conjunto de iniciativas culturais. Embora a ideia de criar duas entidades tenha surgido em simultâneo, na prática, a consolidação de ambas não seguiu o mesmo caminho.

No dia 18 de maio de 1988 (Dia Internacional dos Museus), na Quinta Municipal de Suberra, tiveram lugar uma “sessão de apresentação e lançamento do futuro Museu do Neo-Realismo” e a tomada de posse da

⁴⁰ Na reunião com a Câmara Municipal, no dia 2 de fevereiro de 1988, foi decidido que a exposição de artes plásticas se realizaria na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, para acentuar o carácter nacional do Museu. Posteriormente, na reunião de dia 20 de abril de 1988, considerou-se a possibilidade de realizar uma exposição de Manuel Filipe, em simultâneo com esta exposição de artes plásticas (Arquivo pessoal de AMR).

⁴¹ Ao grupo que se reuniu inicialmente com o Presidente da Câmara Municipal, juntaram-se Rodrigo de Freitas e Júlio Graça. Este participaria, pela primeira vez, por proposta de Daniel Branco, na reunião de 6 de abril de 1988 (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010).

⁴² Daniel Branco também disponibilizou uma verba para ambas as entidades; verba essa que a partir de 2006, deixou de estar disponível (entrevista a AMR, no dia 11 de março de 2008).



MUSEU DO NEO-REALISMO

1. JUSTIFICAÇÃO

O nascimento de um Museu, de acordo com o seu conceito mais generalizado, justifica-se pela necessidade de recolher, conservar, estudar, apresentar e divulgar um determinado tipo de património.

O movimento neo-realista, no seu sentido mais amplo, mesmo que balizado temporalmente, estendeu a sua influência a várias áreas da vida cultural com extensões de ordem social e política, contribuindo, influenciando e enriquecendo durante largos e críticos anos o património e a vida colectiva no nosso País.

Pela sua profunda inserção nas diversas componentes culturais, pelo grande número de intelectuais e outras camadas da população que envolveu, pelos testemunhos muito marcados que deixou o movimento neo-realista, justifica um tratamento aprofundado, quer como memória, quer como proposta de uma leitura da realidade que um Museu deverá cumprir.

A necessidade e a urgência de recolher, conservar, estudar, expor e divulgar o movimento neo-realista constitui, assim, a justificação deste Museu.

Deste modo, como instituição museológica, deverá cumprir obrigações de ordem científica, pedagógica e financeira, o que implica estudar os seus materiais e divulgá-los, animar as colecções através de exposições permanentes e/ou temporárias, usar meios de comunicação adequados à sua divulgação para tal obtendo meios económicos que suportem o seu funcionamento.

O Museu do Neo-Realismo será necessariamente a resultante do tratamento, ordenação e relacionamento dos diversos materiais do seu património que sucessivamente o aproximam duma «explicação» mais clara e precisa da perspectiva parcelar e global que caracteriza o movimento.

O Museu será, também, e sobretudo, um dinamizador cultural, tendo em vista o desenvolvimento das populações e afirmando o seu papel social de intervenção.

Justificado o Museu, cumpre-nos responder à pergunta: porquê o Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira?

Poderia ter surgido esta iniciativa num dos outros locais que constituíram os focos do movimento — Coimbra, Lisboa, Porto, Santiago do Cacém e outros. Foi, porém, em Vila Franca de Xira, importante foco de génese do Neo-Realismo, que mais se aglutinou a produção literária e artística com a intervenção activa e empenhada na vida cultural e social local. Hoje, ao dinamizar a formação do Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira, a Câmara Municipal apoia a preservação de um património nacional — que se projecta também a nível internacional — e assume, assim, de uma forma pioneira a constituição deste Museu.

2. COMPOSIÇÃO

Constituindo um material de trabalho, o guião-prévio procura definir as diversas áreas consideradas indispensáveis para o funcionamento do Museu de acordo com as funções e objectivos que lhe deram origem. Assim e seguindo a numeração do organograma anexo:

5. — Área de Exposições

Núcleo central do Museu, onde com características de exposições permanentes e temporárias, serão ordenados e expostos os materiais que constituem os seguintes acervos:

5.1. — Literatura

Basicamente constituído por documentação referente ao movimento, aos autores, primeiras edições, manuscritos, correspondência, estudos, críticas, biografias, relacionamentos e conexões com outras actividades nacionais e internacionais.

Poderá ser objecto, de acordo com as recolhas, da manutenção de materiais de ordem pessoal cuja relevância em relação aos autores se entenda de interesse.

A ordenação museológica, quer do ponto de vista de exposição, quer sequencial, será objecto de estudos a efectuar.

Será válida à partida uma exposição sujeita a sequência cronológica ou a uma sequência de autores, ou a soluções mistas que se verifiquem que melhor informem o visitante e melhor se expliquem.

COMISSÃO INSTALADORA

Av. dos Combatentes, 80 — Telef. (063) 22824 — 2600 VILA FRANCA DE XIRA

Figura 7 — 1.ª página de *Museu do Neo-Realismo* [Documento de Apresentação], 18 de maio de 1988, de autoria de Rogério Ribeiro, emitido pela futura Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo (CIMNR).

Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo (CIMNR) (Figura 7). Na sessão estiveram presentes algumas figuras ligadas ao Neo-Realismo, familiares de outras figuras já falecidas e pessoas de Vila Franca de Xira. Constituída por três elementos⁴³ da Câmara Municipal e seis elementos⁴⁴ externos a ela, cabia à Comissão Instaladora “desenvolver a possibilidade de ser criado a curto prazo um centro de documentação no Arquivo Municipal”; “lançar um concurso de concepção e projeto das futuras instalações”; e “preparar o processo de forma a ser pedida a participação do Governo no empreendimento”⁴⁵. No que concerne às despesas, a disponibilização de uma verba por parte da autarquia implicava a constituição de uma associação apta a receber subsídios. Os gastos efetuados até à sua concretização seriam reembolsados através de notas de despesa sujeitas, porém, a burocracia demorada.

Para além da tomada de posse da CIMNR, foi apresentada formalmente a ideia da criação do Museu do Neo-Realismo. No “Documento de Apresentação” (Figura 8) elaborado por Rogério Ribeiro – que mais tarde acabou por servir de base ao programa museológico do MNR – pode ler-se que o projeto da criação deste Museu surgiu da necessidade de desenvolver o tratamento histórico e um aprofundamento dos estudos sobre o Movimento neorrealista, que “tão profunda influência exerceu na sociedade portuguesa”. Numa perspetiva geral, o Museu seria composto por uma “área de exposições”⁴⁶, pelo “centro de documentação”⁴⁷, pelos “serviços”⁴⁸, e pelos “anexos-reservas”⁴⁹. Apesar de ligado à Câmara Municipal, pela estrutura da Comissão Instaladora, o Museu tinha uma “autonomia própria” que lhe permitia receber os apoios financeiros necessários. Prevvia-se que a CIMNR contasse com o apoio de uma “Comissão

⁴³ O Presidente da Câmara Municipal: Daniel Branco; o Vereador da Cultura: José António Carmo; e a Diretora do DASC: Clara Camacho.

⁴⁴ Rogério Ribeiro, António Mota Redol, Arquimedes da Silva Santos, António Garcez da Silva, Rodrigo de Freitas e Júlio Graça.

⁴⁵ Referido pela primeira vez na reunião da Câmara Municipal de VFX, 11 de maio de 1988 (Arquivo Municipal VFX).

⁴⁶ Esta área inclui: “Literatura”; “Artes Plásticas”; “Fotografia (documentação)”; “Cinema”; “Música”; “Teatro”; “Arquitetura”; “História” e “Filosofia”.

⁴⁷ Inclui: “Microcomputação”; “Biblioteca Pública”; “Investigação e Pesquisa”; e “Biblioteca Restrita”.

⁴⁸ Inclui: “Receção-Atendimento-Secretaria”; “Administração-Direção-Consultadoria”; “Serviço de Extensão Cultural”; “Auditório/ Sala de Conferencias e espaços de convívio”; “Acolhimento: Investigadores, escritores, artistas plásticos”.

⁴⁹ Esta área inclui: “Reservas”; “Arquivo-Documentos”; “Conservação, Laboratório e Restauro”; “Oficinas” e “Transportes”.



A CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA tem o prazer de lhe endereçar este convite para que participe conosco no próximo dia 18 de Maio — DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS — na Sessão de apresentação e lançamento do futuro MUSEU DO NEO-REALISMO.

Na referida Sessão, a realizar na Quinta Municipal de Subserra, pelas 15,30 h, será empossado o Grupo Promotor do Museu e apresentadas as iniciativas que se projectam realizar para a sua concretização.

A consciência da importância do Movimento Neo-Realista e a urgência da recolha, preservação e divulgação do seu espólio constituem, no essencial, as motivações que levaram um grupo de intelectuais a esboçar a ideia do Museu do Neo-Realismo.

O papel fundamental que Vila Franca de Xira desempenhou no seio deste Movimento justifica naturalmente o interesse, empenho e apoio da Câmara Municipal a este projecto e ao arranque imediato do Centro de Documentação.

Ficamos aguardando o privilégio de contarmos com o prazer da sua companhia no dia 18 de Maio corrente, agradecendo o favor da sua confirmação para o telefone (063) 22031 extensão 265 até ao próximo dia 16 de Maio.

Vila Franca de Xira, 10 de Maio de 1988
O Presidente da Câmara Municipal

Daniel A. Branco

Figura 8 – Carta do Presidente da Câmara Municipal de VFX, Daniel Branco, de 10 de Maio de 1988, convidando para a “sessão de apresentação e lançamento do Museu do Neo-Realismo” no dia 18 de maio, na Quinta Municipal de Subserra.

Nesta carta, refere-se o “Grupo Promotor do Museu”, designação que no dia da sessão foi substituída por Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo.

1.ª R. d. Comissão Instalada do Museu do Neo-Realismo

(14/6/88)

Participantes: António Gomes, Ana Carvalhos, João Guay, Rodrigo de Freitas, Gercy de Sá, António Adal, Daniel Barros estes assuntos por se amentar em reunião de Câmara Municipal

Assuntos de Trabalho:

- 1) Informações
- 2) Funcionamento da Comissão
- 3) Tarefas imediatas

1) Informações

- a) Notícias da Comunicação Social de apresentação do projeto do Museu do Neo-Realismo foram vertidas perante os vários jornais, publicando-se verificando-se que quase todos os jornais diários, com uns ou outros selos, publicaram a notícia, também alguns jornais semanais e figuras.
- b) Ana Carvalhos entregou relatório de Eng. Gasparina sobre condições das instalações após pareceres à Assembleia Municipal e detendo-se no Centro de Documentação.
- c) Está pronto o levantamento do elemento do C.T. perante a Câmara Municipal com a Associação Portuguesa de Arquitetos no dia 7 de Junho.
- d) António Gomes informou que em Junho de 88 está disponível um trabalho, estando perante os vários reuniões; alguns trabalhos no Neo-Realismo antigos e incipientes.
- e) João Guay foi contactado pelo Rádio Tótem e outra rádio local para saber sobre o projeto e se ainda vai se investigar.
- f) Rodrigo de Freitas informou sobre um texto realizado de Dr. João Santos, muito interessante no projeto, que necessita uma conversa com Ana Gomes, a Guilha, que está muito ligada ao Neo-Realismo e que possui muito material. Informou ainda que um pequeno grupo de intelectuais se encontra em muito semelhante para o Museu e que pode de boa colaboração.

Figura 9 – 1.ª página da ata manuscrita por AMR da 1.ª reunião da CIMNR, realizada em 14 de junho de 1988 (Arquivo pessoal de AMR).

de Honra”⁵⁰ e de um “Conselho Consultivo”⁵¹ de carácter permanente, entidades que nunca foram criadas. Já nessa altura, considerava-se a ideia de criar um “grupo de promoção do museu”, responsável pelo desenvolvimento de ações que aglutinassem, dinamizassem e promovessem iniciativas com o objetivo de concretizar, apoiar e valorizar a atividade do futuro Museu.

Logo após a apresentação pública, a Comissão Instaladora teve a sua primeira reunião (Figura 9) em que foi decidido elaborar o “Documento de Apresentação”, acima referido, que definiria uma estratégia de implementação do Museu. Este documento seria enviado aos cultores do Movimento neorrealista, ou seus herdeiros, bem como a diversas pessoas e entidades do meio cultural. Para os seus membros, a existência de um documento de apresentação do Museu servia de base ao trabalho que se pretendia desenvolver. A par com aquele documento, procuraram definir uma marca para o MNR, através da criação de um logótipo⁵², que passou a constar em todos os materiais gráficos da Comissão Instaladora. Todavia, ainda antes de formalizada a sua constituição, a realização de contactos para obtenção de espólios representava o objetivo central da CIMNR. De resto, uma das atividades desenvolvidas continuamente em todas as fases da sua existência.

Em 1987, quando o “Grupo Fundador” (que viria a integrar a Comissão Instaladora) fez a primeira abordagem à Câmara Municipal de VFX, levou consigo uma série de contactos e promessas. Nessa altura havia já cerca de oito a dez escritores, ou familiares, dispostos a oferecerem os seus espólios ao Museu. Houve dois ou três casos em que os familiares, após o falecimento dos escritores, discordaram da doação preferindo outros destinos para os seus espólios⁵³. De um modo geral, havia um clima de colaboração e de aceitação, um ambiente favorável a apoiar o Museu. Segundo António Mota Redol, a certa altura já havia cerca de cinquenta ou sessenta contactos estabelecidos com os escritores e as famílias, no sentido de fazerem a doação de espólios. No capítulo seguinte, serão abordados em maior detalhe os aspetos relativos à formação do acervo do MNR, nomeadamente os fatores que conduziram à abrangência faseada das diferentes áreas do Movimento neorrealista. Acres-

⁵⁰ “Assentou-se como critério para a ‘Comissão de Honra’ considerar apenas os neorrealistas da fase inicial” (ata manuscrita da reunião do “Grupo Fundador” com a Câmara Municipal de VFX, 14 de abril de 1988 – Arquivo pessoal de AMR).

⁵¹ “O Conselho Consultivo será constituído por intelectuais estudiosos do Neo-Realismo” (ata manuscrita da reunião do “Grupo Fundador” com a Câmara Municipal de VFX, 25 de fevereiro 1988 – Arquivo pessoal de AMR).

⁵² Da autoria de Rogério Ribeiro.

⁵³ Entrevista a AMR, no dia 11 de março de 2008.

cente-se que uma das atividades à qual a CIMNR dedicou especial atenção, embora numa fase posterior, foi a inventariação das artes plásticas.

Igualmente importante e bastante presente na atividade da Comissão Instaladora foi a realização de exposições⁵⁴, preenchendo a necessidade de o Museu apresentar ao público o seu percurso, como prova de que o projeto estava assente no desenvolvimento de atividades concretas. Ao mostrar-se “vivo”, o Museu detinha condições de angariar espólios para o seu acervo.

Para além destes dois grandes núcleos de atividade – contactos e exposições – a CIMNR batalhou por um espaço próprio, sem o qual o Museu não faria sentido. Como adiante poderá constatar-se, o carácter provisório das sucessivas instalações e o melhoramento das mesmas, escondia uma vontade ativa – a procura incessante de um espaço definitivo, com as condições a que um projeto desta envergadura obrigava.

Não menos importante foi a preocupação com a investigação, nomeadamente com o estudo do próprio Movimento neorrealista, de resto, fundamental para o bom desenvolvimento das restantes atividades. Sem um claro conhecimento do Neo-Realismo, dificilmente se podia desenvolver o trabalho de recolha de espólios e de apresentação pública dos mesmos. Para um melhor desempenho neste domínio, numa primeira fase, foram atribuídas áreas de pesquisa a alguns elementos da CIMNR. A literatura ficou ao cuidado de Arquimedes da Silva Santos, Garcez da Silva e Júlio Graça; coube a Rogério Ribeiro e a Rodrigo de Freitas⁵⁵ a investigação do Neo-Realismo nas artes plásticas; a área composta por Educação – Historiografia – Ensaio – Crítica, foi atribuída a Correia da Fonseca⁵⁶ e António Mota Redol; por último, o domínio da música⁵⁷ ficou ao cuidado de Arquimedes da Silva Santos⁵⁸. Esta divisão de responsabilidades, acabou por não funcionar.

Por outro lado, a Comissão Instaladora deu um forte apoio à publicação de livros, servindo de mediadora entre os autores e algumas editoras⁵⁹. Financiou as edições, total ou parcialmente tendo conseguido, neste

⁵⁴ Ver capítulo 3.

⁵⁵ Este membro da Comissão Instaladora, acabou por abandonar o projeto, por motivos de conflito com os restantes membros.

⁵⁶ Correia da Fonseca foi convidado a participar nas reuniões e nos trabalhos da CIMNR, sem nunca ter integrado formalmente a Comissão (informação fornecida por AMR em nota escrita a de 27 de agosto de 2010).

⁵⁷ A música foi uma das áreas menos claras pelo que, mais tarde, tornou-se necessário recorrer a especialistas (ata da reunião da CIMNR, 16 de abril de 1994 – Arquivo pessoal de AMR).

⁵⁸ Note-se que as áreas do teatro e do cinema foram apontadas para tratamento futuro (ata da reunião da CIMNR, 27 de julho de 1989 – Arquivo pessoal de AMR).

⁵⁹ “Os autores apresentavam o projeto, a nosso pedido, e nós concedíamos apoio às

último caso, apoios complementares junto de várias entidades. Além disso, a CIMNR defendeu que fosse dada prioridade não só aos autores cujos espólios foram entregues, como também aos estudos sobre o Neo-Realismo, não descurando a atenção às possíveis oportunidades não abrangidas pelos critérios⁶⁰. Além disso, decidiu adquirir as edições recentemente publicadas de autores neorrealistas⁶¹.

Nesta fase, as preocupações da CIMNR passaram também pela obtenção de material de escritório, de equipamento de conservação e de pessoal técnico responsável pelo tratamento de todos os documentos que iam incorporando ao acervo – primeiro do Centro de Documentação, posteriormente do Museu. Todas estas atividades, desenvolveram-se em paralelo com outras consideradas principais, sustentando-as. Importa referir que a Comissão Instaladora assumiu uma atitude prudente ao apresentar o Centro de Documentação como a primeira concretização do Museu, em virtude de ser a solução que, na época, melhor se adequava ao contexto. Naturalmente, seria precipitado criar um museu quando havia ainda muito por fazer. Além disso, nesta fase do projeto, o Centro de Documentação foi essencial para a receção dos espólios.

Por todos os aspetos enumerados, torna-se evidente o esforço protagonizado pela Comissão Instaladora, ao desenvolver atividades nas várias frentes do processo de criação do Museu.

1.2.2) A Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo

Exatamente um ano após a constituição da Comissão Instaladora, é criada a Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo (APMNR)⁶². No dia 18 de maio de 1989, realiza-se a escritura (Figuras 10 a 12) e aproveitando a ocasião comemora-se o primeiro ano de existência da Comissão Instaladora. Composta por dezasseis outorgantes⁶³, o objetivo

edições através das editoras”. “Apoiamos (com pagamento da edição), até agora 14 publicações” (entrevista a AMR, 11 de março de 2008). No final de 2016, o número já tinha aumentado para 35 publicações.

⁶⁰ Ata da reunião da CIMNR, 10 de fevereiro de 1994 (Arquivo pessoal de AMR).

⁶¹ “António Mota Redol ficou incumbido de fazer uma seleção dos livros a adquirir, através dos catálogos das editoras” (ata da reunião da CIMNR, 17 de outubro de 1989 – Arquivo pessoal de AMR).

⁶² Inicialmente designado por “Grupo de Promoção do Museu do Neo-Realismo” (ata da reunião da CIMNR, 5 de maio de 1988 – Arquivo pessoal de AMR).

⁶³ José António da Luz Carmo, Maria Clara Camacho, Garcez da Silva, António Avelãs Nunes, António Mota Redol, Daniel Branco, Jaime do Couto Ferreira, Rodrigo de Freitas, Ivo Cortesão, Rogério Ribeiro, Armando Bacelar, Arquimedes

principal da Associação Promotora era “promover, apoiar e dinamizar todas as ações conducentes à implementação e implantação do Museu do Neo-Realismo na cidade de Vila Franca de Xira”. Para o efeito, diz o artigo 3.º dos “Estatutos”⁶⁴ que para o alcance dos objetivos propostos “poderá” a Associação Promotora:

- “Estimular, desenvolver e sensibilizar o maior número de individualidades, personalidades, instituições privadas e oficiais, população e camadas jovens”, para a importância do Movimento do Neo-Realismo e o projeto do Museu do mesmo, como espaço vivo, dinâmico, didático e pedagógico”;



Figura 10 – Ato de outorga da escritura pública de constituição da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo (APMNR).

Alguns dos outorgantes, da esquerda para a direita: Garcez da Silva, Arquimedes da Silva Santos, Ivo Cortesão, Alberto Januário, Jaime do Couto Ferreira, António Avelãs Nunes, Júlio Graça (Arquivo do MNR).

da Silva Santos, Júlio Graça, Alberto Januário, Alberto Vilaça e Rui Clímaco (documento da escritura da APMNR, 18 de maio de 1989 – Arquivo pessoal de AMR).

⁶⁴ O documento *Estatutos* da APMNR – da autoria de António Mota Redol, Luís de Carvalho e Oliveira (advogado), Rodrigo de Freitas e Alberto Vilaça (advogado) – foi aprovado na reunião do dia 26 de janeiro de 1989 (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010).

Lisboa: 2-F
179



ASSOCIAÇÃO

AOS DEZOITO DE MAIO de mil novecentos e oitenta e nove, no Segundo Cartório Notarial de Vila Franca de Xira, perante mim, Carlos Henrique Ribeiro Melon, Notário, compareceram como outorgantes:

JOSÉ ANTÓNIO DA LUZ CAEMO, casado, natural da freguesia de Socorro, concelho de Lisboa residente na Urbanização Felizarda, Quinta das Drogas, Lote 8, 3ª Dta na vila e freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira;

MARIA CLARA DE FRAYÃO CAMACHO, casada, natural da freguesia de Horta (Matriz) concelho de Horta, residente na Quinta de São Sebastião, Lote 23, 2ª Dta, na vila e freguesia de Castanheira do Ribatejo, desta concelho;

ANTÓNIO TEODORO GARCEZ DA SILVA, casado, natural da freguesia e concelho de Alenquer, residente na Rua Ilha do Príncipe, nº 15, 3ª Dta, em Lisboa;

ANTÓNIO JOSÉ AVELAS NUNES, casado, natural da freguesia e concelho de Pinhel, residente na Rua General Humberto Delgado nº 82, 8ª Esq. em Coimbra;

ANTÓNIO MOTA REDOL, casado, natural da freguesia de São Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, cidade onde reside na Avª João XXI, nº 56, r/c.

DANIEL DOS REIS BRANCO, casado, natural da freguesia de Alcácer do Sal (Santiago) concelho de Alcácer do Sal, re-

Mód. 201 - A - Cartório de Lisboa

Figura 11 – 1.ª página da escritura pública de constituição da APMNR, realizada em 18 de Maio de 1988 (Arquivo da APMNR).

JF

Parágrafo único : - Na mesma reunião da Assembleia Geral será determinado o destino dos bens da Associação. Na falta de deliberação, os bens reverterão para o património da Biblioteca e do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, nunca podendo ser alienados sem prévio conhecimento e autorização por escrito, dos seus doadores ou legítimos representantes.

lidos: Projecto de
Paparado: "prosecução" "a", "a deliberação deve ser tomada com o voto favorável de três quartos do número de votos os associados".

x Unstauring
Hario clau de foyto Cangello
~~António de Paula~~
António de Paula
Samuel duarte Bormas
Jaime Alberto de Castro
Rosa Maria de Fátima
Dr. de Castro
Eugénio de Almeida
Alicia de Almeida
António de Almeida
Julio de Almeida
~~António de Almeida~~
João de Almeida
Helder Ferreira Resque
Otonário de Almeida

Figura 12 – Assinaturas dos outorgantes da mesma escritura (Arquivo da APMNR).

- “Recolher, pesquisar, investigar, catalogar e preservar todo o acervo do futuro Museu”;
- “Valorizar o património cultural e artístico que for posto à sua disposição”;
- “Afirmar o Movimento no seu enquadramento histórico, político e cultural, reforçando a sua importância na vida cultural do País”;
- “Realizar iniciativas de divulgação, exposições, palestras, conferências, debates, espetáculos”;
- “Organizar uma biblioteca pública e outra restrita e uma sala de Exposições de Artes Plásticas com carácter de permanência”;
- “Publicar um Boletim informativo e editar livros, brochuras, separatas e outras publicações”;
- “Colaborar com autarquias, individualidades e organismos oficiais, que visem a prossecução dos objetivos exarados nestes Estatutos, podendo ainda estabelecer os protocolos que se reconheçam necessários para os fins previstos nos mesmos”;
- “Colaborar com outras associações congêneres ou Centros Culturais e Documentais, tanto nos campos da investigação cultural e formação técnica, como nos de publicações e intercâmbio”⁶⁵.

Apesar dos estatutos da APMNR assentarem em objetivos bem definidos, onde se destacam claramente as vertentes cultural e educativa, na realidade aqueles acabaram, nos primeiros anos, por preencher apenas a necessidade da existência de uma entidade que pudesse receber apoio financeiro. Deste modo, a atividade da Associação Promotora (“sem fins lucrativos”) resumia-se à gestão das suas receitas que compreendiam não só o valor total das quotas pagas pelos associados (o que nunca se verificou), como o financiamento por parte da Câmara Municipal e de eventuais instituições interessadas em conceder subsídios.

Inicialmente, os elementos da Comissão Instaladora não quiseram comprometer-se com as tarefas de ordem burocrática inerentes a uma associação. Embora compreendesse a necessidade do envolvimento da população no projeto, a CIMNR considerava-se capaz de desenvolvê-lo independentemente da Associação Promotora. Por este motivo, a APMNR praticamente não funcionou nos cinco anos que se seguiram à sua constituição. De acordo com António Mota Redol, o esforço principal foi dirigido pela Comissão Instaladora. Talvez por isso, a APMNR só tenha começado a receber subsídios da Câmara Municipal a partir de 1992⁶⁶. No

⁶⁵ Estatutos da APMNR, 26 de janeiro de 1989 (Arquivo pessoal de AMR).

⁶⁶ Ver tabela 1.1, em anexo.

entanto, as contas de gerência da autarquia apontam para a atribuição de verbas ao MNR, quer no ano da sua constituição, quer no seguinte. A Associação Promotora surgiu, sobretudo, como a recetora dos subsídios para as atividades realizadas pela Comissão Instaladora e pelo Centro de Documentação. Quanto à Câmara Municipal de VFX, coube-lhe dar o apoio institucional e financeiro necessário ao desenvolvimento do projeto através da atribuição dos referidos subsídios.

1.2.3) O Centro de Documentação

Apresentados os motores da génesse do MNR, segue-se a descrição dos passos que culminaram na criação do “proto museu”, o mesmo é dizer do Centro de Documentação.

Em fevereiro de 1988⁶⁷, logo a seguir ao primeiro contacto com a Câmara Municipal de VFX, numa reunião desta com o “Grupo Fundador”, a primeira cedeu provisoriamente as instalações do sótão do edifício da Assembleia Municipal, onde a CIMNR passou a realizar as reuniões⁶⁸ (Figura 13). Também ali se “amontoaram os primeiros materiais que teceram os primeiros sonhos”⁶⁹. A perseverança, que desde cedo caracterizou o percurso do Museu do Neo-Realismo, reflete-se no desacordo mostrado pelo “Grupo Fundador” relativamente à ocupação daquele espaço para recolha de material e realização de reuniões. Em causa estava a imagem do futuro Museu, que aquele grupo pretendia passar aos interessados em doar espólios. A “pobreza das instalações de arranque, por comparação à grandeza do projeto”⁷⁰, nomeadamente as limitações associadas à má climatização do sótão, poderiam ser uma barreira às doações. Além disso, a precariedade do espaço poderia refletir a falta de empenho da Câmara Municipal de VFX. Poucos meses depois⁷¹, já o espaço se tornava insuficiente para a quantidade de material reunido e para o trabalho de inventariação e organização que se pretendia realizar. Porém, ficou estabelecido que a sede provisória do Museu do Neo-

⁶⁷ Ata manuscrita da reunião do “Grupo Fundador” com a Câmara Municipal de VFX, no dia 25 de fevereiro de 1988 (Arquivo pessoal de AMR).

⁶⁸ Até à data, muitas das reuniões tinham decorrido na casa de Arquimedes da Silva Santos, na Póvoa de Santa Iria (entrevista a Arquimedes da Silva Santos, no dia 10 de março de 2008).

⁶⁹ *Diário de Notícias*, 25 de janeiro de 1994 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

⁷⁰ Entrevista a AMR, no dia 11 de março de 2008.

⁷¹ Ata manuscrita da reunião do “Grupo Fundador” com a Câmara Municipal de VFX, no dia 20 abril de 1988 (Arquivo pessoal de AMR).



1ª reunião - 11/10/88
 2ª " - 14/10/88
 3ª " - 16/10/88
 4ª " - 12/10/88
 5ª " - 10/11/88

REUNIÃO DA COMISSÃO INSTALADORA DO MUSEU

DO NEO REALISMO

(13/10/1988)

Presentes: José António da Luz Carmo, Clara Camacho, Júlio Graça, Rodrigo de Freitas, Garcez da Silva, António Redol e Maria João. Daniel Branco esteve ausente por se encontrar em serviço da Câmara Municipal.

Ordem de Trabalhos:

- 1 - Informação - Expediente
- 2 - Ponto da Situação
- 3 - Carta Circular
- 4 - Exposição SNBA
- 5 - Grupo de Promoção - Estatutos

1 - INFORMAÇÃO - EXPEDIENTE

- a) Rodrigo de Freitas comentou que não foi referido na acta a entrega das obras do Prémio Joaquim Namorado, por Garcez da Silva. Também sugeriu que a acta fosse enviada uma semana após a reunião.
- b) António Redol fez entrega ao Centro de Documentação de algumas obras oferecidas por Antunes da Silva. Entregou também um conjunto de 1^{as} edições de obras neo-realistas, oferta sua. Sugeriu ainda que se enviasse uma carta a agradecer a oferta das obras.

2 - PONTO DA SITUAÇÃO

- a) Rodrigo de Freitas sugeriu que as actas fossem numeradas para referência às mesmas.
- b) Ficou decidido que a cor para imprimir o timbre no papel seria o

COMISSÃO INSTALADORA

Av. dos Combatentes, 80 - Telef. (063) 22824 - 2600 VILA FRANCA DE XIRA

Figura 13 - Ata da 4.ª reunião da CIMNR, de 13 de outubro de 1988, que, por ser a primeira datilografada, mostra uma evolução da organização (Arquivo da APMNR).

-Realismo e da sua futura Comissão Instaladora, passaria a ser o edifício da Assembleia Municipal.

Em setembro do mesmo ano (1988), foram cedidas as instalações do primeiro andar no mesmo edifício. A disponibilidade daquele piso proporcionou uma ampliação do espaço de acolhimento da já formada Comissão Instaladora e, sobretudo, do Centro de Documentação, cujo material começou a ser tratado pela técnica auxiliar Maria João Carraça⁷² no início daquele mês.

O alargamento das instalações provisórias em nada reduziu a vontade dos fundadores do Museu de cumprirem os seus objetivos. Desde o início, era evidente que se tratava de um projeto ambicioso, pensado em torno de duas grandes áreas: exposições e Centro de Documentação, com as exigências respetivas. Por outro lado, já no final de 1988, começaram a discutir-se as implicações trazidas pela possível localização do futuro Museu no vale de Santa Sofia⁷³. A par com esta hipótese, a Câmara Municipal teria de nomear um arquiteto, responsável pela escolha do local para as instalações do futuro Museu. Estas prioridades, em conjunto com outras desenvolvidas pela Comissão Instaladora, mantiveram consciente o desejo de instalação definitiva do Museu. Para o efeito, conforme dito anteriormente e de acordo com as prioridades estabelecidas pela CIMNR, Rogério Ribeiro elaborou um documento de apresentação do Museu do Neo-Realismo, seguido de um organigrama, apresentado em reunião com a Câmara Municipal de VFX⁷⁴ e posteriormente readaptado⁷⁵.

Apesar de estar sempre presente a vontade de instituir o Museu num edifício próprio e definitivo, a procura de alternativas às sucessivas instalações provisórias é um traço característico na história do MNR. Cedo, o espaço provisório do Centro de Documentação atingiu o limite da sua capacidade tornando-se reduzido para a recolha dos materiais que iam chegando.

No início de 1989, a Comissão Instaladora apontou novamente, como obstáculo ao progresso do Museu, a falta de espaço para obter e organizar

⁷² Contratada para a execução de “tarefas de arquivo, catalogação e coordenação relacionadas com o Centro de Documentação do Museu do Neo-Realismo, com a categoria de técnica auxiliar de BAD” (ata da reunião da Câmara Municipal de VFX, 31 de agosto de 1988 – Livro de Atas N.º17, Arquivo Municipal de VFX).

⁷³ Sugestão proposta na reunião da CIMNR, 10 de novembro de 1988 (Arquivo pessoal de AMR).

⁷⁴ Ata manuscrita da reunião do “Grupo Fundador” com a Câmara Municipal de VFX, 5 de maio de 1988 (Arquivo pessoal de AMR).

⁷⁵ *Museu do Neo-Realismo* (“Documento de Apresentação”), novembro de 1988, Rogério Ribeiro (Arquivo pessoal de AMR). Este documento é o resultado das alterações feitas após a reunião.

o acervo. Porém, a urgência de instalações adequadas à guarda e à preservação dos materiais doados só encontrou resposta em abril⁷⁶ daquele ano, quando o Centro de Documentação finalmente se instalou no segundo piso do edifício da Biblioteca Municipal (Figura 14). A transição para aquele espaço implicou a realização de obras de adaptação às novas necessidades, não descuidando os devidos cuidados de conservação. Por essa altura, a imprensa começou a divulgar o que o Museu viria a ser (Figuras 15 a 17). Quando ainda estavam a ser definidas as linhas estruturais do futuro MNR, já se liam os primeiros comentários e afirmações a respeito, nomeadamente:

“O Museu será um centro de estudos e de animação cultural. Muitas peças poderão ser objeto de consulta, mas outras, de maior valor, deverão ser devidamente guardadas”⁷⁷.



Figura 14 – Edifício das antigas instalações da Biblioteca Municipal e do Museu Municipal de VFX, onde funcionou o Centro de Documentação do Neo-Realismo/Museu do Neo-Realismo, localizado na Rua José Dias da Silva, n.º 2, com frente voltada para a Praça Afonso de Albuquerque (Arquivo pessoal de AMR).

⁷⁶ “Informou-se sobre a disponibilidade de ocupação do 2.º andar do edifício da Biblioteca quando as obras no rés-do-chão do edifício da Câmara estiverem concluídas” (ata da reunião de 13 de abril de 1989 – Arquivo pessoal de AMR).

⁷⁷ Clara Camacho, in *O Jornal*, 21 a 27 de abril de 1989 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

“RECORTE”

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

19-2.º E.
Codex

| | |
|------------------------------------|--------------|
| CORREIO DA MANHÃ Lisboa | 23. MAI 1988 |
| MARIA DA FONTE Póvoa de Lanhoso | |
| O MENSAGEIRO Leiria | |

Vila Franca terá

⁴ museu de neo-realismo

Um museu do neo-realismo vai ser construído em Vila Franca de Xira, com o apoio da Câmara local, estando já constituída a comissão instaladora que dará realização ao projecto.

Em documento sobre o futuro museu, fundamenta-se a escolha de Vila Franca de Xira para a sua instalação no facto de esta localidade, recentemente promovida a cidade, ter sido «importante foco de génese do neo-realismo» e de nela mais se ter aglutinado «a produção literária e artística com a intervenção activa e empenhada na vida cultural e social local».

Projectado em vista da «necessidade e urgência de recolher, conservar, estudar, expor e divulgar o movimento neo-realista», o museu será «necessariamente – constata a comissão instaladora – a resultante do tratamento, ordenação e relacionamento dos diversos materiais do seu património», mas, «sobretudo, um dinamizador cultural, tendo em vista o desenvolvimento das populações e afirmando o seu papel social de intervenção».

Ainda sem local de construção escolhido nem data de inauguração prevista, o estabelecimento terá uma área exposicional, com espaços reservados à literatura, artes plásticas, fotografia e cinema, música e teatro, um centro de documentação, um sector de serviços e diversos de documentação, laboratório de restauro e oficinas.

A comissão instaladora integra, entre outros, o poeta Arquimedes da Silva Santos, os pintores Rogério Ribeiro e Rodrigo de Freitas, o escritor Júlio Graça, o engenheiro António Mota Redol (filho de uma das principais figuras do neo-realismo, Alves Redol) e o ensaísta António Teodoro Garcês da Silva.

Figura 15 – Notícia do jornal *Correio da Manhã* de 23 de maio de 1988.

Actual



Alves Redol



Carlos de Oliveira



Mário Dionísio



Mameel da Fonseca



José Gomes Ferreira

EM VILA FRANCA DE XIRA

Museu do Neo-Realismo

O nascimento de um Museu, de acordo com um conceito universalmente aceite, justifica-se pela necessidade de recolher, conservar, estudar, apresentar e divulgar um determinado tipo de património.

Que Museu vai agora surgir entre nós...? — perguntará o leitor. Para o simplesmente o Museu do Neo-Realismo, sediado em Vila Franca de Xira. Porquê o Museu nesta cidade? Poderia ter surgido num dos outros locais que constituíram os focos do movimento — Coimbra, Lisboa, Porto, Santiago do Cacém, etc. Foi, porém, em Vila Franca de Xira, importante foco de génese do Neo-Realismo, que mais se aglutinou a produção literária e artística com a intervenção activa e empenhada na vida cultural e social local.

Assim, hoje, ao dinamizar a formação do Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira, a Câmara Municipal aposta a preservação de

um património nacional (que se projecta também a nível internacional) — e assume, consciente, a constituição do estabelecimento.

Que se tenha em conta que o movimento neo-realista, no seu sentido mais amplo, estendeu a sua influência a várias áreas da vida cultural com extensões de ordem social e política, contribuindo, influenciando e enriquecendo durante largos e críticos anos o património e a vida colectiva no nosso país.

Pela sua profunda inserção nos diversos componentes culturais, pelo grande número de intelectuais e outras camadas de população que envolveu, pelos testemunhos muito marcados que deixou, o movimen-

to neo-realista justifica um tratamento aprofundado, quer como memória, quer como proposta de uma leitura da realidade, urelas que só um Museu poderá cumprir.

A necessidade e a urgência de recolher, conservar, estudar, expor e divulgar o movimento neo-realista constitui, assim, a justificação do Museu.

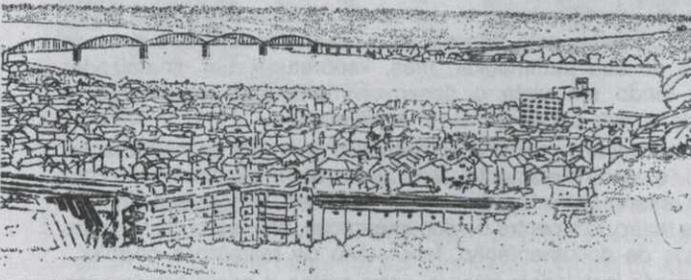
Deste modo, como instituição, deverá cumprir obrigações de ordem científica, pedagógica e financeira, o que implica estudar em sua material e divulgá-lo, animar as colecções através de exposições permanentes e temporárias, usar meios de comunicação adequados à sua divulgação, e obter meios económicos que suportem o seu funcionamento.

Existente Comissão Instaladora...

Já. A Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo é constituída por Arquimedes da Silva Santos (médico, professor de Paleontologia de Expressão Artística, poeta, Póvoa de Santa Iria); Rogério Ribeiro (pintor, professor da Escola Superior das Belas-Artes de Lisboa); Júlio Graça (escritor, Alhandra); Rodrigo de Freitas (pianista, animador cultural, Lisboa); Antelo Mota Redol (engenheiro, Lisboa); e António Teodoro Garcez da Silva (técnico de contabilidade, ensaísta, Lisboa). A Comissão é ainda integrada por Daniel Branco, presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; José António Carmo, vereador do Pelouro Cultural; e Maria Clara do Freixo Camacho, directora do Departamento de Acção Sociocultural da CM de VFX.

Entretanto, o plano do Museu, através de um organograma, foi apresentado, com o propósito de recolha de sugestões, a Mário Dionísio, Mameel da Fonseca, Armando Bacelar, Alexandre Cabral, Modesto Navarro, Tossan, Eduardo Salgueiro, António Pedro Pita (professor da Universidade de Coimbra), bem como a familiares de Carlos de Oliveira, João José Cochofel, José Gomes Ferreira, Cipriano Dourado, Mário Tardas, Ivo Cortesão, etc., etc.

Postos básicos (ou departamentos) do organograma: Arca Expositiva, Literatura, Artes Plásticas, Fotografia, Cinema, Música, Teatro, Centro de Documentação, Microcomputação e Programação, Biblioteca Pública, Investigação e Pesquisa, Gabinete de Investigação, Biblioteca Restrita, Serviços (Recepção, Atendimento, Secretaria), Auditório, Sala de Conferências, Espaço de Convívio, Arquivo, Conservação, Laboratório, Restauração, Oficinas, Transportes, Cafeteria, etc.



QUINTA-FEIRA, 26 DE MAIO DE 1988

Figura 16 — Artigo no jornal *Diário de Lisboa* de 26 de maio de 1988.

20. DN Cultura/Espectáculos. 16 Jul 89

Alves Redol, Soeiro Perreira Gomes, Carlos de Oliveira, Júlio Pomar, Manuel Ribeiro de Pavia, Níkiras Skapinakis e Fernando Lopes Graça foram alguns dos nomes marcantes do movimento neo-realista português. A sua vida e obra, bem como de muitos outros, vão ficar perpetuadas num museu a construir em Vila Franca de Xira, que agora dá os primeiros passos

Memória do neo-realismo vai ter casa

Faria Artur

O neo-realismo, um movimento que se espraiou por diferentes campos artísticos no período entre o final dos anos 20 e o princípio da década de 70, caracterizou-se, segundo afirmou ao DN o escritor Júlio Graça, membro da comissão instaladora do museu, ainda em fase preparatória, os portugueses vão ter oportunidade de recordar os rostos de algumas dessas figuras. Mas os anos passaram e hoje, se há autores que mostram essa fase, outros gostariam de a passar uma esponja por cima.

O NEO-REALISMO, que no nosso país se poderia localizar entre os fins dos anos 20 e o princípio da década de 70, caracterizou-se, segundo afirmou ao DN o escritor Júlio Graça, membro da comissão instaladora do museu, como um movimento de «oposição ao regime salazarista e que se instituiu como autêntico. Na literatura, artes plásticas, música e cinema dos origens a expressão poética que estavam inseridas na sociedade portuguesa».

Neste movimento de «cristalização que nunca instalados a nível artístico das obras que foram surgindo», distinguiram-se personalidades que hoje têm lugar de destaque na cultura portuguesa. Joaquim Namorado, Alves Redol, Fernando Namora, João José Cochofó e Soeiro Perreira Gomes sobressaíram na literatura, enquanto, por exemplo, nas artes plásticas, o desenho de Júlio Graça foi para Júlio Pomar, Lima de Freitas, Níkiras Skapinakis, Manuel Ribeiro de Pavia, Carlos de Oliveira e Eugénio Ribeiro. Por sua vez, no cinema, poderão citar-se Fernando Lopes e Manuel Guimarães, enquanto na música Fernando Lopes Graça, autor das canções herdadas, que «continuam por ser cantadas na clandestinidade».

«Cada um exprime-se conforme as suas características e personalidade, não se esgotam os subsídios», disse Júlio Graça. Alves Redol «analisa o estúpido do Estoril», Soeiro Perreira Gomes «defen-

de-se a vida na fábrica de tigo em Alhandra», Mário Dionísio e Figueira da Iona «analisaram a sociedade salazarista», recordou o novo intelectual.

Mas mais, não poderia ser esquecidos no futuro museu a importância que tiveram na época os primeiros números da *Vertice* e outros do *Diabo* (Rodríguez Lago, Carlos Oliveira e Fernando Namora). Destaque, igualmente, para as colecções de poesia Gale e para *Cançãoeiro*, lançados em Coimbra por João José Cochofó, Carlos Oliveira e Joaquim Namorado e que contaram com a participação, por exemplo, de Mário Dionísio.

Júlio Graça recordou, ainda, que quando acabaram estas colecções reorganizaram em Lisboa o *Cançãoeiro Geral*, tendo à frente Armando Rodrigues e «vários colaboradores, como, por exemplo a Biblioteca Cosmicos, dirigida por Bento Jesus Caravanha».

O museu já tem terreno

Concretamente, na perspectiva de Clara Camacho, da comissão instaladora e responsável do departamento cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, o museu «pretende caracterizar o movimento neo-realista nas suas várias facetas, através da recolha de todo o tipo de documentação. Neste momento procuramos recolher volumes de livros, jornais, jornais, ensaios, críticas, obras de arte (esculturas, gravuras e desenhos) e fotografias».



Na opinião de Júlio Graça, «cada um exprime-se conforme as suas características e personalidade»

A comissão instaladora já dispõe neste momento de numerosos documentos, fotografias e livros, incluindo primeiras edições apontadas como «valiosas»

Daniel Branco, presidente da câmara local, Clara Camacho, Júlio Graça, Rogério Ribeiro (artista plástico), Armando Bachelo, António Lindó e um grupo de Coimbra constituído por colaboradores da revista *Vertice*.

Para este ano está prevista a abertura do Centro de Documentação, que ficará localizado no Largo da Câmara, em Vila Franca de Xira.

Quando a edificação do museu em si, como refere Clara Camacho, a Câmara já disponibiliza um terreno e já se efectuaram contactos com a Associação promotora do museu, através de escritura pública concretizada em Maio. De lá fazem parte, entre outros,

angariadora de verbas, de ideias e de ideias, junto de diferentes organismos e instituições».

Como salientou Júlio Graça, «tudo isto seria impossível sem a ajuda da Câmara, que nos tem dado apoio técnico e financeiro».

No concernente à abertura do museu, realçou que «há incluída uma área de exposições (literária, artes plásticas, fotografia-cinema, música e teatro), centro de documentação, serviços e um conjunto de anexos, reservas e divórcios».

Uma receptividade a 98 por cento
Citando, no momento, Clara Camacho, são objectivos funda-

No âmbito do cinema e da música estão previstas as recolhas de cópias de filmes e partituras.

Para se chegar ao início da construção do museu ainda há muito que «dar ao dedo», dizem

nos dois primeiros foi a criação da comissão instaladora, e o início da recolha de material, depois teve lugar a constituição da associação promotora do museu, através de escritura pública concretizada em Maio. De lá fazem parte, entre outros,

O neo-realismo na música

Uma questão que não é muito clara

Humberto d'Ávila

O PROBLEMA do neo-realismo em relação à música portuguesa nunca se pôs claramente. De modo que abordar aqui a questão, assim de improbit, é aventurado, mas no terreno pouco firme. Neo-realismo é um pseudónimo, forçado pelas circunstâncias, de «realismo socialista» e este poderia, comante as latitudes e o modo sociopolítico, assumir aspectos diversificados, mais ou menos aparentes. No entanto, sem impedimento de se dissociar uma ou outra peça musical que se insira nesse espírito, nada de forma global, como corrente perfilhada e acatada, mas transpore a música da época, em paralelo com o que se registou na literatura e na pintura. Os escritores e os artistas plásticos, mais conscientes politicamente, podiam aceitar o risco de apreensão das suas obras. Mas a música, arte abstracta, que vale por si própria, ao envolver-se por caminhos de uma realidade programática em face de estímulos muito concretos e condições de realização seguras. Não é inadmissível com esta literatura, na segunda metade dos anos quarenta. Dependente de estruturas orga-

rativas complexas — orquestras, coros, teatros, solistas, maestros, etc. — que se encontram em geral na mão das entidades oficiais, não há seria exagerável trazer a público manifestações que traduzissem reacções contra o poder instituído. Por isso, quando a arte dos dois anos em Portugal, nesse período, se desvia de formas puramente classicistas e para adoptar uma carta folclórica, nacionalista ou nacionalmente lírica, assumida, que está bem longe do tom libertário da poesia, a simpatia compadecida do romance pelo povo sofrido, da acatamento, na imitação das deformações físicas representativas do trabalho vitioso e repetido.

Mesmo para um compositor comprometido na luta com o regime, como Fernando Lopes Graça, o papel que melhor servia a sua tarefa artística era a exaltação da alma do povo português, que através da incorporação da canção tradicional ou da sua recriação, por via da letra dos nossos melhores poetas.

Não é por si que se depreenda um neo-realismo musical entre nós, nem sequer tanto quando as canções de Coimbra que compôs por ocasião dos movimentos de oposição desencadeados com a derrota do fascismo, em 1964. Essa coe-

de entusiasmo, gerada um outro exemplo de intervenção, o de Luís de Freitas Branco, lançada em duas canções do mesmo tipo. Antes de morrer, este último elaborou a ideia de escrever uma sinfonia, *Ante Tróia*, com o que estaria positivamente a aproximar-se do neo-realismo.

Se uma das vertentes deste é a preocupação de usar um linguagem simplificada, desocializada, essencial a vastas camadas e transmissora para estas de uma mensagem cabrosa, inevitável, então essa vertente esteve representada na música portuguesa, embora como tal se desconhecasse, na obra de um notável compositor: Joly Braga Santos. As formas do realismo socialista foram por ele também privilegiadas e opera, a simfonia, a composição curial-sinfónica, summa palmaris: formas que exigem grandes massas, vocacionadas para grandes massas. Música directa, atractiva, rica de colorido, transbordante de energia, plena de generosidade natural, essa música, que coincide todos os públicos não usa elegância e serenidade, era, pela sua comunicabilidade, aquela que correspondia aos anseios gerais e parece indiciar em Braga Santos a natureza dum compositor neo-realista, que é outra talve recente criação.



O escritor Júlio Graça e Clara Camacho, do departamento cultural da Câmara de Vila Franca de Xira, duas das personalidades empenhadas na constituição do museu

Figura 17 — Artigo no jornal *Diário de Notícias* de 16 de julho de 1989.

“O Museu será necessariamente – constata a Comissão Instaladora – a resultante do tratamento e relacionamento dos diversos materiais do seu património, mas, sobretudo, um dinamizador cultural, tendo em vista o desenvolvimento das populações e afirmado o seu papel social de intervenção”⁷⁸.

“Há ainda zonas cinzentas no Neo-Realismo que conferem a este museu um carácter polémico, porque as obras estão sempre em discussão; provavelmente o Museu nunca será definitivo”⁷⁹.

Decorrido um ano sobre o prenúncio de novas instalações, a sala no segundo piso do edifício da Biblioteca Municipal ficou disponível tendo em vista, logo que possível, a cedência do primeiro piso. Assim, em abril de 1990⁸⁰, o Centro de Documentação começou a ser transferido para aquele espaço. Embora fosse evidente a necessidade de obras em ambos os pisos, a mudança para aquela sala (equipada com um computador) significou uma nova etapa no percurso do futuro Museu. Etapa que, de resto, continuou a contar com a atuação da técnica auxiliar Maria João Carraça, responsável pelo extenso trabalho de tratamento e organização do espólio já existente. Neste contexto, Luís Augusto Costa Dias⁸¹ teve um papel fundamental, nomeadamente na definição da estrutura, organização e ação do Centro de Documentação do MNR. Além de ter definido as normas de recolha e tratamento documental⁸², criou uma matriz de

⁷⁸ *Boletim da Câmara Municipal VFX*, 22 a 29 de maio de 1989 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

⁷⁹ António Redol, in *Jornal de Letras*, 26 de dezembro de 1989 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

⁸⁰ Ata da reunião da CIMNR, 4 de abril de 1990 (Arquivo pessoal de AMR).

⁸¹ O processo que resultou na seleção de Luís Augusto Costa Dias teve início em 1989, por proposta da CIMNR à Câmara Municipal. A primeira assumiu inteira responsabilidade na seleção do candidato. Após a publicação de um anúncio – feita pela CIMNR com aprovação da Câmara Municipal – em dois jornais (um nacional e um local), de entre os vários candidatos, o júri (constituído por Clara Camacho, Júlio Graça e António Mota Redol) selecionou Luís Augusto Costa Dias, por considerar possuir o melhor currículo. Por outro lado, apresentava ideias muito claras e sistematizadas sobre os objetivos do Museu as quais, no essencial, coincidiam com as da CIMNR. Porém, devido a complicações administrativas, só em 1990 iniciou atividade com contrato provisório, tendo sido contratado definitivamente no ano seguinte (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010). Luís Augusto Costa Dias iniciou o seu contrato na categoria de Técnico Superior de 2.ª classe a 25 de março de 1991 (ata da reunião da Câmara Municipal de VFX, de 30 de janeiro de 1991 – Livro de atas N.º3, Arquivo Municipal VFX).

⁸² *Centro de Documentação do Neo-Realismo*, 20 de dezembro de 1991, Luís Augusto Costa Dias (Arquivo pessoal AMR)

classificação que ainda hoje vigora no Museu⁸³. De igual importância foi o trabalho desenvolvido em torno da documentação recebida, que trouxe seriedade e rigor ao projeto, enriquecendo-o. Desta atividade resultaram algumas exposições organizadas no período em que Luís Augusto Costa Dias esteve responsável pelo Centro de Documentação do Museu do Neo-Realismo (Quadros 3.1 a 3.3). Pode dizer-se que esta mudança representou o primeiro espectro do MNR, embora com acesso restrito por parte do público, na medida em que apenas acediam ao espaço pessoas interessadas em consultar documentos necessários às suas pesquisas sobre o tema.

A certa altura a Câmara Municipal decidiu passar à fase seguinte do Museu, embora sem concordância por parte da Comissão Instaladora que considerou o avanço prematuro, por não estarem ainda reunidas as condições que, no seu entender, seriam necessárias para o projeto⁸⁴. Esta decisão desencadeou uma longa batalha para a realização das obras de adaptação do edifício àqueles fins; que, de resto, se tornavam cada vez mais urgentes. Só em setembro de 1991, a autarquia aprovou as obras a realizar no primeiro e segundo pisos do edifício e decidiu a sua adjudicação a um empreiteiro⁸⁵. Já com a responsabilidade do Centro de Documentação, Luís Augusto Costa Dias solicitou ao IPPC a elaboração de um relatório sobre os problemas de segurança e climatização das instalações, ao qual se juntou o projeto de alteração definitivo, da autoria de Américo Silva⁸⁶. Ambos serviram de base ao longo processo de readaptação que, só mais tarde, se concretizou.

Simultaneamente, depois da visita de elementos da CIMNR a vários pontos da cidade, Júlio Graça apresentou uma lista com dez dos locais possíveis para construção do novo edifício, previamente selecionados por

⁸³ À data da primeira revisão do livro (julho de 2011), estava ainda em curso a seleção de um novo sistema de classificação uniforme para todos os espólios.

⁸⁴ Entrevista a AMR, no dia 11 de março de 2008.

⁸⁵ Esta situação implicaria um atraso no início das obras visto ser necessário “elaborar o caderno de encargos, depois de conhecer em pormenor todas as alterações a realizar e as localizações dos diferentes equipamentos que exigem obras: eletricidade, água, tratamento de ar, segurança contra roubo e incêndio, equipamento informático e de escritório” (ata da reunião da CIMNR, 16 de setembro de 1991 – Arquivo pessoal de AMR).

⁸⁶ Coube a Américo Silva (designer e colaborador no sector de exposições da Fundação Calouste Gulbenkian) elaborar um projeto de alteração definitivo, além de realizar o estudo de “design” da remodelação dos interiores, incluindo “estantes, vitrinas, outro mobiliário e molduras para preservar e expor cartazes e obras plásticas oferecidas” (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010).

aqueles elementos. Do conjunto, destacaram-se três lugares⁸⁷, considerados mais adequados. Contudo, na época, não estava ainda incluído o espaço onde atualmente o Museu se encontra. A CIMNR considerava que a Câmara Municipal de VFX devia doar um terreno, elaborar a escritura, proceder ao estudo do anteprojeto de arquitetura e avançar com os projetos de estabilidade, rede de águas e esgotos, eletricidade e telefone. Mais uma vez o processo esteve sujeito a adiamento. Por outro lado, urgia aumentar o número de funcionários, em virtude do volume de trabalho previsível e desejável no futuro próximo. Para o efeito, deviam ser contratados: um técnico superior, um técnico-adjunto de BAD e um técnico administrativo. Por motivos de restrição orçamental, a contratação de funcionários inseridos naquelas categorias realizou-se ao ritmo imposto pela Câmara Municipal, face às suas disponibilidades financeiras. A mesma restrição orçamental foi a causa do abrandamento que veio a sentir-se nas atividades desenvolvidas durante o ano de 1992 (Quadro 3.2), nomeadamente, a realização de obras nas instalações mais recentes. As alterações foram reduzidas apenas à pintura do espaço e modificação da rede elétrica, considerada em estado “muito perigoso”⁸⁸. Quanto às alterações estruturais, tiveram de aguardar uma situação financeira mais favorável, que só veio a verificar-se no ano seguinte. De acordo com a Comissão Instaladora, esta situação era muito negativa, na medida em que tinham previsto para aquele ano um salto do volume e do nível do trabalho. Em virtude do panorama previsto, o ano de 1992 seguiu, grosso modo, em torno da análise de projetos e propostas relativos, quer à remodelação das instalações recentes, quer às futuras instalações do Museu do Neo-Realismo. Em junho desse ano, foi analisado o documento da autoria de Júlio Graça, *Museu do Neo-Realismo – Proposta para uma Unidade Estrutural de Arrumação e Funcionamento*⁸⁹, numa tentativa de definir os campos de ação entre a CIMNR, o responsável pelo Centro de Documentação e a Câmara Municipal. Porém, naquela altura, ainda não havia qualquer previsão da data da inauguração do mesmo.

Podem dizer-se que 1992 foi um ano de consolidação do Centro de Documentação, sobretudo no que respeita ao trabalho interno, na medida em que entraram diversos espólios no Museu⁹⁰ (Figuras 18 e 19). Entre

⁸⁷ Vale de Santa Sofia, Escola Conde Ferreira e Grémio das Frutas (ata da reunião da CIMNR, 4 de novembro de 1991 – Arquivo pessoal de AMR).

⁸⁸ Foi elaborado um estudo no âmbito do Departamento de Fomento e Serviços Urbanos (DFSU) designado por *Museu do Neo-Realismo – Projeto das Instalações Eléctricas* (ata da reunião da CIMNR, 8 de fevereiro de 1993 – Arquivo pessoal de AMR).

⁸⁹ Documento datado de 1 de junho de 1992, analisado na reunião da CIMNR de 17 de julho de 1992 (Arquivo pessoal de AMR).

⁹⁰ *Público*, 29 de janeiro de 2003 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

outros acontecimentos, aquele ano foi também marcado pela remodelação das instalações com vista à abertura ao público daquela que foi a primeira existência do Museu do Neo-Realismo, sob a forma de Centro de Documentação. Só no final do ano seguinte veio a concretizar-se o que há muito vinha sendo preparado (Figura 20).

55/92

DOAÇÃO DA BIBLIOTECA PARTICULAR
DE ALEIXO RIBEIRO AO MUNICIPIO
DE VILA FRANCA DE XIRA
VALOR: 2 000 000\$00

-----Aos vinte e três dias do mês de Setembro de mil novecentos e noventa e dois, nestes Paços do Município de Vila Franca de Xira, perante mim, Maria Paula Cordeiro Ascensão, Chefe de Divisão de Planeamento Organização e Desenvolvimento, por delegação da Directora do Departamento de Administração Geral em substituição e Notária Privativa do Município nos termos do número um ponto cinco do artigo sessenta e seis do Regulamento Interno dos Serviços Municipais, compareceram como outorgantes:-----

-----PRIMEIRA-----

-----Maria da Conceição Ribeiro Gomes da Silva, viúva, natural da freguesia Escolas Gerais S. Vicente, concelho de Lisboa, portadora do Bilhete de Identidade número 0016288, emitido em quatro de Janeiro de mil novecentos e setenta e sete pelo Centro de Identificação Civil e Criminal e do cartão de contribuinte número 1144933667, residente na Rua Jorge Ferreira de Vasconcelos, número 6, rés-do-chão, esquerdo, em Lisboa.-----

-----SEGUNDO-----

-----Daniel dos Reis Branco, casado, natural de Santiago, concelho de Alcácer do Sal, residente em Vila Franca de Xira,

Figura 18 – 1.ª página do contrato de doação da biblioteca do escritor Aleixo Ribeiro, assinado por sua sobrinha em 22 de setembro de 1992, a primeira doação ao Centro de Documentação de um acervo de escritor (Arquivo do MNR).

RELAÇÃO DE DOCUMENTOS DO
"ESPÓLIO LITERÁRIO DE MANUEL DA FONSECA"

FICÇÃO. ROMANCE

- "TEMPO DE LOBOS" |SEARA DE VENTO|, original dactilografado e manuscrito,
- "SEARA DE VENTO", guião para teatro, fotocópia do guião original, 161 págs.
- "A CASA DO VENTO", "poema dramático" em 2 actos para teatro, cópia dactilografada, 63 págs.

CONTOS. CRÓNICAS

- "ERAM HOMENS COMO TU, PAI?", original dactilografado, 7 págs
- "O PRIMEIRO CAMARADA QUE FICOU NO CAMINHO", recorte do jornal "O Diabo".
- "A CASA ASSOMBRADA", fotocópia de recorte da Revista "EVA"
- "SOLSTÍCIO DE VERAO", original manuscrito, quatro fls.
- "MESTRE FINEZAS", recorte de jornal do conto publicado em "O Diabo"
- "O MUNDO DAS CRIANÇAS", original manuscrito, 11 fls
- "A RESSURREIÇÃO DE AZAUL", original dactilografado, 7 fls
ID recorte do "Diário Popular"
- "15 DE DEZEMBRO DE 1966", original dactilografado com emendas, 8 fls.
- "SONHAR NAO É DORMIR", cópia dactilografada (incompleta)
- "SEM TÍTULO |ESTE É O HAPPY END|", apontamentos, 1 fl.
manuscrito, 7 fls
- "O RISO", provas tipográficas do "Diário de Lisboa"
- "O DOMINGO DO CHIADO COMEÇA AGORA NO SÁBADO AO MEIO-DIA"
2 fotocópias de recortes do "Diário de Lisboa"
- "DE ONTEM PARA HOJE",
1 manuscrito e conjunto de 20 recortes do "Diário de Lisboa"
- "O VAGABUNDO DA CIDADE", conjunto de 28 recortes de crónicas publicadas desde Julho/67 e no ano de 1968 no "República"
- "O VAGABUNDO DA CIDADE", prova tipográfica original do jornal "República", cortado pela Censura, 1 fl.
- "O VAGABUNDO NA CIDADE", prova tipográfica original do jornal "República", cortado pela Censura.

Figura 19 – 1.^a página do inventário anexo ao contrato de doação de 27 de novembro de 1991 do espólio literário de Manuel da Fonseca, o primeiro entregue ao Museu (Arquivo do MNR).

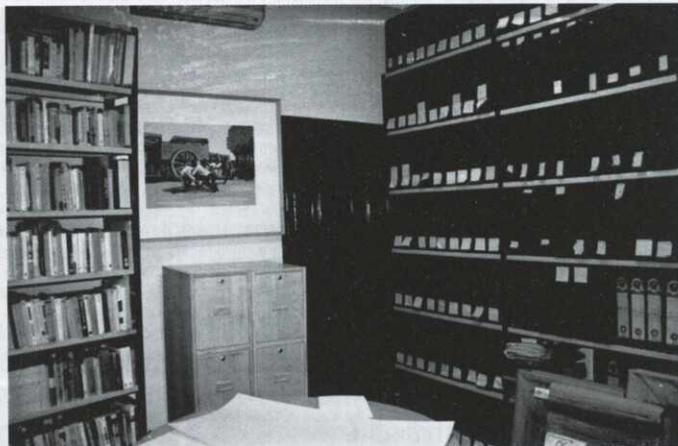


Figura 20 – Sala de espólios nas instalações do Museu na Rua José Dias da Silva (Arquivo pessoal de AMR).

1.3) O Museu abre ao público

A terceira e nova etapa da história do MNR foi marcada pela abertura oficial ao público do seu Centro de Documentação, no dia 4 de dezembro de 1993 (Figura 21). Na época, já instalado no primeiro e segundo pisos da Biblioteca Municipal de VFX e numa fase de importante pesquisa, debate e reflexão em torno do Movimento neorrealista, a inauguração do Centro de Documentação/ Museu do Neo-Realismo justificou-se não só pelos aspetos mencionados, como pela oportunidade de divulgação do Neo-Realismo.

Criado no âmbito do projeto multifacetado que o MNR pretendia ser, o Centro de Documentação procurou manter presentes as vocações “museológica”, “técnico-arquivística”, “científica” e “pedagógica”. Destaque-se, em particular, a sua vocação museológica – “além de objeto de estudo e consulta, todo o documento é igualmente objeto museográfico”⁹¹, isto é, sujeito ao olhar do público. Note-se que o termo “documento”, *sensu lato*, inclui tanto a obra impressa como o manuscrito, a obra pictórica, a partitura musical, a fotografia, a bobina sonográfica ou o jornal, etc. Parece evidente a importância deste Centro, enquanto núcleo especializado e “centro de produção cultural imprescindível para os estudiosos da cultura nas mais diversas áreas científicas”⁹². A inauguração do Centro de Documentação do MNR significou um passo importante

⁹¹ *Centro de Documentação do Neo-Realismo*, 20 de dezembro de 1991, Luís Augusto Costa Dias (Arquivo pessoal de AMR).

⁹² *Idem*.

Vila Franca de Xira

Museu do Neo-Realismo Aberto ao Público

"Do fundo dos tempos heróicos, voltaste, Manuel, à terra onde vinhas de vez em quando a propósito do Alves Redol e da sua Obra, e de outros, e onde começaste, a gostar de Júlio Goes... É uma felicidade, Manuel, que no momento em que se abrem as portas da Casa dos Neo-Realistas, tu estejas presente, de forma alargada, na bonita Galeria de Vila Franca de Xira. Na hoje cidade capital das lezírias, dos mouchões, do Tejo que aqui se empina prestes ao abraço com o Mar".

São palavras de Júlio Graça, escritor neo-realista, membro da Comissão de Instalação do Museu do Neo-Realismo e Director do Museu de Alhandra, na introdução ao catálogo da Exposição de Manuel Ribeiro de Pavia, cuja inauguração constituiu um dos momentos do programa de abertura ao público das instalações do Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira.

Abertura que contou com a presença de muitos neo-realistas e que integrou, para além da inauguração da exposição de Manuel Ribeiro de Pavia, uma outra, de carácter permanente, intitulada "Entre a Utopia e a Realidade - O Movimento Neo-Realista" nas instalações do próprio Museu do Neo-Realismo e um colóquio sobre a importância do movimento Neo-Realista na literatura contemporânea, com a presença de Urbano Tavares Rodrigues.



INFORMAÇÃO D' o mês

Figura 21 – Inauguração do Centro de Documentação do Neo-Realismo/ Museu do Neo-Realismo, em 1993 (Arquivo pessoal de AMR).



Figura 22 – Exposição *Entre a Realidade e a Utopia* – O Movimento Neo-Realista, inaugurada com o Centro de Documentação/ Museu do Neo-Realismo, 1993 (Arquivo pessoal de AMR).

no projeto do Museu. Esta foi marcada pela exposição permanente, *Entre a Realidade e a Utopia – O Movimento Neo-Realista* (Figuras 22 e 23), cujo guião foi elaborado por Luís Augusto Costa Dias e as linhas orientadoras definidas pela Comissão Instaladora (após várias reuniões para discussão do assunto). Na mesma ocasião, foi também inaugurada uma mostra de desenhos de Manuel Ribeiro Pavia, na Galeria Municipal da cidade, organizada pela CIMNR. Com a inauguração destas instalações a Câmara Municipal considerou inaugurado o Museu do Neo-Realismo, decisão que não teve o acordo da Comissão Instaladora. A Câmara Municipal mandou mesmo colocar placas assinalando o Museu à entrada daquelas instalações e à entrada do prédio.

Decorridos quatro anos sobre o início da atividade da Comissão Instaladora, foi criado o primeiro espectro do MNR, localmente já conhecido como a “Casa dos Neorealistas”. Em termos sucintos, a abertura do Museu ao público parece ter surgido apenas, e somente, como mais uma resposta às necessidades impostas nesta fase do seu crescimento. Apesar de persistir a ideia de que não seria possível lançar a primeira pedra do novo museu dentro dos próximos dez anos – tendo em conta a relativa hierarquia de investimentos no plano cultural, que, na época, dava prioridade ao Ateneu Artístico Vila-franquense⁹³ –, aquela ideia em nada fez esmorecer os esforços dirigidos para a instalação definitiva do MNR.

1.3.1) Transferência de poderes da CIMNR para a APMNR – Um processo prolongado

Inaugurado o Museu, sob a forma de Centro de Documentação, tornou-se necessário promovê-lo junto do público, das entidades e instituições, para manter presente a ideia de continuidade daquele projeto. Este ponto conduz, uma vez mais, ao desempenho da CIMNR, presença constante na história do Museu.

Após a inauguração, a Câmara Municipal considerou que já não se justificava a existência de uma comissão, na medida em que não faria jus ao nome que lhe fora atribuído. Uma vez criado o Museu, qual a razão da existência de uma comissão ‘instaladora’? Porém, a questão colocada encobria a ideia que desde sempre acompanhou o MNR – a sua concretização num espaço próprio. Pode dizer-se que o Museu estava criado sem, contudo, estar instalado nos moldes em que os seus fundadores o pensaram – enquanto instituição merecedora de um edifício com características adequadas aos objetivos delineados. Neste sentido, e envolvida como estava na nova fase do Museu, impôs-se uma mudança na própria estrutura

⁹³ *Público*, 2 de dezembro de 1993 (Arquivo de recortes imprensa MNR).

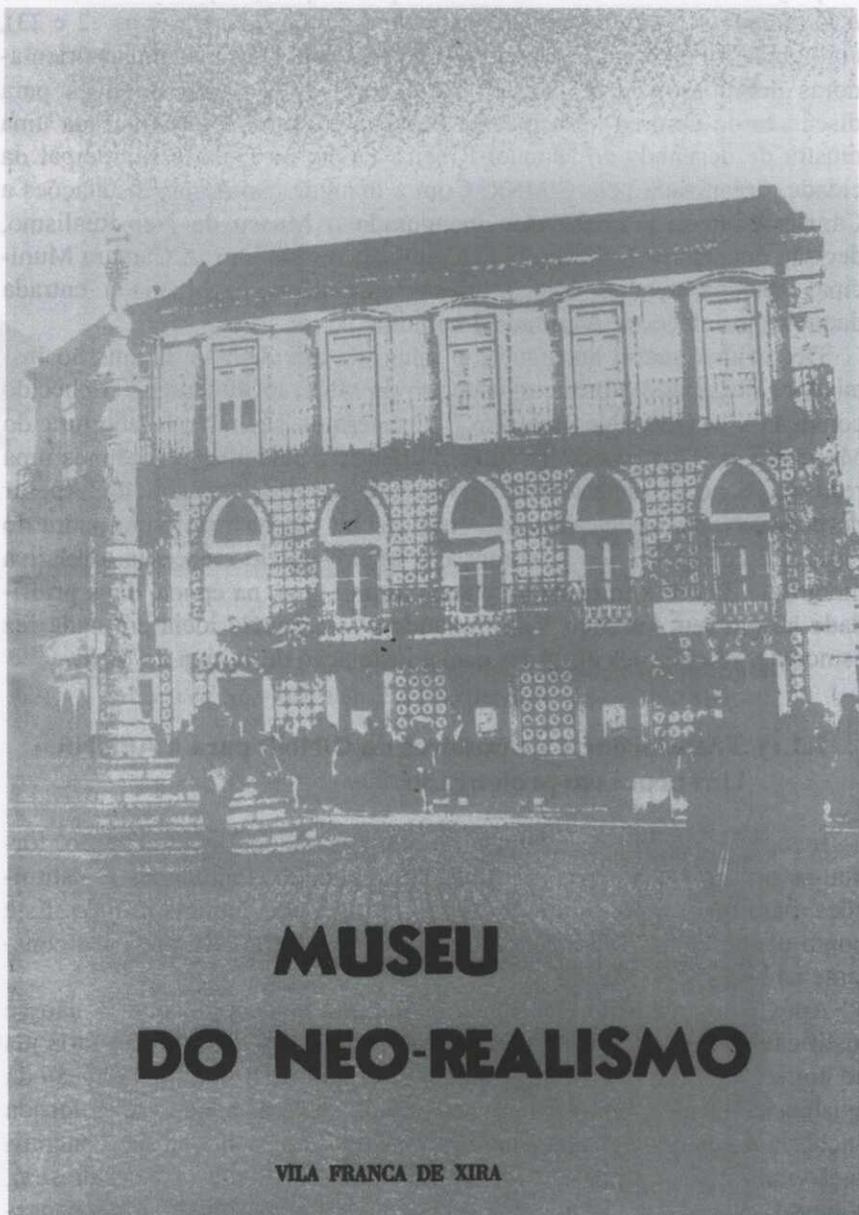


Figura 23 – Catálogo da exposição *Entre a Realidade e a Utopia*
– O Movimento Neo-Realista, 1993.

da CIMNR. Só assim estaria apta a responder eficazmente ao novo contexto. Se, até à presente data, a falta de atividade da Associação Promotora – que se resumia à receção de subsídios e sua distribuição por atividades da CIMNR e do Museu – teve pouca relevância no cumprimento dos objetivos e na realização das atividades, naquele momento a sua mudança estrutural era urgente, a par com a da Comissão Instaladora. Para uma melhor compreensão destas mudanças, recue-se um pouco no tempo.

Nomeada em maio de 1988, nem sempre o funcionamento da CIMNR foi consensual, devido a algumas divergências de opinião relativamente à delimitação do seu papel. Por outro lado, atendendo unicamente à índole da Comissão Instaladora, a criação da Associação Promotora, no ano seguinte, provocou algumas dúvidas quanto às funções que cada uma deveria desempenhar. Porém, AMR afirma que os estatutos serviam apenas para cumprir as formalidades necessárias à criação de uma associação, não deixando qualquer dúvida quanto à sua função de depositária de subsídios e sua distribuição. De facto, a Associação Promotora nunca se substituiu à Comissão Instaladora, “nem lhe acrescentou benefícios, a não ser a transferência para o Museu do dinheiro atribuído pela Câmara Municipal”⁹⁴. Se, na época, a criação da APMNR suscitou alguma hesitação, gradativamente atenuada, a abertura do Museu ao público despertou a divergência de opiniões quanto à coexistência de ambas as entidades. Se, para o Presidente da Câmara Municipal, a CIMNR devia cessar atividade passando as suas funções para a APMNR, os membros da Comissão Instaladora defendiam a continuidade de ambas, ficando a atuação da Associação Promotora circunscrita à captação de subsídios e à receção das doações⁹⁵. Além disso, todos os membros fundadores da última pertenciam à primeira podendo, numa leitura exterior ao projeto, não ser evidente a definição dos limites da atuação de cada uma das entidades. Não obstante, a extinção da CIMNR era inconveniente por tratar-se de uma entidade empossada pela Câmara Municipal, ainda que autónoma. Compreende-se que seria uma rutura na ligação estabelecida entre a autarquia e o Museu, podendo mesmo traduzir-se num menor compromisso daquela entidade, claramente prejudicial à continuidade do projeto⁹⁶. A par com este aspeto, e de não menos relevância, estava a dupla função de “supervisora” e “dinamizadora” que a CIMNR sempre assumiu; posição que, de resto, exigia aos funcionários destacados uma dupla

⁹⁴ Documento *Museu do Neo-Realismo*, 7 de abril de 1993, Júlio Graça (Arquivo pessoal de AMR).

⁹⁵ Ata da reunião da CIMNR, 6 julho de 1989 (Arquivo pessoal de AMR). Note-se que foram ainda discutidas algumas “vantagens” e “inconvenientes” da APMNR assumir as funções da CIMNR.

⁹⁶ Ata da reunião da CIMNR, 17 de janeiro de 1991 (Arquivo pessoal de AMR).

dependência – hierárquica, relativamente à autarquia, e de “orientação da atividade” no que respeita à CIMNR. O suporte técnico e administrativo desta foi sempre assegurado pelos funcionários dos vários setores da Câmara Municipal. Neste contexto, foi necessário definir as competências dos diferentes intervenientes, de resto, uma demarcação delicada.

Tornou-se evidente a necessidade de reformulação da CIMNR. Considerando a falta de participação de alguns elementos da Comissão⁹⁷ nas tarefas a desenvolver, começou-se pela nomeação de novos colaboradores. Era necessária uma CIMNR com “maior peso em termos de projeção pública e com boas relações no meio cultural”⁹⁸ para facilitar o estabelecimento de contactos. Por outro lado, tornava-se urgente a atuação de pessoas especializadas nas diferentes áreas do Neo-Realismo. Do mesmo modo, esperava-se da Câmara Municipal um papel mais participativo, através dos serviços do DASC – com maior frequência de reuniões conjuntas e acompanhamento das atividades do Centro de Documentação. Para o efeito, foram elaborados vários documentos⁹⁹ onde estão assentes as funções da CIMNR e as suas relações com o Departamento Cultural da Câmara Municipal. De acordo com AMR, a proliferação de documentos resultou do ambiente de conflito¹⁰⁰ que, no início de 1991, se instalou entre alguns elementos da Comissão Instaladora e o responsável pelo Centro de Documentação, o qual pretendia assumir também a totalidade das funções da primeira, não cumprindo sistematicamente o que era decidido pela CIMNR. O conflito foi-se agravando, sem intervenção da Câmara Municipal, até ao momento em que esta resolveu definir competências numa reunião¹⁰¹ com a Comissão Instaladora, na qual também estiveram presentes o vereador da cultura e a responsável do DASC. A partir de então, as reuniões da CIMNR com o responsável pelo

⁹⁷ O caso de Rodrigo de Freitas, que acabou por se afastar do projeto.

⁹⁸ Ata da reunião da CIMNR, 13 de março de 1992 (Arquivo pessoal de AMR).

⁹⁹ *Museu do Neo-Realismo – Proposta para uma Unidade Estrutural de Arrumação e Funcionamento*, Júlio Graça, 1 de junho de 1992; *Museu do Neo-Realismo*, Júlio Graça, de 7 de abril de 1993; *Funções da Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo – Relações com o Departamento Cultural da Câmara Municipal*, António Redol e Garcez da Silva, s.d. (Arquivo pessoal de AMR – informação fornecida pelo próprio em nota escrita a 27 de agosto de 2010).

¹⁰⁰ “Devido à falta de conexão entre membros da C.I. e o responsável pelo Centro de Documentação, área do Museu, e que tem dado origem a desequilíbrios a nível interno do funcionamento do Museu, com o risco de se reflectirem ao nível externo” (*Museu do Neo-Realismo*, Júlio Graça, de 7 de abril de 1993 – Arquivo pessoal de AMR)

¹⁰¹ No dia 11 de junho de 1993 (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010).

Centro de Documentação passaram a contar com a presença de Margarida Nunes (responsável do DASC) e de Clara Camacho (responsável pela área dos museus).

Segundo consta no documento “Funções da Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo – Relações com o Departamento Cultural da Câmara Municipal”¹⁰² competia à CIMNR, enquanto “motor do projeto”:

- “Definir a orientação de toda a atividade conducente à instalação do Museu”;
- “Promover a recolha de materiais e a sua preservação, catalogação e organização, garantir que o material recolhido não seja deficiente ou até fraudulentamente divulgado”;
- “Promover a divulgação das várias manifestações do Movimento neorrealista nas suas diferentes fases”;
- “Realizar ações de dinamização cultural em Vila Franca de Xira e noutras localidades, por sua iniciativa e auspícios da Câmara Municipal ou por solicitação de outras entidades”;
- “Promover a ligação entre os elementos que participaram no Movimento e o seu empenho no projeto”;
- “Promover a participação de pessoas interessadas, em especial jovens”;
- “Promover a investigação sobre as diferentes manifestações do Movimento e a publicação dos estudos realizados e, mesmo, das obras importantes de que a atividade editorial se interesse”;
- “Representar o Museu junto de entidades oficiais e privadas, devendo solicitar a presença de elementos responsáveis do município em circunstâncias especiais, sobretudo nos contactos para obtenção de espólios e de doações significativas”;

No documento consta ainda que as posições tomadas pela autarquia no que concerne aos “aspetos funcionais” prevaleciam sobre as da CIMNR, bem como as decisões de “cunho mais vincadamente político”. Cabia à Câmara Municipal uma maior participação nas atividades do Museu, nomeadamente na realização de exposições e “outras manifestações públicas”, na definição da componente museológica, na dinamização cultural, na ligação à população e nos contactos com entidades exteriores. Em suma, a autarquia devia cumprir os objetivos que a CIMNR se propu-

¹⁰² *Funções da Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo – Relações com o Departamento Cultural da Câmara Municipal*, António Redol e Garcez da Silva, s.d. (Arquivo pessoal de AMR).

na alcançar, pois só assim seria possível dar o salto qualitativo que o Museu ambicionava. No meio destas ambiguidades estava o Centro de Documentação, com uma “função executiva na recolha de toda a documentação relativa ao Movimento, bem como na sua preservação, catalogação e organização”. Cabia-lhe também a função de apoiar a atividade da Comissão Instaladora e da Associação Promotora, “incluindo os aspetos administrativos”, enquanto não houvesse outra estrutura integrada no Museu, encarregue daqueles aspetos. Não obstante, esperava-se que o Centro de Documentação não absorvesse as competências da CIMNR e da APMNR ou promovesse relações exteriores, da exclusiva competência daquelas¹⁰³.

Simultânea e, talvez, conseqüentemente, a APMNR começou a sair do seu período de latência. Tornou-se urgente a eleição de corpos gerentes, pois só assim a Câmara Municipal poderia transferir para a Associação Promotora o montante aprovado no seu orçamento para o MNR, relativo ao ano de 1991 (Quadro 1.1). Este e outros subsídios, eram necessários para a realização das diversas atividades traçadas pela CIMNR, através do Centro de Documentação. Por conseguinte, compreende-se que um dos principais entraves colocados pela Comissão Instaladora ao funcionamento da Associação Promotora dizia respeito à “complexidade burocrática” não só dos aspetos administrativos, como também da contabilidade¹⁰⁴.

Na reunião da Assembleia Geral da APMNR, realizada no dia 8 de novembro de 1991 – nas instalações da revista *Vértice*, em Coimbra (Figura 24) –, Júlio Graça propôs a eleição de uma “Comissão Diretiva” formada por sócios fundadores da Associação Promotora¹⁰⁵, de cujas funções constava o estabelecimento de um protocolo com a Câmara Municipal “para a transferência de valores destinados ao desenvolvimento e manutenção do Museu do Neo-Realismo”, bem como a “obtenção de outras verbas ou dotações quer de pessoas particulares, quer de entidades públicas ou privadas”. Assim ressurgiu a Associação Promotora, procurando cumprir os objetivos iniciais. Porém, passaram-se dois anos desde aquela reunião, sem que tenha acontecido nada de concreto.

Só em dezembro de 1993, no mesmo dia da abertura ao público do MNR, a Associação Promotora regularizou¹⁰⁶ a sua atividade, com a

¹⁰³ *Idem*.

¹⁰⁴ Ata da reunião da CIMNR, 17 de janeiro de 1991 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁰⁵ Foram propostos para a Comissão Diretiva: Rogério Ribeiro, António Mota Redol e Júlio Graça.

¹⁰⁶ A APMNR começou a receber subsídios da Câmara Municipal antes da eleição dos corpos gerentes (Quadros A a D).

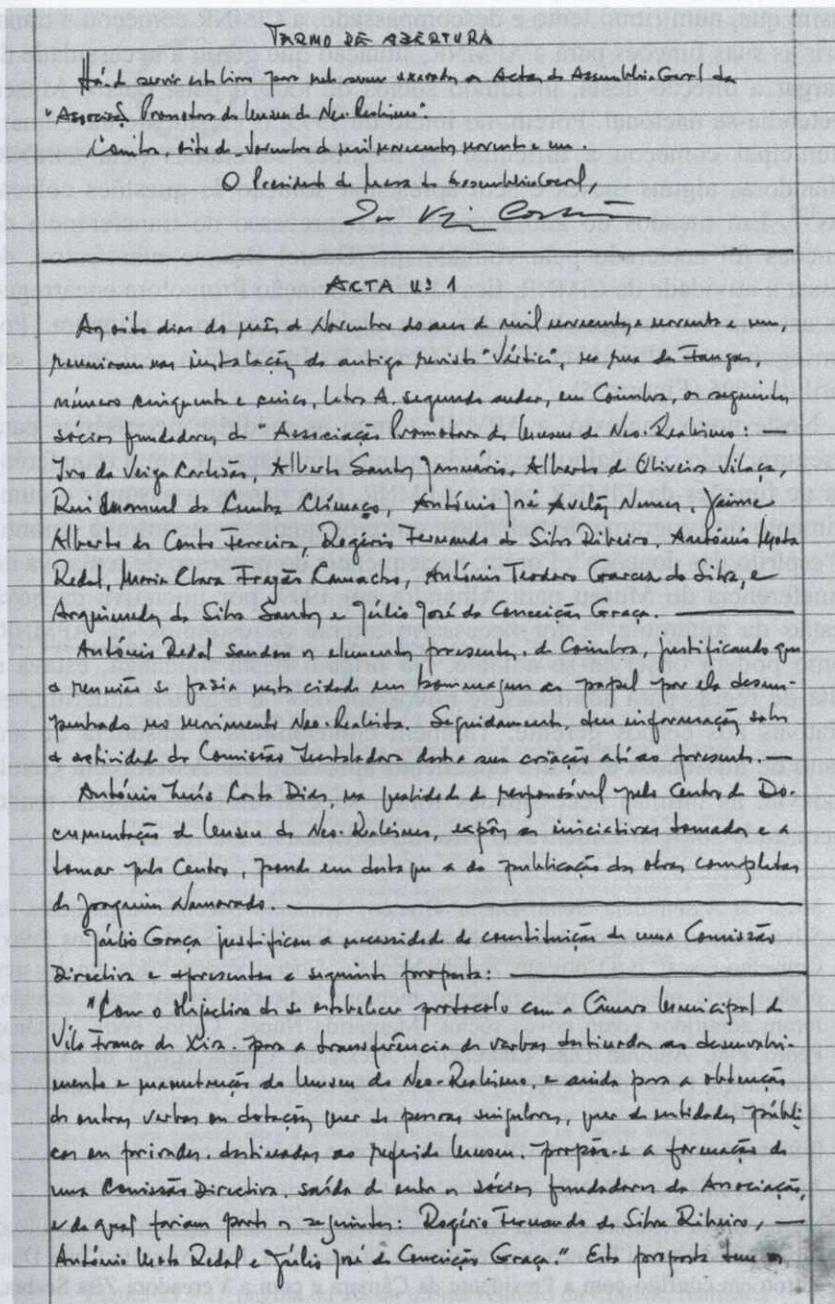


Figura 24 – 1.ª página da ata da 1.ª reunião da Assembleia Geral da APMNR, realizada em Coimbra, nas instalações da revista *Vértice*, em 8 de novembro de 1991, manuscrita por Garcez da Silva (Arquivo da APMNR).

primeira eleição dos corpos gerentes para o período de um ano¹⁰⁷. Foi assim que, num ritmo lento e descompassado, a CIMNR começou a transferir as suas funções para a APMNR, situação que gerou a necessidade de alargar a direção desta, incluindo sócios de todo o país, pois o Museu pretendia-se nacional. Porém, no início de 1995, o Presidente da Câmara Municipal começou a dificultar as reuniões solicitadas pela CIMNR, adiando-as alguns meses e sem apresentar solução às questões colocadas¹⁰⁸. Em meados do ano seguinte¹⁰⁹, o processo de transferência de funções foi acelerado pela vontade que Daniel Branco manifestou, de cessar a atividade da CIMNR, ficando a Associação Promotora encarregue de assumir as responsabilidades que diziam respeito à primeira. Por conseguinte, a última reunião da Comissão Instaladora realizou-se em abril de 1996 (Figura 25).

Neste novo contexto, a APMNR tomou as medidas necessárias para assegurar todo o trabalho envolvido naquela mudança. Com a transferência de funções da CIMNR para a APMNR, esta passou a assumir o cumprimento do programa de trabalhos, entre os quais se encontrava garantir o “espírito das doações”. Porém, na sequência do processo de tentativa de transferência do Museu para Alhandra em 1999, por iniciativa da nova gestão da autarquia¹¹⁰, foi necessário alterar os estatutos da APMNR, como poderá observar-se adiante. Na origem desta mudança, estava a falta de regras para admissão de novos sócios¹¹¹ e algumas indefinições relativas aos corpos gerente. Também contribuíram a ausência de um plano de atividades e de um orçamento aprovado em Assembleia Geral. Todavia, as últimas necessidades foram sucessivamente adiadas, tendo encontrado solução somente no virar do milénio.

¹⁰⁷ Mesa da Assembleia Geral: Daniel Branco, Armando Bacelar, Arquimedes da Silva Santos; Direção: António Mota Redol, Garcez da Silva e Carlos Félix; Conselho Fiscal: Ivo Cortesão, Avelãs Nunes e Alberto Vilaça. Cada um dos três órgãos seria presidido pelo primeiro membro indicado. Ainda nessa reunião, foram admitidos como novos sócios: Margarida Nunes, Carlos Félix, António Pedro Pita, António Dias Lourenço e Alexandre Cabral (Livro de Atas da Assembleia Geral da APMNR, ata n.º 2, 4 de dezembro de 1993 – Arquivo da APMNR).

¹⁰⁸ Informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010.

¹⁰⁹ Ata da reunião da CIMNR, 29 de abril de 1996 (Arquivo pessoal de AMR).

¹¹⁰ Maria da Luz Rosinha é eleita em 1997 como representante do Partido Socialista, substituindo Daniel Branco na presidência da autarquia. Luís Augusto Costa Dias entrou em conflito com a Presidente da Câmara e com a Vereadora Zita Seabra, tendo sido transferido para o Arquivo Municipal e acabando por se demitir de funcionário da autarquia. Sucederam-lhe Júlio Graça e Idalina Mesquita.

¹¹¹ Na ata n.º 7 (27 de maio de 2000), contam-se 33 sócios admitidos por unanimidade (Livro de Atas da Assembleia Geral da APMNR – Arquivo da APMNR).



Reunião da Comissão Instaladora
do Museu do Neo-Realismo
Extraordinária de
(29/04/96)

Presentes: Garcez da Silva, F. Castro Rodrigues, João Pequeto, A. Redol
(Carlos Félix, A. Pedroso e Manuela Valério justificaram a sua ausência)
Local: Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira

Ordem de Trabalhos:

1. Acta da reunião anterior;
2. Relato da conversa de um elemento da C.I. com o Presidente da Câmara. Assembleia Geral da Associação;
3. Subsídios da EDP e do Montepio Geral;
4. Aquisição de exemplares do catálogo da exposição de Matosinhos;
5. Oferta do livro de Leão Penedo;
6. Contas da Associação;
7. Pagamentos a realizar.

0. Pontos prévios

a. Colares Editora pretende que o Museu apoie a publicação de um livro sobre a obra de Manuel Ribeiro de Pavia com texto de Ernesto de Sousa. Decidiu-se que não se dará o apoio desejado de 1.500 contos, mas que se encara a hipótese de ir até 750 contos, podendo a editora recorrer a outros apoios, nomeadamente a Câmara de Mora. Dado que esta Câmara vai editar o catálogo da exposição inaugurada há dias, uma alternativa pode ser o adiamento da publicação. Em qualquer dos casos, se a edição se fizer, decidiu-se adquirir 80 exemplares.

b. Prémio a Tese de Mestrado: têm-se notícias de uma pessoa interessada; decidiu-se fazer diligências para publicação de uma notícia na comunicação social daqui a alguns meses, para reavivar o assunto.

c. Iniciativas nas escolas

Informação sobre as alterações sofridas: adiamento "sine die" da sessão sobre Jorge Reis, adiamento das sessões sobre Carlos de Oliveira e Ilse Losa devido a indisponibilidade dos intervenientes. Em relação à última houve substituição do conferencista por Victor Viçoso.

As sessões tiveram um número razoável de participantes, atendendo ao horário, à carga de trabalho dos professores e ao tema, que não está muito na moda.

d. Trabalho sobre "Sol Nascente"

Está pronta a parte do trabalho referente ao inventário de artigos publicados. Por esse trabalho, correspondente a mais de 1.000 entradas, decidiu-se pagar 250 contos.

1. Acta da reunião anterior
Não concluída.

2. Relato da conversa de um elemento da C.I. com o Presidente da Câmara. Assembleia Geral da Associação.

A. Redol relatou o resultado da conversa para que foi expressamente convocado pelo Presidente da Câmara: este pretende o fim da actividade da C.I., ficando as suas funções a cargo da Associação Promotora. A. Redol insistiu na necessidade de haver uma discussão sobre a orientação geral da Associação e as relações desta com a

COMISSÃO INSTALADORA

Av. dos Combatentes, 80 – Telef. (063) 22824 – 2600 VILA FRANCA DE XIRA

Figura 25 – 1.ª página da ata da última reunião da CIMNR, realizada em 29 de abril de 1996 (Arquivo da APMNR).

No que respeita à alteração dos estatutos¹¹², pode afirmar-se que houve essencialmente duas mudanças. Por um lado, o controlo da admissão de sócios por parte da Assembleia Geral, que passou a encarregar-se de apreciar as propostas de novos associados antes de dar o parecer final. Em termos sucintos, os critérios para a seleção de novos sócios seriam definidos pela Direção da Associação Promotora, em consonância com o desejo expresso pelos sócios em Assembleia Geral de aprovação das alterações estatutárias. Os critérios para a admissão de novos sócios incluíam “doadores de espólios e de ofertas relevantes para o Museu”; “famílias de neorrealistas”; “professores universitários” associados ao tema do Neo-Realismo; “personalidades de relevo inseridas no meio cultural português”; e “pessoas de Vila Franca interessadas no património local”. Por outro lado, a mudança dos estatutos da APMNR, traduziu-se na alteração de quatro artigos relacionados com a estrutura dos corpos gerentes, que ficou mais clara ao especificar as funções assumidas pelos responsáveis nos respetivos cargos que lhes fossem atribuídos. Do mesmo modo, a eleição da Mesa da Assembleia Geral, da Direção e do Conselho Fiscal da Associação Promotora, estendeu-se por um período de dois anos. A alteração aos estatutos veio criar condições para a eleição dos corpos gerentes, concretizada em maio de 2001¹¹³. Realizada cinco anos depois da transferência de papéis da CIMNR para a APMNR, aquela eleição veio reforçar o papel da Associação Promotora no desenvolvimento do projeto do Museu.

Se até 2001 a APMNR tinha desempenhado um papel latente, com menor participação dos sócios e consequente situação larvar da sua atividade, a partir daquele momento começou uma fase de normalidade associativa, desencadeada pelo empenho dos associados e pela dinamização das atividades do Museu. Com a nova estrutura, estava mais apta ao desempenho do conjunto de funções, incluindo a herança dos papéis assumidos pela CIMNR. De acordo com o Programa de Trabalho da nova Direção, no “domínio institucional”, caberia à Associação Promotora, nomeadamente, colaborar com a Câmara Municipal na institucionalização do Museu através da criação de uma estrutura diretiva constituída pela Câmara Municipal, a APMNR, a estrutura do Museu e, eventualmente, por outras entidades. Contemplada no estatuto de institucionaliza-

¹¹² *Alterações Introduzidas nos Estatutos na Reunião da Assembleia Geral Realizada no Dia 27/05/00* (Arquivo da APMNR).

¹¹³ Já antes tinha havido eleições para os corpos gerentes nos anos de 1993, 1994 e 1999. Também neste último ano, bem como em 1998 e 2000, realizaram-se reuniões da Assembleia Geral para apreciação e votação do relatório de atividades e das contas (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010).

ção, aquela Direção devia “aprovar as propostas de atividade e de orçamento anuais e plurianuais do Museu a submeter à Câmara Municipal” e tomar “decisões estratégicas e de orientação geral”¹¹⁴. Porém, o Programa de Trabalho não teve total aprovação por parte da autarquia, na medida em que não devia ser “uma qualquer comissão a apresentar à aprovação da Câmara Municipal, um plano de atividades e orçamento que não comanda”¹¹⁵. Do mesmo modo, cabia à autarquia e não à Associação Promotora, a escolha do modelo de gestão do Museu, independentemente da atuação da última no desenrolar do processo.

O novo papel assumido pela APMNR continuou a ser decisivo relativamente a muitos aspetos do funcionamento do Museu. Ela chegou mesmo a atuar de forma quase equivalente à direção do MNR¹¹⁶, na medida em que procurou contornar, de algum modo, as necessidades resultantes das limitações dos serviços do próprio Museu e da coordenação da Câmara Municipal. No entanto, esta assumiu sempre o controlo do projeto e a construção do novo edifício. Por este motivo, o posicionamento da autarquia relativamente à aprovação das novas funções da APMNR deve ser compreendido à luz do controlo que, apesar de tudo, assumiu.

1.3.2) Protocolo de Intercâmbio e Cooperação com a Universidade de Nápoles

Foram vários e significativos os planos e atividades que, em diversas escalas, pautaram a atuação do MNR.

Um desses planos foi o alargamento do Museu ao terreno internacional, por meio do “Protocolo de Intercâmbio e Cooperação” com a Universidade de Nápoles¹¹⁷, assinado em novembro de 1994. A iniciativa partiu da Câmara Municipal e do responsável pelo Centro de Documentação, tendo em vista firmar os contactos já estabelecidos, nomeadamente com dois professores daquela Universidade interessados no projeto e na “capacidade técnico-científica” do Museu. A ideia seria realizar iniciativas em colaboração mútua, com vista à divulgação e melhor compreensão

¹¹⁴ *Programa de Trabalho da Lista Candidata à Direção da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo – Biénio 2001/2002* (Pasta “Programas de Trabalho das Listas Candidatas” – Arquivo da APMNR).

¹¹⁵ Livro de Atas da Assembleia Geral da APMNR, ata n.º10, 21 de maio de 2001 – Arquivo da APMNR.

¹¹⁶ Situação que só terminou no final de 2006, com a indigitação de um efetivo responsável.

¹¹⁷ Departamento de Estudos Literários e Linguísticos e Humanísticos do Ocidente – Instituto Universitário Oriental da Universidade de Nápoles.

não só do Movimento neorrealista, como do próprio MNR. Com esta extensão, o Museu previa “vir a constituir um grande polo de conhecimento do concelho e da riqueza do próprio património”¹¹⁸ de Vila Franca de Xira. Em termos práticos, o protocolo resultou na edição de um livro sobre Soeiro Pereira Gomes e da revista *Caravela*¹¹⁹. Muito embora não tenha caído em esquecimento, foi breve o impacto que teve na história do Museu¹²⁰. Contudo, pode dizer-se que impulsionou o desenvolvimento do encontro “Neo-Realismo: reflexões sobre um movimento, perspetivas para um museu”¹²¹ – realizado em 1997. A ideia era fazer um balanço das atividades desenvolvidas e definir orientações futuras¹²². Na sequência deste encontro, ficou no ar a institucionalização do Museu, tendo em conta os regulamentos municipais. A questão prendia-se com a regulamentação do espaço que atuava como Centro de Documentação, mas foi pensado como o embrião do Museu do Neo-Realismo. Foi esta a designação que esteve presente em todos os materiais gráficos da instituição. Portanto, apesar de ter-se assumido como Centro de Documentação, este espaço era reconhecido como o Museu do Neo-Realismo. Havia, de facto, uma imagem associada a cada uma das designações – “como centro de documentação é muito bom, como museu é muito fraco, comparado com aquilo que o MNR deve ser”¹²³. Concluiu-se que o espaço devia ser regulamentado como Centro de Documentação, pois era deste que mais se aproximavam a sua estrutura e as funções desempenhadas. Para a decisão foi relevante a atuação dos membros da APMNR e da CIMNR, cujo carácter previdente e cauteloso evitou uma regulamentação antecipada e desadequada do espaço, como museu.

Aquele encontro terá sido relevante para o desenrolar do projeto. No mesmo dia, abriu ao público a Biblioteca especializada no Neo-Realismo, dispondo de “obras literárias, estudos ensaísticos e publicações relacionadas com a corrente neorrealista”¹²⁴. Logo após as obras de remodelação

¹¹⁸ *Notícias de Alverca*, 15 de dezembro de 1994 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

¹¹⁹ Esta revista saiu em Itália, sendo uma primeira abordagem ao que é o Museu do Neo-Realismo e ao Espólio de Soeiro Pereira Gomes” (*Notícias de Alverca*, 15 de dezembro de 1994 – Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

¹²⁰ Em entrevista a David Santos (25 de março de 2008), este afirmou ter a intenção de restabelecer os contactos com a Universidade de Nápoles.

¹²¹ Este encontro decorreu no Palácio do Sobralinho (VFX), de 13 a 15 de março de 1997 e deu origem à edição de um livro com o mesmo título.

¹²² *Vida Ribatejana*, 19 de março de 1997 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

¹²³ Ata da reunião da CIMNR, 22 de junho de 1995 (Arquivo pessoal de AMR).

¹²⁴ *Diário de Notícias*, 15 de março de 1997 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

no primeiro andar do edifício, surgiu um novo espaço que para além da referida Biblioteca, contemplava uma sala de leitura pública e um serviço de extensão educativa.

1.3.3) O Museu procura apoios

Um outro aspeto que marcou esta fase do projeto, foi o pedido de financiamento, até então feito apenas a título pontual. Nesta fase do desenvolvimento do Museu, este não podia depender exclusivamente da autarquia de Vila Franca de Xira. Ainda mais tratando-se de um projeto de carácter nacional, como desde cedo se assumiu.

Deste modo, a CIMNR apresentou à SEC o projeto do MNR e pediu financiamento no valor de 15.000 contos¹²⁵. Embora a prioridade fosse a instalação definitiva do Museu, para o qual a Câmara Municipal iria disponibilizar um terreno, aquele valor incluía ainda o apoio a publicações, a aquisição de obras de artes plásticas e o tratamento dos espólios. Além disso, a Comissão Instaladora pretendia obter para o Museu, a classificação de “manifesto interesse cultural”¹²⁶, permitindo a abertura das portas ao mecenato e a conseqüente extensão das atividades. Em resposta, a SEC comunicou a impossibilidade de conceder os subsídios solicitados, mas declarou o “manifesto interesse cultural” do projeto.

1.3.4) A “Questão de Alhandra”

Decorridos seis anos sobre a inauguração do Centro de Documentação do MNR, o Museu debateu-se com uma dificuldade que merece especial destaque na sua história, pelas razões apresentadas a seguir.

Já antes tinham sido considerados vários locais possíveis para a construção de instalações condignas do MNR, todos eles na cidade de Vila Franca de Xira. Saliente-se que, dos locais apontados, a autarquia desejava que o Museu se instalasse no terreno em frente à Escola Alves Redol, quando ainda se discutia a viabilidade do Vale de Santa Sofia. Num dado momento, surgiu um novo espaço ainda em aberto – o Teatro Salvador Marques¹²⁷, cuja recuperação há muito aguardava resposta por parte da

¹²⁵ *O Ribatejo*, 9 de fevereiro de 1995 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

¹²⁶ *Vida Ribatejana*, 24 de março de 1995 (Arquivo de recortes de imprensa MNR).

¹²⁷ Fundado em 1905, o Teatro Salvador Marques encerrou em meados dos anos oitenta, ficando reduzido ao “abandono” e à “degradação”. Só no princípio da década de 90 foi restituído ao seu proprietário, a Associação do Hospital Civil e Misericórdia de Alhandra que, desde então, procurava um futuro para o espaço (*Notícias de Alverca*, dezembro de 1998 – Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

Câmara Municipal. Em junho de 1999, sob a presidência de Maria da Luz Rosinha, foi sugerida à Junta de Freguesia de Alhandra a hipótese de instalar o MNR naquele espaço. Naturalmente, a proposta agradou àquela entidade. Além disso, a proposta reunia as condições necessárias à intervenção do Ministério da Cultura, na medida em que o então Ministro, Manuel Maria Carrilho, havia recusado a recuperação do espaço como Cineteatro¹²⁸. Perante a necessidade de apoios para combater a degradação do edifício e considerando o contínuo adiamento da instalação definitiva do Museu, no final de 1999¹²⁹ a autarquia decidiu avançar com a proposta de adaptação do Teatro Salvador Marques ao Museu do Neo-Realismo. Assim se conciliavam duas vontades e dois destinos¹³⁰.

Considerando a resistência que, desde cedo, os fundadores do Museu ofereceram a todos os cenários que não fossem a construção num espaço próprio em Vila Franca de Xira, parece evidente que aquela possibilidade gerou a discordância dos elementos da APMNR, com exceção de Júlio Graça¹³¹ (na época “responsável” pelo Museu) que sempre defendeu aquela solução. Mediante esta ameaça, desencadeou-se uma série de reações, nomeadamente, o envio de uma carta à Presidente da Câmara Municipal de VFX (Figura 26), expondo a posição dos fundadores do Museu; a constituição de um Movimento de Opinião Pública (Figura 27), coordenado por José Pinheiro – antigo dirigente da secção cultural da União Desportiva Vila-franquense, do CPAR e da Cooperativa Alves

¹²⁸ A recusa da recuperação do Teatro Salvador Marques para fins teatrais deveu-se, segundo fontes do Governo, à proximidade com Lisboa. “Segundo experiências anteriores demonstrou-se que na proximidade de grandes cidades, os investimentos acabavam por não ter aproveitamento prático” (Livro de Atas da Assembleia Geral da APMNR, ata n.º 8, 27 de maio de 2000 – Arquivo da APMNR).

¹²⁹ No dia 28 de dezembro de 1999 a Câmara Municipal de VFX apresentou ao Ministro da Cultura, a ideia de negociar a “aquisição do antigo Teatro Salvador Marques, tendo em vista a sua recuperação e adaptação a sede do Museu do Neo-Realismo” (*Público*, 28 de dezembro de 1999 – Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

¹³⁰ Para a Presidente da Câmara de VFX, a instalação do Museu do Neo-Realismo no Teatro Salvador Marques, em Alhandra, enquadrava-se bem no projeto de reabilitação da zona ribeirinha, cuja candidatura seria apresentada ao Quadro Comunitário Europeu (*Vida Ribatejana*, 23 de junho de 1999 – Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

¹³¹ Apesar de Júlio Graça ser natural de Vila Franca de Xira, viveu em Alhandra desde a sua infância e foi lá que passou grande parte da sua vida, colaborando com coletividades locais. Na época, era responsável não só pelo MNR como pela Casa-Museu Dr. Sousa Martins (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010).

Redol e dirigente sindical – e a realização de diversas reuniões para discutir o assunto. O Movimento iniciou-se com um comunicado à população e um apelo à subscrição de um abaixo-assinado (Figura 28). Além da exposição dirigida à Câmara Municipal de VFX (antes desta se reunir com a Junta de Freguesia de Alhandra), foram publicados vários comunicados. Em colaboração com alguns escritores, conseguiu-se recolher as assinaturas de trinta e três dos mais importantes escritores portugueses das várias tendências e gerações, fazendo o pleno em torno de um texto que reclamava a permanência do Museu em Vila Franca de Xira (Figura 29). De acordo com AMR, desde o 25 de Abril, nunca se conseguira reunir, num só documento, pessoas tão diversificadas. Recolheram-se também assinaturas de “homens e mulheres de teatro”¹³², os quais se mostraram sensíveis não só à causa do Museu como também à destruição do Teatro Salvador Marques.

Em causa estavam sobretudo três motivos¹³³, igualmente importantes. O primeiro estava relacionado com a dimensão do projeto que, tendo alcançado grande envergadura, jamais se coadunaria com a insuficiência do espaço atribuído para adaptação ao Museu. Aqui impuseram-se duas forças: a já referida falta de condições estruturais do Teatro para uma radical mudança – “ele continuaria a ser muito limitativo, quer em termos de área, quer em termos de possibilidades museológicas, continuando a não permitir a expansão futura” – situação que iria contribuir para a desvalorização do projeto, já em adiantada fase de crescimento; e o lamentável destino de um Teatro, o último do concelho. Instalar o Museu naquele espaço, seria equivalente a “privar a população de Alhandra e do concelho, e sobretudo a sua juventude, da possibilidade de poder vir a usufruir, no dia a dia, de um importante equipamento lúdico-cultural e apagar um pouco da sua história e do seu património”¹³⁴. Além do mais, esta solução iria desvirtuar a história, ignorar o trabalho até então desenvolvido e as expectativas existentes, colocando em causa não só as doações realizadas, como as que estavam por vir. Seria natural que os doadores dos espólios não ficassem indiferentes à localização do Museu na cidade de Vila Franca de Xira. Evidentemente, este aspeto liga-se ao

¹³² Este abaixo-assinado intitulado *O Teatro Salvador Marques em Alhandra e o Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira* não chegou a ser divulgado publicamente (informação fornecida por AMR a 1 de julho de 2008).

¹³³ Na exposição dirigida à Câmara Municipal de VFX (*Movimento de Opinião Pública em Defesa do Museu do Neo-Realismo na Cidade de Vila Franca de Xira*), as razões dividiam-se, de acordo com a sua natureza nos seguintes grupos: “Histórico-cultural”, “Estatutária”, “Museológica” e “Socioeconómica”.

¹³⁴ *Movimento de Opinião Pública em Defesa do Museu do Neo-Realismo na Cidade de Vila Franca de Xira*, 18 de maio de 2000 (Arquivo pessoal de AMR).

TEXTO EXPONDO A POSIÇÃO
DOS FUNDADORES DO MUSEU
DO NEO-REALISMO.

ENVIADO À SENHORA PRESIDENTE
DA CÂMARA MUNICIPAL DE
VILA FRANCA DE XIRA

Handwritten signature and initials in the top right corner.

Os signatários, que iniciaram o processo de implementação do Museu do Neo-Realismo em finais de 1987, tendo tido conhecimento que se estaria a perspectivar a instalação do Museu no edifício do Teatro Salvador Marques, em Alhandra, têm sobre o assunto a seguinte opinião:

- 1) Foi em Vila Franca de Xira que se desencadeou no início dos anos trinta um movimento cultural muito forte, com grande implantação junto da população, que se dedicou inicialmente a cursos de alfabetização, cursos profissionais, à instrução do povo trabalhador e ao ensino do esperanto, língua que pretendia ser universal;
- 2) Várias colectividades, como a Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Ofícios Correlativos, o Sport Lisboa e Vila Franca, o Grémio Artístico Vilafranquense (mais tarde Ateneu Artístico Vilafranquense), a União Musical Artística Vilafranquense (que deu lugar ao Ginásio Vilafranquense) participaram nessa actividade, fundando-se bibliotecas - que foram das primeiras bibliotecas públicas da vila - , organizando-se conferências e saraus, em que participaram alguns dos mais importantes intelectuais portugueses do Séc. XX em várias áreas da cultura;
- 3) Organizaram-se, igualmente, visitas aos Museus de Arte Antiga, de Arte Contemporânea, de Alpiarça (Casa dos Patudos);
- 4) Ao longo deste processo foi-se constituindo um grupo de jovens intelectuais conhecido por "Grupo Neo-Realista de Vila Franca de Xira", dos quais alguns atingiram posição cimeira na literatura portuguesa (ver o livro Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca);
- 5) Este grupo organizou, ainda, os celebrados "Passieos no Tejo", que partiam do cais de Vila Franca no barco "Liberdade", e em que participavam nomes dos mais relevantes da cultura portuguesa em vários domínios, como a História, a Filosofia, a Ciência, a Economia, a Educação, a Literatura, as Artes;
- 6) Alhandra acompanhou este movimento, iniciando-o mais tarde e sem a mesma dimensão;
- 7) Este movimento prolongou-se até ao 25 de Abril em colectividades como o Ginásio e a União Desportiva Vilafranquense, aumentando ainda mais a sua influência junto da população e atingiu uma dimensão que não tem paralelo em outros pontos do país; em todo o território nacional este movimento cultural era conhecido, apreciado e seguido; muitos dos que aqui desenvolveram actividades foram promover realizações semelhantes em outros pontos do país;
- 8) As colectividades de Vila Franca chegaram mesmo a liderar um movimento concelhio e regional nos anos 60 e 70, com uma actividade que teve grande impacto a nível nacional;

Vila Franca de Xira, Maio de 1999.

Figura 26 – 1.ª página da carta enviada à Presidente da Câmara Municipal de VFX, Maria da Luz Rosinha, em maio de 1999, discordando da transferência do Museu para Alhandra, assinada por todos os elementos fundadores, com exceção de Júlio Graça (Arquvo pessoal de AMR).

Comunicado

PELA PERMANÊNCIA DO MUSEU DO NEO-REALISMO EM VILA FRANCA

Neo-Realismo foi um movimento cultural que irrompeu em Portugal na 3ª década do século XX. É com orgulho que Vila Franca pode reivindicar para si uma importante quota parte na genealogia dessa gesta.

Dois acontecimentos, considerados pelos estudiosos referências indeléveis na definição de uma nova consciência estética, estão-lhe umbilicalmente ligados:

- A conferência *Arte* proferida no Grémio Artístico Vilafranquense (1936) por Alves Redol, onde são definidos os contornos estético-ideológicos do neo-realismo.
- A publicação em 1939 do romance *Galbús*, geralmente considerado marco inaugural do neo-realismo português.

Não constitui, pois, surpresa que, passados 50 anos, Vila Franca queira ser guardiã da memória desse movimento. Assim, por iniciativa de um grupo de intelectuais, a 18 de Maio de 1988, foi fundado o Museu do Neo-Realismo sito, provisoriamente, na Rua José Dias da Silva, em Vila Franca de Xira. Decorrido um ano, nasce a Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, que tem como propósitos definidos nos seus estatutos:

- *Promover, apoiar e dinamizar todas as acções conducentes à implementação e implantação do Museu do Neo-Realismo na cidade de Vila Franca de Xira.*

Desde então, várias actividades têm sido desenvolvidas, das quais destacamos: aquisição de espólios, montagem de uma exposição permanente, apoio a publicações e organização de acções de formação para professores.

Contrariando quer os princípios estatutários da referida associação, quer a História do movimento neo-realista, a senhora presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira pretende desviar o museu para o Teatro Salvador Marques, em Alhandra.

A levar a efeito, trata-se de um acto arbitrário, injusto, leviano e insultuoso para com as tradições culturais de Vila Franca.

Arbitrário, porque desfaz todo o esforço desenvolvido por muita gente que se tem empenhado em construir em Vila Franca um equipamento cultural de significado tão especial.

Injusto, porque o Museu nasceu em Vila Franca e tudo o que contradiz isso é uma afronta aos interesses locais.

Leviano, porque não existe um único argumento sólido que legitime tal usurpação, com a agravante de, com um só golpe, se matarem dois projectos: liquida-se de vez a única sala de teatro, digna desse nome, do concelho e, ao mesmo tempo, amputa-se o Museu do Neo-Realismo de toda a dignidade e condições a que tem direito.

Insultuoso, porque não respeita a História local. Ao longo do século XX, várias gerações de vilafranquense e muitos outros, desenvolveram aqui actividades culturais que constituem um invejável património. Formaram-se grupos de teatro, constituíram-se bibliotecas, montaram-se exposições, organizaram-se palestras, debates, colóquios, sessões de cinema, passeios, competições desportivas, realizaram-se espectáculos, etc. Na vanguarda ou na retaguarda deste vasto rol estiveram, na maioria das vezes, muitas das colectividades locais: o *Grémio Artístico Vilafranquense* (hoje *Ateneu Artístico Vilafranquense*), o *Sport Lisboa e Vila Franca*, o *Ginásio Vilafranquense*, a secção cultural da *União Desportiva Vilafranquense*, o *Cine-Clube*, a *Cooperativa Alves Redol*. Pode ainda referir-se o papel da *Vida Ribatejana*, onde Alves Redol publicou alguns dos seus primeiros escritos, e do *Mensageiro do Ribatejo*, que, através do seu suplemento literário (1932-1939), foi eco do grupo neo-realista de Vila Franca. São longos anos de actividade ininterrupta.

Ignorar este trabalho e não lhe dar continuidade é não ter qualquer respeito pela memória colectiva dos Vilafranquenses.

Parante os factos expostos, apelamos à população para que:

- **Pressione as entidades competentes no sentido de manter o Museu do Neo-Realismo em Vila Franca e de recuperar o Teatro Salvador Marques para a finalidade para que foi criado.**
- **Subscreva o abaixo-assinado em circulação, que defende a permanência do Museu Neo-Realista em Vila Franca.**

Vila Franca de Xira, Abril de 2000

MOVIMENTO DE OPINIÃO PÚBLICA EM DEFESA DO MUSEU DO NEO-REALISMO

Figura 27 – 1.ª circular do “Movimento de Opinião Pública em Defesa do Museu do Neo-Realismo na cidade de Vila Franca de Xira” (Arquivo pessoal de AMR).

31 de MAIO de 2000

REGIONAL

Movimento divulga posições contra projecto da câmara de Vila Franca

2500 assinaturas contra mudança do Museu do Neo-realismo

Os opositores da transferência do Museu do Neo-realismo de Vila Franca para Alhandra apresentaram uma exposição e um abaixo-assinado com mais de 2500 assinaturas. A Associação Promotora do Museu também se pronunciou contra a mudança



A mesa com três dos fundadores do museu e alguns elementos do movimento

JORGE TALVA

O Movimento de Opinião em Defesa do Museu do Neo-realismo na Cidade de Vila Franca de Xira divulgou, na quinta-feira, em conferência de imprensa, o teor de uma exposição que enviou a diferentes entidades locais e nacionais e a recolha de mais de 2500 assinaturas contra o projecto da câmara local de transferir a sede deste museu para o antigo cine-teatro Salvador

Alhandra. Recorda-se que, no início de Maio, a presidente da câmara vila-franquesa decidiu retirar, no decurso de uma reunião da autarquia, a sua proposta de aquisição do antigo teatro por 65 mil contos. A edil tentou a sua atitude nas reservas então levantadas pelos vereadores da CDU à transferência do Museu e considerou que, sem ter definido o seu destino, não pode avançar para a aquisição de um

permanência do museu em Vila Franca, propondo a sua instalação no futuro parque urbano de Santa Sofia. Sustentou que esta organização é "rigorosamente apartidária" e que o teatro deve ser à mesma adquirido, mas para fins teatrais.

Angustiado da Silva Santos, fundador do museu, sublinhou que "é tão evidente que este é um museu que foi criado, concebido e trabalhado para ficar em Vila Franca" que "é quase um absurdo que passe pela cabeça de alguém que se tira uma instituição do local próprio para outro".

Leonor Ribeiro, outro membro

do Presidente da República, ministro da Cultura, Comissão Parlamentar de Cultura e órgãos autárquicos locais - sublinha que "esse museu de futuro a que Vila Franca tem direito e necessidade, não se compenetrará, nesta era e neste tempo, com soluções improvisadas. A serem impostas, tais soluções rapidamente desmorionar-se-ão à sua razoabilidade e conduzirão à instauração dos próprios austeros".

Maria José Gonçalves, membro do movimento e da APM, explicou que este movimento não tem nada contra Alhandra e que são fundamentalmente razões históricas e culturais

Assembleia-geral em Vila Franca de Xira Associação promotora rejeita Alhandra

A assembleia geral da Associação Promotora do Museu do Neo-realismo (APM) pronunciou-se, sábado à noite, por forte maioria, a favor da permanência do Museu em Vila Franca de Xira e contra a sua transferência para o antigo cine-teatro Salvador Marques, em Alhandra. Esta posição poderá ser determinante para a decisão final da câmara vila-franquesa, que deve responder, no próximo dia 7, o processo de aquisição do antigo teatro, suspenso 3 de Maio perante as reservas colocadas à transferência do Museu pela CDU e por um movimento de opinião entusiasta criado.

Agora, numa assembleia em que participaram 15 dos poucos mais de 30 sócios da APM - associação constituída por fundadores do Museu e outros interessados no movimento neo-realista, com sócios de vários pontos do País - entre dos presentes votaram pela continuidade do desenvolvimento do projecto do Museu na cidade de Vila Franca, registando-se um voto contra e uma abstenção.

António Badal, filho do escritor vila-franqueses Aires Real e presidente da APM, disse ao *Vida Ribatejana* que foi uma reunião "bastante pacífica" em que se apresentaram as diferentes visões do problema. A presidente da câmara de Vila Franca, Maria da Luz Sanches, explicou os pontos que conduzem à sua proposta de transferência para Alhandra. O arquiteto Castro Rodrigues, que participou na elaboração do programa do Museu, defendeu que é muito difícil encontrar o projecto num fólio inteiro quadrado do antigo teatro, mesmo que em vários pisos, uma vez que se aponta para a sustentabilidade de perto de quatro mil metros quadrados.

"Faltou-se também na possibilidade de instalar o museu no futuro parque urbano de Santa Sofia (em Vila Franca). A presidente explicou que o estado físico não contempla um hipótese, mas julgamos que pode ser revista e recomendada à câmara que entende uma possibilidade, porque Santa Sofia era uma solução do agrado de todos", frisou o presidente da APM.

J.L.

que "não cabe ao movimento encontrar outra solução para o museu", mas sublinhou que naturalmente surgem movimentos com esta dimensão por objectivos culturais e que os envolvidos podem ajudar a encontrar soluções.

Museu pode ir para

porque os acordos de decisão apontam para um museu a funcionar em Vila Franca. "O Museu deve ir em Vila Franca e com a dimensão que deve ter, mas a câmara vila-franquesa deve ter a honestidade de dizer se isso é possível e, se não for, de negociar com

Figura 28 – Notícia do jornal *Vida Ribatejana* de 21 de maio de 2000 sobre abaixo-assinado com 2500 assinaturas opondo-se à saída de Vila Franca de Xira do Museu do Neo-Realismo.

segundo motivo: a construção de um edifício de raiz, a única solução plausível para um museu que nunca escondeu a sua verdadeira dimensão. Assim, veja-se o compromisso que a Câmara Municipal assumiu naquela primeira de muitas reuniões com vista à implementação do MNR. Na época, os fundadores do Museu apresentaram a área estimada e o respetivo orçamento¹³⁵. Além disso, tiveram em consideração a possibilidade de a autarquia não possuir meios para responder positivamente, "o que teria levado os signatários a dirigirem-se a outra Câmara Municipal: Coimbra, Lisboa ou Porto, para não falar de outras localidades onde o Movimento se manifestou e cujas autarquias não teriam dimensão compatível com o projeto"¹³⁶. Por outro lado, esta solução colocou em causa o compromisso

¹³⁵ As necessidades de espaço, apresentadas pelo arquiteto Francisco Castro Rodrigues, apontavam para cerca de 4000m², enquanto o Teatro de Alhandra tinha uma área muito menor. Há muito que o arquiteto colaborava com a CIMNR e a APMNR. Antigo membro do MUD Juvenil e da Sociedade Nacional de Belas Artes, fez também parte do grupo organizador das Exposições Gerais de Artes Plásticas.

¹³⁶ Enviado à Senhora Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, maio de 1999 (Arquivo pessoal de AMR).

**ESCRITORES
FAZEM ABAIXO-ASSINADO
PELA CONTINUIDADE
DO MUSEU DO NEO-REALISMO
EM VILA FRANCA DE XIRA**

Os escritores abaixo-assinados, conhecedores das acções empreendidas e do espólio constituído e tratado pelo Museu do Neo-Realismo, consideram fundamental, independentemente das opções estéticas de cada um, que o actual estatuto da instituição seja preservado, designadamente a sua localização já consolidada em Vila Franca de Xira, por forma a prosseguir e potenciar, em instalações condignas, com estabilidade e proficiência, as iniciativas e os estudos em torno de uma corrente da maior relevância no contexto da nossa cultura do séc. XX.

Agustina Bessa Luís
Alice Vieira
Almeida Faria
Álvaro Guerra
António Borges Coelho
António Lobo Antunes
António Pedro Pita
António Ramos Rosa
Augusto Abelaira
Baptista-Bastos
Eduarda Dionísio
Eduardo Lourenço
Eduardo Prado Coelho
Egito Gonçalves
Eugénio de Andrade
Gastão Cruz
Hélia Correia
Isabel Pires de Lima
João de Melo
José Manuel Mendes

José Saramago
Lídia Jorge
Manuel Alegre
Maria Teresa Horta
Mário de Carvalho
Mário Cláudio
Mário Ventura
Nuno Júdice
Orlando da Lopes
Óscar Lopes
Sophia de Mello Breyner Andresen
Urbano Tavares Rodrigues
Vasco Graça Moura



Associação Promotora

Outubro de 2000

Figura 29 – Abaixo-assinado de 33 dos mais relevantes escritores portugueses, publicado em alguns jornais em outubro de 2000, discordando da transferência do Museu para Alhandra. Recorte de *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (JL) de 15 de novembro de 2000 (Arquivo pessoal de AMR). Anúncio pago pela APMNR.

assumido pelo então presidente da Câmara Municipal, Daniel Branco, que prometeu a implementação do Museu num edifício construído de origem. Em conjunto com este objetivo, “nasceu” e foi-se “enraizando” a ideia de inserir a construção do edifício do Museu no projeto de reabilitação do parque de Santa Sofia, “contemplando um conjunto multifacetado de funções no domínio sociocultural”¹³⁷. Relembre-se que, já em 1996, a ideia do edifício foi expressa numa proposta detalhada das funções e áreas necessárias. Diante deste cenário, como recuar numa fase tão avançada? Neste sentido, o terceiro motivo das reações que a “Questão de Alhandra” desencadeou é a permanência do Museu do Neo-Realismo na cidade de Vila Franca de Xira. Como fundamento impunha-se, antes de mais, a importância do Movimento neorrealista na cidade que o desencadeou, no início da década de trinta, e no qual se manteve ativo. O mesmo não se verificou em Alhandra que, embora tenha acompanhado o Movimento, iniciou-o mais tarde e sem a mesma dimensão. Como os próprios fundadores afirmaram “Vila Franca é uma terra de escritores”. Por outro lado, não se podia ignorar os estatutos da Associação Promotora, que pensou a “implementação e implantação do Museu do Neo-Realismo na cidade de Vila Franca de Xira”. Em conjunto com os três aspetos referidos, pesou o facto de a cidade ser sede do concelho, com todos os benefícios que lhe eram inerentes – os acessos de que dispunha, os locais de interesse histórico-turístico, as escolas, o comércio e as iniciativas de “cariz popular”, entre outros. A par com esta ideia, os responsáveis pelo Movimento de Opinião Pública lembraram a sugestão do Parque de Santa Sofia para a construção do novo edifício. Em termos sucintos, o contexto socioeconómico vila-franquense era substancialmente mais adequado a um projeto daquela envergadura. Uma vez mais, o MNR mostrou a sua perseverança, não se compadecendo com “soluções improvisadas”.

“A fundação e a manutenção do Museu do Neo-Realismo em Vila Franca é o corolário justo de uma herança cultural legada por sucessivas gerações de vila-franquenses desde os anos 30 aos dias de hoje. A construção de um edifício que lhe possa dar a dimensão e dignidade a que tem direito será, em contrapartida, uma porta aberta ao futuro”¹³⁸.

Na outra face da “Questão de Alhandra” estavam, evidentemente, os alhandrenses que, além de firmarem o papel que desempenharam no Movimento neorrealista, defendiam a importância da recuperação do Teatro

¹³⁷ *Movimento de Opinião Pública em Defesa do Museu do Neo-Realismo na Cidade de Vila Franca de Xira*, 18 de maio de 2000 (Arquivo pessoal de AMR).

¹³⁸ *Idem*.

Salvador Marques “enquanto equipamento cultural com todas as condições para a instalação do Museu do Neo-Realismo”¹³⁹. É natural que os habitantes da freguesia de Alhandra vissem na transferência do MNR para a vila o “destaque que o mesmo teve na cultura de toda uma região”. Por outro lado, lamentaram que “interesses pouco claros” pusessem em causa a “instalação, a curto prazo, de um equipamento de carácter único e de forte abrangência cultural”¹⁴⁰. O desagrado dos representantes da freguesia de Alhandra manifestou-se na tomada de algumas medidas. Perante a existência maioritária de sócios de Vila Franca de Xira e de outras localidades de todo o país na Associação Promotora (comparativamente ao número de sócios daquela freguesia) e face à necessidade da Assembleia Geral da APMNR dar o seu aval à instalação do Museu em Vila Franca, Júlio Graça tentou que a Direção da APMNR aprovasse a inscrição imediata de mais de vinte novos sócios de Alhandra. Assim, ficaria garantida a maioria na Assembleia Geral, em cujas reuniões “nunca estavam presentes mais do que uma dúzia de sócios”¹⁴¹. Recuando à alteração dos estatutos da APMNR, referida anteriormente no contexto da transferência de papéis, encontra-se aqui a justificação para a necessidade de a Assembleia Geral controlar a admissão de novos sócios.

Todavia, outros fatores se juntaram no seguimento daquela hipótese que tanto desagrado causou a ambas as partes envolvidas. A sua resolução dependia da proposta de aquisição do Teatro Salvador Marques por parte da autarquia. Por sua vez, esta proposta implicaria que fosse previamente definido o destino do Teatro que, no caso, seria a instalação do MNR. Por outras palavras, o espaço só seria adquirido pela autarquia para instalação do Museu. Este processo acabou por criar fissuras dentro das próprias estruturas partidárias, provocando conflitos entre as organizações concelhias e locais. Na base dos conflitos estavam, por um lado, a possibilidade da Misericórdia de Alhandra (proprietária do Teatro) não querer vender o espaço para um fim distinto do original. Por outro lado, a ideia de destinar o edifício a um “espaço cultural”¹⁴², era uma finalidade indefinida, podendo invalidar a futura negociação de apoios.

O primeiro passo para a resolução da “Questão de Alhandra” foi dado em maio de 2000, após maioria de votos da Assembleia Geral da APMNR,

¹³⁹ Moção apresentada pela Mesa da Assembleia de Freguesia de Alhandra, 6 de junho de 2000 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

¹⁴⁰ Informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010.

¹⁴¹ *Idem*.

¹⁴² Ata da reunião da Câmara Municipal de VFX, 21 de junho de 2000 (Edifício Sede da Câmara Municipal VFX).

contra a transferência do Museu para Alhandra¹⁴³. A Presidente da Câmara Municipal de VFX entendeu que devia respeitar a decisão tomada por votação. De acordo com AMR¹⁴⁴, o que determinou esta mudança de atitude foi, muito provavelmente, o impacto provocado não só pela ação do “Movimento de Opinião”, como pelo abaixo-assinado dos escritores, acima mencionado. Além disso, também terá contribuído a opinião manifestada pela APMNR ao longo de todo o processo. Porém, só a partir de outubro¹⁴⁵ daquele ano foram tomadas as primeiras medidas necessárias. Por um lado, foram estabelecidos os primeiros contactos no sentido de encontrar uma solução para a recuperação do Teatro Salvador Marques; por outro, era necessário definir um terreno para a construção do MNR em Vila Franca de Xira.

Finalmente, após o longo período de contestação por parte dos fundadores do Museu¹⁴⁶, foi afastada a hipótese que havia assombrado o futuro do MNR. Desviado o perigo, urgia seguir em frente, ao encontro da solução definitiva. Compreende-se agora a dimensão da “Questão de Alhandra” na história do MNR. Apesar de perturbadora, aquela “Questão” veio fortalecer os fundamentos do Museu e teve um papel fundamental na divulgação do mesmo. Se até à data algumas pessoas desconheciam a existência do MNR, o movimento de recolha de assinaturas despertou o público e acentuou o interesse pelo Museu. Mais do que um simples projeto museológico, o MNR fazia sentido num contexto muito próprio, que, em virtude do seu passado, só poderia ser a cidade de Vila Franca de Xira.

“Justificado o Museu, cumpre-nos responder à pergunta: porquê o Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira? Poderia ter surgido esta iniciativa num dos outros locais que constituíram os focos do Movimento – Coimbra, Lisboa, Porto, Santiago do Cacém e outros. Foi, porém, em Vila Franca de Xira, importante foco da génese do Neo-Realismo, que mais se aglutinou a produção literária e artística com a intervenção ativa e empenhada na vida cultural e social local.

¹⁴³ A votação foi realizada na reunião da Assembleia Geral da APMNR, no dia 27 de maio de 2000 (Arquivo da APMNR, ata n.º 8).

¹⁴⁴ Informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010.

¹⁴⁵ A reunião realizou-se no dia 23 de outubro de 2000 e contou com a presença dos seguintes representantes: Órgãos Autárquicos das freguesias de Alhandra e VFX, da Mesa da Assembleia Municipal, do Executivo Municipal; representantes da APMNR e do Movimento *Pela Permanência do MNR em Vila Franca de Xira* (ata da reunião da Câmara Municipal de VFX, 27 de dezembro de 2000 – Edifício Sede da Câmara Municipal VFX).

¹⁴⁶ Com exceção de Júlio Graça, natural de Alhandra.

Hoje, ao dinamizar a formação do Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira, a Câmara Municipal apoia a preservação de um património nacional – que se projeta também ao nível internacional – e assume, assim, de uma forma pioneira a constituição deste museu”¹⁴⁷.

1.4) As novas instalações do Museu

Ultrapassada a “Questão de Alhandra”, mostrou-se urgente a definição de um terreno para a instalação do Museu. Apesar de muito se dizer precocemente sobre a disponibilização de um local por parte da Câmara Municipal, parecia tardar a escolha definitiva do mesmo. Assim, veja-se, o longo percurso que culminou na seleção do terreno atualmente ocupado pelo MNR.

1.4.1) Um terreno, um programa

Recuando até final de 1987, àquela primeira reunião com a Câmara Municipal de VFX – que é uma referência na história do Museu do Neo-Realismo –, Daniel Branco propôs, como hipótese para a localização do Museu, o terreno junto à Escola Secundária Alves Redol¹⁴⁸. Pouco tempo depois, em fevereiro de 1988, a autarquia apresentou a proposta de realização de um “concurso de ideias”¹⁴⁹ para o projeto do Museu, contando com o apoio da Associação Portuguesa de Arquitetos. Este foi, porventura, o primeiro esboço de um longo caminho a percorrer. Contudo, era necessário definir com precisão os objetivos do Museu e as áreas a ocupar por cada setor; definição que, por sua vez, implicaria estimativas quanto ao número de livros, revistas, jornais e outros documentos, que se estimou, virem a fazer parte do Centro de Documentação e da Biblioteca do Museu. Quanto à localização, seria necessário estudar as alternativas ao local proposto pelo Presidente da Câmara. Considerando os espaços disponíveis em Vila Franca de Xira, a CIMNR “devia dar a sua opinião e ter um peso importante na escolha definitiva”¹⁵⁰, de resto, um papel consonante com a fase em que se encontrava (na época, ainda em atividade).

¹⁴⁷ *Museu do Neo-Realismo* – (“Documento de Apresentação”), novembro 1988, Rogério Ribeiro (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁴⁸ “Trata-se de um espaço amplo, com vista sobre a Lezíria, embora com acessos atualmente difíceis” (ata da reunião do “Grupo Fundador” com o Presidente da Câmara Municipal de VFX, 10 de dezembro de 1987 – Arquivo pessoal de AMR).

¹⁴⁹ Ata da reunião do “Grupo Fundador” com o Presidente da Câmara Municipal de VFX, 25 de fevereiro de 1988 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁵⁰ Ata da reunião da CIMNR, 14 julho de 1988 (Arquivo pessoal de AMR).

No ano seguinte (1989), foi apresentada uma nova possibilidade de localização do Museu – “junto da estação de Vila Franca”¹⁵¹. Na mesma altura foi suspenso o “concurso de ideias” por não estar ainda definido o local para a instalação do Museu. Pouco tempo depois, já o Vale de Santa Sofia se apresentava como nova possibilidade, não fosse o plano elaborado para aquele local contemplar apenas espaços verdes. Por este motivo, de acordo com o Presidente da Câmara Municipal, não seriam admitidos quaisquer projetos de edificação.

Um ano passou sobre o último local apontado e não houve qualquer avanço na ideia da construção de um novo edifício para o Museu ou, nem mesmo, da adaptação de um espaço. Embora se mantivesse firme a vontade de construir um edifício que oferecesse ao MNR a merecida valorização patrimonial, para os representantes da Câmara Municipal a implementação do Museu parecia não ser para breve. Em abril de 1990, a CIMNR lembrou que caberia à Câmara Municipal doar um terreno, “elaborar a escritura e proceder ao estudo do anteprojecto de arquitetura ou, então, avançar com os projetos de arquitetura, estabilidade, rede de águas e esgotos, eletricidade e telefones”¹⁵². Daniel Branco concordou e entregou o assunto aos cuidados dos técnicos da Câmara Municipal e do Vereador do Pelouro da Cultura. No entanto, a instalação definitiva do MNR parecia votada a sucessivos adiamentos. Assim, veja-se, em meados de 1991¹⁵³ o assunto foi retomado no sentido de apresentar alternativas às propostas consideradas e repensar o “concurso de ideias”, com a formação de uma comissão de acompanhamento do processo (constituída por um elemento da APA, um arquiteto da Câmara Municipal¹⁵⁴ e um elemento da CIMNR). Porém, só em setembro daquele ano foi apresentada uma lista de locais¹⁵⁵. Esta lista resultou da procura realizada por vários elementos da Comissão Instaladora na cidade de Vila Franca de

¹⁵¹ Ata da reunião da CIMNR, 13 abril de 1989 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁵² Ata da reunião da CIMNR, 4 abril 1990 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁵³ Ata da reunião da CIMNR, 19 abril 1991 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁵⁴ Em janeiro de 1989 foi escolhida a Arquitecta Eugénia do Departamento de Habitação e Urbanismo (ata da reunião da CIMNR, 26 de janeiro de 1989 – Arquivo pessoal de AMR).

¹⁵⁵ Cais Fluvial (junto à fábrica de descasque de arroz); local entre o Pavilhão Gimnodesportivo da UDV e o bairro dos avieiros; terreno na Rua Joaquim Pedro Monteiro; edifício em ruínas na Rua Sacadura Cabral; edifício do antigo Grémio das Frutas; antiga fábrica do Delgado; Terreno do CASI; Terreno da Costa Branca; Terrenos entre o Bom Retiro e Santa Sofia; Terreno entre a Escola Alves Redol e a auto-estrada (ata da reunião da CIMNR, 16 de setembro de 1991 – Arquivo pessoal de AMR).

Xira¹⁵⁶, mas ainda sem o estudo sobre a viabilidade de cada local para o projeto em causa. Para o efeito, seria necessário nomear um arquiteto que integrasse a Comissão, escolhesse o local e preparasse o concurso de arquitetos. Por esta altura, alguns elementos da CIMNR reuniram-se com o arquiteto João Rabaça, responsável pelo setor do urbanismo da Câmara Municipal de VFX. Dos vários locais sobre os quais se pronunciou, o espaço junto à Escola Alves Redol, recebeu uma opinião negativa, contra a convicção de Daniel Branco¹⁵⁷. Em 1992¹⁵⁸, o assunto voltou a ser discutido e, uma vez mais, o último insistiu no terreno junto à Escola Alves Redol, na medida em que a alternativa, o Vale de Santa Sofia, era inviável uma vez que o Plano Diretor Municipal previa para esta área uma zona verde. Por esta altura o “concurso de arquitetos” foi novamente adiado, com a perspetiva de não ser possível nos cinco anos seguintes.

Entretanto, ainda sem o terreno para a construção do Museu, foram sendo delineados os primeiros “programas museológicos”, que refletiam as ideias dos seus autores sobre o que seria o Museu do Neo-Realismo. Para além dos já referidos, “Documento de Apresentação” de Rogério Ribeiro e “Proposta” de Júlio Graça, em 1995, o arquiteto Francisco Castro Rodrigues elaborou um novo documento: “Referências para (um) Programa de Projeto do Museu do Neo-Realismo – MNR – e outras considerações teóricas e pouco práticas, pertinentes umas, outras nem isso”¹⁵⁹. Este documento, além de completo, trouxe perspetivas mais ambiciosas para o Museu, comparativamente aos documentos elaborados anterior e posteriormente. Por este motivo, contribuiu fortemente para os acontecimentos que lhe seguiram.

Ainda em 1995¹⁶⁰, realizou-se uma reunião na Padaria do Povo (Campo de Ourique), organizada pela CIMNR e pela Câmara Municipal, com vista à discussão dos documentos de Rogério Ribeiro e de Francisco Castro Rodrigues, acima referidos (Figura 30). A museóloga Ana Margarida Martins¹⁶¹ expôs os objetivos do programa do Museu, seguindo-se

¹⁵⁶ Ata da reunião da CIMNR, 11 de junho de 1991 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁵⁷ Informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010.

¹⁵⁸ Ata da reunião da CIMNR, 13 de março de 1992 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁵⁹ Francisco Castro Rodrigues, Azenhas do Mar, abril de 1995 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁶⁰ Ata da reunião da CIMNR, 9 outubro de 1995 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁶¹ Ana Margarida Martins foi selecionada (pela CIMNR), entre vários ex-alunos do Mestrado de Museologia da Universidade Nova. Na época ela já tinha estado presente nas várias reuniões de trabalho com elementos da CIMNR e com o arquiteto Castro Rodrigues (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010).

uma discussão para definir as ideias gerais sobre o que se pretendia e como podia concretizar-se. Nessa reunião, presidida por Rogério Ribeiro, estiveram presentes muitas pessoas ligadas ao Neo-Realismo e à Museologia, bem como familiares de neorealistas¹⁶². Na sequência do encontro, Ana Margarida Martins elaborou um documento intitulado “Proposta dos Espaços Funcionais para o Museu do Neo-Realismo”¹⁶³. Este documento resultou de uma série de trabalhos realizados por Rogério Ribeiro, pelo arquiteto Francisco Castro Rodrigues¹⁶⁴ e pela própria CIMNR. Também resultou das discussões levantadas naquela reunião e noutras reuniões entre Rogério Ribeiro, Ana Margarida Martins e António Mota Redol. Não menos importantes para a definição daquele documento, foram as reuniões entre os dois últimos e o arquiteto Francisco Castro Rodrigues. Apesar de produzida sem conhecimento do local onde seria implementado o Museu, a “Proposta dos Espaços Funcionais” foi fundamental em todo o processo do novo edifício. Não só porque define as características e necessidades (em termos de área e localização) de cada espaço funcional, como também apresenta uma proposta dos conteúdos a incluir na exposição permanente, tendo em consideração os materiais que, na época, não constavam ainda no acervo do Museu. Em termos sucintos, a autora descreveu, “os objetivos, as funções, os espaços e as atividades” do MNR apresentando, posteriormente, os testemunhos que considerou “susceptíveis de serem contemplados em exposição”. Em 1998, surgiu um novo programa da mesma autora – “Proposta para o Programa do Museu do Neo-Realismo”¹⁶⁵ – que resulta das ideias debatidas anteriormente e das apresentadas pela CIMNR e pelos técnicos do Museu.

Na realidade, a indefinição das instalações do novo MNR prolongou-se até à referida “Questão de Alhandra” e, mesmo após a sua resolução, parecia tardar a escolha do terreno para o futuro Museu. Só em março de 2001 foi aprovada pela Câmara Municipal, por unanimidade, uma pro-

¹⁶² Também por essa altura, foram sugeridos por Carlos Félix (elemento da direção da APMNR e antigo Vereador da Cultura) novos locais para a construção do edifício. O parque à entrada da cidade, o terreno de Lucas Machado ou, até mesmo, a fábrica de descasque de arroz foram os locais apresentados (ata da reunião de CIMNR, 9 outubro de 1995 – Arquivo pessoal de AMR).

¹⁶³ Martins, Ana Margarida, 1996 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁶⁴ Houve várias reuniões com o arquiteto Francisco Castro Rodrigues, Ana Margarida Martins e elementos da CIMNR, para discutir as bases do programa museológico. Do mesmo modo, houve reuniões com Rogério Ribeiro, Ana Margarida Martins e a CIMNR para discutir a distribuição dos espaços para cada área funcional do Museu (informação fornecida por AMR em nota escrita a 27 de agosto de 2010).

¹⁶⁵ Martins, Ana Margarida, 1998 (Arquivo pessoal de AMR).



Figura 30 – Sessão presidida por Rogério Ribeiro e realizada na Padaria do Povo, em Campo de Ourique (Lisboa), onde funcionou a Universidade Popular, para discussão dos objetivos, âmbito, composição e dimensão do Museu (Arquivo pessoal de AMR).

posta de permuta que se traduziu na libertação de um espaço no centro da cidade, destinado à construção das instalações definitivas para o MNR. Tratava-se de uma parte do “Pátio do Casquinha”, situado na Rua Alves Redol¹⁶⁶. No mesmo ano, Ana Margarida Martins adaptou a “Proposta para o Programa do Museu do Neo-Realismo”, de acordo com o trabalho do arquiteto Alcino Soutinho, elaborando o documento “Museu do Neo-Realismo: Novos Espaços”¹⁶⁷.

Feito o balanço, já existiam dois dos vetores necessários à concretização do projeto que, na época, estava em vias de entrar em rutura pela falta de espaço para guardar os espólios. Esta situação comprometia não só as condições de conservação do acervo, como a possibilidade de novas ofertas. Mostrou-se urgente seguir na direção dos outros dois vetores, essenciais para a concretização das instalações definitivas do MNR. São eles o projeto arquitetónico e o financiamento.

¹⁶⁶ Na altura, equacionou-se a hipótese de se utilizar futuramente todo o terreno (*Vida Ribatejana*, 14 de março de 2001 – Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

¹⁶⁷ Martins, Ana Margarida, 2001 (Arquivo pessoal de AMR).

1.4.2) O projeto arquitetónico e o financiamento (POC e Câmara Municipal de Vila Franca de Xira)

No início, pensou-se que a Associação Promotora poderia cobrir os custos da elaboração do projeto do MNR¹⁶⁸, mas logo a dimensão do mesmo invalidou aquela hipótese. Perante esta certeza e tratando-se de um equipamento municipal, Maria da Luz Rosinha entendeu que o caminho mais simples seria a autarquia apresentar uma candidatura ao Programa Operacional da Cultura (POC), que possibilitaria a cobertura de cerca de 65% do valor total de custo do projeto.

Este momento da história do Museu coincidiu com a mudança de papéis da APMNR. Após um período, para todos os efeitos inativo, a Associação Promotora começou a despertar para as suas novas funções, ao mesmo tempo que a autarquia começou a desempenhar um novo papel no projeto. Para Maria da Luz Rosinha, a atuação da APMNR devia resumir-se ao acompanhamento do processo que, no seu entender, sendo meramente administrativo devia ficar sob total responsabilidade da Câmara Municipal de VFX. Por este motivo, a Presidente da Câmara questionou as ações de “âmbito estrutural”, previamente delineadas no “Programa de Trabalho” da nova Direção, que previam a participação ativa da Associação Promotora no processo de candidatura ao III QCA, na implementação do edifício, assim como na elaboração e concretização do programa.

Simultaneamente, foram definidos os possíveis financiadores do projeto: os fundos comunitários europeus e a Câmara Municipal de VFX. Por conseguinte, surgiram dúvidas quanto à participação da APMNR que, até então, tinha estado envolvida financeiramente no projeto. Neste contexto, a Associação Promotora passou a assumir um papel apenas “consultivo” e não “deliberativo”. Para tal, foi constituído um “grupo consultivo” do qual faziam parte Arquimedes da Silva Santos, Rogério Ribeiro, Garcez da Silva e Júlio Graça. A par com este grupo, formou-se um outro, de caráter “técnico”, composto pelo engenheiro Aquilino Ribeiro Machado, pelo arquiteto Francisco Castro Rodrigues, por Ana Margarida Martins e António Mota Redol (em representação da APMNR), além de Graça Nunes, Idalina Mesquita e do arquiteto João Veloso (representando a Câmara Municipal).

Reaberto em 2000, no âmbito do III QCA, só no ano seguinte foram criadas as bases para uma futura candidatura ao Programa Operacional da Cultura. Para o efeito, o projeto de arquitetura tornou-se urgente e, portanto, em maio de 2001 a Câmara Municipal adjudicou-o¹⁶⁹ ao arquiteto

¹⁶⁸ A APMNR tinha uma verba acumulada para pagar o projeto e a maquete das novas instalações do Museu (Livro de Atas da Assembleia Geral da APMNR, ata n.º4, 20 de junho de 1998 – Arquivo da APMNR).

¹⁶⁹ O projeto foi adjudicado no valor de 44.726.000\$00, acrescido de IVA (ata da

Alcino Soutinho. A escolha foi feita tendo em conta não só a relação do arquiteto com o Museu do Neo-Realismo, mas também pelo seu reconhecido mérito na construção de equipamentos desta natureza. Em junho de 1995, na sequência de uma proposta que Rogério Ribeiro fez à CIMNR, tinha sido sugerida ao Presidente da Câmara Municipal, a atribuição do projeto das novas instalações do Museu ao arquiteto Alcino Soutinho (Figura 31) que, como já foi mencionado, aceitou o trabalho. Ele considerou estar “perfeitamente sintonizado com os desejos da CIMNR”¹⁷⁰. Na sequência desta atribuição, o arquiteto visitou os diferentes locais possíveis para a implementação do MNR e, numa primeira fase, ficou encarregue de construir uma maquete (elaborada com base no “Programa” de Ana Margarida Martins). Considerando que o avanço do projeto não seria imediato, a maquete mostraria uma imagem mais clara do projeto àqueles que pretendiam avaliar a sua exequibilidade e solidez, isto é, os prováveis doadores de espólios. Deste contacto inicial surgiu um “Primeiro Estudo” e, só mais tarde, em setembro de 2001, foi apresentado o “Estudo Prévio” e feita a primeira apreciação. De acordo com Maria da Luz Rosinha, “o pior que poderia suceder seria construir-se um edifício que se destinasse unicamente a estudiosos do período neorrealista”. Por isso esperava-se que o Museu fosse um “espaço vivo”. Relembre-se que, por essa altura, o projeto ocupava somente uma parte do terreno, com perspectivas de negociação da restante parcela. Para a Presidente da Câmara Municipal tratava-se de “um grande desafio”, que daria aos espólios entregues as condições que mereciam. Além da importância de enriquecer o acervo do MNR, havia o desejo de transformar Vila Franca de Xira num “ponto do circuito cultural nacional”. Estava dado o grande passo, naquele que foi considerado por António Mota Redol “um momento emocionante”. O estudo prévio foi ainda apresentado ao Instituto Português de Museus (IPM), cujo parecer se mostrou relevante para a continuidade do processo.

Em pouco mais de um ano, foram elaborados o projeto final e a maquete do Museu, apresentados em sessão pública no Salão Nobre da Câmara Municipal de VFX¹⁷¹ (Figura 32). O arquiteto pretendia que o novo edifício fosse “além de um espaço de memórias do Movimento, um local lúdico e cultural”. O projeto pretendia criar um espaço com condições para “o desenvolvimento e estímulo de novas culturas, ideias e caminhos”¹⁷².

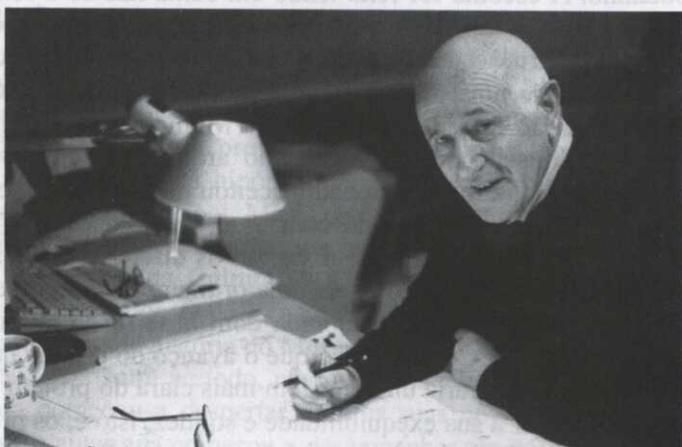
Mesmo sem financiamento para a construção do edifício, o projeto de

reunião da Câmara Municipal de VFX, 16 de maio de 2001 – Edifício Sede da Câmara Municipal de VFX).

¹⁷⁰ Ata da reunião da CIMNR, 22 de junho de 1995 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁷¹ O projeto foi apresentado no dia 14 de março de 2003.

¹⁷² Alcino Soutinho, in *Vida Ribatejana*, 19 de março de 2003 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).



REPRESENTAÇÕES ALCINO SOUTINHO DE ARQUITECTURA

Figura 31 – Arquitecto Alcino Soutinho no catálogo da exposição sobre a sua obra na Biblioteca Municipal de VFX, em maio de 2007, por iniciativa da APMNR.

20 de Março de 2003 19

Faltam verbas para avançar com o projecto em Vila Franca

Novo museu do Neo-Realismo à espera de financiamento

A construção do edifício que irá albergar o futuro museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira, está orçada em cerca de cinco milhões de euros (um milhão de contos), mas a forma como será financiado ainda não está definida. No Plano Operacional da Cultura não há, para já, verba disponível, por isso a câmara de Vila Franca, promotora do projecto, irá apresentar uma candidatura à Comissão de Coordenação Regional de Lisboa e Vale do Tejo. Entretanto, no lugar destinado ao museu, foi asfaltado o parque de estacionamento da junta de freguesia, sinal de que as obras no terreno não devem começar tão cedo para



Alcino Soutinho (à esquerda) quer que o museu seja um espaço cultural "aberto e vivo".

que em seu entender deve ser "um espaço cultural e também lúdico".

Assim, além de um espaço reservado para a exposição permanente do museu, existirá ain-

da, terá de se aguardar por uma reprogramação desse mesmo programa em, então, avançar para outras hipóteses.

De acordo com Maria de Luz Reisinho, a antaquiã irá não só revalorizar uma, classificadas

gostaria que isso mudasse.

A presidente da câmara acabou por lançar a ideia da constituição de um "movimento de amigos a favor da construção do museu do Neo-Realismo, mas

mas isso é necessário em se

gostaria que isso mudasse.

A presidente da câmara acabou por lançar a ideia da constituição de um "movimento de amigos a favor da construção do museu do Neo-Realismo, mas

mas isso é necessário em se

Gomes, Manuel da Fonseca, Júlio Graça, entre muitos outros.

A primeira opção da antaquiã previa a instalação do Museu do Neo-Realismo na vila de Alhandra, aproveitando o edifício do antigo Cine-Teatro Saldade Marques, que está em ruínas.

Porém, tal decisão não agradou à população, tendo sido criado um movimento de opinião pública em defesa do museu do Neo-Realismo, que recolheu mais de 2.500 assinaturas a defender a permanência do museu em Vila Franca de Xira.

Argantines da Silva Santos, um dos fundadores do Neo-Realismo, movimento cultural que surgiu em Portugal nos anos 30 do século passado, classificou mesmo a ideia de transferir o museu para Alhandra como "abusiva", argumentando que "fui em Vila Franca de Xira que tudo se iniciou".

Alguns meses mais tarde, a antaquiã acabou por recuar e suspender a mudança do Museu do Neo-Realismo para

Figura 32 – Apresentação do projeto do MNR no Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira em 14 de março de 2003 – *Jornal do Vale do Tejo* de 20 de março de 2003 (Arquivo pessoal de AMR).

arquitetura representou mais um passo no moroso percurso do MNR. Aprovado pela Câmara Municipal de VFX¹⁷³, seguiu-se a candidatura ao POC, em junho de 2003, e, em setembro do mesmo ano, foi elaborada uma candidatura ao PIDACC. Rejeitadas ambas as hipóteses¹⁷⁴, em 2004 a Câmara Municipal voltou a submeter o Projeto ao POC. Note-se que, naquele ano, houve um desdobramento da Divisão de Património, Museus e Bibliotecas (inserida no Departamento de Cultura, Turismo e Atividades Económicas da Câmara Municipal de VFX), em duas Divisões: a Divisão de Património e Museus e a Divisão de Bibliotecas¹⁷⁵. Maria da Luz Rosinha, com grande perspicácia, considerou que o vazio resultante do facto de algumas entidades terem apresentado projetos sem condições para prosseguirem podia constituir uma oportunidade para o MNR. Ainda em 2004, foi apresentado um breve “Programa de Apresentação do Museu do Neo-Realismo”¹⁷⁶, elaborado por Graça Nunes e Idalina Mesquita. Na mesma altura, foi dado novo parecer por parte do IPM que, aliás, vinha acompanhando o projeto (iniciado com a então diretora, Raquel Henriques da Silva) que o considerava de “manifesto interesse cultural”.

Nesta fase, foi preponderante o papel assumido pela APMNR. Além de acompanhar todo o processo, manteve-se em permanente atividade naquele que seria o momento do grande salto do MNR. Uma vez mais, a Associação Promotora procurou desenvolver um forte apelo à entrega de materiais ao Museu, principalmente de obras literárias. Na origem do desafio, dirigido tanto ao mecenato quanto às pessoas que possuíssem obras, esteve o que António Mota Redol considera ser uma dívida muito grande da comunidade para com os escritores e demais artistas do Movimento neorrealista¹⁷⁷. Por conseguinte, com o parecer favorável da Câmara Municipal de VFX¹⁷⁸, a Associação Promotora foi reconhecida pelo Conselho de Ministros de 4 de março de 2005 como “pessoa coletiva de utilidade pública” (Figura 33). O motivo desta iniciativa foi “facilitar os processos de mecenato em que a APMNR desejava empenhar-se, não só para adquirir espólios importantes de artes plásticas – fundamentais para

¹⁷³ Ata da reunião da Câmara Municipal de VFX, 2 de abril de 2003 (Edifício Sede da Câmara Municipal de VFX).

¹⁷⁴ A candidatura ao PIDACC foi apresentada em setembro de 2004 e rejeitada no final do mês seguinte (Reuniões da Câmara Municipal de VFX, 3 de setembro e 29 de outubro de 2004 – Edifício Sede da Câmara Municipal de VFX).

¹⁷⁵ Ata da reunião da Câmara Municipal de VFX, 12 de maio de 2004 (Edifício Sede da Câmara Municipal de VFX).

¹⁷⁶ A este programa seguiu-se outro, elaborado em 2005, com o mesmo título.

¹⁷⁷ *Vida Ribatejana*, 3 de abril de 2003 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

¹⁷⁸ Reunião da Câmara Municipal de VFX, 27 de novembro de 2002 (Edifício Sede da Câmara Municipal de VFX).

ANEXO N.º 2


 REPÚBLICA PORTUGUESA
 PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

O presente diploma é conferido a ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DO MUSEU DO NEO-REALISMO,
 com sede em Vila Franca de Xira _____ por ter sido reconhecida(a)
 como pessoa colectiva de utilidade pública, nos termos do Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de No-
 vembro, conforme consta do despacho publicado no «Diário da República», II série, n.º 45,
 de 04 de Março de 2005
 Lisboa, 07 de Março de 2005

O Primeiro-Ministro,

 Pedro Miguel Santana Lopes

O Ministro Adjunto do Primeiro-Ministro
 Rui Gomes da Silva

Rui Gomes da Silva
 de 2005/2/18

"No uso da competência que lhe foi delegada
 despacho do Primeiro-Ministro, n.º 2509/2005 (2.ª Série
 e de Fevereiro, publicado no D.R. n.º 34, 2.ª Série, de
 de Fevereiro de 2005."

Modelo n.º 81 (Excluído da NCM, E. P.) (A4 - 210 mm x 297 mm)

Figura 33 – Documento em que o Governo de Pedro Santana Lopes reconhece a APMNR como “pessoa colectiva de utilidade pública” (4 de março de 2005) (Arquivo da APMNR).

uma maior credibilização do Museu junto das autoridades governamentais –, mas também para poder desenvolver outras atividades demasiado onerosas¹⁷⁹. Face ao número de atividades promovidas pelo Museu neste período e às despesas associadas, foram constituídos dois fundos de maneio, em momentos distintos: o primeiro em maio de 2005 e, o segundo, em setembro de 2007¹⁸⁰. A eles juntou-se um subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian para a catalogação da Biblioteca do Museu¹⁸¹, obtido por solicitação da APMNR.

O ano de 2005 foi marcado pela abertura do concurso público para a construção do MNR¹⁸², ficando a adjudicação condicionada à aprovação da candidatura ao POC. Relembre-se que, até à data, a Câmara Municipal cobriu os gastos relativos a todos os projetos de execução da especialidade, de segurança da obra e de tudo o que fosse necessário para o sucesso da candidatura. Não estando a obra contemplada no Plano Plurianual de Investimentos, duas situações podiam surgir: a aprovação da candidatura ou a necessidade de a autarquia recorrer a um empréstimo. A primeira hipótese concretizou-se e, com ela, estavam criadas as novas instalações Museu.

Seis meses depois, foi aprovada a adjudicação da empreitada de construção a uma empresa, pelo valor de 2.720.809,73€, apontando-se 270 dias para a sua execução¹⁸³. As obras tiveram início em setembro de 2005, com a conclusão submetida por seis vezes a sucessivos pedidos de prorrogação do prazo, num total de 332 dias¹⁸⁴. Uma das interrupções teve origem na descoberta de restos de uma estrada romana e da estrada real para Lisboa, que obrigou à realização de estudos arqueológicos. Só no dia 18 de junho de 2007 terminou a obra de construção do MNR¹⁸⁵ e, com ela, a concretização de um sonho que muitos consideravam inatingível.

¹⁷⁹ Carta redigida pela Câmara, a 25 de outubro de 2002 (ata da reunião da Câmara Municipal de VFX, 27 de novembro de 2002 – Sede da Câmara Municipal de VFX).

¹⁸⁰ Atas das reuniões da Câmara Municipal de VFX (Edifício Sede da Câmara Municipal de VFX).

¹⁸¹ Livro de Atas da Assembleia Geral da APMNR, acta n.º 16, 23 de maio de 2006 (Arquivo da APMNR).

¹⁸² O preço base foi de 3.200.00,00€ e o prazo considerado para a execução da obra foi de 365 dias (ata da reunião da Câmara Municipal de VFX, 2 de fevereiro de 2005 – Edifício Sede da Câmara Municipal de VFX).

¹⁸³ Ata da reunião da Câmara Municipal de VFX, 3 de agosto de 2005 (Edifício Sede da Câmara Municipal de VFX).

¹⁸⁴ Uma das prorrogações teve origem num pedido feito pelo Instituto Português de Arqueologia (IPA), após a visita de um arqueólogo que encontrou vestígios importantes, sobretudo dos séculos XV e XVI.

¹⁸⁵ Nessa altura, foi aberto o concurso público para aquisição de mobiliário e equipamento para o MNR (ata da reunião da Câmara Municipal de VFX, 25 de julho de 2007 – Edifício Sede da Câmara Municipal de VFX).

A Gênesis do Neo-Realismo

uma maior credibilização do Museu junto das autoridades governamentais



**MUSEU
DO
NEO-REALISMO**

Espólios incorporados

Manuel da Fonseca

Soeiro Pereira Gomes

Joaquim Namorado

José Ferreira Monte

Leão Penedo

Alexandre Cabral

Faure da Rosa

Carlos Coutinho

Armindo Rodrigues

Revista "Vértice"

Jornal "O Diabo"
(alguns documentos)

Manuel Campos Lima

Álvaro Feijó

José Dias Coelho

Joaquim Lagoeiro

Júlio Graça

Antunes da Silva

Orlando da Costa

Editorial "Cosmos"

Arquimedes da Silva Santos

Alves Redol

Mário Braga

Alexandre Babo



| | |
|--------|---|
| 25 000 | documentos pertencentes a estes espólios |
| 8 000 | monografias |
| 200 | títulos de publicações periódicas |
| 350 | obras de artes plásticas |
| 7 000 | fichas de inventário de obras de artes plásticas na posse de particulares e de instituições |

Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo



Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Pelouro da Cultura

Vila Franca de Xira - 2005

Figura 34 – Anúncio pago pela APMNR em vários jornais referindo os 23 espólios incorporados no Museu do Neo-Realismo até ao ano de 2005 (Arquivo da APMNR).

Antes de terminar, saliente-se uma vez mais o papel da APMNR nos anos que se seguiram à aprovação da candidatura ao POC. Envolvida na divulgação do Museu, sobretudo com o objetivo de sensibilizar o mecenato e os possíveis doadores de espólios, a Associação Promotora reali-

zou um conjunto atividades com o intuito de publicitar o MNR (Figura 34). No entanto, em 2006, foi suspensa a atribuição de subsídios (Quadro 1.4), deixando em aberto as futuras funções da APMNR. Com a inauguração do novo edifício do Museu, a Associação Promotora passou a colaborar em tudo o que fosse necessário para a afirmação e êxito do Museu.

Entretanto, a Câmara Municipal nomeou David Santos, licenciado em História da Arte, para responsável do Museu em 1 de fevereiro de 2007, embora estivesse em funções desde abril de 2006, acompanhando o desenvolvimento do projeto e a construção do novo edifício. A APMNR manifestou a sua concordância com esta nomeação. David Santos defendeu, desde o início do seu mandato, que a Associação se deveria extinguir, o que não se verificou. No entanto, manteve-se uma colaboração permanente até à sua saída para o Museu do Chiado.

1.4.3) A inauguração das novas instalações do Museu

O dia 20 de outubro de 2007 foi um importante momento da história do MNR (Figuras 35 a 38). Nele estiveram presentes o Presidente da República, a Ministra da Cultura, a Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e muitos autarcas do concelho, Presidentes de Câmara e autarcas de outras localidades, os elementos vivos da APMNR, representantes de várias instituições, muitas individualidades do meio político e cultural do país, além de mais de dois milhares de pessoas. A maioria dos presentes não conseguiu, durante algumas horas, entrar no edifício tendo aguardado na rua do Museu, vedada ao trânsito e completamente lotada. Os CTT lançaram nesse dia um postal comemorativo, estando presente o seu Vice-Presidente, Eng. Pedro Santos Coelho. Foram assinados, pelos respetivos herdeiros, os contratos de doação dos espólios de Alves Redol, Mário Sacramento e Orlando da Costa.

A inauguração foi preparada pela Câmara Municipal em conjunto com a APMNR, tendo a lista dos convidados surgido da colaboração de ambas. A primeira, inseriu na televisão e nos jornais publicidade paga, cabendo à segunda a dinamização do público e a organização de grande parte das deslocações.

Da cerimónia importa destacar, sobretudo, a emoção daqueles que sobreviveram ao longo processo de criação do Museu. Em representação do “grupo inicial, que há vinte anos propôs à Câmara Municipal de VFX a implementação do Museu do Neo-Realismo”, e como representante da APMNR, António Mota Redol recordou “todos aqueles que lançaram e integraram o Movimento neorrealista nos seus diferentes campos de ação”, nas diferentes “fases” ou “gerações”. Lembrou, igualmente, “aqueles

17 de Outubro de 2007

CULTURA

17

Cavaco Silva preside à cerimónia

Vila Franca inaugura Museu do Neo-Realismo

O novo Museu do Neo-Realismo vai ser inaugurado no sábado, numa cerimónia que contará com as presenças do Presidente da República Cavaco Silva e da ministra da Cultura Isabel Pires de Lima. Os seus responsáveis pretendem que seja "vívido" pela população como verdadeiro centro de cultura e no sábado serão também inauguradas quatro exposições

■ Jorge Talha

O ambicioso edifício sede do Museu do Neo-Realismo, construído no centro de Vila Franca de Xira, vai ser inaugurado na tarde do próximo sábado, numa cerimónia que irá presidir Cavaco Silva e que contará também com a presença da ministra da Cultura. Na ocasião serão, igualmente, inauguradas quatro exposições (ver caixa) e haverá um conjunto de actividades de animação que marcam o momento.

"Pretendemos que seja um espaço vivo e também um espaço de investigação", sustenta Maria da Luz Rosinha, presidente da câmara de Vila Franca de Xira, manifestando a expectativa de que o

realismo, mas também outras iniciativas que "ampliem um pouco a dimensão dessa temática". Segundo explicou ao *Vida Ribatejana*, a ideia não é transformar o MNR num centro cultural, mas conciliar o conceito de museu com o conceito de centro cultural. "Será sempre prioritariamente um museu temático do neo-realismo, mas há outras valências que aquele edifício apresenta e vamos aproveitar essas possibilidades para fazer a ponte com a contemporaneidade".

David Santos sublinha que tudo o que será apresentado no novo MNR terá algo a ver com o neo-realismo e com a relação da criatividade artística com a acção política, mas que, para além da memória e da homenagem ao neo-

mático central e prioritária do MNR será sempre e de facto, de representar, inventar e promover a investigação dos espólios ligados ao movimento neo-realista. "Mas haverá espaço também para exposições, debates, encontros, ciclos de cinema, que façam a ponte com a produção contemporânea, que também tenha em atenção um certo compromisso da arte com os assuntos sociais e políticos. Desta forma estamos a ampliar o conceito de museu a centro cultural, sem desvirtuarmos o princípio de que há, em certa medida, uma temática cultural neste museu que não permite avançar para



David Santos

seus fazem em Lisboa e no Porto. É também uma forma de tentarmos demonstrar que queremos impor um regime de trabalho que poderíamos com outros centros culturais e museus que o nosso país oferece hoje em dia", concluiu.

Quatro exposições marcam abertura

O Museu do Neo-Realismo já tem muita da sua programação de actividades culturais definida até final de 2008. No sábado serão, também, inauguradas quatro importantes exposições, com realce para a intitulada "Batalha pelo Contestado-Movimento neo-realista português". Trata-se de uma colectânea de iconografia, documentação e bibliografia, que ficará patente durante quatro anos nos pisos 2 e 3 do museu e "representa o movimento cultural neo-realista nas suas diversas vertentes. Esta exposição mostra que, apesar da prevalência da literatura, as artes plásticas, o cinema e o teatro também são disciplinas que fazem parte da relação cultural que o neo-realismo desenvolveu desde o início do 20 até ao início dos anos 60", explicou David Santos.

No piso 1 será montada uma exposição colectiva de artes plásticas intitulada "Uma arte do Povo, pelo Povo e para o Povo". Haverá, ainda, uma exposição (bibliográfica) dedicada a Arquimedes da Silva Santos (poeta e músico do Povo de Santa Inês), com o título "Sobretudo para os Outros". É uma figura de referência da nossa cultura nacional. Por isso é equívoco como poeta neo-realista, mas tem um percurso assinalável a que pretendemos com esta exposição fazer jus".

No piso 0 do MNR estará também uma exposição de arte contemporânea de João Tabor, intitulada "The Return of The Real".

A festa inaugural

A inauguração do MNR, por além da cerimónia com a presença de Atalayas como Cavaco Silva e Isabel Pires de Lima e dos autarcas locais, incluirá também algumas actividades de animação. No sábado à noite e na tarde de sábado, a Companhia Teatral teatralista apresentará duas performances, cujo conteúdo será uma "margem". Haverá, ainda, animação de rua com diversos pequenos grupos, que vão chamar a atenção da população para a abertura do novo espaço museológico.

Figura 35 – Notícia no jornal *Vida Ribatejana* de 17 de outubro de 2007 sobre a próxima inauguração das novas instalações do Museu.



Figura 36 – Maria da Luz Rosinha e António Mota Redol na inauguração das novas instalações do Museu, com a presença do Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, e da Ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima (Arquivo do MNR).

ue

Museu
"abran
país"

que acompanharam o empreendimento desde o início e que já partiram.

www.cm-vfxira.pt
www.museudoneorealismo.pt

Co-financiamento:
REN

Município de Vila Franca de Xira | Cultura

MC
Ministério da Cultura

Programa Operacional da Cultura

Patrocínio: REN, EPAL

Apoio: Antena 2, JORNAL - Vila Franca de Xira

DAVID LOUREIRO

Figura 37 – Caderno do jornal *Público* de 20 de Outubro de 2007.

O PRIMEIRO DE JANEIRO

REGIÕES

CAVACO SILVA E MINISTRA DA CULTURA NA INAUGURAÇÃO DO MUSEU DO NEO-REALISMO

“Verdadeira” homenagem

Foto: Anírio do MNR



Cavaco Silva e Isabel Pires de Lima presentes durante a apresentação do museu

Acompanhado pela ministra da Cultura e pelas autoridades locais, o Presidente da República inaugurou ontem o Museu do Neo-Realismo, impulsionado pelo filho de Alves Redol e desenhado por Alcino Soutinho. É uma “verdadeira homenagem à cultura portuguesa do séc. XX”, disse.

O Presidente da República, Cavaco Silva, disse ontem na inauguração do Museu do Neo-Realismo (MNR), Vila Franca de Xira, que o espaço é a “verdadeira homenagem à cultura portuguesa do séc. XX”. Cavaco Silva destacou a “riqueza da documentação” e o ambicioso “programa de actualização” do museu, hoje inaugurado oficialmente, juntamente com a minist-

ra da Cultura, Isabel Pires de Lima. No discurso de inauguração, o Presidente da República classificou o Neo-Realismo como “um dos mais vivos movimentos literários e artísticos do nosso século XX”. “Há boas razões para considerarmos Vila Franca de Xira um local apropriado para este museu, pese embora a dimensão nacional que teve o Neo-Realismo”, afirmou Cava-

PROJECTO

Em nome do pai

A presidente da Câmara de Vila Franca de Xira destacou “a clareza, a funcionalidade e a grandeza discreta” do museu projectado pelo arquitecto Alcino Soutinho. Maria da Luz Rosinha recordou o “longo e árduo caminho” para a criação do museu, realçando o empenho do filho de Alves Redol, António Mota Redol. “Foi o incansável dinamizador deste projecto”, disse.

co Silva, justificando com a naturalidade de Alves Redol e de Soeiro Pereira Gomes, que viveu “aqui bem perto, em Alhandra”.

Cavaco Silva atribuiu uma “palavra de apreço” aos “familiares de Alves Redol, Orlando da Costa e Mário Sacramento” que, durante a inauguração, assinaram os autos de doação ao museu dos espólios literários.

Para a ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, o Neo-Realismo “foi um movimento que se soube afirmar num clima de censura férrea”. “A relevância do século XX reclamava este museu”, afirmou Isabel Pires de Lima, justificando que este movimento “galvanizou quase todos os intelectuais portugueses da época”.

Figura 38 – Notícia sobre a inauguração das novas instalações do Museu do Neo-Realismo no jornal *O Primeiro de Janeiro* de 21 de Outubro de 2007.

Figura 38 – Maria da Luz Rosinha e António Mota Redol na inauguração das novas instalações do Museu do Neo-Realismo, com a presença do Presidente da República, Anírio Cavaco Silva, e da Ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima (Anírio do MNR).

que acompanharam o empreendimento desde o início e que já partiram, uns mais otimistas que outros; mesmo aqueles que duvidavam fortemente”, comunicando a estes, “lá onde estiverem (...), que aqui estamos, onde não pensavam ser possível”¹⁸⁶.

Para a Presidente da Câmara de VFX, Maria da Luz Rosinha, o novo Museu é um espaço “moderno, luminoso e aberto”, com a capacidade de “atrair públicos diversificados, interessados e atentos, oriundos de todo o país”. Nas palavras da autarca, “temos sobre os ombros a responsabilidade que decorre do facto de dezenas de criadores ligados ao MNR terem legado os seus valiosos espólios a esta instituição. Nesses espólios está a vida, a memória e a obra de alguns dos maiores nomes da vida intelectual portuguesa do século XX. O seu legado será honrado com a atenção e o carinho que o seu valor intrínseco merece e exige”¹⁸⁷. Assinalou, ainda, os “muitos sacrifícios, muitos anos de debate, de reflexão e de trabalho” e o desafio que, em nome da autarquia, nunca se arrependeu de ter aceite e acabou por ser ganho.

O Presidente da República (Aníbal Cavaco Silva) classificou o Neo-Realismo como “um dos mais vivos movimentos literários e artísticos do nosso século XX”, adiantando ainda que “há boas razões para considerarmos Vila Franca de Xira um local apropriado para este museu, pese embora a dimensão nacional que teve o Neo-Realismo”¹⁸⁸. Afirmou ainda que, pela riqueza da documentação depositada no MNR e pela ambição do seu programa de atividades, o Museu representa uma verdadeira homenagem à cultura portuguesa do século XX.

Nas palavras da Ministra da Cultura (Isabel Pires de Lima), o Neo-Realismo “não foi apenas um movimento estético que atravessou as artes plásticas, a música, o cinema, a literatura. Foi um amplo movimento cívico de forte capacidade interventiva junto das populações e com grande poder de influência, faz jus a uma paisagem física e humana que foi cenário inspirador do imaginário dos neorealistas”¹⁸⁹. Em suma, “a relevância do século XX reclamava este museu”.

¹⁸⁶ Texto escrito por António Mota Redol, para ser proferido na inauguração do MNR, no dia 20 de outubro de 2007 (Arquivo pessoal de AMR).

¹⁸⁷ Intervenção da Presidente da Câmara Municipal de VFX, Maria da Luz Rosinha, na inauguração do MNR, 20 de outubro de 2007 (*Inauguração MNR*, gravação vídeo – Arquivo Audiovisual MNR)

¹⁸⁸ Intervenção do Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, na inauguração do MNR, 20 de outubro de 2007 (<http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=10174>, acesso em: jul. 2007).

¹⁸⁹ Intervenção da Ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, no dia da inauguração do MNR, 20 outubro de 2007 (*Inauguração MNR*, gravação vídeo – Arquivo Audiovisual MNR).

que acompanharam o empreendimento desde o início e que já partiam, uns mais otimistas que outros: mesmo aqueles que duvidavam fortemente”, comunicando a todos a cada instante (...), que aqui estamos, onde não queríamos sair jamais.”¹⁸⁹

Para a presidente da Câmara de VTX, Maria da Luz Rostain, o novo Museu é um espaço “muito rico, longo e amplo”, com a capacidade de “abrir para a população”, e também é considerado um espaço de grande importância. Mas quando da análise, temos sobre os ombros a responsabilidade que cabe ao fato de deznas de criadores ligados ao MNR terem criado uma obra tão rica e misteriosa. Nesse sentido, cabe a nós, pesquisadores, a tarefa de trazer à luz as motivações e a história de sua criação. Quanto a sua importância, devemos debruçar-nos sobre o fato de que, mesmo nos dias de hoje, não há nada de mais atual e urgente do que a recuperação da memória cultural de nossa cidade e do Brasil. Portanto, a história de sua criação, nunca se aprofundou e permaneceu esquecida.¹⁹⁰

O Presidente da República (Antônio Carlos de Albuquerque Ribeiro) participou do lançamento do Museu de Arte e Realismo em 1977. Foi um momento muito importante para a história da cidade. A obra foi criada por um grupo de artistas e intelectuais que buscavam uma forma de expressão cultural que refletisse o espírito da época. A obra foi criada em um espaço que já era utilizado para exposições e eventos culturais. A obra foi criada em um espaço que já era utilizado para exposições e eventos culturais. A obra foi criada em um espaço que já era utilizado para exposições e eventos culturais.

Das palavras “Museu de Arte e Realismo”, que já eram conhecidas em toda a cidade, surgiu o nome definitivo do Museu de Arte e Realismo. Foi um trabalho muito árduo e que contou com a participação de muitos artistas e intelectuais. A obra foi criada em um espaço que já era utilizado para exposições e eventos culturais. A obra foi criada em um espaço que já era utilizado para exposições e eventos culturais. A obra foi criada em um espaço que já era utilizado para exposições e eventos culturais.

189. In: *Revista de História e Geografia*, vol. 1, n. 1, p. 10-12, 1974. 190. In: *Revista de História e Geografia*, vol. 1, n. 1, p. 10-12, 1974.

189. Intervenção de Ministério da Cultura, Isabel Pinheiro de Lima, no dia da inauguração do MNR em outubro de 2007 (Imagem: vídeo MNR, gravação vídeo - Arquivo Audiovisual MNR).

CAPÍTULO 2

MUSEALIZAÇÃO DE UM MOVIMENTO CULTURAL

2.1) Porquê um acervo do Neo-Realismo?

2.1.1) Neo-Realismo: Património Cultural

Inerente à constituição do acervo do MNR está a noção de património enquanto forma abreviada de um termo amplo, complexo e multifacetado, geralmente designado por património cultural¹. Por outras palavras, a criação de um museu que reúne diversas formas de manifestação do Neo-Realismo reflete o impulso de preservar o património cultural que este Movimento representa.

Numa primeira aproximação, a constituição do património neorrealista, que está na base da criação do MNR, pode ser vista como uma tentativa de reconstruir uma cadeia temporal que vincule as gerações presentes àquelas que as antecedem, estabelecendo importantes laços sociais necessários à humanidade. Mas esta reconstrução do passado, baseada em “interesses comuns”, é uma construção política e, portanto, está sujeita aos enquadramentos legais de cada país e às regulamentações internacionais.

Pode-se afirmar que a noção de património remonta à Revolução Francesa, tomada como motor do surgimento das noções de “sentimento

¹ A abrangência do termo aproxima-se do entendimento de Waldisa Rússio sobre o que é a cultura, isto é, “um sistema dinâmico que abarca o que se convencionou dividir em produção artística e científica, erudito e popular (ou espontâneo), intelectual (ou racional) e afetivo, material e imaterial; valores, signos, significados, a vida vivida e a vida sonhada, real e imaginário (Rússio, 2010, v.1, p. 165).

nacional”², “testemunho” comum à humanidade e de um conjunto de valores atribuídos – variáveis no tempo e dependentes de cada sociedade –, intrinsecamente ligadas ao sentimento de perda³. Como consequência deste “sentimento de perda”, a partir do século XIX a reflexão sobre o património passa a fazer parte do “esforço das sociedades em narrar o passado” como forma de realização do “luto”⁴, tornando-se uma das preocupações dos estados nacionais europeus, com as especificidades próprias às discussões de cada país. É a partir daqueles “sentimentos”, “testemunhos” e valores, que começa a delinear-se a ideia de património e a necessidade da sua preservação. Porém, a sobrevivência ao tempo não garante por si só a transformação de algo material ou imaterial em património. Como afirma Waldisa Rússio, “esquecemos que os bens se preservam quando se constituem em valor, (...) património cultural é questão de consciência histórica”⁵ e, acrescente-se, de afirmação do legado que em cada momento é selecionado para usufruto das gerações futuras tendo por base valores atribuídos que variam no tempo.

Dos aspetos mencionados, sobressai a ideia que o património resulta de um processo fundado num certo número de valores responsáveis pelo seu reconhecimento ou mesmo contestação. Porém, ao serem atribuídos pelo homem e estando sujeitos a fatores políticos, aqueles valores identificados nos bens culturais não são “permanentes” e tão pouco “intrínsecos” aos objetos ou bens de qualquer natureza. Atendendo à importância da atribuição de valores para a constituição do património cultural, existe uma definição – mais focada neste aspeto – onde são incluídos “todos os bens que possuem valores culturais (estético, artístico, científico, arquitetónico, histórico, etc.) para a sua sociedade”. Deste modo, o património cultural incorpora “o conjunto de produções materiais e imateriais do ser humano e seus contextos sociais e naturais, que constituem objeto de interesse a ser preservado para as futuras gerações”⁶.

Parece não haver dúvidas quanto à ideia de “operação”, isto é, de “escolha”, de “ato valorativo”, que torna possível um determinado conjunto de objetos do passado ser transformado em património cultural de uma coletividade humana. Quando se analisa a génese do MNR, por outras palavras, o processo de “patrimonialização” do Neo-Realismo, levantam-se as seguintes questões: quais os valores associados ao acervo do Museu, que permitem olhá-lo como património, lato senso? De uma

² Babelon; Chastel, 1994.

³ Guimarães, 2012; Choay, 2006; Gonçalves, 2002.

⁴ Guimarães, 2012, p. 109.

⁵ Rússio, 2010, v.1, p. 121.

⁶ Granato, 2007, p. 2.

outra forma, que património ou “patrimónios” representam este acervo? Ou, sob que faces pode ser analisado enquanto património?

“O Movimento neo-realista, no seu sentido mais amplo, mesmo que balizado temporalmente, estendeu a sua influência a várias áreas da vida cultural com extensões de ordem social e política, contribuindo, influenciando e enriquecendo durante largos e críticos anos o património e a vida coletiva do nosso país.

Pela sua profunda inserção nas diversas componentes culturais, pelo grande número de intelectuais e outras camadas da população que envolveu, pelos testemunhos muito marcados que deixou, o Movimento neo-realista justifica um tratamento aprofundado, quer como memória, quer como proposta de uma leitura da realidade que o Museu deve cumprir”⁷.

Pela dimensão histórica do Movimento neorrealista, pela importância que teve no contexto em que surgiu e pela influência que ainda tem no presente, o acervo do Museu do Neo-Realismo representa património cultural com valores estético, artístico e histórico. O peso relativo destes valores, ou o acréscimo de outros, varia em função das características de cada espólio e dos diferentes momentos das suas trajetórias.

2.1.2) Colecionismo, coleções, musealização e espólios musealizados

Desde os primórdios da história do MNR, os fundadores do Museu promoveram a doação de espólios com o intuito de constituírem um acervo neorrealista. Relembre-se o papel fundamental dos primeiros contactos estabelecidos por Joaquim Namorado e António Mota Redol no sentido de reunirem um número significativo de pessoas, familiares de neorrealistas (ou os próprios), interessadas em doarem os seus espólios. De um modo geral, pode dizer-se que os fundadores pretendiam colecionar o Neo-Realismo.

Quando se realizou a sessão pública de 18 de maio de 1988, na qual foi anunciada a intenção da Câmara Municipal de constituir o Museu e foi dada posse à Comissão Instaladora, já havia garantia de que vários espólios de escritores seriam entregues. Vários desses escritores ou suas famílias estiveram presentes na sessão.

Se, por um lado, se verificou que muitos escritores ofereceram primeiras e outras edições das suas obras, já vários particulares ofereceram um

⁷ *Museu do Neo-Realismo* – (“Documento de Apresentação”), novembro 1988, Rogério Ribeiro (Arquivo pessoal de AMR).

número elevado de obras pertencentes às suas bibliotecas, tais como: Herman Pflüger, Nuno Gonçalves, Silvestre Rodrigues Mota, Rogério Fernandes, Laura Borga, António Mota Redol e, já em 1999, Santos Silva. A primeira biblioteca completa de um escritor a ser oferecida (e, também, primeiro acervo entregue de um escritor) foi a pertencente a Aleixo Ribeiro, por parte de sua sobrinha Maria da Conceição Ribeiro, cujo contrato de doação se realizou a 23 de setembro de 1992. Seguiram-se as bibliotecas de José Ferreira Monte, Soeiro Pereira Gomes (parte), Alves Redol (parte), Armindo Rodrigues (parte neorrealista), Alexandre Cabral (parte neorrealista) e Jorge Reis (parte existente em Portugal). O primeiro espólio oferecido foi o de Manuel da Fonseca, cujo contrato de doação se realizou a 27 de novembro de 1991. Seguiram-se os de Soeiro Pereira Gomes, Joaquim Namorado, José Ferreira Monte, Leão Penedo, Alexandre Cabral, Faure da Rosa, Carlos Coutinho, Armindo Rodrigues, revista *Vértice*, jornal *O Diabo* (alguns documentos), Manuel Campos Lima, Álvaro Feijó, José Dias Coelho, Joaquim Lagoeiro, Júlio Graça, Antunes da Silva, Orlando da Costa, Editorial Cosmos, Arquimedes da Silva Santos, Alves Redol (parte), Mário Braga e Alexandre Babo. Todavia, algumas dezenas de escritores e suas famílias foram contactados (ver nota de rodapé 50 do Capítulo 2).

Muito embora os termos colecionismo e coleção envolvam, na linguagem corrente, uma grande variedade de práticas, colecionismo é aqui apresentado como um processo autoconsciente de “criação” de um conjunto de objetos significativos para um determinado grupo⁸. Por sua vez, numa aceção ampla, a coleção consiste na “reunião de objetos” que conservam sua individualidade e são reunidos de maneira intencional, segundo uma lógica específica¹⁰. Trata-se de um arranjo espacial, maioritariamente de objetos tridimensionais, que costuma representar ideias sobre a ordem sistemática do conhecimento. Além de arranjos espaciais, as coleções promovem relações que dizem respeito às práticas social e artística; elas são pontos de junção num relacionamento complexo entre objetos, textos e pessoas. Um outro aspeto do colecionismo, que remete ao que já foi dito anteriormente, é a noção de valores atribuídos. Para que se forme uma coleção, é necessário que os objetos selecionados tenham determinados valores, em virtude de desempenharem um papel central na relação pessoa/objeto. Assim, os espólios que constituem o acervo do

⁸ Macdonald, 2006.

⁹ Entenda-se por objeto “tudo o que existe fora do homem”, considerado um ser “inacabado”, um “processo”. Enquanto “elementos da realidade existentes fora do homem”, os objetos são percebidos a partir de sua consciência. (Rússio, 2010, v.1, p. 148).

¹⁰ Desvallés; Mairesse, 2013, p. 35.

MNR foram recebidos e recolhidos de acordo com os seus valores estético, artístico e histórico, acima mencionados. Estes valores foram atribuídos não só pelos fundadores do Museu como pelos doadores dos espólios, pois seria impensável cogitar a existência de uma coleção “neutra”, isto é, sem valor¹¹.

O MNR teve a sua origem assente no desejo comum a um grupo de fundadores que, ao atribuir determinados valores ao Neo-Realismo, procurou reunir num só espaço – o MNR – os objetos representativos do Movimento neorrealista, num processo consciente de constituição de um acervo. A gênese do MNR permitiu que se reunissem materiais que acabariam por ficar dispersos, ora na posse dos herdeiros, ora propriedade de casas-museu, ou até mesmo sujeitos a outros destinos¹². A importância deste motivo está bem presente na seguinte afirmação:

“Parece evidente que é numa instituição deste tipo que as obras, os objetos pessoais e as obras de arte referentes aos escritores do Movimento melhor estão integradas e melhor poderão cumprir os pressupostos que me levaram a proceder àquelas ofertas”¹³.

Deste modo, o acervo do MNR é composto por espólios doados por neorrealistas e/ou familiares destes. Cada espólio pode ser entendido como uma coleção e o conjunto dos espólios forma o acervo do Museu. De fato, os museus desempenham um papel importante na institucionalização do conceito de coleção entendido como mais do que a soma das suas partes.

Numa primeira abordagem, pode considerar-se que, estando inseridos no Museu do Neo-Realismo, os espólios dos neorrealistas são coleções musealizadas. Porém, uma pesquisa aprofundada requer que se transponha o sentido corrente de uso do termo. Tomada no sentido corrente, a musealização deste Movimento é o conjunto de ações que conduziram à constituição do acervo – isto é, o conjunto de espólios (coleções) do Museu do Neo-Realismo – com todas as mudanças implícitas nos significados atribuídos aos objetos daqueles espólios, desde o momento em que foram produzidos, até serem incorporados e usados no contexto museológico.

¹¹ Scharer, 2007, p. 170.

¹² “Fundação Mário Soares e Centro de Documentação 25 de Abril a concorrerem com o Museu do Neo-Realismo na doação dos espólios”. Se forem “mais dinâmicos que o museu de Vila Franca, evidentemente que as pessoas tenderão a deixar os espólios da sua família ao que há de mais dinâmico” (*Notícias de Alverca*, junho de 2000 – Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

¹³ Carta de Conceição Ribeiro (sobrinha do escritor Aleixo Ribeiro) à Direção da APE, solicitando a entrega de um busto de Aleixo Ribeiro ao Museu do Neo-Realismo, 12 de fevereiro de 1993 (Arquivo pessoal de AMR).

Pensada numa perspetiva estritamente museológica, Desvallés e Mairesse (2013) definem musealização como “a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em *museum* ou *musealia*, em um objeto de museu¹⁴ que se integre no campo museal”¹⁵.

Relembre-se que a “extração” – no caso, a doação dos espólios –, pressupõe um processo de seleção, com base na atribuição de valores. Uma vez entregues aos cuidados do Museu, este participa no processo de musealização, através da “apropriação crítica” do seu acervo. Neste sentido,

“... o papel dos museus é serem a relação específica que eles estabelecem entre os indivíduos e a realidade. Por conseguinte, o “museológico” tem a qualidade de estabelecer um diálogo crítico entre o passado e o presente, com vista a um desenvolvimento autêntico. Sem esta especificidade, a aquisição, preservação e comunicação do património, as coleções não passariam de mero colecionismo” (Sansoni, 2007, tradução da autora¹⁶).

Pensada enquanto “processo científico”, a musealização compreende necessariamente o conjunto das atividades do museu – nomeadamente a seleção, aquisição, gestão, conservação, pesquisa e comunicação (por meio de exposições, de publicações, etc.) – em relação ao que se tornou *musealia*. Por conseguinte, a musealização produz a musealidade, valor documental da realidade, mas que não constitui a realidade ela mesma¹⁷. Por outras palavras, os espólios musealizados possuem “valor de testemunho” e “autenticidade”, eles são documentos¹⁸.

A recontextualização dos espólios retirou-os dos seus contextos originais, para inseri-los num outro contexto – o acervo do MNR. Uma vez neste contexto, os espólios dos neorealistas – e restantes materiais que

¹⁴ Um *objeto de museu* (ou *musealia*) é uma coisa musealizada, sendo “coisa” definida como qualquer tipo de realidade em geral” (Desvallés; Mairesse, 2013, p. 68).

¹⁵ Desvallés; Mairesse, 2013, p. 56.

¹⁶ “(...) the role of museums to be the specific relationship which they allow between people and reality. In this regard, according to the above, the “museological” has a clear imprint: to establish a critical dialogue between the past and the present with a view to an authentic development. Without this imprint, acquisition, preservation and communication of heritage collections do not go beyond mere collectionism” (Sansoni, 2007, p. 161-162).

¹⁷ Desvallés; Mairesse, 2013, p. 57.

¹⁸ Rússio, 2010, v.1, p. 125.

constituem o acervo do Museu – mais do que simples “objetos num museu”, assumem o papel de “evidência material” do “homem e do seu meio”. Por este motivo, na perspectiva de Waldisa Rússio, o processo de musealização corresponde ao ato de internalizar, no sentido de “incorporar ao mundo intelectual”.

Ao passarem pelo crivo da musealização, estes objetos sofreram uma mudança de estatuto. Anteriormente inseridos num determinado contexto, ao passarem por todos os processos acima referidos, os espólios são agora parte de uma nova realidade¹⁹ – uma realidade cultural específica – adquirindo o estatuto de “objetos de museu”²⁰. Por outras palavras, esta transição transformou-os em “objetos retóricos”. De acordo com Bennett²¹, eles foram envolvidos por “fatias de interpretação”, passando por um processo idêntico ao que acontece quando se lê um livro ou vê um filme. Esta recontextualização dos objetos é precisamente um aspeto fundamental do tipo de colecionismo legitimado pelo museu. Por força da nova inserção num acervo, os espólios assumem um significado adicional; neste novo estatuto de “coleção” inserida num acervo, os objetos são geralmente marcados por níveis e formas de atenção distintos, incluindo tecnologias particulares de armazenamento, catalogação e exposição²². Além de promoverem e legitimarem práticas de colecionismo individual, os museus atribuem valores aos objetos e estabelecem um modelo cultural em que aquilo que é coletado atribui especial distinção ao colecionador.

Desvallés e Mairesse (2013) defendem que a expressão “patrimonialização” descreve melhor o princípio da musealização que “repousa essencialmente sobre a ideia de preservação de um objeto ou de um lugar”²³. Aquela expressão reflete claramente a função do museu na preservação do património constituído. A “consciência da importância do Movimento neorrealista e a urgência da recolha, preservação e divulgação”²⁴ do seu acervo impulsionaram a criação do MNR. Por este motivo, os processos de “patrimonialização” de qualquer tipo de bem cultural de qualquer natureza devem destacar os significados atribuídos ao bem pelos “grupos

¹⁹ A nova realidade criada para os objetos – que os transforma em “símbolos de algo para além de sua materialidade dada ao olhar” (Guimarães, 2012, p. 109-110).

²⁰ Um *objeto de museu* (ou *musealia*) é uma coisa musealizada, sendo “coisa” definida como qualquer tipo de realidade em geral” (Desvallés; Mairesse, 2013, p. 68).

²¹ Bennett, 1995, p. 146.

²² Macdonald, 2006.

²³ Desvallés; Mairesse, 2013, p. 56.

²⁴ *O Diário*, 27 de maio de 1989 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

de identidade” que se relacionaram e continuam a relacionar com ele²⁵. E como só existe preservação do património se houver uma hierarquização dos valores atribuídos, então a musealização e, por conseguinte, o museu são fundamentais para a criação, preservação e legitimação do património. No caso específico do acervo do MNR, coube ao Museu legitimar o Neo-Realismo enquanto património cultural com valores estético, artístico e histórico.

2.2) Os passos em torno do Neo-Realismo

Se, por um lado, o conhecimento sobre o Neo-Realismo implica investigação e esta depende da existência de materiais, por outro lado, o esboço do MNR só podia assentar na recolha de objetos dos mais variados tipos inseridos, sobretudo em dois conjuntos principais: “figuras” e “obras” do Neo-Realismo. A par com estas forças motivadoras está o inolvidável papel do Movimento; a verdade é que ele “constituiu e constitui referência obrigatória e incontornável de toda uma época do nosso viver coletivo”²⁶.

Uma vez criada a comissão responsável pela instalação do MNR, este só poderia começar a ter expressão se fizessem parte do seu acervo documentos tais como: livros (se possível as primeiras edições), manuscritos, cartas, revistas, jornais, fotografias, obras de arte, etc.”. Neste sentido, a criação do Museu do Neo-Realismo aparece por si só como um dos motivos para a recolha de espólios, sem a qual a existência do Museu não faria sentido.

Parece evidente que na origem do MNR está a “necessidade e a urgência de recolher, conservar, estudar, expor e divulgar o Movimento neorealista”²⁷, as quais constituem, de resto, a justificação deste museu. Então, como representar o Neo-Realismo, sem recorrer aos materiais que o sustentam, enquanto teoria e prática artísticas? Por conseguinte, levanta-se a seguinte questão: como é que o Neo-Realismo foi inserido no projeto museológico que hoje conhecemos? Ou, como foi feita a musealização do Movimento neorealista? Em suma, como se criou um museu sobre um movimento artístico, no caso, o Neo-Realismo?

²⁵ Chuva, 2012, p. 163.

²⁶ *Diário de Lisboa*, 5 de dezembro de 1988 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

²⁷ *Museu do Neo-Realismo* – (“Documento de Apresentação”), novembro 1988, Rogério Ribeiro (Arquivo pessoal de AMR).

2.2.1) Primeiro passo: Os neorrealistas e os objetos do Neo-Realismo

No processo de constituição do acervo do MNR, uma das preocupações fundamentais da CIMNR e, mais tarde, da APMNR foi pesquisar sobre o Neo-Realismo desde as suas origens. Cedo, os fundadores procuraram identificar as personalidades que nele participaram – os neorrealistas²⁸.

A elaboração de uma lista com todos os escritores e as suas obras foi ponto assente para darem seguimento ao trabalho de recolha da documentação. Mais do que as obras completas, importava recolher a totalidade das primeiras edições e publicações ilustradas por artistas plásticos do Movimento. Neste sentido, foi enviada a vários escritores uma circular²⁹ solicitando a oferta das primeiras edições das suas obras³⁰. A lista, elaborada pelos elementos da CIMNR que melhor conheciam o Movimento neorrealista, foi feita para domínios tão diversos como: literatura, artes plásticas, música, teatro, cinema; e ainda disciplinas como “História/Historiografia, Economia, Educação, Filosofia e Ensaísmo”. Uma segunda lista correspondia aos nomes ligados ao ensaio e crítica³¹. E, ainda, os jornais, as revistas e as editoras mais ligadas ao movimento. Apesar de terem sido analisadas todas as áreas, na prática, a formação do acervo acabou por restringir-se aos primeiros domínios, como adiante se constatará.

Se a identificação dos neorrealistas gerou pouca discussão – com exceção apenas dos escritores que negaram a sua fase neorrealista – o mesmo não pode dizer-se de determinadas obras, que geraram alguma polémica. Não menos controversa, foi a delimitação temporal do Movimento, cujo debate se estende até à atualidade. Em conjunto, todas estas ações constituíram os primeiros passos em direção à musealização do Neo-Realismo.

Para dar seguimento ao processo de reunião dos materiais, abordado em seguida, o Museu pretendeu desde o início estabelecer-se como “centro de classificação e investigação”. Este acabou por ser um dos núcleos inseridos no Centro de Documentação. Por outras palavras,

²⁸ Uma das primeiras publicações resultantes da investigação que se fez sobre o Neo-Realismo, ao nível do Museu, foi o livro de Garcez da Silva: *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca*, publicado em 1990 (Figura 4).

²⁹ *Carta-Circular 1* (Arquivo pessoal de AMR).

³⁰ Ata da reunião da CIMNR, 7 de junho de 1990 (Arquivo pessoal de AMR).

³¹ Ata da reunião da CIMNR, 31 de maio de 1990 (Arquivo pessoal de AMR).

pretendia-se que o Museu fosse também um “centro de estudos”, um ponto de partida para professores e estudiosos desenvolverem as suas investigações. Esta faceta, direcionada para o exterior, favorecia os estudos realizados por pessoas externas ao projeto, portanto, com outros objetivos que não a musealização do Movimento neorrealista.

2.2.2) Segundo passo: áreas consideradas

Retome-se a manifestação do Movimento neorrealista em Portugal, abordada na introdução. É sabido que são diversas as áreas por ele abrangidas, embora com representatividades distintas.

Podemos afirmar que os fundadores do Museu, através da CIMNR, procuraram abarcar todas as áreas onde se identificam manifestações neorrealistas, ainda que estas sejam por vezes ambíguas. Em virtude da desigualdade de representações do Neo-Realismo nas diversas áreas, o tratamento das mesmas não foi simultâneo, nem tão pouco teve a mesma dimensão, dando-se principal destaque à literatura, por motivos que adiante serão abordados. Por ora, interessa perceber o que os fundadores entendiam por recolha de materiais nos mais diversos campos temáticos. Afinal, como está representado o Neo-Realismo em cada uma das áreas? Por outras palavras, que materiais representam o Neo-Realismo e qual a sua contribuição para a compreensão do Movimento?

2.2.2.1) Literatura

Na representação do Neo-Realismo Literário Português, distinguem-se duas perspetivas. De um lado, estão as palavras – “o grande levantamento do homem e da realidade portuguesa, uma literatura que capta a transformação dessa realidade (...), o romance agindo sobre o leitor”³². Neste sentido, espólios literários são a materialização do Movimento neorrealista na literatura (Quadros 2.1 a 2.19). Trata-se, sobretudo, da documentação produzida pelo autor – nomeadamente, poesia, ficção narrativa, teatro e cinema, ensaio, crítica e jornalismo – mas também documentos relacionados com a história pessoal do autor. Neste conjunto de documentação, encontram-se: originais manuscritos, datilografados ou mistos de diversas obras ou até mesmo versões das mesmas (em conjunto com textos avulsos), originais de provas tipográficas (algumas delas com emendas ou censuradas), recortes impressos, colagens e fotocópias, entre outros. Em termos sucintos, trata-se da obra neorrealista escrita. Aqui, surgem, em alguns espólios (não só literários como artísticos), as “bi-

³² *Diário de Notícias*, 16 de julho de 1989 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

bibliotecas particulares” dos autores, ou mesmo “bibliotecas de arte”, que incorporaram a biblioteca do Museu “ressalvando-se as obras do próprio autor do espólio, e por si anotadas ou emendadas”, consideradas seu “material de trabalho direto”³³. Estas bibliotecas são constituídas essencialmente por monografias tendo também, em alguns casos, publicações periódicas.

Por outro lado, o Neo-Realismo materializa-se na literatura pela “especificidade de cada escritor”. Esta expressão abarca toda a documentação relacionada com o autor, uma espécie de memória pessoal do mesmo, que inclui: correspondência (recebida e expedida), fotografias, recortes de imprensa e folhetos. Além disso, tem também documentos e objetos pessoais, tais como: secretárias, canetas, máquina de escrever, vestuário, entre outros. Com base nesta perspectiva, Alexandre Cabral³⁴ chegou mesmo a sugerir que se enviassem cartas aos neorealistas vivos ou famílias, solicitando uma breve nota bibliográfica com o intuito de facilitar o trabalho de pesquisa e ser também uma fonte de informação para os interessados.

Além de representada nos espólios literários, a literatura está também representada nos espólios editoriais. Este grupo de espólios inclui: as publicações *O Diabo*, *Vértice* e *Horizonte*; a editora Edições Cosmos e o Cineclubes Vila-franquense (Quadros 2.20 a 2.23). Inclui também originais de artigos, correspondência, zincogravuras, além da documentação relacionada com a administração e contabilidade das respetivas instituições. No seu conjunto, estes espólios resultam de colaborações literárias e artísticas coletivas, mensais ou semanais, acumuladas ao longo dos anos sob a forma de centenas de exemplares (fascículos), a par com originais manuscritos e datilografados, entre outros. Como síntese das duas faces do Neo-Realismo literário, encontra-se a seguinte frase:

“Cada um destes escritores (...) é um mundo próprio e inconfundível. É importante redescobri-los sem o preconceito de os inserir desde logo na corrente neorrealista como peças de museu. Porque eles são, sem dúvida, neorealistas, mas são também muito mais do que isso. E não são de uma só peça, viveram, leram, mudaram esteticamente. E as suas obras dão conta disso mesmo”³⁵.

E porque cada escritor é um mundo próprio e inconfundível, trata-se de um conjunto de figuras que se fizeram rodear por objetos, que desem-

³³ *Centro de Documentação do Neo-Realismo*, 20 de dezembro de 1991, Luís Augusto Costa Dias (Arquivo pessoal de AMR).

³⁴ Ata da reunião da CIMNR, 14 de janeiro de 1994 (Arquivo pessoal de AMR).

³⁵ Ata da reunião da CIMNR, 14 de janeiro de 1994 (Arquivo pessoal de AMR).

penharam determinadas funções. Os materiais reunidos por estes neorealistas constituem pedaços da sua existência e da sua identidade³⁶; eles podem, por isso mesmo, ser interpretados enquanto elementos de recordação. De acordo com Ana Margarida Martins, à semelhança do que acontece nas casas-museu, a memória pessoal preservada “já não será memória individual propriamente dita, mas o que resta dela, e que constitui a matéria sobre a qual incidirá o trabalho do museu, nomeadamente a preservação, interpretação e divulgação”, abordadas adiante. Por conseguinte, pode-se afirmar que a musealização do Neo-Realismo na literatura partilha alguns aspetos com as casas-museu, se não considerarmos o espaço físico que normalmente as envolve.

2.2.2.2) Artes plásticas

A arte dita neorrealista é entendida como uma “arte militante, inspirada na saga da resistência ao nazismo, *engagée* na via da revolução libertadora dos oprimidos – em particular os operários e os camponeses”³⁷. Quanto à sua extensão, pode dizer-se que o Neo-Realismo foi, nas artes plásticas portuguesas, “contemporâneo do surrealismo e precedeu de perto os abstracionismos que se avizinhavam, do qual ficará, para além do testemunho de uma época angustiada sob gravitações de ideologias contraditórias, quicá um certo lirismo das gentes simples e humildes e esse (inesperado) retorno a certas raízes telúricas do sentimento e do imaginário camponês e lusitano”³⁸.

Pode dizer-se que o Neo-Realismo se materializa nas artes plásticas através dos espólios artísticos (Quadros 2.24 a 2.28), pela “Coleção de artes plásticas” e pela “Coleção de artes decorativas e outros objetos” (Quadro 2.29), onde o Movimento é representado, sumariamente, sob a forma de desenhos, pinturas (óleos e aguarelas), gravuras, esculturas (bronze, mármore, terracota, madeira) e figuras em cerâmica (pintada e vidrada), pratos e medalhas. Esta coleção inclui não só todas as obras avulso oferecidas ao Museu (e algumas, em muito menor número, compradas), como algumas obras provenientes dos espólios³⁹. As artes plásticas encontram-se também representadas nos espólios editoriais, onde se pode encontrar, além de desenhos, zincogravuras.

³⁶ Martins, 1997, p. 84.

³⁷ *Jornal de Letras*, 16 de julho de 1989 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

³⁸ *Idem*.

³⁹ No caso dos espólios literários e artísticos, as obras podem ser do autor a que se refere o espólio, ou da autoria de outros, nomeadamente obras oferecidas aos respetivos autores.

2.2.2.3) Música

A representação do Neo-Realismo na música foi sempre pouco clara. Tanto é que se pode colocar a seguinte questão: haverá uma música neorrealista?

A dificuldade em definir o Neo-Realismo nesta área é bem evidente nas seguintes palavras: “sem impedimento de se descobrir uma ou outra peça musical que se insira nesse espírito, nada de forma global, como corrente perfilhada e acatada, parece transparecer da música da época, em paralelo com o que se registou na literatura e na pintura”⁴⁰. Por conseguinte, não podemos imaginar com a música o equivalente às exposições gerais de artes plásticas, na segunda metade da década de quarenta. Estando a música dependente de “estruturas operativas complexas – orquestras, coros⁴¹, teatros, solistas, maestros, etc. – que se encontram em geral na mão das entidades oficiais, não lhe seria exequível trazer a público manifestações que traduzissem reações contra o poder instituído”. Não é evidente que quando a “arte dos sons” se desvia de formas “puramente classicizantes”, o faça com o “tom libertário da poesia” ou, até mesmo, com a “simpatia compadecida do romance pelo povo sofredor”⁴².

Por exemplo, no caso do compositor Fernando Lopes-Graça⁴³, é discutível que a sua tarefa de “exaltação da alma do povo português” exprima um Neo-Realismo musical. Todavia, nas “Canções Heróicas”, de sua autoria, surgem poemas de inúmeros poetas neorrealistas, especialmente os que integraram a coleção *Novo Cancioneiro*. À luz da definição de Neo-Realismo, a música toma aquele cariz quando surge “direta”, “atrativa”, “rica de colorido”, “transbordante de energia”, “plena de generosidade natural” e sobretudo consegue conquistar os públicos através da sua comunicabilidade, que “correspondia aos anseios gerais”⁴⁴.

Nesse caso, qual é afinal esta música e quem são os seus compositores, os fiéis representantes do Movimento nesta área artística? A resposta a esta questão parece não ser evidente, tal como não o foi, pelos motivos apresentados, a manifestação do Neo-Realismo na música. Por outro

⁴⁰ *Jornal de Letras*, 16 de julho de 1989 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

⁴¹ Note-se que esta afirmação não se aplica ao Coro da Academia dos Amadores de Música e a outros coros, que cantavam as canções de Fernando Lopes-Graça.

⁴² *Jornal de Letras*, 16 de julho de 1989 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

⁴³ A certa altura colocou-se a hipótese de o espólio do compositor vir a ser incorporado no acervo do MNR, mas tal não chegou a concretizar-se.

⁴⁴ *Jornal de Letras*, 16 de julho de 1989 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

lado, de acordo com os membros da CIMNR, colocou-se ainda a hipótese de existir uma “música ligeira”, de raiz neorrealista, protagonizada principalmente por José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Luís Cília, Manuel Freire e outros”⁴⁵. Note-se que a representação do Neo-Realismo aparece, mais uma vez, associada a autores em detrimento da sua manifestação essencialmente estética. Por outras palavras, as pessoas superam as próprias obras, na medida em que as suas histórias são, por si só, sustento para a materialização do Movimento. Todavia, as letras de canções (e respetivas gravações áudio), partituras, poemas musicados e críticas na imprensa periódica, entre outros, são alguns dos materiais que os fundadores do MNR tinham pretensão de inserir no acervo do Museu, associadas aos respetivos autores.

A música é a única, das cinco áreas consideradas na musealização do Movimento neorrealista, que não possui uma rúbrica própria na organização dos espólios, por razões que parecem claras: nenhum dos autores contemplados produziu naquela área. Porém, no legado de Fernando Lopes-Graça, podem encontrar-se algumas partituras. Por outro lado, a causa maior da escassa materialização do Movimento na música é, possivelmente a controvérsia gerada pela existência da “música neorrealista”. Por conseguinte, a sua representação é praticamente inexistente no acervo do MNR. Já o mesmo não se pode dizer das restantes áreas, pese embora as diferentes representatividades de cada uma.

2.2.2.4) Cinema e Teatro

Começando pelo cinema neorrealista, a sua origem remonta a Itália, onde surgiu e terá, porventura, influenciado outras áreas do Movimento. No entanto, é posterior ao fim da 2.^a Guerra Mundial e, portanto, ao aparecimento do Neo-Realismo em Portugal.

Trata-se de um cinema mais com a intenção de se destacar do anterior, do que com o desejo de fornecer uma hipótese operativa para o futuro. Mais concretamente, “a relação do Neo-Realismo com a forma e os modos de representação dos filmes dos anos trinta é mais complexa, estimulante, intrincada do que poderá parecer na ótica da terminologia publicitária: este Movimento histórico pode efetivamente ser visto na sua extraordinária nitidez, só se reintegrando num quadro de profundas contaminações. Velho e novo não são pois radicalmente separáveis”⁴⁶.

⁴⁵ Ata da reunião da CIMNR, 16 de abril de 1994 (Arquivo pessoal de AMR).

⁴⁶ Caprara (1999), *O Neo-Realismo Italiano: Continuidade e Ruptura* in J. Graça (Dir.), 1999, p. 253.

São mestres do cinema neorrealista italiano, Rossellini, Visconti, De Sica, Zavattini. Pode dizer-se que estes neorrealistas têm em comum o “empenho ético com uma viva atenção dada aos factos históricos e às problemáticas sociais; o imediato, entendido como recetividade de coisas e factos filmados ‘do real’; a hostilidade própria em relação à dramaturgia tradicional pré-constituída; a utilização de atores não profissionais, que pudessem mais facilmente estabelecer uma relação concreta entre o protagonista e o ambiente; o uso da língua falada ou mesmo do dialeto, visto como redescoberta de um instrumento comunicativo autêntico”⁴⁷. Em suma, é nas soluções de realização e nos próprios conteúdos temáticos que o Neo-Realismo se manifesta no cinema.

Apesar de serem poucas as manifestações cinematográficas do projeto neorrealista em Portugal, refira-se a existência de um grupo de realizadores que integraram o chamado “Novo Cinema”. Este grupo adaptou ao cinema romances de vários neorrealistas, tendo sido por diversas vezes associado ao Neo-Realismo da segunda fase. Deve considerar-se ainda parte do movimento cineclubista em Portugal, “cuja visão marxista do mundo era divulgada não só a partir da exibição de filmes como também da crítica publicada e das discussões organizadas após a sua exibição”⁴⁸.

No que concerne ao teatro neorrealista, as suas manifestações são muito mais frequentes do que no cinema, existindo muitas peças de autores neorrealistas, algumas delas representadas com grande êxito. No entanto, trata-se de uma área carente em informação. Pode afirmar-se que a existência de um teatro com esta natureza não deve afastar-se muito das linhas que definem a existência de uma arte neorrealista.

Também aqui, surgem os escritores como criadores das peças de teatro. Porém, importa não esquecer o importante papel dos grupos de teatro (profissional e amador), cujas peças apresentadas – de escritores neorrealistas, ou outros – revelam proximidade ao ideário neorrealista, situação que chega a estender-se aos grupos formados após o 25 de Abril de 1974. Refira-se ainda a função exercida pela crítica teatral, de filiação neorrealista, na “divulgação dos ideais democráticos e na formação pedagógica do público”⁴⁹.

Quanto à materialização do Neo-Realismo no cinema e no teatro, ela encontra-se nos espólios literários dos escritores que produziram textos para aqueles fins, portanto, associada à literatura. A sua manifestação é visível em cerca de seis espólios nos quais se encontram, sobretudo, guiões para televisão, argumentos e diálogos de cinema – originais dati-

⁴⁷ *Idem*.

⁴⁸ Martins, 1997, p. 93.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 95.

lografados, manuscritos ou, até mesmo, cópias e provas tipográficas. Encontram-se também apontamentos manuscritos para peças de teatro, recortes impressos, cartazes, cortes da censura e críticas publicadas na imprensa periódica. A título de exemplo, refira-se o Espólio de Leão Penedo (Quadro 2.7) que, para além de alguns dos materiais já referidos, inclui outros associados à atividade cinematográfica do autor, tais como livros de despesa e contratos de filmes. É ainda constituído por fotografias pessoais e dos meios cinematográficos, entre outras. A par com estas manifestações, o cinema e o teatro estão representados pelo “material não livro”, incluído no arquivo audiovisual do Museu sob a forma de cópias de filmes, em VHS e DVD, bobinas cinematográficas e peças de teatro com abordagens neorrealistas.

A delimitação das áreas consideradas na musealização do Neo-Realismo serviu, sobretudo, para uma melhor compreensão do Movimento em toda a sua extensão. No entanto, pode dizer-se que nem todas as áreas contribuíram de igual modo para a representação e compreensão do Movimento neorrealista. Pode dizer-se que a literatura e as artes plásticas são as áreas mais representativas do Neo-Realismo, sobretudo, a primeira (Quadros 2.1 a 2.29). Veja-se que um dos princípios assumidos pela CIMNR se prendia com a necessidade de inserir o Museu no núcleo abrangente dos estudos sobre História da Cultura Portuguesa.

2.2.3) Terceiro passo: Constituição do acervo do Museu

2.2.3.1) Critérios e prioridades – Primazia das letras

Apresentadas as cinco áreas subjacentes à musealização do Neo-Realismo, importa compreender os critérios e prioridades seguidos pelos fundadores do Museu na investigação e recolha dos espólios.

Após a elaboração da lista, acima referida, com todos os cultores do Neo-Realismo, a CIMNR começou a selecionar os materiais com interesse para o acervo do Museu, com base nas respostas e nos silêncios obtidos com os primeiros contactos⁵⁰. Por conseguinte, foi enviada a pessoas e instituições a carta-circular, já mencionada, solicitando a colaboração no projeto que começava a crescer, isto é, apelando ao apoio de todos nas tarefas a realizar. De um modo geral, o resultado destes contactos foi bastante positivo, com grande aceitação e recetividade⁵¹. Do mesmo

⁵⁰ Na totalidade foram contactadas mais de 60 pessoas, entre neorrealistas ou suas famílias.

⁵¹ “Foram recebidas cartas em resposta à nossa circular, nomeadamente do Museu Nacional Machado de Castro; de Nuno San-Payo que ofereceu um trabalho seu de 1949, intitulado *Subúrbio*; da Presidência do Conselho de Ministros; do Grupo

modo, mas via imprensa, o pedido estendeu-se a toda a população:

“Se, no entanto, tiver espólios (fotografias, jornais, recortes, cartas, primeiras edições de livros, manuscritos, autógrafos, etc.) ofereça-os diretamente na Câmara, em memória dos ‘moços que parecem homens e nunca foram meninos’”⁵².

Por esta altura, havia já um número significativo de materiais reunidos no antigo edifício da Assembleia Municipal. Em simultâneo, decorria o processo de seleção dos materiais nas casas dos particulares contactados. Além dos neorrealistas, havia um número significativo de pessoas que, embora não integrassem o Movimento, tinham em sua posse muitos materiais que gostariam de doar ao Museu. Nos anos que se seguiram à criação da CIMNR, chegaram inúmeros materiais às instalações provisórias do MNR, aumentando a necessidade de espaço para acondicionar aqueles materiais. Relembre-se a persistência dos fundadores em conduzir o projeto com as devidas precauções. Este cuidado refletiu-se na criação do Centro de Documentação, antes mesmo do projeto avançar sob a forma de Museu. O próprio método de recolha de documentos, traduziu as preocupações da CIMNR:

1. “Contacto [para obtenção dos espólios] dos escritores neorrealistas Manuel da Fonseca e Armindo Rodrigues, e com os herdeiros de Carlos de Oliveira, Faure da Rosa e José Ferreira Monte”;
2. “Artistas plásticos”;
3. “Contactar colecionadores: Zeca Gomes e Raul Rego”;
4. “Alfarrabistas”;
5. “Jornais e revistas”⁵³.

De um modo geral, estes critérios apontam, sobretudo, para a área da literatura que, de resto, predominou até meados de 1994. A procura incessante de materiais naquela área estava associada à prioridade de criar um centro de documentação que pudesse recolher as primeiras edições das obras neorrealistas.

A partir de 1994, começou a atribuir-se especial ênfase à inventariação das artes plásticas. Este objetivo foi alcançado mais tarde por dois motivos. Por um lado, a facilidade de contactar os escritores, que além de serem em

Parlamentar do Centro Democrático Social – CDS; do Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata – PSD e de um munícipe anónimo” (Reunião da CIMNR, 26 de janeiro de 1989 – Arquivo pessoal de AMR).

⁵² *O Diário*, 27 de maio de 1989 (Arquivo recortes de imprensa, MNR).

⁵³ Ata da reunião da CIMNR, 23 de fevereiro de 1989 (Arquivo pessoal de AMR).

número elevado terão, porventura, prolongado por mais tempo o seu período neorrealista, comparativamente aos artistas plásticos. O outro motivo prende-se com o preço das obras de arte, substancialmente superior ao das obras literárias. Se, para estas, na grande maioria dos casos, após o inventário, foi feita a oferta do espólio, no caso das artes plásticas o processo resumiu-se à primeira etapa, por falta de disponibilidade financeira para adquirir as obras (nos casos em que estas não foram legadas ou não faziam parte de um espólio oferecido). Apesar de tudo, esta etapa foi necessária para obter materiais do Movimento neorrealista nas artes plásticas.

De um modo geral, pode dizer-se que a literatura era mais acessível do que as artes plásticas. Todavia, tornou-se urgente a necessidade de proceder à inventariação das obras de arte, enquanto estavam na posse de particulares. Muito embora fossem escassas as hipóteses de adquiri-las, pelo menos, seriam descritas e localizadas. Por outro lado, havia o desejo de realizar uma exposição de artes plásticas, situação que conduziu à identificação, localização ou, até mesmo, à obtenção das obras neorrealistas que foi possível inventariar⁵⁴. Para o efeito, foram selecionadas duas candidatas, Regina Pereira da Silva e Maria Olímpia Pinto, que iniciaram a inventariação das obras⁵⁵. Seguiu-se Ana Margarida Martins. De casa em casa, do norte ao sul do país, foram registados e fotografados materiais nos mais diversos suportes abrangidos pelas artes plásticas.

Os critérios e as prioridades seguidos ao longo da história do MNR são igualmente visíveis nas temáticas associadas às exposições, como se observará no capítulo seguinte. Também nas exposições se verifica que a música, o cinema e o teatro são áreas pouco abrangidas. Muito embora estivessem presentes na consciência dos fundadores do Museu, não tiveram a mesma prioridade, talvez pela pouca representatividade que lhes é característica. Além disso, claramente, foi dedicado menos tempo à investigação naquelas áreas, em detrimento da literatura e das artes plásticas. Contudo, fazem parte dos atuais objetivos do MNR desenvolver estudos no sentido de melhor compreender a representação do Neo-Realismo nos domínios até então menos considerados – música, cinema e teatro.

2.2.3.2) Constituição do acervo - Um processo por etapas

A constituição do acervo do MNR resulta do balanço entre dois aspetos. Por um lado, a ideia de criar um museu que preservasse as diversas manifestações do Movimento neorrealista. Por outro lado, a existência de testemunhos representativos do Neo-Realismo foi o motor para a criação

⁵⁴ Ata da reunião da CIMNR, 8 de fevereiro de 1993 (Arquivo pessoal de AMR).

⁵⁵ Ata da reunião da CIMNR, 16 de abril de 1994 (Arquivo pessoal de AMR).

de um acervo que justificou a criação do Museu. A análise da musealização do Movimento neorrealista pode ser feita à luz do que Clara Camacho⁵⁶ detetou serem as três fases habitualmente presentes nos processos de formação de alguns museus em Portugal. No caso, é possível aplicá-las à gênese do MNR, em particular, à constituição do seu acervo.

Na origem do Museu está a CLAR, cuja ação assentou na vontade de perpetuar a obra de Alves Redol. A ideia inicial estendeu-se a um projeto mais vasto, que pretendia abranger o Neo-Realismo, ao qual se associa o nome do escritor. Por conseguinte, foi alargado o leque de figuras a incluir no projeto de criar um museu focado no Neo-Realismo. Numa primeira fase, foi feita a doação dos espólios literários das pessoas ligadas ao Movimento e, mais tarde, foram doados os espólios editoriais e artísticos. Em termos sucintos, o projeto de criar um museu associado a uma só personalidade – Alves Redol –, estendeu-se a todo o Movimento neorrealista.

Esta situação está de acordo com o que Clara Camacho defende ser a origem dos futuros museus: a “reunião de um grupo temático de testemunhos patrimoniais”. No caso do MNR, os testemunhos do Neo-Realismo não foram necessariamente reunidos de forma premeditada pelos seus autores ou, pelo menos, nem sempre o foram de forma consciente. Eles são o resultado inevitável de uma vida participativa (cívica, pessoal, cultural). São conjuntos de objetos de diversas naturezas que adquiriram características que os transformam em extensões dos próprios autores. Por outras palavras, aqueles conjuntos são legados que, consciente ou inconscientemente, foram deixados pelos neorrealistas. Deste modo, os materiais que constituem os espólios de cada autor encaixam-se na categoria de *souvenirs*, defendida por Susan Pearce. São objetos dotados de unidade na coleção (espólio), somente por estarem associados a uma determinada pessoa e, naturalmente, à história da sua vida; ou a um grupo de pessoas que acaba por funcionar como uma pessoa singular. Mais, habitualmente, eles surgem como parte daquilo que os curadores designam por *personalia* ou *memorabilia*⁵⁷. Neste sentido, a primeira etapa da musealização do Neo-Realismo assentou na existência de espólios. Conjuntos de objetos que resultam de determinadas atividades desenvolvidas pelos neorrealistas ou, de alguma forma, estão associados a eles. Inclui, não só as suas produções artísticas, como também os respetivos objetos pessoais (Quadros 2.1 a 2.34).

A segunda etapa do processo de musealização do Neo-Realismo adveio do desejo de perenidade associado à “estreita dependência da

⁵⁶ Camacho, 1999, p. 259.

⁵⁷ Pearce, 1994, p. 195.

personalidade do colecionador e a correspondência entre o tempo de vida deste e o da própria coleção”⁵⁸ (espólio). Esta situação é muito comum nos processos de formação das casas-museu. Deste modo, pode-se afirmar, como já foi referido anteriormente, que o processo de musealização do Movimento neorrealista partilha, pelo menos na sua origem, aquela característica com as casas-museu. Segundo Clara Camacho, o desejo de perpetuar a vida das pessoas, através dos espólios, “leva na maior parte dos casos à transformação dos bens privados em públicos”. Analogamente, no caso do MNR, a mudança de estatuto destes bens foi representada pela doação dos espólios à autarquia de VFX, cujo procedimento se concretizou em “atos de natureza pública e jurídica, mediante a aceitação em sessão de Câmara das respetivas doações ou da decisão de compra e posterior celebração de escrituras”⁵⁹. Aplicadas ao MNR, estas ações começaram com uma primeira abordagem aos proprietários dos espólios que se pretendiam obter. Consoante as respostas⁶⁰, os pedidos foram apresentados à Câmara Municipal. Seguiram-se novos contactos com os proprietários, no sentido de elaborar um inventário provisório e geral, apenas para tomar conhecimento da dimensão e conteúdo dos espólios. Novamente e em diversos momentos, a Câmara Municipal deu a sua aprovação em reunião. Uma vez aceites as doações, seguiram-se as escrituras. Apesar de alguns espólios e materiais terem sido entregues desde os primórdios do Museu, a assinatura dos contratos só foi possível a partir de 1991, data em que foi doado o primeiro espólio – de Manuel da Fonseca (Figura 19). De facto, durante algum tempo não foi claro a qual das entidades, Câmara Municipal ou Associação Promotora, seriam doados os espólios. Porém, houve dois aspetos em consideração, que logo definiram quem seria proprietária dos espólios. Por um lado, os inconvenientes associados à posse dos bens por parte da APMNR. Podia ocorrer uma “usurpação” dos espólios recebidos quer por uma entidade particular, quer por alguns dos seus elementos bastando, para isso, os votos da Assembleia Geral. Este motivo é por si só suficiente para que a decisão fosse a favor da autarquia. Relembre-se que nesta fase da história do Museu, a APMNR era uma entidade ainda “adormecida”. Por outro lado, até ao momento, a principal financiadora do projeto tinha sido a Câmara Municipal de VFX. Além disso, a posse de um património tão valioso exigia um forte sentido de responsabilidade que, aos olhos da CIMNR,

⁵⁸ Camacho, 1999, p. 259.

⁵⁹ *Ibid*, p. 260.

⁶⁰ A relutância que se verificou na doação de alguns espólios prende-se, por vezes, com as expectativas que as famílias tinham de verem os seus familiares homenageados singularmente através da criação de casas-museu nas respetivas localidades de origem daqueles.

devia ser assumido pela última. Este compromisso seria independente das sensibilidades mostradas pelas futuras direções relativamente ao projeto. Um outro aspeto que a CIMNR considerou importante no contrato de doação, foi a definição de um prazo para a concretização do Museu ou, pelo menos, do Centro de Documentação, como garantia aos doadores. Apesar de não ter sido estabelecido um prazo nos contratos de doação, havia uma cláusula que previa a devolução do espólio, caso um dos dois não se concretizasse⁶¹.

A terceira etapa da musealização do Neo-Realismo foi o confronto da Câmara Municipal de VFX com o problema da instalação física dos referidos espólios. Além disso, ainda não estava definido qual das duas entidades seria a proprietária legal dos espólios, na medida em que ambas tiveram papéis igualmente relevantes na gênese do MNR. Segundo Clara Camacho, de todos os processos referidos:

“Esta parece ser a etapa que apresenta maiores dificuldades de concretização, pelos constrangimentos logísticos que encontra e pelos investimentos financeiros que pressupõe a sua resolução. A opção mais comum é a de aproveitar imóveis patrimoniais que sejam propriedade dos municípios para a instalação das coleções e iniciar o processo preparatório da sua transformação em museus”⁶².

Há uma relação estreita entre esta afirmação e a realidade do MNR. Após uma primeira instalação no sótão da Assembleia Municipal, seguiu-se a ocupação do primeiro piso do mesmo edifício. Só mais tarde, o Centro de Documentação foi transferido para o segundo piso da antiga Biblioteca Municipal e, posteriormente, para o primeiro andar. De acordo com Clara Camacho, “só a partir desta etapa se inicia verdadeiramente a intervenção autárquica, uma vez que nas fases anteriores a decisão se consubstancia na aceitação das coleções, em regra, propostas por entidades exteriores à política patrimonial das mesmas autarquias”. A intervenção da Câmara Municipal de VFX refletiu-se na procura de soluções para a sucessiva falta de espaço do Museu. Deste modo, o MNR foi conquistando novos espaços até se tornar urgente a procura de uma solução apropriada e não mais provisória. Além dos espólios desejados desde o início, houve também muitos outros que incorporaram o acervo do Museu (Quadros 2.30 a 2.34) – sob a forma de legados pessoais, legados institucionais, legados artísticos e legados “vários” – por proposta dos proprietários ou familiares dos mesmos. Em ambos os casos, o processo decorreu respeitando, regra geral, as etapas acima referidas.

⁶¹ Ata da reunião da CIMNR, 7 de fevereiro de 1991 (Arquivo pessoal de AMR).

⁶² Camacho, 1999, p. 260.

Uma breve análise de alguns casos encontrados no histórico da incorporação de bens materiais no Museu, permite distinguir várias situações. A mais comum é a família avançar com o depósito do espólio antes da concretização da escritura. Porém, um espólio “depositado” pode ser retirado a qualquer momento, na medida em que o contrato de doação ainda não foi realizado. Trata-se, portanto, de um ato informal de entrega de objetos que ficam em depósito apenas por não ter sido ainda concretizada a etapa final – a doação.

À data da última pesquisa⁶³, de um total de 36 espólios (literários, artísticos e fundos institucionais), contavam-se 9 espólios e 2 legados em condições de “depósito”, aguardando o momento da formalização da doação. Contudo, em teoria, o Museu “possui”, no total, 25 espólios literários, 5 espólios editoriais e 6 espólios artísticos, para além de 45 legados⁶⁴. Os legados são conjuntos de bens materiais avulsos oferecidos ao Museu. Nestes casos, a entrega de determinados materiais, diretamente ao Museu, traduz-se apenas na assinatura de um documento relativo ao ato da oferta.

A situação de depósito não é a ideal para o Museu, sob pena deste perder os seus espólios. Em particular, pode ocorrer a recolha do espólio por parte do seu proprietário, tal como aconteceu no caso do espólio de Augusto da Costa Dias, retirado do Museu em 1998 pelo seu filho Luís Augusto Costa Dias. Na origem da decisão, esteve o seu afastamento por conflito com a Câmara Municipal de VFX. Refira-se também o caso do espólio literário de Alves Redol (Quadro 2.16), cuja doação se concretizou somente no dia 20 de outubro de 2007, no momento da inauguração das novas instalações do Museu. A decisão coube a António Mota Redol, na qualidade de filho (e herdeiro) do escritor, além de co-fundador do projeto de criação do MNR. Apesar desta mudança de objetivo, a ideia inicial promovida pela CLAR de criar um museu alusivo ao escritor prevaleceu e ainda prevalece para algumas pessoas⁶⁵. Foi para desfazer a ambiguidade gerada em torno desta ideia, que António Mota Redol adiou a entrega do espólio de seu pai. Foi a solução melhor que encontrou para afastar qualquer dúvida relativamente à criação de um museu dedicado ao Movimento neorrealista com todos as figuras que nele se incluem. Apesar desta decisão e antes da doação oficial, António Mota Redol assinou um protocolo com a Câmara Municipal⁶⁶, para que fosse feito o inventário do espólio do escritor na residência de sua mãe e viúva deste. Assim, não só

⁶³ 11 de julho de 2011.

⁶⁴ Destes, há 28 legados pessoais, 3 legados institucionais, 10 legados “vários” e 4 legados artísticos (ver quadros 2.30 a 2.34, em anexo).

⁶⁵ Informação fornecida por AMR em nota escrita a 20 de outubro de 2010.

⁶⁶ Assinado no dia 25 de abril de 1999 (Área Documental – Gestão de Incorporações, MNR).

o inventário como as cópias de alguns documentos ficaram no Museu à disposição dos interessados, permitindo o desenvolvimento de pesquisas externas ao processo de musealização. Ainda no âmbito deste protocolo, a Câmara Municipal comprometeu-se a “honrar a memória do escritor”, não só através da inventariação do espólio como de “outras formas possíveis e visíveis”. Entretanto, o herdeiro do escritor fez a doação de 42 obras de arte à APMNR⁶⁷ mas, atualmente, o espólio continua incompleto. Alguns materiais ainda não foram doados, por continuarem a ser utilizados por António Mota Redol.

2.2.3.3) Tratamento do acervo

A organização e registo dos materiais do Neo-Realismo são tarefas que a CIMNR procurou desenvolver com alguma urgência. Porém, estiveram dependentes da contratação, por parte da Câmara Municipal, de uma pessoa encarregue daquela função. A solução para esta necessidade concretizou-se em setembro de 1988.

Já instalada no edifício da Biblioteca Municipal, a CIMNR procurou dar seguimento ao processo de tratamento dos espólios. A primeira tarefa, desempenhada pelos técnicos Maria João Carraça e Luís Augusto Costa Dias, foi a arrumação dos materiais. Só posteriormente, foi realizada a desinfestação, registo, catalogação e arquivo dos mesmos⁶⁸. O tratamento dos materiais foi feito de acordo com os métodos adotados pela Biblioteca Nacional, pelo Gabinete de Estudos Olisiponenses, pelo SIMET⁶⁹ e ainda pelo Centro de Documentação 25 de Abril.

Uma das intenções de Luís Augusto Costa Dias foi organizar o acervo por espólios oferecidos e espólios adquiridos. Esta estratégia foi defendida por todos os membros da CIMNR, visto coadunar-se com o que entendiam ser a função museológica do Centro de Documentação⁷⁰. No final de 1991, após sucessivas reuniões da CIMNR, foi apresentado o documento⁷¹ que traduz o consenso dos membros da Comissão Instaladora relativamente ao tratamento do acervo. No documento constam todos os aspetos relativos à estrutura, organização e ação do Centro de Documentação, divididos essencialmente em cinco normas de recolha e tratamento documental:

⁶⁷ *O Triângulo*, 18 de julho de 2006 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

⁶⁸ Ata da reunião da CIMNR, 7 de julho de 1990 (Arquivo pessoal de AMR).

⁶⁹ Ata da reunião da CIMNR, 30 de setembro de 1991 (Arquivo pessoal de AMR).

⁷⁰ Ata da reunião da CIMNR, 12 de março de 1991 (Arquivo pessoal de AMR).

⁷¹ *Centro de Documentação do Neo-Realismo*, Luís Augusto Costa Dias, 20 de dezembro de 1991 (Arquivo pessoal de AMR).

- 1) a “incorporação documental”, que inclui o “inventário provisório” de todas as ofertas ou doações, cujos campos a preencher variam com o tipo de documento (literário, artístico, documento arquivístico ou publicação periódica);
- 2) o “registo de documentos”, que se processa de acordo com o “destino da incorporação” e a “natureza dos documentos”. Assim, todo o “material bibliográfico em geral” destina-se à Biblioteca, enquanto os “espólios e outros arquivos de conjunto, podendo ser mistos), são inseridos no Arquivo. Quanto à natureza, distinguem-se as monografias, os periódicos, os manuscritos, as artes plásticas, as fotografias, os audiovisuais e os catálogos e impressos;
- 3) a “classificação documental”, dividida em “classificação bibliográfica” (que inclui “usuais”, literatura, artes, política, estudos sociais e periódicos) e a “classificação arquivística”, que inclui os espólios (literários, artísticos e editoriais) e os arquivos (fotográfico, gráfico, de núcleos avulsos, audiovisual e de imprensa);
- 4) a atribuição de uma cota e de um local de arrumação das “espécies bibliográficas” e das “espécies arquivísticas”;
- 5) a catalogação por meio de “sistema microinformático”, como recurso a uma base de dados.

Apesar de haver a intenção de seguir uma metodologia determinada, na prática, o tratamento do acervo do Centro de Documentação e, posteriormente, do MNR, foi um trabalho lento e descompassado, que ainda decorre nas atuais instalações do Museu. Quanto aos avanços, sabe-se que em 1992 já existia um inventário de todas as monografias, algumas delas ainda por carimbar e numerar. À data da última pesquisa, estava em curso o processo de seleção de um novo sistema de classificação com o intuito de uniformizar o tratamento do acervo.

Um dos motivos da demora no tratamento dos espólios prende-se com a falta de técnicos em número suficiente para desempenhar estas funções. Os problemas desta ordem, que existiram ao longo da história do MNR, terão contribuído para o desvio relativo de algumas tarefas, em detrimento de outras. Além disso, surgiram vários conflitos (já mencionados anteriormente, no subcapítulo referente ao Centro de Documentação) entre Luís Augusto Costa Dias e a CIMNR, sobretudo porque o primeiro não concretizava as decisões tomadas nas reuniões conjuntas. Por este motivo, foram feitas várias observações a Luís Augusto Costa Dias, que acabou por declarar dedicação exclusiva às atividades do Centro de Documentação. No entanto, continuou a deter-se nas funções que competiam à CIMNR. Por conseguinte, não só aquela declaração foi contrária às orientações definidas pela Câmara Municipal, como Luís Augusto Costa Dias continuou a participar nas reuniões e decisões que cabiam à Comis-

são Instaladora, tal como pode constatar-se nas atas das reuniões seguintes. Para evitar maiores conflitos, a Câmara Municipal passou a participar das reuniões entre a Comissão Instaladora e o responsável pelo Centro de Documentação, marcando presença através dos representantes do DASC.

Relativamente às artes plásticas, nesta fase o Museu já tinha um pequeno acervo, ainda por tratar. Sem orçamento para a aquisição de obras de arte, a CIMNR considerou ser útil o Museu dispor de um inventário das obras existentes em todo o país. A inventariação⁷², já mencionada anteriormente, foi realizada nas casas dos respetivos proprietários e deu origem a mais de 11.000 fichas de inventário⁷³.

Atualmente, o acervo do MNR encontra-se organizado, salvo algumas exceções, de acordo com a herança da estrutura e organização do seu Centro de Documentação. Em suma, o acervo do Museu é composto pelos espólios literários pessoais, espólios editoriais e espólios artísticos. Também fazem parte do acervo, os legados (pessoais, artísticos, institucionais e “vários”), as bibliotecas particulares, a biblioteca geral e os arquivos gráfico, fotográfico, multimédia e de imprensa⁷⁴.

2.3) Outras atividades relacionadas com a preservação da memória

2.3.1) Recolha de Documentação Oral

Para além das atividades relacionadas com a recolha e o tratamento do património material, a CIMNR insistiu na recolha de documentação oral sobre a revista *Vértice*. Os testemunhos orais (gravados em áudio) daqueles que colaboraram⁷⁵ com a revista foram essenciais para a investigação sobre a *Vértice*.

⁷² Esta inventariação foi sempre dirigida pela CIMNR e, mais tarde, pela APMNR.

⁷³ Relatório de Atividades da APMNR em 2006 (Arquivo APMNR, “Contas de Gerência”).

⁷⁴ De um modo geral, no conjunto destes quatro arquivos, podemos encontrar: negativos, fotografias de neorealistas e reportagens fotográficas de inaugurações de exposições; folhetos informativos relacionados com as mais diversas programações culturais (nomeadamente exposições, peças de teatro, lançamento de livros, ações de formação, etc.), convites e catálogos. Encontram-se também os folhetos que circularam no período em que foi criado o *Movimento Pela Permanência*. Nestes arquivos existem ainda cassetes (áudio e vídeo), DVDs e recortes de imprensa local e nacional.

⁷⁵ Foram centenas os colaboradores da revista (Ata da reunião da CIMNR, 7 de maio de 1994 – Arquivo pessoal de AMR).

Foram realizadas muitas outras entrevistas pela CIMNR, com neorrealistas e seus herdeiros, estando já transcrita mais de uma vintena de entrevistas a artistas plásticos e familiares.

Por outro lado, havia um projeto de realização de gravações em vídeo, com neorrealistas vivos, que acabou por restringir-se apenas a duas entrevistas: uma a Arquimedes da Silva Santos, a outra a Garcez da Silva.

2.3.2) O património cultural neorrealista em Portugal

Tendo em conta que o património cultural é uma construção que depende dos contextos político, social e económico e está sujeita à avaliação feita por grupos específicos, que atribuem valores concretos àquilo que pretendem nomear de património, parece evidente a necessidade de preservar a memória dos neorrealistas.

Uma das preocupações da CIMNR foi fazer um levantamento do património neorrealista na cidade de VFX e assinalá-lo. Projetou-se, posteriormente, a colocação de placas a assinalar as casas onde viveram os escritores e as coletividades relevantes para o Movimento.

Por outro lado, o interesse documental associado às residências dos cultores do Neo-Realismo traduziu-se no projeto de fotografá-las por todo o país. O projeto devia incluir gabinetes de trabalho, bibliotecas, salas de convívio, obras de arte, entre outros aspetos representativos de cada uma das personalidades do Movimento. Em suma, todos os espaços e objetos com relevância na vida e obra dos autores neorrealistas. Para a realização do projeto, foi elaborado um plano e enviado um ofício à SEC, solicitando apoio. Perante a falta de respostas por parte daquela entidade, o projeto foi sendo adiado em detrimento das outras prioridades da CIMNR. Em 1994⁷⁶, foram enviadas cartas ao Instituto Português de Museus e ao Arquivo Nacional de Fotografia, mas somente o último manifestou algum interesse e solicitou os detalhes do projeto. Contudo, nunca houve uma resposta definitiva por parte daquele Arquivo Nacional.

Surgiu ainda um terceiro projeto que consistia na colocação de placas (Figuras 39 e 40), não só nas casas onde os neorrealistas nasceram, mas também nas moradas associadas a factos relevantes das suas vidas; seria dada prioridade aos escritores dos quais se possuísse espólio⁷⁷. Porém, apesar de ter sido iniciado, este plano acabou por não ter continuidade.

⁷⁶ Ata da reunião da CIMNR, 10 de fevereiro de 1994 (Arquivo pessoal de AMR).

⁷⁷ Referiram-se, em Lisboa: as casas de Carlos Oliveira, Fernando Namora, Leão Penedo, Armindo Rodrigues, Faure da Rosa, Piteira Santos, Mário Dionísio, Cipriano Dourado, Alves Redol, etc.; em Coimbra: João José Cochofel, Joaquim Namorado, Luís Albuquerque, a redação de *Vértice*, etc.; também se apontaram as cidades do Porto, Vila Franca de Xira, Santiago do Cacém, Ponte de Sor, etc. (Ata da reunião da CIMNR, 7 de maio de 1994 – Arquivo pessoal de AMR).

Em suma, do registo fotográfico caminhou-se lentamente em direção ao assinalar da presença das figuras neorrealistas nos espaços a elas associados.



Figura 39 – Inauguração da placa a assinalar a casa onde nasceu Cipriano Dourado em Penhascoso, por iniciativa da APMNR e da Câmara Municipal de Mação, em abril de 2001 (Arquivo pessoal de AMR).



Figura 40 – Inauguração por Maria da Luz Rosinha da placa a assinalar a casa onde nasceu Álvaro Guerra, por iniciativa da APMNR e apoio da Câmara Municipal de VFX, em 2003 (Arquivo pessoal de AMR).

2.3.2.1) O Neo-Realismo nas Bibliotecas do Concelho

Consciente do papel assumido pela autarquia vila-franquense na criação do MNR e da importância do concelho na divulgação do Movimento neorrealista – além da evidente participação no mesmo – a CIMNR considerou justificar-se a existência de “secções de neorrealistas” nas bibliotecas municipais, em escolas e em coletividades⁷⁸. Esta iniciativa pretendia funcionar como uma troca. A CIMNR oferecia⁷⁹ os livros adquiridos e, em contrapartida, cabia às bibliotecas destacá-los em espaços próprios unicamente dedicados ao Movimento, usando a seguinte frase sugerida:

“Núcleo de Literatura Neo-realista. O concelho de VFX distinguiu-se pelo seu atributo para a eclosão do Neo-Realismo. Memorizando este evento, criou-se nesta biblioteca um núcleo de obras que se integram neste movimento cultural e foram oferecidas pela Comissão Instaladora do MNR”.

Todavia, a demora da CIMNR, conjugada com o pedido insistente da Escola Alves Redol para receber livros dos neorrealistas, levou aquela intenção a concretizar-se em moldes distintos dos previstos. Os livros foram oferecidos por António Mota Redol àquela escola, em nome dos “Herdeiros de Alves Redol”. Apesar disso, a CIMNR manteve o desejo de avançar com a oferta àquelas instituições de um núcleo do mesmo tipo, com livros a seleccionar⁸⁰.

Todas estas atividades partilham a ideia de divulgar o Neo-Realismo, traduzida na tentativa de evidenciar a memória das figuras associadas ao Movimento e de todas manifestações associadas, sobretudo a literatura. Todavia, como irá constatar-se no capítulo seguinte, é nos conteúdos expositivos que aquela ideia é mais visível.

2.3.3) Atividades culturais complementares

A CIMNR, a APMNR e o próprio Museu organizaram atividades de dinamização cultural, algumas vezes complementares às exposições, outras não, com a realização de colóquios, sessões de poesia, sessões de música, etc. (Figuras 41 a 43). Para estas sessões foram convidados estudiosos do Neo-Realismo, ou dos autores e artistas plásticos contemporâneos, tendo-se realizado tais iniciativas nas exposições apresentadas

⁷⁸ Ata da reunião da CIMNR, 3 de junho de 1994 (Arquivo pessoal de AMR).

⁷⁹ A oferta abrangia somente as escolas.

⁸⁰ Ata da reunião da CIMNR, 22 de junho de 1995 (Arquivo pessoal de AMR).



Figura 41 – Sessão na Câmara Municipal de VFX, em 6 de abril de 1992, sobre Aleixo Ribeiro e Leão Penedo, com a presença do Presidente da Câmara, Daniel Branco, Baptista Bastos, Vítor Viçoso, António Mota Redol e Luís Augusto Costa Dias (Arquivo pessoal de AMR).



Figura 42 – Sessão no Café Central, em VFX, para apresentação de uma serigrafia representando Alves Redol editada pela Câmara Municipal, com a presença de Rogério Ribeiro, Arquimedes da Silva Santos, Mário Ventura Henriques, Vereador Vale Antunes, António Mota Redol e Armando Caldas, que leu poemas dedicados ao escritor (Arquivo pessoal de AMR).



Figura 43 – Sessão de poesia dedicada a Joaquim Namorado no 20.º aniversário do seu falecimento, no Museu do Neo-Realismo, em 20 de janeiro de 2007, vendo-se Maria de Jesus Barroso entre a assistência (Arquivo pessoal de AMR).

sobre literatura e em algumas dedicadas às artes plásticas, muitas vezes no ato de inauguração. Nestas sessões participaram: Vítor Viçoso, Baptista Bastos, Oscar Lopes, Júlio Graça, António Dias Lourenço, Arquimedes da Silva Santos, Urbano Tavares Rodrigues, Rui Mário Gonçalves, António Pedro Pita, António Borges Coelho, Orlando da Costa, José Cardoso Pires, Alexandre Cabral, Maria Lucia Lepecki, Rogério Ribeiro, Mário Ventura, Garcez da Silva, Fernando Rosas, José Pacheco Pereira e Maria de Jesus Barroso.

Foram organizadas sessões em escolas do concelho de Vila Franca de Xira, tendo-se concretizado, também, ações de formação para professores do básico e do secundário, algumas das quais com atribuição de créditos, em que participaram vários professores universitários.

O Museu realizou várias ações com alunos das escolas no âmbito dos serviços educativos e promoveu visitas à exposição de longa duração no mesmo âmbito. A edição de catálogos constituiu outra atividade complementar das exposições.

Nas inaugurações das exposições e nas atividades paralelas estiveram presentes os artistas vivos, como Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Lima de Freitas, Maria Barreira, Jorge Reis, Orlando da Costa, Querubim Lapa, Dorindo Carvalho, Nuno San-Payo, Jorge de Oliveira, Júlio Graça e Alcino Soutinho. No caso de artistas falecidos, estiveram os seus descendentes.

Em 2006, a APMNR lançou a revista *Nova Síntese*, dedicada à investigação sobre o Neo-Realismo, na qual viriam a colaborar investigadores universitários e não só (Figura 44).



Figura 44 – Sessão de apresentação do n.º 1 da revista *Nova Síntese*, no Clube Vilafranquense, em 31 de março de 2007.

Da esquerda para a direita, António Pedro Pita, coordenador do número, Vítor Viçoso, diretor da revista, Vereadora da Cultura Conceição Santos, António Mota Redol, presidente da direcção da APMNR e diretor-adjunto da revista, Fernando Vicente, representante da editora Campo das Letras e David Santos, responsável do Museu (Arquivo pessoal de AMR).

A CIMNR e a APMNR deram apoio financeiro à publicação de obras sobre o Neo-Realismo ou os seus autores, em colaboração com editoras, as quais colocaram as obras no mercado, atividade que tanto uma como a outra não tinham capacidade para empreender. Recebiam, como contrapartida, algumas centenas de exemplares que eram oferecidos a investigadores e a bibliotecas de escolas, de universidades e municipais. Até ao final de 2016 foram apoiadas 35 publicações.

Em 1997, a APMNR lançou um “Prémio Para Tese de Mestrado Sobre Neo-Realismo”, financiado pela Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira, no valor de 300.000\$00, tendo vencido um trabalho sobre Bento de Jesus Caraça. Foram publicados anúncios em vários jornais.

Em 2006 a APMR lançou a revista *Novo Zéland*, dedicada a inves-

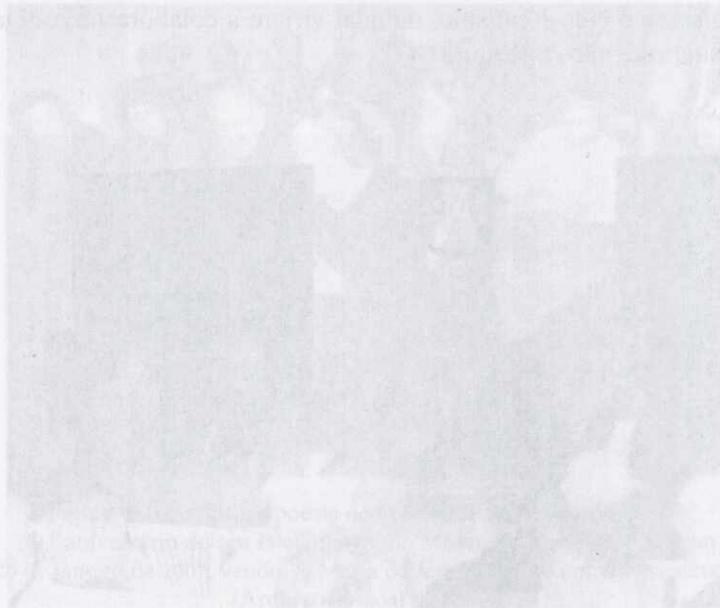


Figura 14 – Capa de apresentação do n.º 1 da revista *Novo Zéland*, no

Clube Vila Rica, em 31 de maio de 2007. A revista *Novo Zéland* foi lançada em 2006, com o objetivo de promover a arte e a cultura do Rio de Janeiro. A revista é editada por um grupo de artistas e intelectuais, incluindo nomes como Carlos Scliar, Roberto Calmon, e outros. A revista apresenta uma variedade de conteúdos, incluindo textos, imagens e entrevistas. A capa da revista, mostrada na Figura 14, é uma obra de arte abstrata, com tons de cinza e preto, e uma composição que sugere uma paisagem ou uma cena urbana em um ambiente escuro e misterioso.

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda, também desempenhou um papel importante na promoção da arte abstrata. O Museu organizou exposições e eventos que apresentaram obras de artistas abstratos, contribuindo para o reconhecimento e a valorização desse movimento artístico.

Nas décadas seguintes, a arte abstrata continuou a ganhar espaço no cenário artístico brasileiro. Muitos artistas abstratos, como os mencionados anteriormente, tornaram-se nomes importantes da história da arte brasileira. Suas obras, muitas vezes inspiradas por conceitos filosóficos e estéticos, refletem a busca por uma linguagem visual que transcenda as formas tradicionais da representação. A arte abstrata tornou-se uma expressão poderosa da criatividade e da liberdade artística, marcando um capítulo fundamental na evolução da cultura visual do Brasil.

CAPÍTULO 3

O NEO-REALISMO EM EXPOSIÇÃO

3.1) Natureza das exposições

Apresentada a musealização das várias áreas do Movimento neorrealista e os aspetos da preservação da memória que acompanharam a implementação do MNR, importa agora compreender como foi apresentado o seu acervo ao longo do percurso do Museu. Que discursos foram criados em torno dos materiais musealizados? Por outras palavras, como foi apresentado o Neo-Realismo, quando saiu fora de portas?

Procura-se analisar as exposições realizadas no âmbito do projeto do Museu, isto é, aquelas que inauguraram no período de 1969 até ao momento da inauguração das novas instalações do MNR, em 2007. Muito embora a ideia de criar o Museu remonte ao início da década de oitenta, não devem ser excluídas as exposições anteriores, das quais foi possível encontrar registos. Por conseguinte, as duas exposições anteriores às comemorações do 40.º aniversário de *Gaibéus* (n.1 e n.2, Quadro 3.1), também fazem parte da história do Museu do Neo-Realismo, que remonta ao ano de 1969, marcado pela morte de Alves Redol. No entanto, é importante frisar que, pela autoria da organização e pela fase da história do Museu em que se inserem, aquelas exposições devem separar-se das que se realizaram a partir de 1988, ano em que foi formada a Comissão Instaladora.

As informações recolhidas (quando foi possível obtê-las) dizem respeito ao ano, período, à duração e local onde decorreram as exposições, bem como à itinerância, produção de catálogo e organização dos conteúdos (temas abordados) e materiais expostos. Partindo das informações recolhidas, foi possível compreender a natureza das exposições, agrupadas em quatro categorias distintas (Quadros 4.1 e 4.2):

- a) Vida e Obra: exposições de literatura (VO);
- b) Apresentação do Museu (MNR);
- c) Apresentação do Movimento neorrealista (NR);
- d) Exposições de Artes plásticas (MNR).

De um modo geral, as exposições inseridas em cada uma destas categorias, partilham entre si os processos de investigação¹ por que passaram. Além disso, dentro da mesma categoria, há um conjunto de objetivos que refletem as intenções com que as exposições foram concebidas. Por outro lado, em cada categoria observam-se linhas expositivas idênticas, não só no que diz respeito à narrativa, como também aos materiais utilizados. Foi com base nestas características que se agruparam as exposições nas quatro categorias descritas a seguir.

3.1.1) Vida e obra: exposições de literatura

Nesta categoria incluem-se todas as exposições literárias dedicadas à obra de um escritor e, inevitavelmente, à sua vida. No total são 25 exposições, na sua maioria de literatura², organizadas pela CIMNR e pelos serviços do Museu.

De acordo com AMR, estas exposições desenvolveram-se sempre em torno da obra de cada autor, ainda que os títulos ou a informação contida nos catálogos possam não refletir essa intenção. Naturalmente, a abordagem da obra de um escritor está intimamente ligada à vida do próprio que, à partida, deixou registos pessoais. As exposições de literatura são, muitas vezes, apresentadas sob a designação de “exposição documental” ou “biobibliográfica”. Na sua conceção, torna-se visível a intenção de divulgar a memória dos neorrealistas, através da narrativa cronológica criada em torno de uma obra literária específica do Neo-Realismo. As exposições de literatura não são exclusivamente sobre literatura e poesia neorrealistas. Por este motivo, foi-lhes atribuída a designação geral de “Vida e Obra”. Estas exposições foram, sem exceção, as primeiras grandes exposições que se realizaram em todo o país sobre os escritores contemplados (Quadro 4.1).

O processo de investigação que antecedeu, regra geral, todas as exposições de literatura foi sempre o mesmo³. Numa primeira fase, os organizadores analisaram todo o material existente sobre o escritor – livros publicados, objetos pessoais, correspondência e outros documentos pes-

¹ Informação obtida em conversa com AMR, no dia 27 de maio de 2008.

² Com exceção da exposição n.8, *Homenagem a Rogério Paulo* (Quadros 3.1 e 5.1).

³ Informação obtida em conversa com AMR, no dia 27 de maio de 2008.

soais, fotografias, recortes de imprensa (críticas), entrevistas e contactos com familiares e amigos, bem como todos os dados biográficos possíveis de obter. A par com a análise dos materiais, esteve a leitura e análise de toda a obra (ou quase toda) do autor, possibilitando uma interpretação, o mais fiel possível aos aspetos focados, à luz do contexto em que foram produzidos. Em termos sucintos, a leitura e análise da obra de cada autor permitiu aos organizadores das exposições apreenderem as características principais. Deste modo, foi possível compreender e documentar as singularidades das figuras do Neo-Realismo, assim como das várias fases das suas vidas e obras. Para Susan Pearce, qualquer trabalho artístico, independentemente da forma como é apresentado, está associado a um conjunto determinado de circunstâncias humanas. Ele é preparado para transmitir uma mensagem complexa e inteligível (seleccionada da desordem a que se chama vida), que compõe o padrão que melhor reflete os sentimentos e pensamentos do artista⁴. Do mesmo modo, como a própria autora acrescenta: a soma destes processos de seleção e estruturação que emergem como significado é, claramente, subjetiva.

Com base nos dados recolhidos, foi possível apurar que, de um modo geral, as exposições de literatura começam por abordar os primeiros anos da vida do autor em questão. É dado particular destaque às imagens alusivas à casa onde nasceu, aos locais onde passou férias e às instituições onde estudou. Para além da família, estão representados os amigos mais próximos e os cônjuges. No seguimento desta breve introdução aos primeiros anos de vida, vem a primeira manifestação artística. Aqui são expostos exemplares das produções do autor, com especial destaque para os originais, em diversos suportes, consoante a área a que se dedicou. Deste modo, as exposições literárias abrangem todas as fases da vida, destacando a adolescência, a vida de estudante e as situações em que o próprio autor se revelou, associado a determinados acontecimentos. Em termos sucintos, estas exposições são estruturadas com base na obra da figura neorrealista escolhida, atendendo aos aspetos mais relevantes da sua evolução. O enquadramento da obra é feito com base na biografia do autor.

Dentro da categoria “Vida e Obra: exposições de literatura”, destaca-se uma subcategoria, composta pelas “exposições comemorativas” (Figuras 45 a 49). Como o próprio nome sugere, elas celebram momentos importantes, específicos de determinadas obras neorrealistas e respetivos autores. Estas exposições têm como propósito relembrar a importância dos mesmos. Um exemplo desta subcategoria é a exposição do Centenário do Nascimento de Armindo Rodrigues (Figuras 50 e 51). Com base na análise do catálogo, percebe-se que a narrativa criada em torno do escritor começa

⁴ Pearce, 1992, p. 263 (tradução da autora).

com o “nascimento e infância”, seguindo-se a “adolescência”, a “formatura” e o “casamento”, numa abordagem introdutória que enquadra a obra. A narrativa continua com a referência ao “1.º livro”. Segue-se a “fase de maturidade”, na qual são apresentados alguns episódios marcantes na vida do autor, tais como: o “25 de Abril” e as “relações, amizades e intervenção política” do escritor. Os materiais apresentados nas fases descritas foram, sobretudo, fotografias, originais manuscritos, documentos pessoais, edições de livros, cartas, comunicados, objetos pessoais e da família, condecorações, entrevistas, provas censuradas, etc. Em suma, todos os materiais associados, de um ou de outro modo, à biografia do escritor e à influência do seu percurso na produção literária (Quadro 8.4).

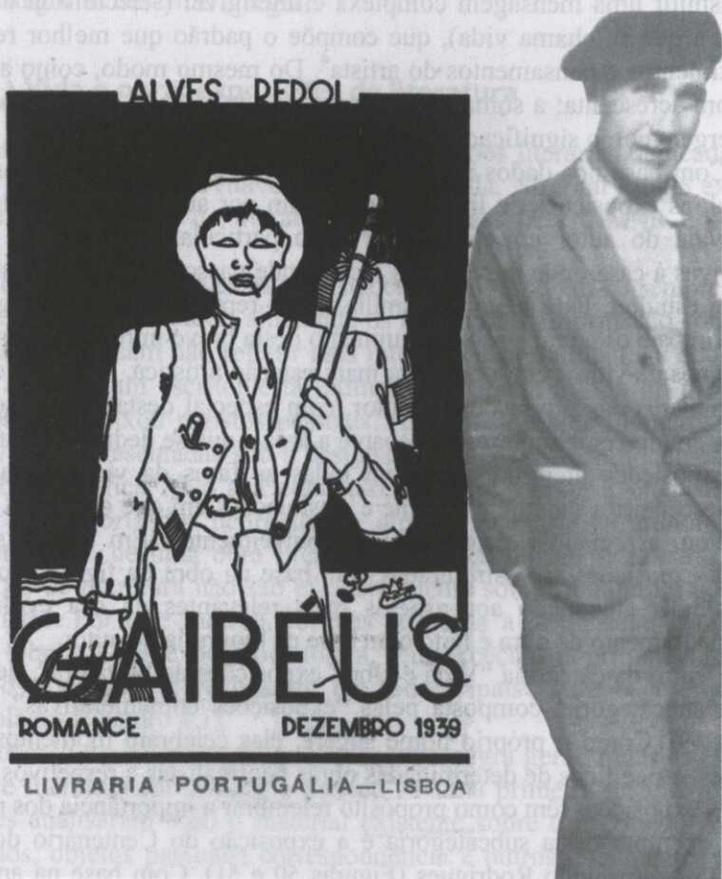


Figura 45 – Catálogo da 1.ª exposição organizada pela CIMNR, realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, nas comemorações de 50 Anos de *Gaibéus* de Alves Redol (dezembro de 1989). Primeira grande exposição sobre Alves Redol alguma vez realizada.

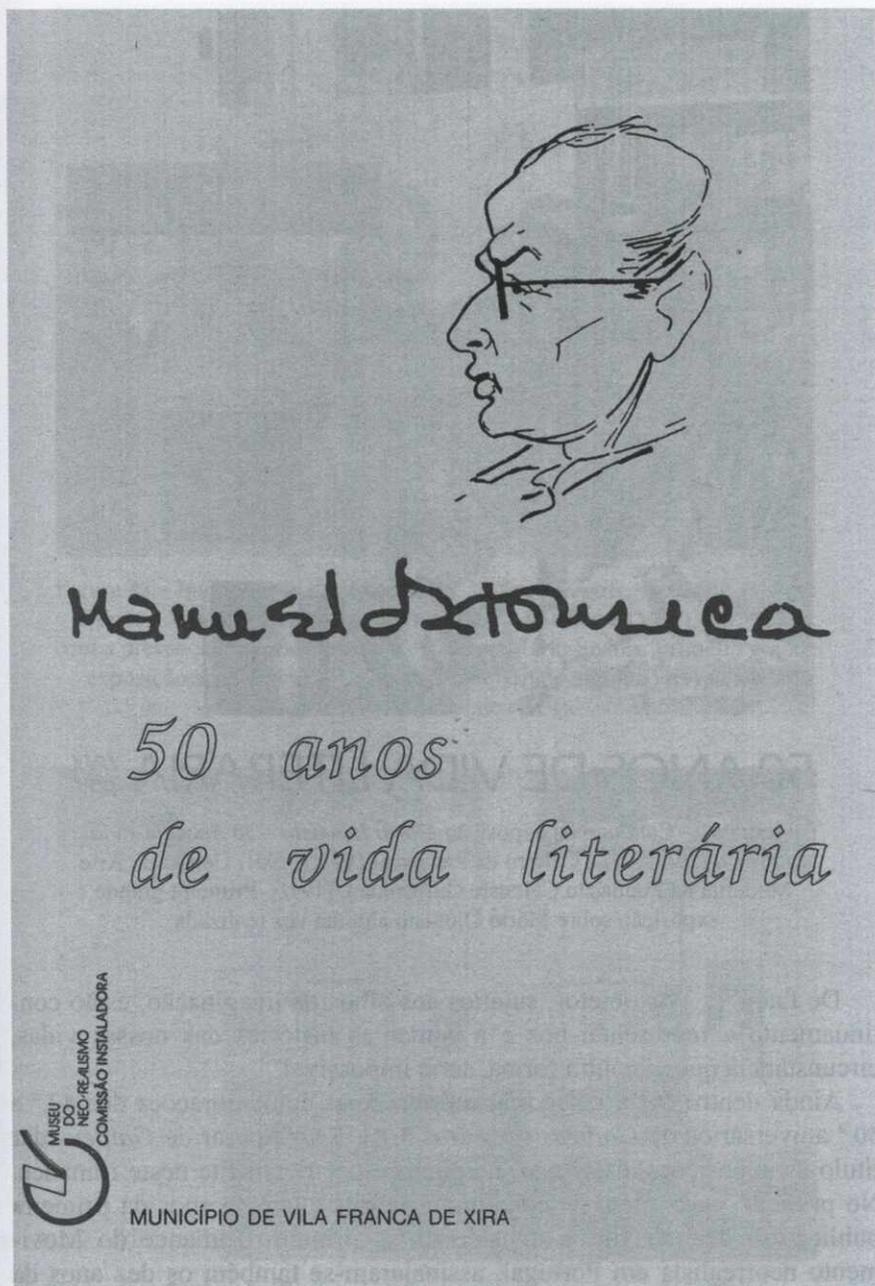
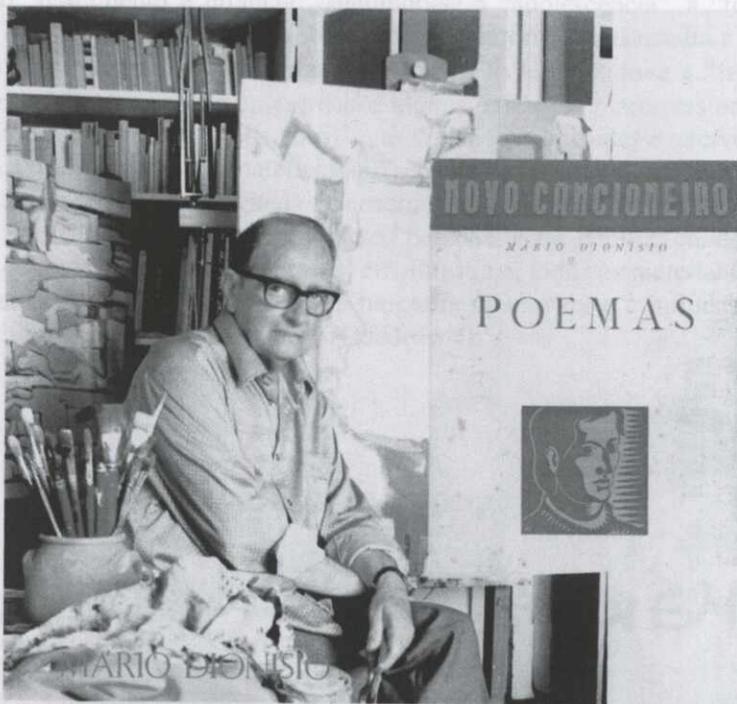


Figura 46 – Catálogo da 1.ª exposição organizada pelo Centro de Documentação do MNR: *50 Anos de Vida Literária de Manuel da Fonseca*, inaugurada em fevereiro de 1991, no Celeiro da Patriarcal (VFX). Primeira grande exposição sobre Manuel da Fonseca alguma vez realizada.



50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA ¹⁹⁴¹/₁₉₉₁

Figura 47 – Catálogo da exposição *Mário Dionísio – 50 Anos de Vida Literária (1941-1991)*, Ceieiro da Patriarcal (VFX), 1991; Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, [1992]. Primeira grande exposição sobre Mário Dionísio alguma vez realizada.

De fato, “(...) os objetos, sujeitos aos olhos da imaginação, estão continuamente a representar-nos e a contar as histórias das nossas vidas, circunstância que, de outra forma, seria impossível”⁵.

Ainda dentro desta categoria, refiram-se as comemorações dos 40.º e 50.º aniversários de *Gaibéus* (Quadros 3.1 e 5.1). Apesar de *Gaibéus* dar título às exposições, estas não incidiram especificamente neste romance. No primeiro caso, além da comemoração dos quarenta anos da primeira publicação, daquele que é considerado o primeiro romance do Movimento neorrealista em Portugal, assinalaram-se também os dez anos da morte de Alves Redol. Em texto da comemoração dos quarenta anos daquela obra, pode ler-se:

⁵ Pearce, 1992, p. 47.



Figura 48 – Inauguração das exposições *50 Anos Depois: Vértice* e *50 Anos Depois: Joaquim Namorado*, no Celeiro da Patriarcal (VFX), em 1993, com a presença do Presidente da República, Mário Soares. Primeira grande exposição sobre *Vértice* ou Joaquim Namorado alguma vez realizada (Arquivo pessoal de AMR).

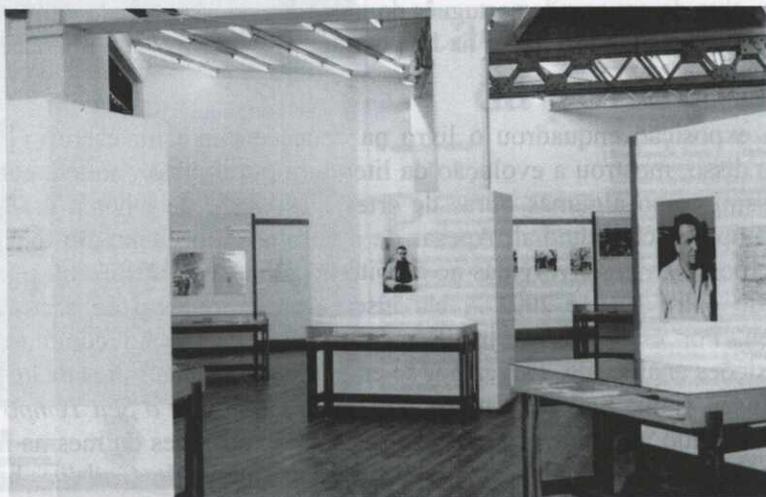


Figura 49 – Exposição *Carlos de Oliveira: 50 Anos na Literatura Portuguesa*, organizada pela CIMNR, realizada no edifício Chiado (Câmara Municipal de Coimbra), em 1992, mas inaugurada no Centro Cultural Mala Posta (Olival Basto) (AMASCULTURA). Primeira grande exposição sobre Carlos de Oliveira alguma vez realizada (Arquivo pessoal de AMR).



Figura 50 – Inauguração da exposição *Armindo Rodrigues. Centenário do Nascimento*, na Ordem dos Médicos (Lisboa), em 17 de novembro de 2004, organizada pela APMNR. Primeira grande exposição sobre Armindo Rodrigues alguma vez realizada (Arquivo pessoal de AMR).

“Não se trata, porém, e apenas, de assinalar aquelas efemérides, mas sobretudo de pôr em evidência, em todos os seus aspetos, a vida e a obra de um grande português do nosso tempo, destacando a importância que ambas tiveram na luta contra o fascismo e pela libertação do nosso povo”⁶.

A exposição enquadrou o livro na época em que foi escrito (1939). Além disso, mostrou a evolução da literatura portuguesa naquele contexto, assim como algumas obras de artes plásticas e de cinema da época com importância mundial. Apesar de a autoria da organização excluí-la das exposições desenvolvidas no âmbito do projeto do MNR – ou seja, no período entre 1969 e 2007 –, ela insere-se no processo de criação do Museu. Por este motivo, justifica-se a sua inclusão no conjunto das exposições analisadas. Talvez por se enquadrar nos primórdios da história do Museu, numa fase particularmente ativa, *Gaibéus e o Seu Tempo* terá desencadeado a organização de várias outras exposições da mesma natureza. No caso da comemoração do 50.º aniversário de *Gaibéus*, houve várias iniciativas⁷ associadas à efeméride, à semelhança do que aconteceu

⁶ Texto da exposição de comemoração do 40.º aniversário de *Gaibéus*.

⁷ Ver lista das “Atividades realizadas no âmbito das Comemorações do 50.º aniversário de *Gaibéus* (1989-1990)”, em anexo.

centenário do nascimento

Armindo Rodrigues
1904
2004

Centenário do Nascimento
Armindo Rodrigues
Exposição Comemorativa

17 de Novembro, 4ª feira
18 horas

Apresentação do livro inédito
"Ocasional a Vida"

Leitura de Poemas

Ordem dos Médicos
Av. Gago Coutinho, 151 Lisboa

Todos os dias, das 9 às 18 horas. Até 19 de Dezembro

Associação Promotora

SOPEAM

nalidade e dialogam com uma voz audível cuja identidade física não é visível e que, muitas vezes, se confunde com a voz das palavras transcritas no ecrã em formato de livro. É, como Penava, uma obra que conta uma história (ou várias histórias) que surge fragmentada, que juxtapõe elementos, uns de natureza literária e/ou ficcional, outros de natureza científica e/ou histórica, outros de posicionamento crítico, interrogador ou conceptual relativamente à arte.

Esta temporalidade é identificada por Pedro Lapa no catálogo, que acompanhou a representação portuguesa na Bienal de Veneza, em 2001 (Lapa foi comissário e escolheu Penava como artista representante de Portugal): «No fundo, a temporalidade com os seus jogos de sobreposição de sentidos constitui a substância dos trabalhos e é através da consciência deste facto que João Penava procede a uma vasta desarticulação das categorias consagradas no hábitus experimentando novas possibilidades de significação irreduzíveis a esta era pós-espéculo».

Há uma sensibilidade, uma imaginação e uma complexidade criativas que, felizes os deuses distanciamentos aos percursos individuais de cada um, traçam um género artístico que também tem muito da lógica da dança contemporânea. Patrícia Portela não dança com Pina Bausch, nem lá perto. De si própria recorda que «leva um pechincho de dança em horário pós-laboral. Curiosamente «estudava espaços». Ou seja, foi cenógrafa. Escreve muito. Logo que também desenha muito nos seus projetos.

O tempo e o espaço não se questiona que obsessivamente persegue nas suas peças. Aliás, que persegue na sua literatura coreográfica. Tem duas peças em trânsito por palcos portugueses. *Wasteland*, breve tratado do amor e da ficção científica, narrativa de encanamentos e quebra-cabeças de histórias cruzadas e de equilíbrio na colagem e acumulação de camadas de informação e estruturas formais de organização dramática e poética do espaço e do tempo e *Flatland* onde se dá a verdadeira simbiose

deste mundo que é performático, coreográfico e literário.

Na sua nota biográfica, Patrícia Portela assume que «o foco principal é a relação entre tempo e espaço, virtualidade e realidade nas artes performativas e na vida quotidiana através do teatro e da linguagem, e do uso da tecnologia em palco». *Flatland* é o «primeiro de 4 episódios que contam a trágica vida de um Homem Plano e da terceira dimensão que lhe falta». Há um bailarínfactor, Anton Skrzyplci. Há música de Christoph de Beuck e muito domínio de instrumentos tecnológicos, que deixa a cargo de cúmplices informáticos. Mas o intérprete, apesar de no vivo, está ausente, é apenas voz, e muitas vezes é a voz do teatro que o público pode ler. A questão é um dilema da performance, a relação da visibilidade e da impossibilidade de manter a mesma relação numa entidade bidimensional. Um ser que é um conceito, que tem emoções, mas que é uma questão também dramática. Ou simplesmente poética. Ou física. Ou coreográfica. Ou existencial... Uma possibilidade poética? No caso de *Flatland* (de 18 a 22 de Novembro, no Clube Estúdios, em Lisboa, integrado no Festival X), a coreografia está também no movimento das palavras. Há uma dimensão coreográfica simbólica nos sentidos propostos e uma dimensão literal, numa dança que se passa entre a voz e o movimento no ecrã que reproduz tanto para este exercício de deslocação. Podia ser um livro de Al Berto e poderíamos estar a lê-lo em casa. E ler uma obra de arte que Al Berto construiu com as palavras, em casa, é possível ser visto como uma coreografia. Basta que a escrita desenhe uma performance poética onde o corpo, físico e espiritual, se inscreve, problematiza e dramatiza: «a escrita é a minha primeira morada do silêncio e quebra o trompe do corpo movendo-se por trás das palavras/estensas praias vazias onde o mar nunca chegou/ deserto onde os dedos murmuram o último crime/ escreve-o continuamente...» e mais avião construído no alongamento siléssimas paredes de nada.»

Teatro

Cadiz: regresso da política

■ CARLOS PORTO

parece evidente que o teatro tido como mais fútil está, presentemente, a ser superado por um teatro a que podemos chamar político, ou pelo menos virado para uma problemática social. E se houve um tempo em que a qualidade artística deste tipo de teatro nem sempre era a melhor, agora nota-se uma evolução, que permite dizer «teatro mais político, melhor teatro». A XIX edição do Festival Iberoamericano de Teatro de Cádiz, agora ocorrida, permitiu conhecer (ou reconhecer) grupos, companhias e alguns espetáculos que vimos com interesse. Virá talvez a propósito lembrar um artigo publicado recentemente em Londres em que se dizia exactamente: «O cartaz cultural de Londres está dominado pelo teatro político, o que não deixa de ser sintomático». Menos surpreendente será o facto do teatro latino-americano surgir com um rosto directamente político, pertencente, a uma esquerda que o não escande. Durante dez dias, o Festival de Cádiz assumiu a sua função de expressão teatral, com propostas oriundas

da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, Puerto Rico, Espanha, México, Portugal, Uruguay. O nome de Portugal é aquele que mais surpreende, já que se sabe como tem havido um grande corte entre os dois países neste campo. No entanto, a apresentação breve de dois artistas sem ajustado a preencher esse vazio. Pelo contrário, o grupo argentino Patrón Vasquez revelou-se como um grupo criador, assinando três espetáculos (*La Espiñada*, *Modestia e E Manifesto*), o que permitiu elevar o espectáculo a áreas de criatividade que só raramente o FIF (Grupo de Dança Primeiro Ato, Miand Perfumado, vindo do Brasil, proporcionou um espectáculo interessante, embora relativamente frágil, o que não podemos dizer de um espectáculo colombiano, *La Mirada del Avestruz*; talvez mais próximo da dança do que do teatro; todavia, valores de agressividade de violência, de sofrimento, que nos ajudaram a conhecer o mundo. Uma das grandes presenças de Els Jagers, companhia conhecida entre nós, que apresentou *Relevo de las Mucavilas* — cinco variações sobre um tema de Cervantes — Quilote proscenizante, espanhola como o anterior. Um trabalho, em termos c

Figura 51 – Anúncio de meia página pago pela APMNR no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (JL), de 10 a 23 de novembro de 2004, da exposição sobre o Centenário do Nascimento de Armindo Rodrigues, com itinerância por diversos locais.

no 40.º aniversário (Figura 45). “*Gaibéus* foi um romance revelador e foi uma força histórica nos horizontes do povo português. Nunca será de mais lembrá-lo e consagrá-lo, como nesta eloquente e oportuna exposição”⁸. Neste sentido, pode dizer-se que as “exposições comemorativas” – subcategoria onde se inserem os três exemplos apresentados – manifestam um forte sentido de divulgação da memória de um escritor, através da sua obra.

Para além destas funções de preservação/ divulgação da memória de uma determinada figura neorrealista, as exposições inseridas na categoria “Vida e Obra: exposições de literatura” acabam por ser uma alusão à viabilidade do projeto através, sobretudo, do recurso aos espólios. Neste ponto, pode dizer-se que as doações tiveram algum peso (possivelmente, de forma indireta) na decisão sobre as exposições a realizar. Em muitos casos, a realização daquelas terá impulsionado a doação de espólios ao Museu. Mais do que lembrar as figuras neorrealistas, era importante revelar a capacidade do projeto do MNR utilizar os meios que dispunha para se afirmar enquanto Museu.

Ainda dentro desta categoria, o novo Museu possui uma sala de exposições temporárias de cariz literário, dedicadas apenas aos autores neorrealistas. De acordo com David Santos, houve uma mudança que distingue as exposições anteriores das atuais (relembre-se que o este estudo termina no momento da inauguração das novas instalações do Museu, em 2007). Estas incidem sobre autores da segunda e terceira fases do Movimento. Todavia, a exposição bibliográfica *Arquimedes da Silva Santos – Sonhando Para os Outros* (Figura 52), aberta com aquela inauguração, é a exceção.

As exposições inseridas nesta categoria tiveram presença contínua em toda a história do MNR. Além disso, a linha de conceção comum a todas elas, acompanhou-as desde os primórdios até à atualidade.

⁸ Catálogo da exposição de comemoração do 50.º aniversário de *Gaibéus*.

ARQUIMEDES

da Silva Santos

SONHANDO PARA OS OUTROS

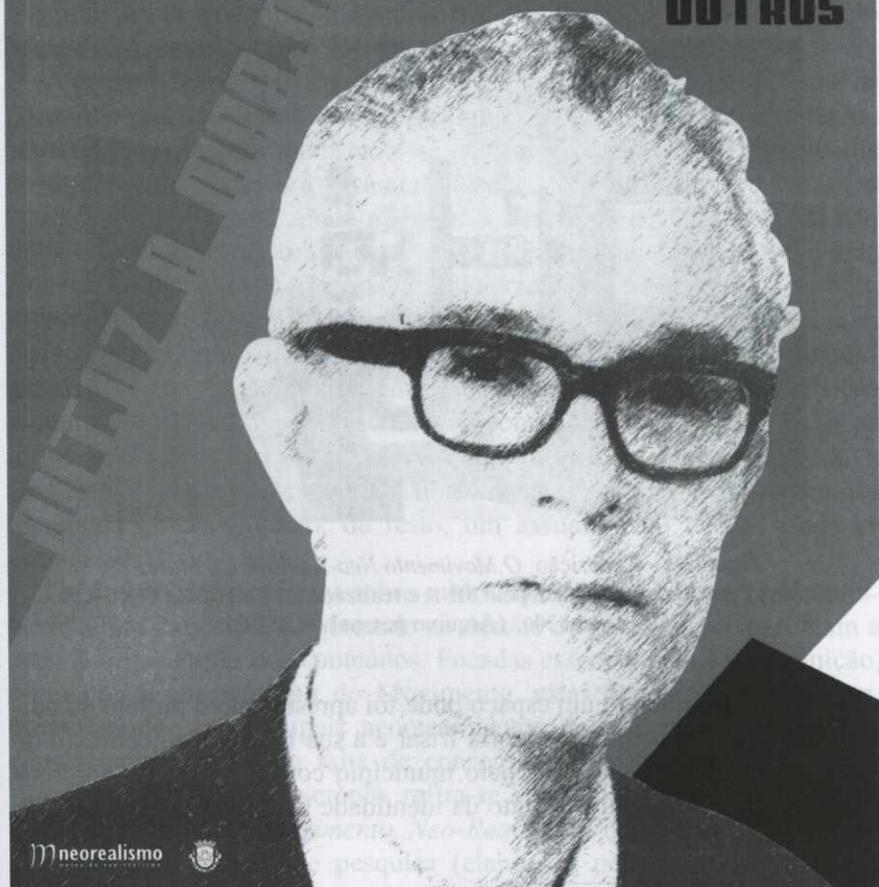


Figura 52 – Catálogo da exposição *Arquimedes da Silva Santos – Sonhando Para os Outros*, inaugurada com as novas instalações do Museu, em 20 de Outubro de 2007.

3.1.2) Apresentação do Museu

Dando continuidade à ideia de apresentação do Museu a um público cada vez mais vasto, surge a segunda categoria de exposições. Nela insere-se uma única exposição – *O Movimento Neo-Realista e o Museu do Neo-Realismo* (Figura 53). Esta exposição foi realizada com o objetivo de:

“Dar a conhecer a importância do MNR como parte integrante do património local e a simultânea dimensão nacional do seu acervo”. Além disso, procurou também “dar a conhecer dinâmicas e objetivos futuros, numa altura em que se perspectivam as futuras instalações do museu”⁹.



Figura 53 – Exposição *O Movimento Neo-Realista e o Museu do Neo-Realismo*, organizada pelo MNR e realizada no Celeiro da Patriarcal (VFX), em 2002 (Arquivo pessoal de AMR).

Para o efeito, incluiu um espaço onde foi apresentado o projeto do edifício. Um outro aspeto que importa frisar é a sua inserção no contexto de uma mostra anual, organizada pelo município com o intuito de apresentar, de alguma forma, um “retrato da identidade histórico-cultural de Vila Franca de Xira”¹⁰.

⁹ *O Mês*, outubro de 2002 (Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

¹⁰ Habitualmente apresentada pelo Museu Municipal, a “grande exposição montada para o período em que decorre o Colete Encarnado” foi nesse ano entregue ao MNR, em virtude da realização de obras de adaptação de um edifício para a nova sede do Museu Municipal (*Informação ao pessoal*, 18 de junho de 2002 – Arquivo de recortes de imprensa, MNR).

Por ter abordado o próprio Neo-Realismo, esta exposição insere-se também na categoria “Movimento neorrealista e seu contexto histórico” (Quadro 8.3).

3.1.3) Movimento neorrealista e seu contexto histórico

Além da apresentação do projeto, naturalmente, os fundadores do MNR procuraram compreender o Movimento neorrealista. Esta preocupação foi o motor para a realização de várias exposições que abordaram o Neo-Realismo no seu contexto histórico. No total, há 14 exposições inseridas nesta categoria, a maioria delas organizada pelos serviços do Museu e as restantes pela CIMNR.

A primeira exposição inserida nesta categoria foi *O Neo-Realismo e as Suas Margens*, realizada em 1983 (Figura 3). Nesta fase da história do Museu, começaram a estabelecer-se os primeiros contactos para recolha de espólios necessários à sustentabilidade do projeto. Além do mais, o “grupo de fundadores” ainda não estava realmente definido e ainda não tinha sido estabelecido contacto com nenhuma autarquia. Por outras palavras, a ideia ainda não estava suficientemente amadurecida, embora já tivesse sido aflorada nas reuniões da CLAR. De acordo com Joaquim Namorado (autor da exposição e detentor da maioria dos materiais expostos), aquela foi uma primeira abordagem ao Museu. A exposição procurou apresentar o Neo-Realismo com as suas delimitações e as influências que sofreu do exterior e que o próprio exerceu (Quadro 8.1). Esta exposição serviu também de fundamento à pesquisa sobre os limites temporais do Movimento, de resto, um assunto cujo debate ainda se estende aos dias de hoje.

No âmbito das pesquisas sobre o Movimento neorrealista, realizaram-se algumas exposições, sobretudo na década de noventa, que partilham a mesma organização dos conteúdos. Focadas essencialmente na definição, promoção e apresentação do Movimento, estas exposições abordaram, grosso modo, os principais acontecimentos de cada um dos períodos considerados (apesar da falta de consenso geral) na História do Neo-Realismo. A título de exemplo, refira-se a exposição *A Imprensa Periódica na Génese do Movimento Neo-Realista* (Figura 54), cuja origem assentou num projeto de pesquisa (elaborado pelo professor António Pedro Pita e por Luís Augusto Costa Dias) que proporcionasse “um melhor conhecimento de alguns fatores que, nas décadas de trinta e quarenta, desempenharam um papel formador nas gerações que viriam a ser protagonistas do Movimento neorrealista”¹¹ (Quadro 8.2).

¹¹ Catálogo da exposição.

a imprensa periódica na génese do movimento neo-realista



Figura 54 – Catálogo da exposição *A Imprensa Periódica na Génese do Movimento Neo-Realista*, organizada pelo MNR e realizada na Galeria de Exposições da Biblioteca Municipal (VFX), em 1996.

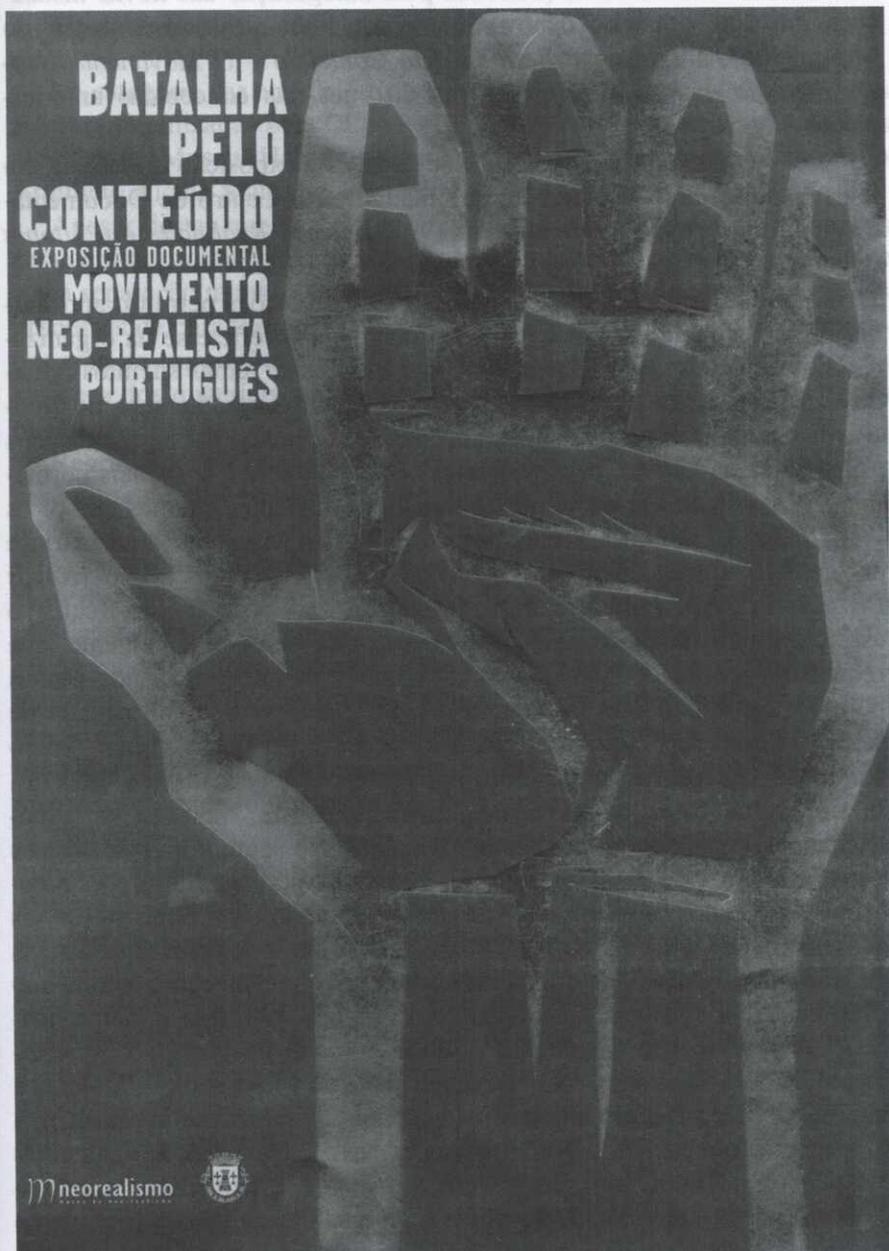


Figura 55 – Catálogo da exposição *Batalha Pelo Conteúdo – Movimento Neo-Realista Português*, inaugurada com as novas instalações do Museu, em 20 de Outubro de 2007. O catálogo desta exposição ganhou o prémio do melhor catálogo de 2007 dos museus portugueses.

Na nova fase do MNR (marcada pela inauguração das novas instalações em 2007) surgiu, dentro da mesma linha de “apresentação do Movimento”, a exposição *Batalha pelo Conteúdo – O Movimento Neo-Realista Português*, com narrativas distintas das concebidas anteriormente (Figura 55).

Note-se que, à distância de catorze anos, esta exposição representa um registo muito diferente daquela que inaugurou o Centro de Documentação/ Museu do Neo-Realismo, em 1993, *Entre a Realidade e a Utopia* (Quadro 8.1).

O período de tempo que separa as duas exposições permitiu aprofundar o conhecimento sobre o Neo-Realismo e isso reflete-se na organização dos conteúdos da exposição de 2007 em quatro temas sucintos (Quadro 8.5). Assim, os temas “génese do Movimento” e a “herança do Neo-Realismo”, da exposição mais recente, parecem englobar alguns dos aspetos que, em 1993, foram expostos separadamente e com mais pormenor na exposição homóloga de 2007. Do mesmo modo, temas como: os “movimentos culturais juvenis dos anos 30”; o “ensaísmo doutrinário e crítico”; os surtos de poesia (*Novo Cancioneiro*) e de ficção (*Novos Prosadores*), que representam as raízes teóricas onde o Neo-Realismo assenta, foram incluídos num único tema, mais coeso e abrangente, que retrata a “génese do Movimento”. Também as influências nos planos político e cultural, que ocorreram em Portugal no final da década de setenta, foram separadas na exposição de 1993 em temas como: “o encontro de gerações” e “uma geração de protesto – as décadas de 1960/70”. Já em 2007, estes temas aparecem reunidos na “herança do Neo-Realismo”, mas com diferentes intervenções. No sentido inverso, alguns temas que em 1993 foram agrupados nas “principais manifestações artísticas” do Movimento, em 2007 foram apresentados à luz das pesquisas sobre conteúdo e forma do Neo-Realismo. Como resultado, aquele tema genérico foi dividido nos dois temas seguintes: “prevalência do conteúdo (música, artes plásticas, ilustração)” e “procura da forma (cinema, teatro)”. Aspetos como o contexto político e social de gestação e crescimento do Neo-Realismo, “fase de maturidade do Movimento”, “polémica interna do Neo-Realismo”, a ilustração na literatura neorrealista e a Censura, aparecem pela primeira vez na exposição de 2007. As artes plásticas e o Teatro apresentam um tratamento e explanação que não existiam na mostra de 1993. Também o cinema tem um desenvolvimento muito maior que anteriormente, dando espaço ao Novo Cinema Português. Se na exposição de 1993 foi privilegiada a apresentação das primeiras obras de cada autor, agora dá-se relevo às obras mais relevantes, ficando as fases do Movimento mais marcadas. Por outro lado, a versão de 2007 apresenta um tratamento museológico e gráfico mais elaborado e com mais impacto, apurado com o recurso a meios audiovisuais.

3.1.4) Exposições de artes plásticas

Na categoria das artes plásticas realizaram-se 25 exposições, das quais 8 foram organizadas pela CIMNR, 12 pela APMNR e as restantes 4 pelos serviços do Museu. Há ainda uma exposição organizada pelo atelier do Arquitecto Alcino Soutinho.

Apesar destas exposições de artes plásticas partilharem determinadas características com as exposições inseridas noutras categorias, justifica-se a sua separação numa categoria distinta, pelas singularidades próprias dos processos de curadoria e montagem por que passaram. Quando comparadas com as exposições de “Vida e Obra”, há diferenças claras não só na natureza dos materiais, como também nos conceitos específicos das artes plásticas.

Regra geral, os recursos usados na produção de obras de artes plásticas permitem que, no contexto de uma exposição, elas sejam apreendidas de forma diferente das obras de literatura. Naturalmente, ao serem materializadas através de recursos linguísticos, quando expostas, as últimas requerem outras exigências na comunicação. Já numa exposição de artes plásticas, as obras podem ser apreendidas unicamente pelo sentido estético. Segundo Pomian, o estatuto destes objetos baseia-se na “vinculação à natureza, concebida como uma fonte de beleza e, portanto, como única capaz de dar a um objeto produzido pelos homens os traços que lhe permitem durar”¹². Por conseguinte, a estruturação das exposições e os materiais usados são diferentes em ambos os casos.

Um outro aspeto relacionado com as exposições de artes plásticas é o momento da história do Museu em que foram pensadas. A realização das exposições inseridas nesta categoria ocorre num momento de tomada de consciência da falta de destaque desta área do Neo-Realismo. Perante esta constatação, a CIMNR desenvolveu esforços no sentido de inventariar as artes plásticas neorrealistas. No seguimento desta inventariação, contam-se exposições de Anjos Teixeira e Arlindo Vicente, além de quatro exposições não restritas a um autor: *O Neo-Realismo em Gravura*¹³; *Os Escritores Também Pintam. Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Joaquim Namorado, Mário Dionísio; Neo-Realismo Versus Surrealismo*¹⁴; *Um Tempo e um Lugar – Dos Anos 40 aos Anos 60 / Dez Exposi-*

¹² Pomian, 1978, p. 77.

¹³ Esta exposição recordou que a Cooperativa Gravura “desempenhou um papel único e decisivo no ressurgimento da gravura em Portugal, após um longo período de desinteresse dos artistas plásticos” (Catálogo da exposição).

¹⁴ A exposição realizou-se na Póvoa de Sta. Iria onde viveu o escritor surrealista António José Forte. No catálogo da exposição pode ler-se: “O Surrealismo tem

ções Gerais de Artes Plásticas¹⁵ (Figura 56). A última, em particular, abrangeu o conteúdo artístico de uma dezena de *Exposições Gerais de Artes Plásticas*, promovidas pela SNBA entre 1946 e 1956. Esta exposição foi uma forma de valorizar a memória, “num tempo e num lugar” em que se assistia à sua constante “subalternização” e “empobrecimento”. Para Maria da Luz Rosinha, mostrar os trabalhos destes artistas significou “celebrar o seu talento e o seu contributo para o engrandecimento da vida cultural portuguesa”¹⁶.

As exposições de artes plásticas surgem no início da década de noventa – num momento particular da história do MNR (Figuras 57 a 59) – possivelmente associadas aos esforços desenvolvidos em torno da inventariação das artes plásticas; situação que teve início em meados de 1994. Uma vez estabelecidos os contactos para obtenção de determinadas obras, urgia expô-las como garantia do cumprimento dos objetivos – serem expostas. Para o efeito, a CIMNR criou o “Grupo de Artes Plásticas”¹⁷ que se comprometeu a estabelecer contactos para obtenção de documentação e a propor a realização de exposições. Nos anos 2000, a APMNR organizou várias exposições dedicadas a artistas plásticos: Cipriano Dourado (em Mação), Abel Salazar, Querubim Lapa, Avelino Cunhal, Dorindo Carvalho, Nuno San-Payo, José Farinha, Jorge de Oliveira, Júlio Pomar (em Mação) (Figura 60).

Mais recentemente, no âmbito do programa para o novo edifício, o Museu procurou dedicar-se não só ao Neo-Realismo, como a outras formas de expressão relacionadas com o Movimento. São exemplo, a sequência de exposições *The Return of the Real*, em particular, a primeira da série (*The Return of the Real – 1, João Tabarra*¹⁸) por inserir-se no período em análise; contrariamente às restantes, não mencionadas aqui, por serem posteriores à data da inauguração das novas instalações. Trata-se de uma exposição de arte contemporânea, que consiste numa mostra

ainda de comum com o Neo-Realismo o ter-se estendido a várias áreas artísticas, como a literatura, as artes plásticas e o cinema”.

¹⁵ A exposição, cuja curadoria foi da responsabilidade de Rogério Ribeiro, contou com a colaboração de 14 instituições, que cederam as suas obras, entre elas o MNR, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Museu do Chiado, para além de algumas câmaras municipais e ainda 39 particulares que cederam as obras das suas coleções. Foi a “maior mostra de artes plásticas até hoje realizada pela autarquia e uma das maiores promovidas no âmbito do Poder Local em Portugal” (Informação fornecida por AMR.)

¹⁶ Catálogo da exposição.

¹⁷ Constituído pelos arquitetos Castro Rodrigues e Fernando Torres; Pedro Dourado (filho de Cipriano Dourado) e Garcez da Silva.

¹⁸ Esta exposição fez parte da inauguração do MNR, em 2007.

de vídeo, apresentada na sala de exposições contemporâneas do MNR. A referência a esta exposição importa não tanto pela sua inclusão nesta categoria, mas por ser um retrato das mudanças verificadas nos conteúdos expositivos ao longo da história do MNR. Com um novo projeto, num novo contexto, surgiu um aspeto até então não contemplado pelos criadores do MNR – a apresentação de temas não diretamente relacionados com o Neo-Realismo. Enquanto projeto que se pretendia “vivo”, o Museu encontrou nas novas políticas expositivas um caminho para atingir esse fim.

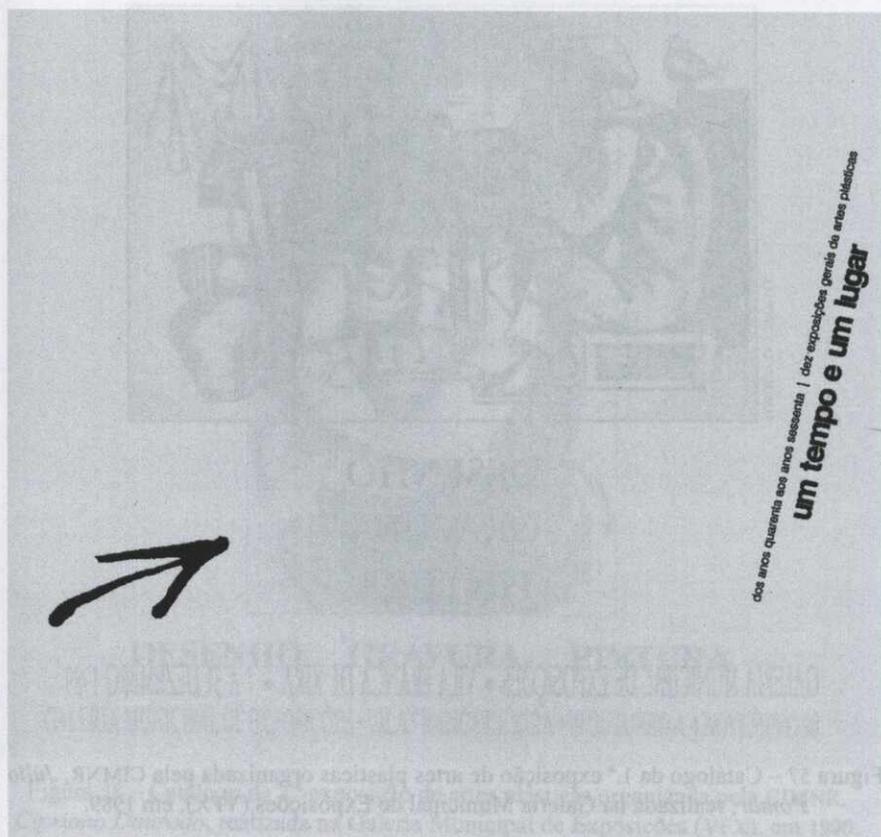


Figura 56 – Catálogo da exposição *Um Tempo e Um Lugar – Dos Anos Quarenta aos Anos Sessenta / Dez Exposições Gerais de Artes Plásticas*, organizada por Rogério Ribeiro e inaugurada em setembro de 2005, no Celeiro da Patriarcal (VFX), tendo vencido o Prémio Exposição da Associação Portuguesa de Museus, atribuído à melhor exposição do ano.

JÚLIO POMAR



ALMOÇO DO TROLHA

DESENHO
GRAVURA
PINTURA

GALERIA MUNICIPAL DE EXPOSIÇÕES • VILA FRANCA DE XIRA • 7 A 31 DEZEMBRO 1989

Figura 57 – Catálogo da 1.ª exposição de artes plásticas organizada pela CIMNR, *Júlio Pomar*, realizada na Galeria Municipal de Exposições (VFX), em 1989.

Júlio Pomar

DOURADO



DESENHO GRAVURA PINTURA

GALERIA MUNICIPAL DE EXPOSIÇÕES • VILA FRANCA DE XIRA • 19 OUTUBRO A 4 NOVEMBRO 90

Figura 58 – Catálogo da 2.ª exposição de artes plásticas organizada pela CIMNR, *Cipriano Dourado*, realizada na Galeria Municipal de Exposições (VFX), em 1990.

isto é, quem se ocupou da montagem do produto final. Este foi criado pela entidade responsável pela curadoria, que compreende todo o processo de investigação e criação do guião expositivo. Relembre-se ainda que, para cada exposição, foram destacadas pessoas específicas que atuaram a título individual ou representando as entidades envolvidas.

Das 63 exposições 30 foram organizadas exclusivamente pela CIMNR, pela APMNR ou por ambas, em conjunto, e 23 foram organizadas exclusi-



Figura 59 – Catálogo da exposição *Maria Barreira/ Vasco da Conceição – Escultura*, organizada pela CIMNR e realizada na Galeria de Exposições de Alverca, em 1995.

Júlio Pomar

Desenho, Gravura, Pintura

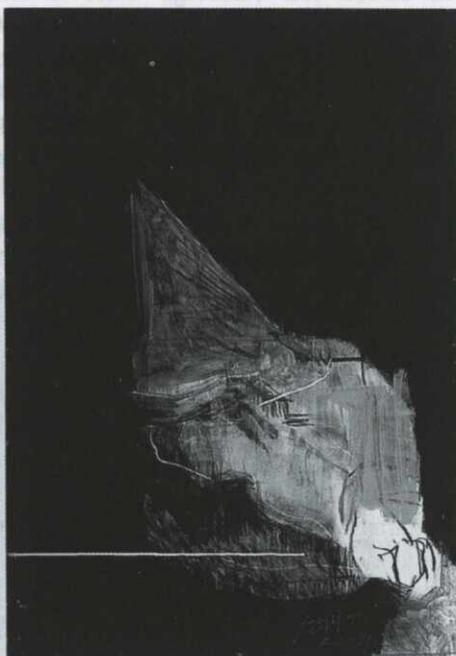


Figura 60 – Exposição *Júlio Pomar/ Desenho, Gravura, Pintura*, organizada pela APMNR e realizada na Biblioteca Municipal Calouste Gulbenkian (Câmara Municipal de Mação), em 2004/2005.

3.2) Organização e curadoria das exposições

Uma outra análise possível das exposições prende-se com a identificação das entidades responsáveis pela organização e curadoria das mesmas, procurando cruzar estes factos com as diferentes fases da história do Museu. Considere-se cada exposição como a unidade que corresponde ao título de cada mostra, sem incluir as itinerâncias (Quadros 3.1 a 3.5). Do mesmo modo, quem organizou as exposições foi quem as produziu, isto é, quem se ocupou da montagem do produto final. Este foi criado pela entidade responsável pela curadoria, que compreende todo o processo de investigação e criação do guião expositivo. Relembre-se ainda que, para cada exposição, foram destacadas pessoas específicas que atuaram a título individual ou representando as entidades envolvidas.

Das 63 exposições 30 foram organizadas exclusivamente pela CIMNR, pela APMNR ou por ambas, em conjunto, e 22 foram organizadas exclusi-

vamente pelo MNR. Das restantes exposições, 6 foram organizadas pelo Museu em conjunto com a CIMNR ou APMNR, ou ainda com outras instituições/pessoas; 2 são da autoria de Joaquim Namorado e as outras 2 da CLAR; além da exposição organizada pelo atelier do Arquitecto Alcino Soutinho (Quadros 3.1 a 3.5).

Ao longo da história do Museu, as exposições organizadas pela CLAR e pela CIMNR/APMNR resultaram da investigação desenvolvida por António Mota Redol¹⁹. O mesmo pode dizer-se dos textos dos catálogos das exposições assinados pela Comissão Instaladora e pela Associação Promotora, quase todos eles da autoria daquele. Relativamente às exposições organizadas pelo Museu, a investigação e elaboração do guião foi feita, na maioria dos casos, por Luís Augusto Costa Dias, que também escreveu os textos de apresentação.

Por outro lado, até à data da inauguração do Centro de Documentação/Museu do Neo-Realismo, em 1993, todas as exposições organizadas pela CIMNR/APMNR contaram com o apoio dos serviços do Museu e do serviço de exposições da autarquia ou do Museu Municipal²⁰. Além disso, a APMNR funcionou até 2006 como fiel recetora dos subsídios entregues pela Câmara Municipal (Quadros 1.1 a 1.4) para a realização de atividades, nomeadamente exposições. Assim, na sua aparente inatividade, naqueles primeiros anos, a Associação Promotora foi uma presença constante no pagamento das despesas referentes às exposições realizadas.

Pelos motivos apresentados, não é surpreendente que haja uma linha comum na conceção das exposições apresentadas ao longo da história do MNR, todas elas pensadas, grosso modo, pelo mesmo conjunto de pessoas.

3.3) Ritmos de atividade do Museu

Os dados reunidos sobre as exposições também permitem analisar os ritmos da atividade do Museu.

Das 56 exposições cuja data de inauguração é conhecida (incluindo os casos em que só se sabe o mês), 24 tiveram início no decorrer do primeiro semestre do ano correspondente e 32 inauguraram no segundo semestre. Das últimas, saliente-se o grupo de exposições intitulado *O Movimento Neo-Realista e o Museu do Neo-Realismo / Carlos de Oliveira e a Perfeição da Escrita* (Figuras 53 e 61), que decorreu nos meses de julho e

¹⁹ Com exceção da exposição n.57, *Jorge de Oliveira*, da autoria de Luísa Duarte Santos (Quadro 3.5).

²⁰ A Câmara Municipal apoiou todas as exposições de artes plásticas (Informação fornecida por AMR em nota escrita a 20 de outubro de 2010).

agosto, tal como a exposição *O Neo-Realismo em Gravura*. Trata-se de uma situação geralmente atípica na programação cultural em Portugal, cujo calendário procura seguir o ciclo agrícola, isto é, de setembro/outubro a maio/junho. Porém, as Festas do Colete Encarnado, realizadas no concelho naquela época, garantem a elevada participação do público. Foi durante estas festas que inaugurou a primeira exposição. Geralmente, naquela altura do ano apenas se realizam exposições relacionadas com o património histórico “mais sentido pelos vila-franquenses”. Esta situação talvez reforce a importância que a Câmara Municipal de VFX atribuía ao projeto do MNR.

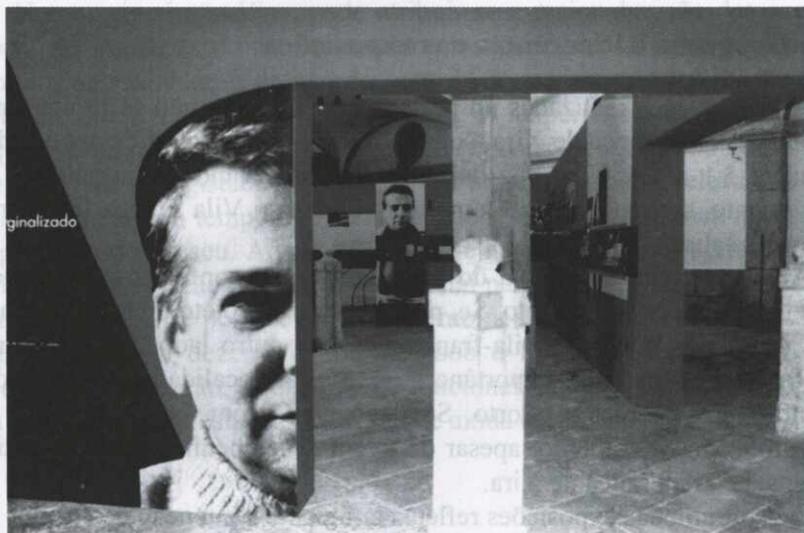


Figura 61 – Exposição *Carlos de Oliveira e a Perfeição da Escrita*, realizada no Celeiro da Patriarcal (VFX), em 2002 (Arquivo pessoal de AMR).

Por outro lado, os ritmos de atividade do Museu parecem ter sido pautados pela entrada dos espólios doados, independentemente da formalização do processo. Assim, veja-se, só a partir de 1991 começaram a realizar-se exposições sobre autores cujos espólios foram incorporados no Museu. Desde então, contam-se 28 exposições diretamente relacionadas com os espólios do MNR (Quadro 6). Considerando a utilização repetida de alguns deles para exposições distintas, contabilizam-se 17 espólios em exposição. Neste sentido, pode observar-se uma relação quase direta entre os espólios e os temas gerais das exposições realizadas no período considerado. Em contrapartida, até à data da inauguração das novas instalações do Museu, em 2007, contam-se 23 exposições de autores não contempla-

dos no acervo do MNR.

Para terminar, em 2001 não há qualquer registo de exposição. Este facto é, muito possivelmente, consequência da “Questão de Alhandra” que decorreu, sobretudo, no ano anterior. Atendendo ao tempo necessário para preparar uma exposição, compreende-se que 2000 não foi, certamente, o ano mais favorável a essas atividades. No entanto, apesar de 2001 ser o terceiro ano consecutivo (e de resto o último) em que a APMNR apresentou uma diferença negativa entre as despesas e as receitas (Quadro 1.3), essa diferença não seria impeditiva da realização de exposições, uma vez que o saldo bancário acumulado seria positivo.

3.4) Geografia e itinerância das exposições

As exposições realizadas no período considerado, não se limitaram à cidade de Vila Franca de Xira, como aliás se pode concluir da análise dos Quadros 5.1 a 5.6. Uma vez definido o papel da cidade na eclosão do Movimento, seria necessário lembrar que nem só Vila Franca foi “berço dos neorrealistas”.

Aqui, o caráter municipal do MNR entrou em confronto com as verdadeiras intenções do projeto. Se, por um lado, o projeto do Museu estava sob a tutela da autarquia vila-franquense; por outro lado, os fundadores nunca se demitiram da importância que outras localidades – nomeadamente Coimbra, Lisboa, Porto, Santiago do Cacém, etc. – tiveram no desenrolar do Movimento, apesar de terem desempenhado papéis distintos dos de Vila Franca de Xira.

A geografia das exposições reflete claramente a intenção de atribuir ao MNR a dimensão nacional. De resto, uma preocupação constante desde o início do projeto. Das 58 exposições com local assinalado, 49 foram inauguradas no concelho de Vila Franca de Xira. Deste conjunto, somente 7 tiveram lugar fora da própria sede do concelho. A Norte do município foram inauguradas apenas 2 exposições, a primeira das quais organizada por Joaquim Namorado, em 1983, na Figueira da Foz e a segunda organizada pela APMNR, em Mação. Já a Sul do município de VFX²¹, foram inauguradas 7 exposições, das quais 3 tiveram lugar na cidade de Lisboa.

No que concerne à itinerância, contam-se 22 exposições onde é evidente a circulação por todo o país, de Norte a Sul. De um modo geral, este tipo de exposições decorre até à atualidade.

²¹ Incluindo a exposição n.31, apresentada em Pavia, na Casa-Museu Manuel Ribeiro Pavia.

3.5) Duração das exposições

Para terminar, é possível fazer uma leitura da duração das exposições realizadas entre 1970 e a data da inauguração das novas instalações do MNR, em 2007. Das 44 exposições cujas datas de inauguração e término são conhecidas, 11 tiveram uma duração inferior a 4 semanas (28 dias); as restantes 33 mantiveram-se abertas ao público mais de 4 semanas. De um modo geral, a partir de 1993 a duração das exposições aumentou, relativamente ao que se observou no período anterior.

Numa primeira análise, pode atribuir-se a maior duração das exposições, ao aumento do financiamento por parte da Câmara Municipal. Porém, na realidade e de acordo com AMR, parece não ter havido uma relação direta entre estes dois fatores. A experiência acumulada, até àquela data, pela realização das quinze exposições, associada ao número de materiais já registados foram, porventura, dois aspetos relevantes para o alargamento do tempo de exposição, de resto, uma alavanca necessária à projeção do Museu. Ao prolongarem-se no tempo, maior seria a probabilidade de captação de público, essencial para que o MNR existisse. Esta situação tornou-se possível a partir do momento em que o Museu abriu as suas portas, em dezembro de 1993, sob a forma de Centro de Documentação. Até então, as exposições funcionaram como exposições-piloto, as primeiras manifestações de algo que ainda estava a consolidar-se.

Para terminar, em 2001 não há qualquer registo de exposições.

3.2) Dinâmicas das exposições

Uma primeira análise, pode atribuir-se a maior duração das exposições, no âmbito do Instituto Português de Arte Moderna (IPAM), em Lisboa, em 1970 e a data da inauguração das novas instalações do MNR, em 1971, das 44 exposições cujas datas de inauguração e término são conhecidas. (1) Tiveram mais duração inferior a 3 semanas (26 dias), as restantes 31 mantiveram-se abertas no mínimo mais de 4 semanas. De um modo geral, a partir de 1991 a duração das exposições diminuiu relativamente ao que se observou no período anterior.

Numa primeira análise, pode atribuir-se a maior duração das exposições, no âmbito do Instituto Português de Arte Moderna (IPAM), em Lisboa, em 1970 e a data da inauguração das novas instalações do MNR, em 1971, das 44 exposições cujas datas de inauguração e término são conhecidas. (1) Tiveram mais duração inferior a 3 semanas (26 dias), as restantes 31 mantiveram-se abertas no mínimo mais de 4 semanas. De um modo geral, a partir de 1991 a duração das exposições diminuiu relativamente ao que se observou no período anterior.

A geografia das exposições reflete claramente a intenção de atribuir ao MNR a dimensão nacional. De resto, uma preocupação constante desde o início do projeto. Das 58 exposições com local assinalada, 49 foram inauguradas no concelho de Vila Franca de Xira. Deste conjunto, somente 7 tiveram lugar fora da própria sede do concelho. A Norte do município foram inauguradas apenas 2 exposições, a primeira das quais organizada por Joaquim Namorado, em 1983, na Figueira de Foz e a segunda organizada pelo APMNR, em Mação. Já a Sul, no município de VFX²¹, foram inauguradas 7 exposições, das quais 7 tiveram lugar na cidade de Lisboa.

No que concerne à itinerância, contam-se 22 exposições onde é evidente a circulação por todo o país, de Norte a Sul. De um modo geral, este tipo de exposições deconvém à atualidade.

²¹ Incluindo a exposição a 71, apresentada em Pavia, na Casa Museu Manuel Ribeiro Pavia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A génese do Museu do Neo-Realismo foi um processo longo e complexo, com avanços e recuos, mas, acima de tudo, foi a concretização do desejo de salvaguardar a memória de um Movimento que representa parte do património cultural português. Os valores artístico, histórico e estético dos testemunhos humanos, materiais e imateriais do Movimento neorrealista justificam a sua preservação num espaço próprio, capaz de promover pesquisas sobre o Neo-Realismo e apresentá-lo ao público. Na perspetiva de Graça Filipe, trata-se de um fenómeno de “patrimonialização”, entendido como o “processo pelo qual certos bens ou elementos são apreendidos pelos membros de uma comunidade ao ponto de decidirem salvaguardá-los ou preservá-los”¹. Os fundadores pensaram reunir num só espaço materiais que, de outra forma, ficariam dispersos em casas-museu e até noutros lugares ou se perderiam. O MNR surgiu da necessidade de fazer um levantamento histórico-cultural do Neo-Realismo e da afirmação de uma identidade neorrealista, composta pelo conjunto das identidades individuais das figuras do Movimento. Deste modo, o MNR é também a materialização de um olhar mais amplo, que defende a necessidade de se compreenderem os museus como instituições de memória pública ou de património. Em particular, sob um olhar mais virado para o último, intimamente associado ao fenómeno museu, este pode ser descrito, segundo André Desvallées (2007), como uma instituição que se ocupa do estudo e compreensão do mundo, através da pesquisa, conservação, comunicação e transmissão do património material e imaterial da humanidade. A criação do MNR não só legitimou a importância do Neo-Realismo enquanto património cultural, como atribuiu uma outra dimensão às figuras neorrealistas, uma dimensão ligada ao estatuto conferido pelo Museu, ao destacá-las como integrantes do Movimento neorrealista. De modo semelhante, Teresa Scheiner (2007) afirma que o museu é um fenómeno identificado com o património da humanidade, uma instituição

¹ Filipe, 2000, p. 17.

criada para benefício da sociedade para representar e realçar este património de todos os modos possíveis, através da identificação, preservação, pesquisa e comunicação de evidências materiais e intangíveis.

A criação do MNR é uma história de quase quatro décadas até à inauguração do edifício definitivo, com quatro momentos de transição aqui apresentados como as diferentes fases do projeto do Museu. Neste período decorreu o processo de musealização do Movimento neorrealista nas áreas da literatura, artes plásticas, cinema, teatro e música. O acervo do Museu foi sendo recolhido e, com ele, foram apresentadas ao público diversas narrativas em torno do Neo-Realismo, sob a forma de exposições. Através dos registos deixados por estas, foi possível apreender algumas das singularidades que caracterizam a musealização do Movimento neorrealista.

Os primeiros esboços do que hoje conhecemos como o Museu do Neo-Realismo, começaram a ser traçados logo após a morte de Alves Redol, pela vontade de preservar e apresentar a herança artística do escritor. Na perspetiva daqueles que o rodearam, o desejo de colmatar uma espécie de dívida para com o escritor, encontraria solução numa casa-museu ou biblioteca-museu Alves Redol. Assim, a primeira fase da história do MNR corresponde às origens do projeto e abrange o período de 1969 a 1987. Caracteriza-se, sobretudo, por uma grande centralização na figura do escritor Alves Redol, que se traduz primeiro na formação da Comissão “Legado Alves Redol” (CLAR) e, mais tarde, na criação da Cooperativa de Consumo Centro Popular Alves Redol (CPAR). Embora com objetivos paralelos e com atividades independentes uma da outra, elas representam, de certa forma, os primeiros passos que antecederam a ideia da criação de um museu alusivo ao Neo-Realismo. A primeira, pretendia cumprir a vontade manifestada pelo escritor de aplicar parte dos direitos de autor dos seus livros ao “apoio a iniciativas em prol da cultura popular”; a segunda, tinha o intuito de “divulgar a literatura portuguesa e em particular a obra de Alves Redol”. Apesar de nunca ter estado vinculada ao projeto, a CPAR terá tido um papel digno de consideração ao estender a área de interesse (focada em Alves Redol e na sua obra) aos participantes no Movimento neorrealista, do qual o escritor foi pioneiro. Pode admitir-se que o trabalho de divulgação e de venda ao público das obras de Alves Redol, a par com a realização de exposições (muitas delas relativas a outros escritores neorrealistas), foi importante para a formação, provavelmente inconsciente, de um ambiente favorável à evolução da ideia de criar uma “casa dos neorrealistas”. A CPAR, no fundo, ainda hoje existe (até meados de 2016 com o nome de Cooperativa Alves Redol² e, depois, como Associação Alves Redol), ao passo que a CLAR

² O Centro Popular Alves Redol foi dissolvido em 1972 pelo Ministério do Interior no

acabou por extinguir-se naturalmente, apesar das dezenas de iniciativas que realizou. Como atores no processo, estiveram pessoas que durante as décadas de setenta e oitenta desenvolveram atividades, a par com a elaboração de uma ideia que se materializou no Museu do Neo-Realismo. Em termos sucintos, a primeira fase da gênese do MNR é marcada pela mudança da ideia de uma Casa-Museu Alves Redol para a criação de um projeto mais abrangente. Esta mudança terá sido motivada fundamentalmente por dois aspetos. Por um lado, a falta de projeção associada à casa-museu, que já se sentia em Portugal. Por outro, e de resto, um motivo comum à gênese da generalidade dos museus, a tomada de consciência de que existia património que devia ser preservado. No caso, o Neo-Realismo, nas suas componentes material e imaterial; o Movimento artístico de cariz nacional, cujo despertar remonta à década de trinta, com uma forte presença na cidade de Vila Franca de Xira.

A segunda fase da história do MNR, compreendida entre 1987 e 1993, contou com a forte colaboração de um grupo de pessoas – os fundadores do Museu – constituído por António Mota Redol, Arquimedes da Silva Santos, Rogério Ribeiro e Garcez da Silva e, pouco tempo depois, Júlio Graça (com exceção do primeiro, todos tinham uma forte ligação direta ao Movimento, enquanto participantes). Já com alguns contactos estabelecidos, com vista à obtenção de espólios, o grupo reuniu-se com o Presidente da Câmara, Daniel Branco, para apresentar o projeto em abstrato, o qual foi desde logo aceite. Aos fundadores do Museu juntou-se o esforço e a orientação prática dos técnicos, a partir da decisão de um poder político (Câmara Municipal de VFX), atribuindo ao projeto o cunho profissional necessário para um melhor desempenho. A rápida aceitação do projeto por Daniel Branco, em representação da Câmara Municipal de VFX, reflete uma “atitude cativa” desta, no domínio museológico. Uma postura que Clara Camacho define como de inserção clara da “criação dos novos museus nas respetivas orientações gerais no domínio do património”³, tomando a liderança integrada dos projetos e dando corpo aos esforços prévios desenvolvidos pelas novas entidades, ao conceder-lhes solidez e estabilidade. Na sequência daquele primeiro contacto, foi criada a Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo (CIMNR) que se encarregaria da instalação do Museu e, um ano depois, a Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo (APMNR) que se encarregaria de: sensibilizar o maior número de personalidades ligadas ao Neo-Realismo; recolher, pesquisar e investigar sobre o futuro acervo do Museu; e realizar iniciativas de divulgação, entre outras atividades que se propôs desenvolver. A

processo relativo ao Decreto de Lei 520/71, que visava liquidar as cooperativas de consumo de carácter cultural. Sucedeu-lhe a Cooperativa Alves Redol, instituída em 1973.

³ Camacho, 1999, p. 305.

Comissão Instaladora (de 1988 a 1996) e a Associação Promotora (de 1997 a 2007) foram vetores fundamentais na história do MNR. Não obstante, durante os primeiros anos da sua existência (recorde-se, a partir de 1988), a última cingiu-se à receção e gestão dos subsídios entregues pela Câmara Municipal de VFX. Deste modo, a CIMNR acabou por desempenhar um papel mais ativo quando comparado à APMNR, cuja atividade pode ser considerada larvar nos primeiros anos. Nesta fase o Centro de Documentação começou a funcionar, como passo intermédio para a criação do Museu, embora com acesso restrito a estudiosos do Movimento. Apesar de ser evidente a necessidade de criar um espaço para recolha dos materiais, naquele momento seria precipitada a criação de um museu, havendo ainda tanto por fazer. Em conjunto com este objetivo estavam outras atividades que se desenvolveram nas fases seguintes da história do MNR, nomeadamente, a obtenção de espólios, a realização de exposições e a procura de um espaço adequado, entre outras ações realizadas.

A terceira fase da história do MNR começou em 1993, com a abertura ao público do Centro de Documentação/Museu do Neo-Realismo e estende-se até 2001. Tomado como reflexo do carácter prudente que os fundadores sempre incutiram ao projeto, o Centro de Documentação assumiu logo “funções museológicas”, mediante a realização de exposições. Criado o “proto museu” composto por uma equipa restrita, mas própria, uma das grandes questões que marcou esta fase foi a necessidade de haver uma reestruturação na Comissão Instaladora. Na prática, o que aconteceu foi a transferência de papéis da CIMNR para a APMNR num processo acelerado, a certa altura, pela vontade que Daniel Branco manifestou de extinguir a primeira. Quase no final desta fase, numa altura em que o projeto começou a delinear-se, a última despertou de um período consideravelmente menos participativo e assumiu um novo papel na história do Museu – um papel mais deliberativo. Passou a ter maior peso nas resoluções que deviam ser tomadas no âmbito administrativo do projeto. Deste modo, o projeto ficou repartido entre os papéis da APMNR e da autarquia, apesar do desejo do Presidente da Câmara, de que aquela tivesse um papel apenas consultivo, desejo este que nunca se concretizou.

Ainda nesta fase, mas já na presidência de Maria da Luz Rosinha, surgiu a “Questão de Alhandra”. Um período da história do Museu em que a sua instalação em Vila Franca Xira foi colocada em causa, quando a Câmara Municipal considerou a hipótese de instalar o MNR no antigo Teatro Salvador Marques, situado naquela cidade, que seria readaptado para o efeito. Porém, o que para os alhandrenses seria um ganho, inclusive para o então diretor do Museu, Júlio Graça (natural de Alhandra), seria uma perda para o projeto do MNR. Não só o espaço era restrito, como a ideia chocava com os pressupostos definidos desde o início: a instalação do Museu num espaço criado de raiz, capaz de abranger as necessidades

do projeto. Em simultâneo, a sua permanência na sede do concelho justificava-se pela importância da cidade no desencadear do Movimento. Após um grande movimento de opinião pública que deu origem a abaixo-assinados, foi afastada a hipótese de instalação do MNR naquela freguesia. Neste sentido, talvez a grande mobilização gerada em torno desta polémica – através daqueles movimentos públicos – tenha estado na origem da decisão. Por outro lado, muito embora a pertinência de construir o Museu em Vila Franca de Xira tenha sido ponto assente desde o início do projeto, a “Questão de Alhandra” acabou por estender a um público mais vasto, não só a tomada de consciência da importância do Museu, como a justificação da sua localização na sede do concelho, num espaço adequado, que o impulsionasse e dotasse do seu valor real. Finalmente, em dezembro de 2000, a autarquia decidiu em definitivo instalar o Museu na cidade de Vila Franca, deixando em aberto o destino do Cine-teatro. Parece não haver dúvidas que a “Questão de Alhandra” provocou fenómenos de “bairrismo” – que colocaram em causa a criação do MNR – mas também fenómenos coletivos em defesa do Museu e impulsionadores da sua continuidade nos moldes adequados à dimensão do projeto.

A quarta e última fase da história do MNR, compreendida entre 2001 e 2007, começou com a obtenção, por permuta, por parte da Câmara Municipal, de um terreno destinado à instalação definitiva do Museu. Como na época já estava elaborado um programa museológico da autoria de Ana Margarida Martins, foi feita uma adaptação deste aos novos objetivos. Mais tarde, em 14 de março de 2003, por encomenda de Maria da Luz Rosinha, o Arquiteto Alcino Soutinho apresentou o projeto do futuro Museu. Finalmente, e após uma primeira candidatura ao POC apresentada pela Câmara Municipal, rejeitada, surgiu em 2005 uma resposta positiva por parte do mesmo programa, que acabou por financiar 65% do projeto, a par com os 35% da Câmara Municipal. Para trás ficaram uma candidatura ao Programa de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC) e o peso financeiro que iria recair sobre a Câmara Municipal de VFX. Estava lançada a primeira pedra do novo Museu do Neo-Realismo. Também naquele ano ficaram em aberto as futuras funções da APMNR. Nesta última fase, esta associação teve um papel fundamental na direção do Museu e na concretização do projecto, segundo o desejo de Maria da Luz Rosinha.

Os vinte anos que compõem o percurso do MNR, após o primeiro contacto com a Câmara Municipal, foram pautados pelas duas figuras que presidiram a autarquia naquele período, embora com orientações políticas distintas. A Câmara Municipal de VFX teve um papel fundamental na materialização do Museu, refletindo o que Cristina Pimentel entende ser um “sistema de ideias que realça teorias de desenvolvimento centrífugas”. Por outras palavras, a criação do MNR, cuja ideia inicial partiu de

um grupo de pessoas que operou à margem do poder central, realça as referidas teorias, pois o que se verifica habitualmente é o “formato institucional de um museu ser decidido pelo Estado ou por outras formas de governo centralizado”⁴.

Considerando como principal indicador da “criação de museu”, o que Clara Camacho defende ser a “sua efetiva entrada em atividade, mediante a instalação física e o estabelecimento regular de formas de comunicação com o público”⁵, então só em outubro de 2007 o Museu do Neo-Realismo atingiu a sua maturidade. Por outro lado, se o MNR for entendido à luz da definição de museu enquanto fenómeno que assume formas diferentes de acordo com as relações específicas entre os seres humanos no tempo, espaço e memória⁶, então ele será a representação de um fenómeno social e dinâmico que foi evoluindo e se apresentou de acordo com as características e necessidades da sociedade em que se desenvolveu. Além disso, insere-se na tipologia de “museu tradicional”, que a autora define como o:

“Espaço físico ou arquitetónico, organizado, designado, delimitado e preparado para receber coleções de evidências materiais, reunidas do mundo exterior. Estas coleções são pesquisadas, documentadas e interpretadas para serem devolvidas à sociedade por meio de exposições. A base conceptual do museu tradicional é o objeto como documento da realidade”⁷.

Na história do MNR, encontra-se o desejo de reconhecimento, individual e coletivo, dos que fizeram o Movimento. De um lado, a força daqueles que viram partir os seus familiares, mostrando a vontade de perpetuar os seus nomes, vidas e obras. Do outro, os próprios neorealistas que, à distância de sete a oito décadas, são testemunhos vivos deste Movimento. Por este motivo, foram fundamentais para o registo da história e dos contornos do Neo-Realismo. A recolha de documentação oral surgiu da necessidade de registar aqueles testemunhos. Por outro lado, o “associativismo”, incorporado na CIMNR e na APMNR, enquanto meio para alcançar o desejo coletivo, ocupou lugar de destaque na história do Museu. Por detrás da gênese do MNR estão os desejos individuais e coletivos, manifestados através da perseverança dos seus fundadores. Se a história do MNR é marcada pela procura de um espaço próprio, ela é também um exemplo prático do que Tomislav Sola defende ser um museu: não um espaço, mas uma relação entre o passado e o presente. Por

⁴ Pimentel, 2005, p. 85.

⁵ Camacho, 1999, p. 4.

⁶ Scheiner, 2007, p. 102, tradução nossa.

⁷ Scheiner, 2007, p. 104, tradução nossa.

este motivo, não pode ser isolado e limitado a uma instituição aproximando-se mais de uma ideia, uma forma, isto é, de uma forma de relação.

O processo de musealização do Neo-Realismo ou, por outras palavras, a constituição do acervo do MNR é um aspeto essencial da história do Museu. Não só porque, naturalmente, foi central à sua génese, como pela singularidade do próprio processo: a musealização de um movimento cultural. Apoiada pela Câmara Municipal, por intermédio da APMNR, a Comissão Instaladora reuniu todos os esforços para a criação de condições físicas onde pudessem receber os espólios, de resto, uma das atividades que desenvolveu com mais empenho. Não obstante, apesar do percurso do MNR ser marcado por uma política ativa de recolha de materiais para constituir o acervo, este processo esteve sujeito a condicionamentos. Nomeadamente, a falta de condições físicas para armazenamento dos materiais, que acompanhou grande parte do percurso do Museu. Este aspeto que caracteriza a história do MNR, mas é também comum à génese da grande maioria dos museus, conduziu ao abrandamento, por parte da CIMNR, na receção dos espólios.

A musealização do Movimento neorrealista, foi feita através de: espólios literários, onde estão representadas as áreas da literatura, cinema e teatro; espólios editoriais, onde literatura volta a estar representada, através de publicações literárias; e espólios artísticos, que representam as artes plásticas. Nesta área existem ainda a “coleção de artes plásticas” e a “coleção de artes decorativas e outros objetos”. Do acervo do MNR também fazem parte as bibliotecas particulares que incorporam a biblioteca geral. Existe ainda um conjunto de 45 legados (pessoais, institucionais, artísticos e “vários”), que consistem em grupos de materiais das diversas áreas, oferecidos ao Museu por familiares que já tinham doado espólios ou por outras pessoas. O Museu possui também uma coleção de publicações periódicas e os arquivos: fotográfico, gráfico, multimédia e de imprensa.

Da análise do acervo do MNR, torna-se evidente que dos vários domínios onde o Movimento se manifestou, a literatura é aquela que tem maior peso na musealização, associada à forte manifestação do Neo-Realismo na área. O caráter previdente que desde cedo envolveu o projeto, foi um dos motivos para a recolha das primeiras obras neorrealistas, bem como dos designados “espólios de autor”; recolha esta que se coadunava com a formação de um centro de investigação sobre o Movimento contribuindo, deste modo, para o conhecimento e compreensão do território de inserção do Museu. Não menos relevante é a facilidade de contacto com os escritores, que não só prolongaram por mais tempo o seu período neorrealista, como muitos deles estavam envolvidos no projeto do MNR. Por outro lado, a literatura era uma área financeiramente mais acessível do que as artes plásticas. Por estes motivos, só em meados dos

anos noventa a recolha do património neorrealista foi alargada à área das artes plásticas. Na origem desta incidência tardia estiveram as dificuldades no acesso aos materiais, condicionado não só pelo seu valor financeiro, como pela sua dispersão por particulares e outras entidades. No entanto, os fundadores procuraram impulsionar, através da CIMNR, a inventariação das obras com vista, pelo menos, à sua localização. Literatura e artes plásticas são, portanto, as áreas mais representadas no acervo do MNR, sobretudo através dos espólios literários e artísticos (em conjunto com as coleções de artes plásticas e de artes decorativas).

À luz dos pressupostos defendidos por Camacho, existem três fases no processo de musealização. A existência prévia de espólios conduziu ao desejo de perenidade que, por sua vez, levou à “transformação dos bens privados em públicos”, através da instalação física dos referidos espólios protagonizada pela Câmara Municipal de VFX. Com um conjunto de procedimentos que passaram, sumariamente, pela aquisição e tratamento, o MNR conseguiu reunir um acervo que inclui genericamente “documentos produzidos” pelos escritores, “documentos relacionados” com os mesmos, bibliotecas particulares, editoras e obras de arte, nomeadamente pintura, desenho e escultura. A recolha dos espólios dependeu, grosso modo, da resposta por parte dos doadores (familiares de neorrealistas ou mesmo dos próprios) aos vários apelos feitos durante o percurso do MNR. Todavia, apesar do elevado número de espólios que hoje o Museu possui – atualmente um total de mais de 30⁸ – contam-se ainda alguns, cujo destino se desviou do MNR por decisão dos seus proprietários de entregá-los a outras instituições. Talvez a ideia de reunir num só espaço materiais de vários neorrealistas tenha funcionado como barreira ao desejo de distinção que os proprietários dos espólios (herdeiros ou os próprios) procuravam receber. Não menos importantes para a compreensão do processo de musealização são todos os materiais entregues ao Museu sob a forma de legados.

Um outro aspeto que sobressai da análise do acervo do MNR (composto por espólios, legados e coleções, entre outros) permite concluir que este museu partilha algumas características com as casas-museu, apenas no sentido em que preservam e apresentam memórias individuais, situação muito própria daquelas instituições. Todavia, como não existe qualquer ligação com os espaços físicos das residências dos autores, o acervo do MNR estaria mais próximo de formar um “museu biográfico”, no sentido de ser “um museu que tem por vocação a divulgação da vida e obra de uma determinada personalidade que se destacou”⁹. No caso, ao

⁸ À data da revisão do presente texto (dezembro de 2016).

⁹ Martins, 1997, p. 100.

estender-se às figuras que representam o Neo-Realismo, o acervo do Museu pode ser entendido como um conjunto de biografias.

Apresentados os materiais que representam o Neo-Realismo nas áreas onde este se manifestou, a análise das 63 exposições realizadas, baseada sobretudo na consulta dos catálogos e nas informações fornecidas por António Mota Redol e condicionada por este método, serviu para compreender, embora de forma limitada, os discursos criados em torno dos materiais musealizados. Considerando a subjetividade própria do processo de criação de qualquer obra artística (seja de literatura, artes plásticas, música, cinema ou teatro), quando estendida ao uso que dela pode fazer-se, permite encarar as exposições também como construções subjetivas.

De acordo com Bennett¹⁰, a autenticidade dos objetos não lhes concede, por si só, significado. A atribuição de significado só é possível quando eles se relacionam entre si, numa combinação que resulta de circunstâncias particulares, tais como as que são criadas nas exposições (cada exposição funciona como uma espécie de “declaração”). Consequentemente, os mesmos objetos têm diferentes significados consoante a sua combinação e o contexto em que se encontram. No contexto do MNR, os objetos representam, de um modo geral, os vários domínios onde o Movimento se manifestou. No entanto, quando são colocados em estreita relação com o Movimento por estarem sujeitos a essa interpretação que faz ecoar as representações do passado, os materiais acabam por ser testemunhos do Neo-Realismo. Assim se vê, uma vez mais, uma das principais funções dos museus, associada ao processo de patrimonialização: serem repositórios de autenticidade. Por outras palavras, eles legitimam o conhecimento. Por conseguinte, a criação de uma exposição é um processo subjetivo e, como tal, é difícil definir o contributo dos objetos expostos, para a compreensão do Movimento.

As 63 exposições (excluindo as itinerâncias) foram agrupadas segundo a sua natureza, em quatro categorias distintas: *Vida e Obra: Exposições de literatura* (L); *Apresentação do Museu* (MNR); *Movimento neorrealista e seu contexto histórico* (NR); e *Artes plásticas* (AP). Podemos concluir que as exposições de literatura e de artes plásticas predominaram na história do MNR. As restantes exposições, num total de 14, entram na categoria do “Movimento neorrealista e seu contexto histórico”, havendo apenas uma na categoria de “Apresentação do Museu”. Note-se que há dois casos em que a mesma exposição entra em duas categorias distintas (exposições n.16 e n.46, Quadros 4.1 e 4.2).

Ainda no que diz respeito às exposições, o seu estudo permitiu apurar que a grande maioria foi organizada pela Comissão Instaladora e pela

¹⁰ Bennett, 1995, p. 147.

Associação Promotora. Porém, o próprio MNR também organizou um número significativo de exposições, individualmente ou em conjunto com outras entidades (incluindo a APMNR e a CIMNR). Além disso, também foram apresentadas na Galeria de Exposições da Biblioteca Municipal, em Vila Franca de Xira, quatro exposições organizadas por outras entidades.

No que respeita aos critérios para a sua realização, num primeiro momento realizaram-se maioritariamente exposições de literatura e, só mais tarde, exposições de artes plásticas, seguindo a lógica da incorporação dos espólios. Da análise das quatro categorias é possível concluir que as exposições de literatura partilham, na sua natureza, características fundamentais para a compreensão da história do MNR. Além de serem as mais representativas em número, elas refletem uma estratégia de atuação que privilegiava a evocação da memória do Neo-Realismo através das suas obras escritas e, inevitavelmente, o reavivar das figuras que representam o Movimento. Por outro lado, tratando-se de exposições de literatura (com exceção de uma), uma das características é terem por base uma linha de conceção que se repetiu ao longo da história do Museu. Este processo de conceção bem definido separa-as das restantes categorias de exposições. Chegaram mesmo a existir “apontamentos evocativos de ambientes recriados, que reenviam o visitante para espaços físicos de carácter intimista”, como no caso das exposições que reproduziram os espaços de trabalho dos escritores (exposições n.5 e n.32). Talvez possam ser compreendidas como um dever a cumprir para com os doadores dos espólios, muitos deles defensores da criação de um espaço próprio para cada escritor. Face a esta impossibilidade, as exposições seriam uma forma de criação daqueles espaços, ainda que provisórios.

Um outro aspeto que ressalta da análise das exposições é que os doadores de espólios tiveram, ainda que indiretamente, um forte peso na decisão sobre as exposições a realizar. Neste sentido, de acordo com Susan Pearce, o MNR pode ser incluído na categoria dos museus do tipo “reliquias do passado”, em que a vida do escritor é reificada através dos objetos a ele associados, os quais extravasam o próprio processo histórico e ajudam a suportar sentimentos de grandeza. De resto, o sentido de evocação das memórias “pessoal” e “social” acompanha a generalidade das exposições de literatura.

Se na origem da criação do seu acervo o MNR partilha alguns aspetos com as casas-museu, ou até mesmo com os “museus biográficos”, o mesmo não se verifica da análise do conjunto das exposições. Embora tenham naturezas distintas, elas servem uma ordem de objetivos diretamente relacionados com a evocação e temática do Neo-Realismo. Se recuarmos aos primórdios da história do Museu, desde a ideia de criar a Casa-Museu Alves Redol até aos motivos que conduziram à constituição

do MNR, surgiu a ideia de uma “casa dos neorealistas”. Esta ideia manteve-se constante e presente na diversidade das exposições, independentemente da categoria em que se inserem.

Das várias leituras possíveis sobre as exposições, sobressaem dois motivos fundamentais para a sua presença constante na história do MNR. Por um lado, elas refletem o desejo de levar o Museu para “fora de portas”, procurando circunscrever uma mensagem associada ao projeto. Aqui, tiveram um papel fundamental não só o Centro de Documentação – enquanto suporte para o tratamento dos espólios e espaço de apresentação dos mesmos –, como a CIMNR e a APMNR, enquanto organizadoras de um número significativo de exposições anuais, realizadas sobretudo no segundo semestre de cada ano. Também a itinerância de algumas exposições terá contribuído consideravelmente para a divulgação do projeto que se pretendia nacional. Por outro lado, na tentativa de procurar credibilidade junto dos doadores de espólios, mostram a utilização dos mesmos para fins museológicos.

A génese do MNR atravessou quatro décadas nas quais se insere a passagem para um novo milénio. Como linhas estruturantes de todo o processo estiveram, simultaneamente, a procura de instalações físicas definitivas, a constituição de um acervo e a divulgação do Museu através do elemento final da série – as exposições. Partindo de uma comissão e de uma associação, em paralelo com o financiamento por parte da autarquia vila-franquense, a primeira acabou por extinguir-se. Sabe-se, no entanto, que a transferência de papéis da CIMNR para a APMNR assegurou a continuidade do projeto. Desvinculada de uma estrutura pública (no caso, a Câmara Municipal de VFX), a Associação Promotora pôde garantir a sua atividade por tempo indefinido, não estando vulnerável a vicissitudes políticas.

Por ora, resta saber o futuro reservado à tutela municipal do MNR. Não só pelos seus intervenientes, como pelos objetivos e fases por que passou, o MNR é um exemplo daquilo que globalmente podemos designar por génese de museus em Portugal. É também um exemplo único quer pelo processo de musealização de um movimento cultural, quer pela singularidade do seu objeto de estudo – o Neo-Realismo. Decorridos 47 anos sobre o delinear das primeiras ideias, estamos perante um museu que pretende ser o balanço entre um passado recente e a contemporaneidade.

Câmara Municipal de VFX

Arquivo Municipal:

- Livros de Atas das Reuniões da Câmara

1988: de janeiro a dezembro (do livro 1 ao 19);

1989: de janeiro a abril (do livro 1 ao 24);

1990: de fevereiro a junho (do livro 2 ao 15).

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES ARQUIVÍSTICAS

Museu do Neo-Realismo (MNR)

Arquivo de recortes de imprensa:

- 1 Caixa referente ao Museu do Neo-Realismo
- Pasta 1: de 1988 a 1999;
- Pasta 2: de 2000 a 2002;
- Pasta 3: de 2003 a 2006;
- Pasta 4: 2007 (Novo Museu);

Arquivo Gráfico:

- 1 Caixa com pasta “Cinema Português”;
- 1 Caixa com pasta “Museu do Neo-Realismo”;

Arquivo Fotográfico:

- 1 Caixa “Reportagens”;

Área Documental – Gestão de Incorporações:

- 8 Dossiers;

Espólio Literário de Joaquim Namorado:

- 1 Pasta

Câmara Municipal de VFX:

Arquivo Municipal:

- Livros de Atas das Reuniões da Câmara
- 1988: de janeiro a dezembro (do livro 1 ao 19);
- 1989: de janeiro a abril (do livro 1 ao 24);
- 1990: de fevereiro a junho (do livro 3 ao 15);

- 1991: de janeiro a junho (do livro 1 ao 16) e de agosto a setembro (livros 19 a 21);
- 1992: março (do livro 8 ao 13);
- 1993: março (livros 6 e 7) e de outubro a dezembro (do livro 21 ao 29);
- 1994: janeiro (do livro 1 ao 3), março (do livro 6 ao 8) e dezembro (livros 29 e 30);
- 1995: janeiro (livros 1 e 2), março (livros 5 e 6) e de novembro a dezembro (do livro 23 ao 27);
- 1996: janeiro (do livro 1 ao 3) e março (livros 6 e 7);
- 1997: março (livros 5 e 6)

Edifício Sede:

- Contas de Gerência (de 1998 a 2005)
- Ordens do dia das reuniões realizadas entre 2000 e 2007;
- Atas das reuniões de: 19/01/2000; 16/02/2000; 15/03/2000; 12/04/2000; 26/05/2000; 21/06/2000; 20/09/2000; 27/12/2000; 16/05/2001; 30/05/2001; 19/09/2001; 1/11/2001; 23/01/2002; 27/11/2002; 02/04/2003; 09/07/2003; 03/09/2003; 29/10/2003; 12/05/2004; 03/03/2004; 02/02/2005/ 02/03/2005/ 27/04/2005; 11/05/2005; 23/11/2005; 01/02/2006; 07/06/2006; 19/07/2006; 22/11/2006; 14/02/2007; 02/05/2007; 13/06/2007; 11/07/2007; 12/09/2007; 26/09/2007;

Arquivo Pessoal de António Mota Redol

- Atas das Reuniões da Comissão Instaladora
 - Dossier 1 (de dezembro de 1987 a dezembro de 1992);
 - Dossier 2 (de janeiro de 1993 a abril de 1996);
- Atas das Reuniões da Assembleia-Geral da APMN
 - Livro 1 (de novembro de 1991 a maio de 2003);
 - Livro 2 (de maio de 2004 a maio de 2007);
- Contas de Gerência da APMNR, de 1991 a 2006 (1 Dossier)
- Outros Documentos;
- Guiões das Exposições:
 - Centenário do Nascimento de Armindo Rodrigues;*
 - Garcez da Silva – Uma Voz Polifónica*

TESTEMUNHOS

Gravados:

- Entrevista a Arquimedes da Silva Santos (10 de março de 2008);
- Entrevista a António Mota Redol (11 de março de 2008);
- Entrevista a Graça Nunes (11 de março de 2008);
- Entrevista a David Santos (25 de março de 2008);
- Entrevista a Clara Camacho (14 de maio de 2008);

Não Gravados:

- Conversa com António Mota Redol nos dias 27 de maio, 1 de julho e 9 de setembro de 2008;

CATÁLOGOS

- *Entre a Realidade e a Utopia – O Movimento Neo-Realista* (1993), Museu do Neo-Realismo;
- *Maria Barreira e Vasco da Conceição* (1995), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira;
- *O Neo-Realismo em Gravura* (1995), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira;
- *Alexandre Cabral – Um Escritor uma Época* (1996), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira;
- *A Imprensa Periódica na Génese do Movimento Neo-Realista – 1933-1945* (1996), Museu do Neo-Realismo;
- *Neo-Realismo Versus Surrealismo* (2000), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira;
- *Orlando da Costa – Os Olhos sem Fronteira* (2000), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira;
- *Carlos de Oliveira e a Perfeição da Escrita. O Movimento Neo-Realista e o Museu do Neo-Realismo* (2002), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira;
- *Abel Salazar* (2002), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira;
- *Avelino Cunhal* (2003), Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo;
- *Júlio Graça – Vida e Obra* (2003), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/ Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo;
- *José Farinha* (2004), Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo;
- *Álvaro Guerra – Razões de Liberdade* (2004), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira;
- *Centenário do Nascimento de Armindo Rodrigues – 1904-2004 – “Voz Arremessada ao Caminho”* (2004), Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo;
- *Um Tempo e Um Lugar – Dos Anos 40 aos Anos 60 / Dez Exposições Gerais de Artes Plásticas* (2005), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira;
- *Júlio Pomar – Desenho, Gravura e Pintura* (2005), Câmara Municipal de Mação;
- *Garcez da Silva – 1915 / 2006 – Uma Voz Polifónica* (2006), Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo;
- *Jorge de Oliveira* (2006), Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo;
- *Uma Arte do Povo pelo Povo e para o Povo. Neo-Realismo e Artes*

- Plásticas* (2007), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Museu do Neo-Realismo;
- *Arquimedes da Silva Santos*. “*Sonhando para os outros*” (2007), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Museu do Neo-Realismo;
- *Batalha pelo Conteúdo – O Movimento Neo-Realista Português* (2007), Câmara Municipal de Vila Franca de Xira;

BIBLIOGRAFIA

- BABELON, Jean-Pierre, CHASTEL, André. “Le fait familial. Le fait national”. In: BABELON, Jean-Pierre, CHASTEL, André. *La Notion de Patrimoine*. Paris: Éditions Liana Levi, 1994. p. 49-70.
- BENNETT, Tony. *The Birth of the Museum – History, Theory, Politics*. London: Routledge, 1995.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. “Waldisa R. C. Guarnieri: reflexos de uma trajetória profissional”. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e Contextos de uma Trajetória Profissional*. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p. 20-32.
- CAMACHO, Clara. *Renovação Museológica e Gênese dos Museus Municipais da Área Metropolitana de Lisboa 1974-90*. Tese de Mestrado em Museologia e Património, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, FCSH, 1999.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp, 2006.
- CHUVA, Márcia. “Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil”. In: *Revista do Patrimônio*, n.º 34/2012. Rio de Janeiro: IPHAN (organização: Márcia Chuva).
- DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-Chave de Museologia*. Tradução Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. Paris: Armand Colin, 2013.
- FILIPE, Maria da Graça. *O Ecomuseu Municipal do Seixal no Movimento Renovador da Museologia Contemporânea em Portugal (1979-1999)*, Tese de Mestrado em Museologia e Património, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, FCSH, 2000.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: Os Discursos do Patrimônio Cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. IPHAN, 1996.
- GRAÇA, Júlio (dir. da edição). *Encontro Neo-Realismo – Reflexões Sobre um Movimento, Perspectivas para um Museu*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 1999.
- GRANATO Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; FURTADO, Janaina Lacerda; GOMES, Luiz Paulo. “Objetos de ciência e tecnologia como

- fontes documentais para a história das ciências: resultados parciais”. In: ODONE, Nanci (org.); *Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: ANCIB; 2007. p. 1-15.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “História, memória e patrimônio”. In: *Revista do Patrimônio*, n.º 34/2012. Rio de Janeiro: IPHAN (organização: Márcia Chuva)
- MACDONALD, Sharon. Collecting Practices. In: MACDONALD, S. (ed.) *A Companion to Museum Studies*. Blackwell Publishing, 2006, p. 81-97.
- MARQUES, Maria da Luz. *Museu Romântico da Quinta da Macieirinha*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1996.
- MARTINS, Ana Margarida. *Casa Museu em Portugal: Modelos de Organização e Conceito*, Tese de Mestrado em Museologia e Património, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, FCSH, 1997.
- PEARCE, Susan (org.). *Interpreting Objects and Collections*. London, New York: Routledge, 1994.
- PEARCE, Susan. *Museums Objects and Collections – A Cultural Study*. London: Leicester University Press, 1992.
- PIMENTEL, Cristina. *O Sistema Museológico Português (1833-1991)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- POMIAN, Krzysztof. “A Coleção”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 1978.
- SCHARER, Martin R. In: DAVIS A.; MAIRESSE, F.; DESVALLÉS, A. (orgs.). *What Is a Museum?*. Paris: l’Harmattan, 2007. p. 163-170.
- SCHEINER, Tereza Moletta. “Defining Museum and Museology: an Ongoing Process”. In: DAVIS A.; MAIRESSE, F.; DESVALLÉS, A. (Orgs.). *What is a Museum?*. Paris: l’Harmattan, 2007. p. 93-105.
- SILVA, Garcez. *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca*. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.
- VIÇOSO, Victor (dir.). *Nova Síntese – Textos e Contextos do Neo-realismo*, n.º1 – 2006. Vila Franca de Xira: Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo; Editor e distribuidor – Porto: Campo das Letras, 2006.

CRONOLOGIA DO MNR

1969

- 29 de Novembro. Morre Alves Redol.

APÊNDICES

1970

- 7 de Abril: É criada a Comissão "Legado Alves Redol" (CLAR), constituída por António Mota Redol, José Cardoso Pires, Alberta Ferreira e Mário Ventura.

- É firmada a Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol, com o intuito de fundar esta entidade, obter condições para o seu funcionamento e realizar iniciativas relativas ao seu patrono, entre as quais a Casa-Museu Alves Redol.

1971

- 19 de Maio: É criada a Cooperativa de Consumo Centro Popular Alves Redol, S.C.R.L. (CPAR), que pretende divulgar a literatura portuguesa e, em particular, a obra de Alves Redol.

1979

- "Comemorações do 40.º Aniversário de Guinéa". Evolui a ideia da criação da Casa-Museu Alves Redol para a criação do Museu do Neo-Realismo.

1980

- Joaquim Narvado e António Mota Redol começam a estabelecer os primeiros contactos com escritores neo-realistas no sentido de persuadi-los a oferecerem os seus espólios.

1982

- Após promover dezenas de iniciativas, a Comissão "Legado Alves Redol" (CLAR) deixa de exercer atividade.

APÉNDICES

CRONOLOGIA DO MNR

1969

- 29 de Novembro. Morre António Alves Redol.

1970

- 9 de Abril. É criada a Comissão “Legado Alves Redol” (CLAR), constituída por António Mota Redol, José Cardoso Pires, Alberto Ferreira e Mário Ventura.
- É formada a Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol, com o intuito de fundar esta entidade, obter condições para o seu funcionamento e realizar iniciativas relativas ao seu patrono, entre as quais a Casa-Museu Alves Redol.

1971

- 19 de Maio. É criada a Cooperativa de Consumo Centro Popular Alves Redol, S.C.R.L (CPAR), que pretendia divulgar a literatura portuguesa e, em particular, a obra de Alves Redol.

1979

- “Comemorações do 40.º Aniversário de Gaibéus”. Evolui a ideia da criação da Casa-Museu Alves Redol para a criação do Museu do Neo-Realismo.

1980

- Joaquim Namorado e António Mota Redol começam a estabelecer os primeiros contatos com escritores neorealistas no sentido de persuadi-los a oferecerem os seus espólios.

1982

- Após promover dezenas de iniciativas, a Comissão “Legado Alves Redol” (CLAR) deixa de exercer atividade.

1983

- Inaugura a exposição “O Neo-Realismo e as Suas Margens”, na Figueira da Foz, considerada a primeira abordagem ao MNR.

1986

- 29 de dezembro. Morre Joaquim Namorado.

1987

- Rogério Ribeiro incentiva a continuidade do projeto. Carta ao Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Daniel Branco, de 2 de dezembro de 1987, solicitando uma reunião, assinada por Rogério Ribeiro e António Mota Redol.
- 10 de dezembro. Um grupo de pessoas (Rogério Ribeiro, António Mota Redol, Arquimedes da Silva Santos e Garcez da Silva) que se auto-intitula “Comissão Promotora do Museu do Neo-Realismo”, reúne-se com o Presidente da Câmara de Vila Franca de Xira, Daniel Branco, e apresenta um esboço do projeto do Museu do Neo-Realismo.
- Daniel Branco propõe o terreno junto à Escola Secundária Alves Redol, como possibilidade de instalação do MNR.

1988

- Em fevereiro, a Câmara Municipal cede provisoriamente as instalações do sótão do edifício da Assembleia Municipal.
- 10 de maio. Carta do Presidente da Câmara Municipal de VFX, Daniel Branco, convidando para a “sessão de apresentação e lançamento do Museu do Neo-Realismo” no dia 18 de maio, na Quinta Municipal de Suberra. Nesta carta, refere-se o “Grupo Promotor do Museu”, designação que no dia da sessão foi substituída por Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo.
- 18 de maio, Dia Internacional dos Museus. Reunião de divulgação do compromisso da Câmara Municipal em constituir o Museu do Neo-Realismo e tomada de posse da Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo (CIMNR), na Quinta da Sub-Serra em Vila Franca de Xira.
- 1.ª reunião da CIMNR, realizada em 14 de junho.
- Em setembro, são cedidas as instalações do 1.º andar do edifício da Assembleia Municipal.
- Em novembro, é elaborado o primeiro *Documento de Apresentação* do Museu, por Rogério Ribeiro.
- A autarquia apresenta a proposta de realização de um “concurso de ideias” para o projeto do Museu, contando com o apoio da Associação Portuguesa de Arquitectos.

1989

- “Comemorações do 50.º Aniversário de Gaibéus”.
- 1.ª exposição organizada pela CIMNR, realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, nas comemorações de 50 Anos de *Gaibéus* de Alves Redol (dezembro de 1989); primeira grande exposição sobre Alves Redol alguma vez realizada.
- Em fevereiro, é apontada pela CIMNR a falta de espaço para guardar e organizar o acervo existente.
- Em abril, surge a disponibilidade de ocupação do 2.º piso do edifício da Biblioteca Municipal. Também neste mês é apresentada a possibilidade de localização do Museu junto à estação de VFX.
- É suspenso o “concurso de ideias” por não estar ainda definido o local para a instalação do Museu.
- 18 de maio. Realiza-se a escritura da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo (APMNR), composta por 16 membros.
- 1.ª exposição de artes plásticas organizada pela CIMNR, *Júlio Pomar*, realizada na Galeria Municipal de Exposições (VFX) (dezembro).

1990

- Em abril, o Centro de Documentação é transferido para o 2.º piso do edifício da Biblioteca Municipal (tendo em vista a cedência do 1.º piso), tornando-se acessível a um público restrito.
- 2.ª exposição de artes plásticas organizada pela CIMNR, *Cipriano Dourado*, realizada na Galeria Municipal de Exposições (VFX) (outubro).

1991

- A APMNR começa a receber subsídios da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- 1.ª exposição organizada pelo Centro de Documentação do MNR: *50 Anos de Vida Literária de Manuel da Fonseca*, inaugurada em fevereiro de 1991, no Celeiro da Patriarcal (VFX); primeira grande exposição sobre Manuel da Fonseca alguma vez realizada.
- Em junho, exposição *Mário Dionísio – 50 Anos de Vida Literária (1941-1991)*, Celeiro da Patriarcal (VFX), organizada pela CIMNR (e no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, em 1992). Primeira grande exposição sobre Mário Dionísio alguma vez realizada.
- Em setembro, é apresentada uma lista de locais possíveis para a instalação do MNR; a Câmara Municipal aprova as obras a realizar no 1.º e 2.º pisos do edifício e atribui a sua adjudicação a um empreiteiro.
- Através de concurso publicitado em vários jornais pela CIMNR, Luís Augusto Costa Dias é seleccionado para responsável do Centro de Documentação.

- 1.^a reunião da Assembleia Geral da APMNR, realizada em Coimbra, nas instalações da revista *Vértice*, em 8 de novembro de 1991.
- Em 27 de novembro, é assinado o primeiro contrato de doação de um espólio literário: o de Manuel da Fonseca. Seguem-se os espólios de outros escritores.
- Em dezembro, Luís Augusto Costa Dias elabora um documento que define a estrutura, organização e funções do Centro de Documentação: *Museu do Neo-Realismo – Centro de Documentação do Neo-Realismo*.

1992

- É apresentado o texto *Museu do Neo-Realismo: Proposta Para Uma Unidade Estrutural de Arrumação e Funcionamento*, da autoria de Júlio Graça.
- Em 23 de setembro, é assinado o contrato de doação da biblioteca de Aleixo Ribeiro, o primeiro acervo de um escritor a ser entregue ao Museu (o que se verificou alguns meses antes, tendo o contrato sido realizado mais tarde).
- Exposição *Carlos de Oliveira: 50 Anos na Literatura Portuguesa*, organizada pela CIMNR, realizada no edifício Chiado (Câmara Municipal de Coimbra), em 1992, mas inaugurada no Centro Cultural Mala Posta (Olival Basto), em junho (no âmbito da AMASCULTURA); primeira grande exposição sobre Carlos de Oliveira alguma vez realizada.

1993

- Em janeiro, inauguração das exposições *50 Anos Depois: Vértice e 50 Anos Depois: Joaquim Namorado*, no Celeiro da Patriarcal (VFX), com a presença do Presidente da República, Mário Soares, durante uma Presidência Aberta; primeiras grandes exposições sobre *Vértice* e Joaquim Namorado alguma vez realizadas.
- Tendo surgido divergências entre a CIMNR e Luis Augusto Costa Dias, é realizada uma tentativa de esclarecer as respectivas funções, dando lugar a vários documentos entre os quais *Funções da Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo – Relações com o Departamento Cultural da Câmara Municipal*, de Garcez da Silva e António Mota Redol e *Museu do Neo-Realismo*, de Júlio Graça, este datado de 7 de Abril de 1993. As reuniões entre a CIMNR e Luís Augusto Costa Dias passam a ser acompanhadas pela responsável do Departamento de Acção Sócio-Cultural da Câmara Municipal (DASC) e pela responsável dos Museus.
- Remodelação das instalações do 1.º e 2.º pisos.
- 4 de dezembro. Abre ao público o Centro de Documentação do Museu do Neo-Realismo, é inaugurado o Museu do Neo-Realismo e a sua exposição permanente *Entre a Realidade e a Utopia – O Movimento Neo-Realista*.
- No mesmo dia a APMNR elege os corpos gerentes para o período de um ano.
- É colocada em questão a continuidade da CIMNR.

1994

- Em novembro, é assinado o Protocolo de cooperação mútua com a Universidade de Nápoles. Também neste ano tem início a inventariação de obras de artes plásticas nas mãos de particulares e de instituições.

1995

- Exposição *Maria Barreira/ Vasco da Conceição – Escultura*, organizada pela CIMNR e realizada na Galeria de Exposições de Alverca (junho).
- Castro Rodrigues elabora o documento *Referências Para (Um) Programa de Projecto do Museu do Neo-Realismo – MNR – E Outras Considerações Teóricas e Pouco Práticas, Pertinentes Um, Outras Nem Isso*.
- Em outubro, realiza-se uma reunião na Padaria do Povo, em Campo de Ourique, local onde funcionou a Universidade Popular, para discutir os documentos de Rogério Ribeiro e de Francisco Castro Rodrigues.

1996

- Ana Margarida Martins elabora o texto *Proposta dos Espaços Funcionais Para o Museu do Neo-Realismo*.
- Começa o processo de transferência de funções da CIMNR para a APMNR.
- No dia 29 de abril, a CIMNR realiza a sua última reunião.
- Exposição *A Imprensa Periódica na Génese do Movimento Neo-Realista*, organizada pelo MNR e realizada na Galeria de Exposições da Biblioteca Municipal (VFX).

1997

- Encontro “Neo-Realismo – Reflexões Sobre um Movimento, Perspectivas para um Museu”, no Palácio do Sobralinho (Vila Franca de Xira). Abre ao público a Biblioteca especializada do Neo-Realismo.
- Maria da Luz Rosinha é eleita como representante do Partido Socialista, substituindo Daniel Branco na presidência da autarquia. Luís Augusto Costa Dias, em conflito com a Presidente e com a Veradora da Cultura, acaba por se demitir de funcionário da Câmara Municipal.

1998

- Surge um novo programa, *Proposta para o Programa do Museu do Neo-Realismo*, da autoria de Ana Margarida Martins.

1999

- A Presidente da Câmara Municipal pretende instalar o Museu no Teatro Salvador Marques, em Alhandra, há muito abandonado.

- Em maio, Rogério Ribeiro, Arquimedes da Silva Santos, Garcez da Silva e António Mota Redol entregam à Presidente da Câmara Municipal um documento intitulado “Texto Expondo a Posição dos Fundadores do Museu do Neo-Realismo”, em que se opõem à transferência do Museu para Alhandra.
- Em junho, a Câmara Municipal reúne-se com a Junta de Freguesia de Alhandra. É colocada a hipótese de instalação do Museu naquela localidade.
- Em dezembro, a autarquia decide avançar com a proposta de adaptação do espaço do teatro ao Museu do Neo-Realismo.

2000

- Organização do “Movimento de Opinião Pública em Defesa do Museu do Neo-Realismo na Cidade de Vila Franca de Xira”. Em abril, é publicado o documento *Pela Permanência do Museu do Neo-realismo em Vila Franca*, circula um abaixo-assinado que recolhe mais de 2.500 assinaturas, apresentado numa conferência de imprensa realizada provavelmente a 25 de maio.
- Em maio, Maria da Luz Rosinha aceita a decisão tomada por maioria de votos da Assembleia Geral da APMNR, realizada neste mês, contra a transferência do Museu para Alhandra.
- Em outubro, conclui-se um abaixo-assinado de 33 dos mais relevantes escritores portugueses apoiando a permanência do Museu em Vila Franca de Xira, publicado em vários jornais a expensas da APMNR. Realizou-se, também, um abaixo-assinado de gente ligada ao teatro.
- Em outubro, inicia-se a procura de solução para o Teatro Salvador Marques e a definição de terreno para construção do MNR em Vila Franca de Xira.
- Em dezembro, é definitivamente afastada a hipótese de instalação do MNR em Alhandra.

2001

- Em março, é aprovada pela Câmara Municipal uma proposta de permuta. Fica livre uma parte do Pátio do Casquinha para a construção das novas instalações do Museu.
- A Câmara Municipal adjudica o projeto ao arquiteto Alcino Soutinho.
- Ana Margarida Martins altera a *Proposta de Programa para o Museu do Neo-Realismo.*, adaptando-o ao projeto do arquiteto e elabora o texto *Museu do Neo-Realismo: Novos Espaços.*
- A 21 de maio, é realiza-se a eleição dos Corpos Gerentes da Associação Promotora e a formalização da transferência de papéis da CIMNR para a APMNR.
- Em setembro, é apresentado à Câmara Municipal o “Estudo Prévio” elaborado pelo arquiteto Alcino Soutinho.

2002

- Exposição *O Movimento Neo-Realista e o Museu do Neo-Realismo*, organizada pelo MNR e realizada no Celeiro da Patriarcal (VFX) (junho), em que a maquete do Museu é exposta.

2003

- No dia 14 de março, é apresentado publicamente, por iniciativa da Presidente, o projeto final e a maquete do Museu, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- Em junho, por ação de Maria da Luz Rosinha, o projeto candidata-se ao POC e em setembro candidata-se ao PIDACC. Ambas as candidaturas são rejeitadas.

2004

- O projeto é novamente submetido ao POC.
- É apresentado um breve *Programa de Apresentação do Museu do Neo-Realismo*, elaborado por Graça Nunes e Idalina Mesquita.
- Exposição *Júlio Pomar – Desenho, Gravura, Pintura*, organizada pela APMNR e realizada na Biblioteca Municipal Calouste Gulbenkian (Câmara Municipal de Mação), em dezembro.

2005

- Em fevereiro, a Câmara Municipal de VFX abre o concurso público para a construção do MNR.
- No dia 11 de fevereiro, é aprovada a candidatura ao POC.
- Por despacho do Primeiro-Ministro Pedro Santana Lopes de 4 de março de 2005, a APMNR é declarada “pessoa coletiva de utilidade pública”.
- Em setembro, iniciam-se as obras de construção do MNR. Inaugura a exposição *Um Tempo e Um Lugar – Dos Anos 40 aos Anos 60 / Dez Exposições Gerais de Artes Plásticas*, que vence o “Prémio Exposição” da Associação Portuguesa de Museus, atribuído à melhor exposição do ano.

2007

- No dia 18 de junho, terminam as obras de construção do novo edifício.
- A 20 de outubro, são inauguradas as novas instalações do Museu, com a presença do Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, a Ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, a Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Maria da Luz Rosinha, e demais autarcas do concelho, Presidentes de Câmara e autarcas de outras localidades, representantes de várias instituições, muitas individualidades do meio político e cultural do país, os elementos vivos da APMNR e milhares de pessoas.

LISTA DAS ACTIVIDADES REALIZADAS NO ÂMBITO DAS COMEMORAÇÕES DO 50.º ANIVERSÁRIO DE GAIBÉUS (1989-1990)¹

- Prémios Alves Redol de Revelação, nas modalidades de romance e conto, organizados pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- Concurso de banda desenhada subordinada ao tema “A Obra de Alves Redol”, para jovens dos 10 aos 25 anos organizado, ao nível nacional, pela Cooperativa Alves Redol.
- Exposição *Escritores Neo-Realistas do Concelho de Vila Franca de Xira* (exposição n.º 9).
- Exposição com trabalhos de pintura de Manuel Filipe da designada “fase negra” (anos 40).
- Exposição com trabalhos de pintura, gravura e desenho de Júlio Pomar (exposição n.º 6).
- Circulação da exposição *Gaibéus e o Seu Tempo* por várias localidades, onde se realizaram debates e sessões com grupos de teatro.
- Distribuição de milhares de exemplares da bio-bibliografia de Alves Redol.
- Grande exposição bio-bibliográfica sobre Alves Redol (Fundação Calouste Gulbenkian), revelando, também, o seu recanto de trabalho e mostrando, ainda, trabalhos de Manuel Ribeiro de Pavia, Júlio Pomar, Lima de Freitas, José Rocha, ilustrando obras do escritor e diversas pinturas que o retratam. Esta exposição esteve, posteriormente, em Vila Franca de Xira, no Celeiro da Patriarcal (exposição n.º 5).
- Encontro de reflexão sobre o Neo-Realismo, em que participaram vários escritores e investigadores.
- Edição do livro *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca*, de Garcez da Silva.
- Edição de uma medalha comemorativa, realizada pelo escultor José Aurélio.

¹ Informação fornecida por António Mota Redol em nota escrita datada de 11 de Junho de 2001.

- Os CTT lançaram neste ano um postal comemorativo, estando presente o seu Vice-Presidente, Eng. Pedro Santos Coelho. Foram assinadas, pelos respectivos herdeiros, as cópias de doação dos espólios de Alves Redol, Mário Sacramento e Orlando da Costa.

- Inauguração da exposição *Batalha Pelo Continente - Movimento Neo-Realista Português* Arquivo de Silva Santos - *Sobretudo Para os Outros*.

LISTA DAS ACTIVIDADES REALIZADAS NO ÂMBITO DAS COMEMORAÇÕES DO 50.º ANIVERSÁRIO DE GAIBÉUS (1989-1990)

- Prémios Alves Redol de Revelação, nas modalidades de romance e conto, organizadas pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- Concurso de banda desenhada subordinada ao tema "A Onda de Alves Redol", para jovens dos 10 aos 25 anos organizado, ao nível nacional, pela Cooperativa Alves Redol.
- Exposição *Escritores Neo-Realistas* do Conselho de Vila Franca de Xira (exposição n.º 8).
- Exposição com trabalhos de pinturas de Manuel Filipe da designada "fase negra" (anos 40).
- Exposição com trabalhos de pinturas, gravuras e desenhos de Jélio Pomar (exposição n.º 6).
- Circulação da exposição *Gaibéus e o Seu Tempo* por várias localidades, onde se realizaram debates e sessões com grupos de teatro.
- Distribuição de milhares de exemplares da bio-bibliografia de Alves Redol.
- Grande exposição bio-bibliográfica sobre Alves Redol (Fundação Calouste Gulbenkian), realizada, também, o seu recanto de trabalho e residência, ainda, trabalhos de Manuel Ribeiro de Paris, Jélio Pomar, Lima de Freitas, José Rocha, ilustrando obras do escritor e diversas pinturas que o retratam. Esta exposição esteve, posteriormente, em Vila Franca de Xira, no Celso da Paranael (exposição n.º 2).
- Encontro de reflexão sobre o Neo-Realismo, em que participaram vários escritores e investigadores.
- Edição do livro *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca*, de Gomes da Silva.
- Edição de uma medalha comemorativa, realizada pelo escultor José Aurélio.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Ata da reunião da Comissão “Legado Alves Redol” (CLAR), realizada no dia 18 de outubro de 1972.
- Figura 2** – Circular n.º 1, abril de 1970, Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol (CPAR).
- Figura 3** – Catálogo da exposição *O Neo-Realismo e as Suas Margens – I Descoberta e Afirmação*, 1983, Figueira da Foz.
- Figura 4** – Livro *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca*, de Garcez da Silva, Editorial Caminho, 1990.
- Figura 5** – Carta ao Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Daniel Branco, de 2 de dezembro de 1987.
- Figura 6** – 1.ª página da ata manuscrita por AMR da 1.ª reunião do “Grupo Fundador” com o Presidente da Câmara Municipal de VFX, em 10 de dezembro de 1987.
- Figura 7** – Carta do Presidente da Câmara Municipal de VFX, Daniel Branco, de 10 de maio de 1988.
- Figura 8** – 1.ª página de *Museu do Neo-Realismo* [“Documento de Apresentação”], 18 de maio de 1988.
- Figura 9** – 1.ª página da ata manuscrita por AMR da 1.ª reunião da CIMNR, realizada em 14 de junho de 1988.
- Figura 10** – Ato de outorga da escritura pública de constituição da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo (APMNR).
- Figura 11** – 1.ª página da escritura pública de constituição da APMNR, realizada em 18 de maio de 1988.
- Figura 12** – Assinaturas dos outorgantes da mesma escritura.
- Figura 13** – Ata da 4.ª reunião da CIMNR, de 13 de outubro de 1988.
- Figura 14** – Fotografia do edifício das antigas instalações da Biblioteca Municipal e do Museu Municipal de VFX, na Rua José Dias da Silva.
- Figura 15** – Notícia no jornal *Correio da Manhã*, de 23 de maio de 1988.

Figura 16 – Artigo no jornal *Diário de Lisboa*, de 26 de maio de 1988.

Figura 17 – Artigo no jornal *Diário de Notícias*, de 16 de julho de 1989.

Figura 18 – 1.ª página do contrato de doação da biblioteca do escritor Aleixo Ribeiro.

Figura 19 – 1.ª página do inventário anexo ao contrato de doação do espólio literário de Manuel da Fonseca, 27 de novembro de 1991.

Figura 20 – Fotografia da sala de espólios nas instalações do Museu, na Rua José Dias da Silva.

Figura 21 – Inauguração do Centro de Documentação do Neo-Realismo/Museu do Neo-Realismo, 1993.

Figura 22 – Fotografia da exposição *Entre a Realidade e a Utopia – O Movimento Neo-Realista*, 1993.

Figura 23 – Catálogo da exposição *Entre a Realidade e a Utopia – O Movimento Neo-Realista*, 1993.

Figura 24 – 1.ª página da ata da 1.ª reunião da Assembleia Geral da APMNR, realizada em 8 de novembro de 1991.

Figura 25 – 1.ª página da ata da última reunião da CIMNR, realizada em 29 de abril de 1996.

Figura 26 – 1.ª página da carta enviada à Presidente da Câmara Municipal de VFX, Maria da Luz Rosinha, em maio de 1999.

Figura 27 – 1.ª circular do “Movimento de Opinião Pública em Defesa do Museu do Neo-Realismo na Cidade de Vila Franca de Xira”.

Figura 28 – Notícia do jornal *Vida Ribatejana*, de 31 de maio de 2000, sobre abaixo-assinado com 2500 assinaturas opondo-se à saída de Vila Franca de Xira do Museu do Neo-Realismo.

Figura 29 – Recorte de *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (JL), de 15 de novembro de 2000, com o abaixo-assinado de 33 dos mais relevantes escritores portugueses.

Figura 30 – Fotografia da sessão presidida por Rogério Ribeiro e realizada na Padaria do Povo, em Campo de Ourique (Lisboa).

Figura 31 – Arquiteto Alcino Soutinho no catálogo da exposição sobre a sua obra, na Biblioteca Municipal de VFX, em maio de 2007.

Figura 32 – Recorte de *Jornal do Vale do Tejo*, de 20 de março de 2003, sobre a apresentação do projeto do MNR.

Figura 33 – Documento em que o Governo de Pedro Santana Lopes reconhece a APMNR como “pessoa coletiva de utilidade pública”, 7 de março de 2005.

Figura 34 – Anúncio em vários jornais referindo os 23 espólios incorporados no Museu do Neo-Realismo, até ao ano de 2005.

Figura 35 – Recorte de *Vida Ribatejana*, de 17 de outubro de 2007, sobre a próxima inauguração das novas instalações do Museu.

Figura 36 – Fotografia de Maria da Luz Rosinha e António Mota Redol, na inauguração das novas instalações do Museu.

Figura 37 – Caderno do jornal *Público* de 20 de outubro de 2007.

Figura 38 – Notícia no jornal *O Primeiro de Janeiro*, de 21 de Outubro de 2007, sobre a inauguração das novas instalações do Museu do Neo-Realismo.

Figura 39 – Fotografia da inauguração da placa a assinalar a casa onde nasceu Cipriano Dourado.

Figura 40 – Fotografia da inauguração da placa a assinalar a casa onde nasceu Álvaro Guerra.

Figura 41 – Fotografia da sessão na Câmara Municipal de VFX, sobre Aleixo Ribeiro e Leão Penedo, realizada em 6 de abril de 1992.

Figura 42 – Fotografia da sessão no Café Central, em VFX, para apresentação de uma serigrafia representando Alves Redol editada pela Câmara Municipal.

Figura 43 – Fotografia da sessão de poesia dedicada a Joaquim Namorado, no 20.º aniversário do seu falecimento, realizada em 20 de janeiro de 2007.

Figura 44 – Fotografia da sessão de apresentação do n.º 1 da revista *Nova Síntese*, realizada em 31 de março de 2007, no Clube Vila-franquense.

Figura 45 – Catálogo da 1.ª exposição organizada pela CIMNR, 1989, Fundação Calouste Gulbenkian.

Figura 46 – Catálogo da 1.ª exposição organizada pelo Centro de Documentação do MNR: *50 Anos de Vida Literária de Manuel da Fonseca*, 1991, Vila Franca de Xira.

Figura 47 – Catálogo da exposição *Mário Dionísio – 50 Anos de Vida Literária (1941-1991)*, 1991, Celeiro da Patriarcal (VFX); 1992, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

Figura 48 – Fotografia da inauguração das exposições *50 Anos Depois: Vértice* e *50 Anos Depois: Joaquim Namorado*, em 1993, no Celeiro da Patriarcal (VFX).

Figura 49 – Fotografia da exposição *Carlos de Oliveira: 50 Anos na Literatura Portuguesa*, organizada pela CIMNR, em 1992, no edifício Chiado (Câmara Municipal de Coimbra).

Figura 50 – Fotografia da inauguração da exposição *Armindo Rodrigues. Centenário do Nascimento*, em 2004, na Ordem dos Médicos (Lisboa).

Figura 51 – Anuncio no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (JL), de 10 a 23 de novembro de 2004, da exposição sobre o Centenário do Nascimento de Armindo Rodrigues.

Figura 52 – Catálogo da exposição *Arquimedes da Silva Santos – Sonhando Para os Outros*, 2007, MNR (novas instalações).

Figura 53 – Fotografia da exposição *O Movimento Neo-Realista e o Museu do Neo-Realismo*, em 2002, no Celeiro da Patriarcal (VFX).

Figura 54 – Catálogo da exposição *A Imprensa Periódica na Génese do Movimento Neo-Realista*, 1996, Vila Franca de Xira.

Figura 55 – Catálogo da exposição *Batalha Pelo Conteúdo – Movimento Neo-Realista Português*, 2007, MNR (novas instalações).

Figura 56 – Catálogo da exposição *Um Tempo e Um Lugar – Dos Anos Quarenta aos Anos Sessenta / Dez Exposições Gerais de Artes Plásticas*, 2005, Vila Franca de Xira.

Figura 57 – Catálogo da exposição *Júlio Pomar*, 1989, Vila Franca de Xira.

Figura 58 – Catálogo da exposição *Cipriano Dourado*, 1990, Vila Franca de Xira.

Figura 59 – Catálogo da exposição *Maria Barreira/Vasco da Conceição – Escultura*, 1995, Alverca.

Figura 60 – Catálogo da exposição *Júlio Pomar – Desenho, Gravura, Pintura*, em 2004/2005, em Mação.

Figura 61 – Fotografia da exposição *Carlos de Oliveira e a Perfeição da Escrita*, realizada em 2003, no Celeiro da Patriarcal (VFX).

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1.1** – Verbas concedidas pela Câmara Municipal ao projeto do MNR e contas anuais da APMNR (de 1989 a 1994).
- Quadro 1.2** – Verbas concedidas pela Câmara Municipal ao projeto do MNR e contas anuais da APMNR (de 1995 a 1999).
- Quadro 1.3** – Verbas concedidas pela Câmara Municipal ao projeto do MNR e contas anuais da APMNR (de 2000 a 2003).
- Quadro 1.4** – Verbas concedidas pela Câmara Municipal ao projeto do MNR e contas anuais da APMNR (de 2004 a 2007).
- Quadro 2.1** – Conteúdos do Espólio Literário de Manuel da Fonseca.
- Quadro 2.2** – Conteúdos do Espólio Literário de Soeiro Pereira Gomes.
- Quadro 2.3** – Conteúdos do Espólio Literário de Armindo Rodrigues.
- Quadro 2.4** – Conteúdos do Espólio Literário de Alexandre Cabral.
- Quadro 2.4.1** – Obras de arte do Espólio de Alexandre Cabral (propriedade do MNR).
- Quadro 2.5** – Conteúdos do Espólio Literário de Joaquim Namorado.
- Quadro 2.6** – Conteúdos do Espólio Literário de José Ferreira Monte.
- Quadro 2.7** – Conteúdos do Espólio Literário de Leão Penedo.
- Quadro 2.8** – Conteúdos do Espólio Literário de Faure da Rosa.
- Quadro 2.9** – Conteúdos do Espólio Literário de Carlos Coutinho.
- Quadro 2.10** – Conteúdos do Espólio Literário de Júlio Graça.
- Quadro 2.11** – Conteúdos do Espólio Literário de Álvaro Feijó.
- Quadro 2.12** – Conteúdos do Espólio Literário de Manuel Campos Lima.
- Quadro 2.13** – Conteúdos do Espólio Literário de Orlando da Costa.
- Quadro 2.14** – Conteúdos do Espólio Literário de Antunes da Silva.
- Quadro 2.15** – Conteúdos do Espólio Literário de Mário Braga.
- Quadro 2.16** – Conteúdos do Espólio Literário de Alves Redol.

Quadro 2.17 – Conteúdos dos Espólios Literários de Joaquim Lagoeiro, de Arquimedes da Silva Santos e de Alexandre Babo.

Quadro 2.18 – Conteúdos dos Espólios Literários de Garcez da Silva, de Mário Sacramento e de Jorge Reis.

Quadro 2.19 – Conteúdos dos Espólios Literários de Arsénio Mota, de Carlos de Oliveira e de José da Fonte Santa.

Quadro 2.20 – Conteúdos do Espólio Editorial *Vértice*.

Quadro 2.21 – Conteúdos do Espólio de *Edições Cosmos*.

Quadro 2.22 – Conteúdos dos Espólios Editoriais *O Diabo e Horizonte*.

Quadro 2.23 – Conteúdos do Espólio do Cineclub Vila-franquense.

Quadro 2.24 – Conteúdos do Espólio Artístico de José Dias Coelho.

Quadro 2.25 – Conteúdos dos Espólios Artísticos de Francisco Castro Rodrigues, de Jorge de Oliveira e de João Machado da Costa e Natércia Costa.

Quadro 2.26 – Conteúdos do Espólio Artístico de Rui Filipe.

Quadro 2.27 – Conteúdos do Espólio Artístico de Maria Barreira e Vasco Pereira da Conceição.

Quadro 2.28 – Conteúdos do Espólio Artístico-Literário de Avelino Cunhal.

Quadro 2.29 – Conteúdos da “Coleção de Artes Plásticas” e da “Coleção de Artes Decorativas e Outros Objetos”¹.

Quadro 2.30 – Legados Pessoais.

Quadro 2.31 – Legados Pessoais (cont.).

Quadro 2.32 – Legados Institucionais.

Quadro 2.33 – Legados Artísticos.

Quadro 2.34 – Legados “Vários”.

Quadro 3.1 – Autoria da organização e da curadoria das exposições (1 a 13).

Quadro 3.2 – Autoria da organização e da curadoria das exposições (14 a 26).

Quadro 3.3 – Autoria da organização e da curadoria das exposições (27 a 41).

Quadro 3.4 – Autoria da organização e da curadoria das exposições (42 a 51).

Quadro 3.5 – Autoria da organização e da curadoria das exposições (52 a 63).

¹ “A “coleções de Artes Plásticas” e a coleção de “Artes Decorativas e Outros Objetos”, integram obras provenientes dos espólios. Para esta contabilização foram consideradas, até esta data, só as provenientes dos Espólios Literários (quadros 2.1 a 2.19), dos Espólios Editoriais (quadros 2.20 a 2.23), do Espólio de José Dias Coelho (quadro 2.24) e uma pintura do Espólio de Avelino Cunhal (quadro 2.28). A primeira, integra também obras de arte contemporânea (informação fornecida por Luísa Duarte Santos, no dia 25 de Julho de 2011).

Quadro 4.1 – Classificação das exposições segundo as categorias *Vida e Obra e Apresentação do Museu*.

Quadro 4.2 – Classificação das exposições segundo as categorias *Movimento Neorrealista e seu contexto histórico e Artes Plásticas*.

Quadro 5.1 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (1 a 9).

Quadro 5.2 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (10 a 18).

Quadro 5.3 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (19 a 29).

Quadro 5.4 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (30 a 39).

Quadro 5.5 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (40 a 52).

Quadro 5.6 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (53 a 63).

Quadro 6 – Relação Espólio/Exposições.

Quadro 7 – Relação Autor/Exposições.

Quadro 8.1 – Organização dos conteúdos de algumas exposições realizadas no âmbito do projeto do MNR (I).

Quadro 8.2 – Organização dos conteúdos de algumas exposições realizadas no âmbito do projeto do MNR (II).

Quadro 8.3 – Organização dos conteúdos de algumas exposições realizadas no âmbito do projeto do MNR (III).

Quadro 8.4 – Organização dos conteúdos de algumas exposições realizadas no âmbito do projeto do MNR (IV).

Quadro 8.5 – Organização dos conteúdos de algumas exposições realizadas no âmbito do projeto do MNR (V).

Quadro 9 – Outras exposições realizadas.

Quadro 7.1 – Verbas concedidas pelo Calouste Gulbenkian

| Ano | Montante (Escudos) | Observações |
|------|--------------------|-------------|
| 1959 | 100.000 | 1.º lote |
| 1960 | 100.000 | 2.º lote |
| 1961 | 100.000 | 3.º lote |
| 1962 | 100.000 | 4.º lote |
| 1963 | 100.000 | 5.º lote |
| 1964 | 100.000 | 6.º lote |

Arquivo Municipal de Vila Rica, Livros de Atas das reuniões do Conselho de Administração do Museu do Neo-Realismo (1959 a 1964)

Quadro 1.1 – Verbas concedidas pela Câmara Municipal ao projeto do MNR e contas anuais da APMNR (de 1989 a 1994)

| Ano | Câmara Municipal de VFX | | | | APMNR | | Saldo Bancário |
|------|-------------------------|-------------------|-------------------|-----------------------|----------------|---|----------------|
| | Montante Previsto | Montante Entregue | Montante Recebido | Balanco Custos/Perdas | Saldo Bancário | | |
| 1989 | 100.000\$00 | 35.000\$00 | - | - | - | - | - |
| 1990 | 1.000.000\$00 | 465.000\$00 | - | - | - | - | - |
| 1991 | 100.000\$00 | 6.000\$00 | - | - | -103.156\$00 | - | 59.420\$00 |
| 1992 | 4.500.000\$00 | 3.000.000\$00 | 3.000.000\$00 | 3.000.000\$00 | 1.967.953\$00 | - | 814.610\$00 |
| 1993 | 4.000.000\$00 | 3.996.000\$00 | 4.163.000\$00 | 4.163.000\$00 | 1.055.687\$00 | - | 751.664\$00 |
| 1994 | 4.500.000\$00 | 4.500.000\$00 | 4.458.000\$00 | 4.458.000\$00 | 3.509.718\$00 | - | 4.328.972\$00 |

Fontes:

– Arquivo Municipal de VFX (Livros de atas das reuniões da Câmara, de 1989 a 1994).

– Relatório das Contas da APMNR (1989 a 1994)

Quadro 1.2 – Verbas concedidas pela Câmara Municipal ao projeto do MNR e contas anuais da APMNR (de 1995 a 1999)

| Ano/Rúbrica | Câmara Municipal de VFX | | APMNR | | |
|-------------|----------------------------------|-------------------|-------------------|-----------------------|----------------|
| | Montante Previsto | Montante Entregue | Montante Recebido | Balanco Custos/Perdas | Saldo Bancário |
| 1995 | Apoio à APMNR | 4.500.000\$00 | 4.900.000\$00 | 2.753.247\$00 | 7.150.389\$00 |
| | Promoção Atividades | 800.000\$00 | | | |
| 1996 | Apoio à APMNR | 4.500.000\$00 | 5.000.000\$00 | 3.508.909\$00 | 11.265.411\$00 |
| | Promoção Atividades | 800.000\$00 | | | |
| 1997 | Apoio à APMNR | 4.500.000\$00 | 4.500.000\$00 | 2.575.598\$00 | 14.055.402\$00 |
| | Promoção Atividades | 900.000\$00 | | | |
| 1998 | Apoio à APMNR | 4.500.000\$00 | 4.700.000\$00 | 1.959.937\$00 | 15.942.920\$00 |
| | Exposições/Atividades educativas | 200.000\$00 | | | |
| | Outros | 1.166.000\$00 | | | |
| 1999 | Apoio à APMNR | 4500.000\$00 | 1.125.000\$00 | - 2.960.525\$00 | 1.199.537\$00 |
| | Exposições/Atividades educativas | 958.000\$00 | | | |
| | Outros | 922.000\$00 | | | |

Fontes:

- Arquivo Municipal de VFX (Livros de atas das reuniões da Câmara, de 1995 e 1996).
- Edifício Sede da Câmara Municipal de VFX (Contas de Gerência, de 1997 a 1999).
- Relatório das Contas da APMNR (1995 a 1999)

Quadro 1.3 – Verbas concedidas pela Câmara Municipal ao projeto do MNR e contas anuais da APMNR (de 2000 a 2003)

| Ano/Rúbrica | Câmara Municipal de VFX | | APMNR | |
|-------------|-------------------------|-------------------|-------------------|-----------------------|
| | Montante Previsto | Montante Entregue | Montante Recebido | Balanco Custos/Perdas |
| 2000 | 8.250.000,00\$00 | 0 | | Saldo Bancário |
| | 1.727.000\$00 | 1.575.000\$00 | - | - 2.796.608\$00 |
| | 2.150.000\$00 | 2.698.000\$00 | | |
| 2001 | 8.250.000\$00 | 1.500.000\$00 | 1.500.000\$00 | |
| | 275.000\$00 | 152.000\$00 | | |
| | 866.000\$00 | 827.000\$00 | | |
| 2002 | 33.669,00€ | 78.569,00€ | | |
| | 40.000,00€ | 2.021,00€ | 22.445,88€ | 20.176,32€ |
| | 18.270,00€ | 18.760,00€ | | 39.679,12€ |
| 2003 | 12.046,76€ | 3.997,21€ | | |
| | 205.980,00€ | 179.431,90€ | 46.762,25€ | 20.765,77€ |
| | 1.800,00€ | 4.284,00€ | | 481.924,81€ |
| | 20.000,00€ | 9.221,95€ | | |

Fontes:

– Edifício Sede da Câmara Municipal de VFX (Atas das reuniões de 2001 a 2003).

– Relatório das Contas da APMNR (2000 a 2003)

Quadro 1.4 – Verbas concedidas pela Câmara Municipal ao projeto do MNR e contas anuais da APMNR (de 2004 a 2007)

| Ano/Rúbrica | Câmara Municipal de VFX | | APMNR | | |
|-------------|-------------------------|-------------------|-------------------|-----------------------|------------|
| | Montante Previsto | Montante Entregue | Montante Recebido | Balanco Custos/Perdas | |
| 2004 | 20.000,00€ | 9.221,95€ | 22.445,88€ | 9.621,78€ | 15.682,17€ |
| | 20.000,00€ | 9.221,95€ | | | |
| 2005 PPI | 3.286.872,00€ | 1.193,05€ | 46.409,80€ | 18.670,72€ | 36.615,32€ |
| | 22.653,00€ | 12.676,37€ | | | |
| 2006 PPI | 4.284.568,37€ | 2.069.271,94€ | 18.704,90€ | - 5.147,14€ | 28.781,45€ |
| | 2.430.487,87€ | 2.284.100,24€ | | | |
| 2007 PPI | | | 12.541,00€* | -5.747,53€ | 20.970,91€ |

* O montante recebido em 2007 teve origem num donativo de um sócio da APMNR (10.000€) e num subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian (o restante).

Fontes:

– Disponível em: <www.cm-vilafrancaxira.pt>. Acesso em: Jun. 2008.

– Relatório das Contas da APMNR (2004 a 2007)

Quadro 2.1 – Conteúdos do Espólio Literário de Manuel da Fonseca

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|------------------------------|---|------------------|-----------------|
| Poesia | (versões e edições) Originais dactilografados; recorte impresso; fotocópia de texto impresso; fotocópia incompleta de original dactilografado; cópias dactilografadas de anotações; | 7 docs. | |
| Ficção Narrativa | Romance, contos novelas e crónicas; originais dactilografados (com emendas); recortes de imprensa; colagens de recortes; fotocópias de provas tipográficas; prova tipográfica (com emendas, e censuradas); cópias dactilografadas; originais manuscritos (de apontamentos); fotocópia dactilografada; | 9 docs. | |
| Teatro e Cinema | Policópia com emendas de guião teatral; originais dactilografados (de apontamentos, com emendas, e truncados); fotocópias de jornais; original dactilografado de guião para televisão; originais manuscritos de guiões cinematográficos; recortes impressos; | 6 docs. | |
| Ensaio, Crítica e Jornalismo | Ensaio, crítica e crónica jornalística: colagens de recortes (com emendas); originais dactilografados; colagem de fotocópias de recorte impresso; recortes impressos; | 10 docs. | 7 cx. |
| Correspondência | Expedida (De 25 Setembro 1990 a 25 Outubro 1990); Recebida (De 15 Outubro 1959 a 21 Setembro 1990); | 13 docs. | Total: ~ 646 |
| Vária | Relação de Edições das obras, traduções, transcrições e Diploma da Ordem de Sant'ago: cópias dactilografadas; fotocópia de texto dactilografado; original misto; | 5 docs. | documentos |
| Fotografias | Manuel da Fonseca; Cenas do Filme Cerro Maior; | 50 fotograf. | |
| Impressos | Recortes de imprensa: críticas às obras, referências gerais à obra, depoimentos e entrevistas; Reportagens: atividade literária, atividade cultural e cívica, atividade no estrangeiro; notícias várias; homenagens; recortes diversos; Folhetos: colóquio, programa de poesia, feira do livro (folhetos impressos, fotocopiados, policopiados; colagens de impressos); | 590 docs. | |
| Documentos de outros | O Neo-Realismo: Realismo Socialista (policópia); Máximo Gorki Dizia (colagem de fotocópia); Na Rádio. Crónica de Baptista Bastos (colagem de original dactilografado); O Realismo Dialéctico na Obra de M. Fonseca (cópia dactilografada); Discurso do Embaixador da Holanda (fotocópia); | 6 docs. | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio de Manuel da Fonseca (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.2 – Conteúdos do Espólio Literário de Soeiro Pereira Gomes

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|------------------------------|--|------------------|-------------------------------|
| Poesia | Original Manuscrito de “Quadras Populares” Alentejo. Ribatejo; | 1 doc. | |
| Ficção Narrativa | Romance, contos e crónicas: originais manuscritos (e apontamentos); originais dactilografados (com emendas); originais dactilografados (versões); cópias dactilografadas (com emendas); bloco-notas de apontamentos (com algumas notas de crónicas para “Diário de um Foragido”); páginas manuscritas de um “quadro”; impresso de uma 1ª edição (clandestina); | 25 docs. | |
| Ensaio, Crítica e Jornalismo | Ensaio e documentos políticos: originais manuscritos (de apontamento, e incompletos); Originais dactilografados (de apontamentos, e com emendas); cópias dactilografadas; páginas manuscritas de um “quadro”; impresso; | 16 docs. | |
| Relatórios | “Relatórios e contas da Comissão da Piscina” (cópias dactilografadas); | 7 docs. | |
| Correspondência | Expedida (de 18 Novembro 1937 a 25 Dezembro 1946); Recebida (de 19 Maio 1936 a 29 Abril 1944); | 70 docs. | 5 cx. |
| Vária | Ação cultural: desenhos de exercícios gímnicos (originais a lápis e esferográfica sobre papel); lista de livros de Soeiro Pereira Gomes (rascunho dactilografado com emendas e original dactilografado); Estatutos da Sociedade Euterpe Alhandrense (original dactilografado com emendas); Regulamento da Caixa de Auxílio (cópia dactilografada - com emendas); Documentos pessoais (originais): certidão de nascimento, diploma do curso de agricultor, certidão curricular de curso; cartão de velocipedista; notas sem referência (originais manuscritos); | 12 docs. | Total: ~ 248 documentos |
| Fotografias | De 1911 a 1949 | 21 fotog. | |
| Impressos | Recortes de imprensa: questões políticas; economia e finanças; cultura e ensino; literatura; religião; periódicos; morte de Soeiro Pereira Gomes; críticas à obra; Folhetos (vários): folhetos; cartazes; recortes de páginas; postal iconográfico (Karl Marx); | 82 docs. | |
| Documentos de outros | Textos (vários): fotocópia de texto dactilografado; originais dactilografados; cópias dactilografadas; impresso; original manuscrito; | 14 docs. | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier de Soeiro Pereira Gomes (informação recolhida no 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.3 – Conteúdos do Espólio Literário de Armando Rodrigues

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|------------------------------|--|-------------------------|-----------------------------------|
| Poesia | Obras poéticas (versões e edições): originais manuscritos; exemplares impressos; originais mistos; provas tipográficas; cópias manuscritas; cópias impressas; originais dactilografados; fotocópias de textos dactilografados; recortes de texto impresso; | 315 docs. | |
| Ficção Narrativa | Romance e contos (versões e edições): originais manuscritos; originais manuscritos de nota; originais dactilografados; | 59 docs. | |
| Teatro e Cinema | Teatro: original manuscrito; brochura impressa; original manuscrito de esboço; | 3 docs. | |
| Ensaio, Crítica e Jornalismo | Crítica, crónica jornalística e prosa política: (versões) cópias dactilografadas; originais manuscritos; originais dactilografados; cópias Manuscritas; fotocópias de textos dactilografados; provas tipográficas; | 117 docs. | 56 cx. + Biblioteca particular |
| Biografia e Memorialismo | Biografia, memorialismo, depoimentos e entrevistas: originais dactilografados; fotocópias de textos dactilografados; cópias dactilografadas; originais manuscritos; recortes de texto impresso; | 37 docs. | |
| Correspondência | Expedida: de 3 Nov. 1934 a 9 Fev. 1944; sobre “Homenagem poética a Gomes Leal”; Recebida: de 26 Jul. 1935 a 24 Ago. de 1947/de 13 Set 1947 a 20 Jun. 1948; sobre “Homenagem poética a Gomes Leal”; | 903 docs. | Total: ~2143 documentos |
| Vária | Desenhos: auto-retratos, caricaturas, retratos; Documentos pessoais: bilhete de identidade; bilhete de identidade de aluno; cédulas profissionais; certidões; contratos de tradução e edição; requerimentos; receitas; medalhas; diplomas; prémios; recibos; faturas; títulos; | 58 desenhos 37 docs. | |
| Fotografias | Armando Rodrigues e Maria Emilia Rodrigues; | 11 fotog. | |
| Impressos | Recortes de imprensa: críticas; prémios; homenagens; atividade cultural e cívica; referências gerais ao escritor; questões culturais; Folhetos e impressos: obra: congressos; circulares; folhetos de publicações; ilustrações; catálogos; cartazes; | * 556 docs. | |
| Documentos de outros | Vários/Homenagem poética a Gomes Leal (originais dactilografados e originais manuscritos); folhetos e cópias impressos com dedicatórias; cópias dactilografadas; | 47 docs. | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier de Armando Rodrigues (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.4 – Conteúdos do Espólio Literário de Alexandre Cabral

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|------------------------------|---|---|--------------|
| Ficção Narrativa | Romance, novela e contos: originais dactiloscritos (com emendas); cópia dactilografiada; cópia dactiloscrita, com emendas; exemplares de 1ª e 2ª edições; | 13 docs. | |
| Ensaio, Crítica e Jornalismo | Ensaio: fotocópias de páginas impressas (com emendas); originais dactilografiados (com emendas); Crónica jornalística: provas a granel e provas tipográficas; Desenhos: desenhos do Aljube (a lápis datados e não datado); cartões de identificação (vários); | 35 docs. 19 desenhos | |
| Correspondência | Maços invioláveis (de 1943 a 1981) | 14 maços | 59 cx. |
| Vária | Gravuras em madeira de Alexandre Cabral; zincografuras para obras de Alexandre Cabral; cartazes gráficos diversos; autos de apreensões de livros: originais e cópias de 20 Autos; | 8 gravuras 10 zincografuras | Total: ? |
| Fotografias | Fotografias várias; fotografia da capa de “Memórias de um resistente”; | 168 fotog. | |
| Impressos | Recortes de imprensa, folhetos e impressos: recortes sobre atividade literária e cívica; cartazes; Imprensa periódica: vários números de várias publicações; | ~ 575 pub. periódicas ~ 37 cartazes | |
| Documentos de outros | Quadra; provas tipográficas; fotocópias de congressos; | 6 docs. | |
| Objetos pessoais | Máquina de escrever “Smith e Corona”; | 1 | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio de Alexandre Cabral (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.4.1 – Obras de arte do Espólio de Alexandre Cabral (propriedade do MNR)

| Núcleo | Nº de obras |
|---------------------------|-------------|
| Artes plásticas | 87 |
| Artes decorativas | 47 |
| Artes gráficas | 125 |
| (docs. de artes gráficas) | |

Quadro 2.5 – Conteúdos do Espólio Literário de Joaquim Namorado

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|------------------------------|--|------------------|-----------------------------|
| Poesia | <p>Originais manuscritos de poemas e obras; originais dactilografados; provas tipográficas; impressos; exemplares policopiados; recortes impressos; fotocópias de recortes e de textos impressos; colagens de fotocópia de texto impresso; cópias dactilografadas; recortes de jornal; originais com colagem de recortes para composição tipográfica; cronologias manuscritas e dactilografadas; cópias de versão definitiva; original manuscrito de plano de edição; cronologias;</p> | 67 docs. | |
| Ficção Narrativa | <p>Contos, novelas e crónicas: recorte de jornal, fotocópias; originais manuscritos; originais impressos; recortes; original para composição tipográfica; pasta de encadernação com colagens; índice manuscrito truncado; colagens de recortes; fotocópias de originais impressos; fotocópia de índices de gravuras; originais dactilografados; cópias dactilografadas;</p> | 71 docs. | 58 cx. |
| Teatro e Cinema | <p>Teatro: originais manuscritos; originais manuscritos e dactilografados; originais e cópias manuscritos e dactilografados;</p> | 4 docs. | Total: ~ 2945 documentos |
| Ensaio, Crítica e Jornalismo | <p>Ensaio, crítica, crónica jornalística e textos políticos: originais manuscritos (inacabados), 1^{as} e 2^{as} versões; fotocópias de provas tipográficas (incompletas e emendadas); originais manuscritos e dactilografados truncados; fotocópias do original impresso; colagens de fotocópias; originais dactilografados; separatas; fotocópias de texto impresso; recortes de jornal; provas tipográficas com notas; fotocópias de poemas impressos e fotografia; apontamentos manuscritos; iconografia; original manuscrito com colagem de recortes; montagem de recortes impressos incompletos; originais mistos;</p> | 248 docs. | |
| Relatórios | <p>Relatórios, entrevistas e depoimentos: fotocópias de texto impresso; cópias dactilografadas; originais dactilografado; colagens de recortes de texto impresso; originais manuscritos;</p> | 40 docs. | |

(continuação)

| | | |
|----------------------|---|---------------|
| Correspondência | <p>Expedida: Agosto 1938 a 18 Agosto de 1986; sem data; Recebida: vária, correspondência sobre "Colóquio Liblice".</p> <p>Desenhos: para capas; ilustrações; retratos; desenhos de Caxias; esboços para quadros; desenhos vários; Atividades culturais: (exposições, homenagens, "Lutas Estudantis", etc.) originais manuscritos; folhetos impressos; originais de projetos; postais impressos; fotocópias e impressos de desenhos; originais mistos de inquéritos não preenchidos; originais mistos; fotocópias de fichas manuscritas e de ilustrações; plano e apontamentos manuscritos; fotocópias de cronologias impressas; guia manuscrito; originais de notas manuscritas; reproduções de desenhos; Documentos pessoais: curriculum vitae; apontamentos autobiográficos e bibliográficos; certidão de nascimento; certificados; passaportes; ficha da PIDE (fotocópia); cartões de visita; cartões de convidado; cartões do PCP; recibos; cartões de sócio; certidões; documentos de cobrança; abaixo-assinados; atas; credenciais; bolsa de estudo; processo do ensino superior; declarações (médicas); impressos plastificados de associações e sindicatos; recibos; certidões; atas; abaixo-assinados; documentos de cobrança; processos do ensino superior;</p> | 1366 docs. |
| Vária | <p>Várias; congresso de escritores; Políbio Gomes dos Santos; Egídio Namorado; aspetos culturais; Exposição "O Neo-Realismo e as suas Margens"; Pintura Portuguesa. Sec. XX; Leão Tolstói;</p> | 115 docs. |
| Fotografias | <p>Recortes de imprensa: críticas à obra; homenagens; atividades culturais; referências várias ao escritor; Neo-Realismo; periódicos do Neo-Realismo; escritores do Neo-Realismo; literatura; Lorca e a Guerra Civil; artes; cinema; questões históricas; questões políticas; morte de Joaquim Namorado;</p> | 268 fotograf. |
| Impressos | <p>Folhetos: convites a Joaquim Namorado; ações culturais; sobre literatura; edições; exposições; teatro e cinema; conferências várias; atividades cívicas e políticas;</p> | 660 docs. |
| Documentos de outros | <p>Textos (cópias dactilografadas; tiposcritos com emendas; Originais manuscritos; Originais dactilografados); depoimentos de presos políticos; palavras proferidas; cartas; cartões; desenho de Lima de Freitas; notas; poemas;</p> | 106 docs. |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier de Joaquim Namorado (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.6 – Conteúdos do Espólio Literário de José Ferreira Monte

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|------------------------------|---|------------------|------------------|
| Poesia | Originais manuscritos de poemas e obras; originais dactilografados; provas tipográficas; impressos; exemplares policopiados; recortes impressos; fotocópias de recortes e de textos impressos; colagens de fotocópia de texto impresso; cópias dactilografadas; recortes de jornal; originais com colagem de recortes para composição tipográfica; cronologias manuscritas e dactilografadas; cópias de versão definitiva; original manuscrito de plano de edição; cronologias; | 121 docs. | |
| Ficção Narrativa | Romance, contos, novelas, crónicas e traduções: recorte de jornal, fotocópias; originais manuscritos; originais impressos; recortes; original para composição tipográfica; pasta de encadernação com colagens; índice manuscrito truncado; colagens de recortes; fotocópias de originais impressos; fotocópia de índices de gravuras; originais dactilografados; cópias dactilografadas; | 38 docs. | 109 ex. |
| Teatro e Cinema | Teatro: originais manuscritos; originais manuscritos e dactilografados; | 6 docs. | Total: ~ 6723 |
| Ensaio, Crítica e Jornalismo | Ensaio, crítica, crónica jornalística e textos políticos: originais manuscritos (inacabados), 1 ^{as} e 2 ^{as} versões; fotocópias de provas tipográficas (incompletas e emendadas); originais manuscritos e dactilografados truncados; fotocópias do original impresso; colagens de fotocópias; originais dactilografados; separatas; fotocópias de texto impresso; recortes de jornal; provas tipográficas com notas; fotocópias de poemas impressos e fotografia; apontamentos manuscritos; iconografia; original manuscrito com colagem de recortes; montagem de recortes impressos incompletos; originais mistos; | 10 docs. | documentos |
| Entrevistas e Depoimentos | Fotocópias de texto impresso; cópias dactilografadas; originais dactilografado; colagens de recortes de texto impresso; originais manuscritos; | 7 docs. | |

| | |
|----------------------|---|
| (continuação) | |
| Correspondência | <p>Expedita: Agosto 1938 a 18 Agosto de 1986; sem data; Recebida: vária; correspondência sobre "Colóquio Liblice"; Trocada;</p> <p>Desenhos: caricaturas; Atividades culturais: <i>Colaborador-Delegado da Revista "Paralelo 20"</i>; assuntos de administração; assuntos pendentes; correspondência; colaboração (enviada e enviada); correspondência de e com colaboradores; Ação cívica: Plano de homenagem ao Prof. Dr. Mário Trincão; Encarregado de Biblioteca itinerante: relatórios sobre bibliotecas itinerantes; itinerários; correspondência interna; requisições; despesas correntes; Secretário de administração de <i>Vérice</i>; despesas da coleção "sob o signo do galo e contas de representação teatral; Documentos pessoais: boletim; notas; procedimentos escolares; cartões; documentos timbrados; contrato de edição; Contabilidade pessoal: taxas e contribuições; quotizações; despesas de saúde e de vestuário; despesas pessoais diversas; despesas de papelaria e livros; despesas de assinaturas periódicas;</p> <p>José Ferreira Monte;</p> <p>Recortes de Imprensa: colaborações e críticas; referências; colaboradores; autores e questões do Neo-Realismo; língua; literatura e cultura em geral; escritores estrangeiros; música; pintura; teatro; desporto; II Grande Guerra; política e ideologias do fascismo; assuntos políticos nacionais e internacionais; notícias do quotidiano; questões da Fundação Gulbenkian; campos e jardins; passatempos; Folhetos: de literatura; de música; de pintura; de desporto; crise académica de 69; eleições de 69; círculo católico; queima das fitas de 1941; folhetos do Partido Comunista; e políticos vários; gravuras de escritores e músicos;</p> <p>Correspondência sobre: "Marchas, Danças e Canções" (cartas); "Sob o signo do Galo" (cartas, bilhete-postal, telegrama); "Polémica dos Anos 50" (cartas); Documentos vários: desenhos; pintura a acrílico; originais manuscritos e dactilografados; fotocópia de pauta, heliogravura, provas tipográficas; cartas; zincogravuras;</p> |
| Vária | 5410 docs. |
| Fotografias | 607 docs. |
| Impressos | 6 fotograf. |
| Documentos de outros | 385 docs. |
| | 133 docs. |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier de José Ferreira Monte (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.7 – Conteúdos do Espólio Literário de Leão Penedo

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|------------------------------|--|------------------|-----------------------------|
| Ficção Narrativa | Romance e contos: originais manuscritos (de apontamentos; truncados, com emendas); originais dactilografados (com emendas); provas tipográficas; apontamentos, esboços e material inutilizado truncado; recortes; | 34 docs. | |
| Teatro e Cinema | Cópias dactilografadas (com emendas); capítulo manuscrito (com emendas); originais dactilografados (com emendas); apontamentos manuscritos e dactilografados; originais manuscritos; guião policopiado e encadernado, versão final; | 27 docs. | |
| Ensaio, Crítica e Jornalismo | Crítica e crónica jornalística: recortes impressos e página impressa; | 3 docs. | |
| Entrevistas | Recortes impressos; cópia dactilografada com emendas; original dactilografado; | 5 docs. | |
| Correspondência | Expedida e recebida; | 216 docs. | 24 cx. |
| Vária | Atividade cinematográfica: estatutos; certidão; livros de despesas (de filmes); contratos e projetos de contractos (da produção); contas dos participantes; certidão de registo; Documentos pessoais: dicionário; certificado; testemunho processual; projeto de Estatutos; contratos de edição e tradução; medalha de bronze; conta e recibos de tradução; Documentos políticos vários: abaixo-assinados; Ordens de Pagamento Diversas; | 46 docs. | Total: ~ 1171 documentos |
| Fotografias | Pessoais; de meios cinematográficos e de meios culturais e cívicos; | 36 fotograf. | |
| Impressos | Recortes de imprensa: críticas à obra literária e cinematográfica; referências gerais ao escritor; Folhetos (impressos, policopiados); de divulgação; boletins (policopiados, impressos); catálogo editorial impresso; comunicados; programas; Atividades cívicas e atividades culturais; | 795 docs. | |
| Documentos de outros | Originais manuscritos; caderno original dactilografado com emendas de tradução francesa; cópia dactilografada encadernada de tradução francesa; cópias dactilografadas (com emendas e com emendas manuscritas); separata impressa; | 9 docs. | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio de Leão Penedo (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.8 – Conteúdos do Espólio Literário de Faure da Rosa

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|--------------------------|--|------------------|-----------------|
| Poesia | Original manuscrito de "Terra e Mar: para Carlos Nogueira"; | 1 doc. | |
| Ficção Narrativa | Romance, contos, novela e crónicas: originais impressos; originais manuscritos; originais dactilografados; cópias dactilografadas; Notas para um inventário (1959-62) e apontamentos; | 81 docs. | |
| Biografia e Memorialismo | Memorialismo: Cópia dactilografada das "Palavras proferidas no Colóquio de 11/1/64 na Cooperativa de Trabalhadores de Portugal; Entrevistas e respostas a inquéritos: originais manuscritos, dactilografados e mistos; originais impressos; | 27 docs. | 8 cx. |
| Correspondência | Expedida (originais manuscritos, dactilografados - com e sem emendas - e mistos): as Publicações Europa-América (Carta Minuta e Carta); Recebida: vária (cartas, postais e cartões); | 102 docs. | Total: ~ 465 |
| Vária | Fatura Livros Horizonte; | 1 doc. | documentos |
| Fotografias | Faure da Rosa; Manuel da Fonseca, David Mourão Ferreira e outros; | 22 fotog. | |
| Impressos | Críticas a obras, críticas várias, referências ao escritor, documentos <i>post-mortem</i> e folhetos: recortes; 3º caderno "Letras e Artes"; cópia dactilografada de discurso; outras cópias dactilografadas; fotocópias de ofícios; fotocópias de notícias; | 205 docs. | |
| Documentos de outros | Críticas; discurso; entrevistas; carta; monografias; publicações periódicas; | 26 docs. | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio de Faure da Rosa (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.9 – Conteúdos do Espólio Literário de Carlos Coutinho

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|------------------------------|---|------------------|-------------------------------|
| Poesia | Original manuscrito com emendas; | 1 doc. | |
| Ficção Narrativa | Novela e crónica: originais manuscritos (com emendas); cópia manuscrita (com emendas); cópias dactilografadas; originais impressos; | 16 docs. | |
| Teatro e Televisão | Teatro de circunstância e Televisão: provas tipográficas; originais manuscritos (1's borrões manuscritos com emendas); originais impressos; cópias dactilografadas (com emendas); originais dactilografados (e fotocópias); Televisão: guiões e proposta; | 9 docs. | 5 cx. |
| Ensaio, Crítica e Jornalismo | Biografia, memorialismo, depoimentos e entrevistas: originais impressos; originais manuscritos (com emendas); originais dactilografados (com emendas); | 2 docs. | Total: ~ 120 documentos |
| Correspondência | Recebida: cartas; ofícios; contratos; recibos; contas; | 7 docs. | |
| Vária | Documentos Pessoais: título de ação; cópia dactilografada; originais mistos; | 11 docs. | |
| Fotografias | de Cenas; Carlos Coutinho e José Gomes Ferreira/Carlos Cotrim, etc.; | 8 docs. | |
| Impressos | Críticas; notícia; folhetos de divulgação (recortes e fotocópias); | 10 fotog. | |
| Documentos de outros | Fotocópias, cópias dactilografadas, originais impressos e dactilografados, recortes, originais a grafite, originais impressos (policópia) de: cartas; alegação; informação; teses; desenho; teatro; discursos; comunicações; | 26 docs. | |
| | | ? | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio de Carlos Coutinho (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.10 – Conteúdos do Espólio Literário de Júlio Graça

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|--------------------------|--|------------------|-------------------------------|
| Biografia e Memorialismo | Biografia, memorialismo, depoimentos e entrevistas: originais impressos; | 9 docs. | |
| Correspondência | Expedida e recebida: cartas; bilhetes-postais (também ilustrados); cartões de visita; circular; bilhete-cartas; cartões de visita; ofícios; convites; convocatórias; postais de aniversário e postais de boas festas; serigrafia; fatura/recibo; carta-aviso; informação; carta-convite; postais ilustrados; | 210 docs. | 59 cx. |
| Vária | Documentos pessoais: bilhetes de identidade (originais); | 3 docs. | Total: ~ 282 documentos |
| Fotografias | | 29 fotog. | |
| Impressos | Recortes de imprensa, folhetos e publicações: críticas a obras; recortes; publicação incompleta; | 29 docs. | |
| Documentos de outros | Ofício e carta; | 2 docs. | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio de Júlio Graça (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Fonte: arquivos do Arquivo Literário de Álvaro Feijó (Arquivo Literário de Álvaro Feijó, vol. 10, pp. 100-101).

| | | | |
|---------------------------------|---|----------|--------------|
| Documentos de outros indivíduos | Outros e outros | 5 fotos | 4 documentos |
| Cartões de visita | Recortes de jornais e periódicos e fotografias de outros indivíduos | 20 fotos | ~ 200 |
| Albuns | Documentos pessoais, bilhetes de identificação, etc. | 20 fotos | 1000 |
| Contribuições | Cartões de visita, envelopes, cartas, etc. | 3 fotos | 50 ex. |
| Trabalhos e correspondência | Documentos pessoais, bilhetes de identificação, etc. | 20 fotos | 50 ex. |
| Albuns | Documentos pessoais, bilhetes de identificação, etc. | 20 fotos | 50 ex. |

Quadro 2.11 – Conteúdos do Espólio Literário de Álvaro Feijó

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|------------------------------|---|------------------|-----------------|
| Poesia | Edições e textos impressos; | 9 docs. | 3 cx. |
| Ensaio, Crítica e Jornalismo | Apontamentos manuscritos; | 3 docs. | |
| Correspondência | Reccebida: envelopes; cartas; cartões de visita; | 11 docs. | |
| Vária | Documentos pessoais: bilhetes de identidade; cartões de visita; receitas médicas; horário de carreiras; bilhete; fatura; panos de linho; caneta de tinta permanente; esferográfica; carteira; porta-moedas; porta-fotos; bolsa plástica; licenças; cartilhas; dossiers; pastas; | 26 docs. | Total: ~ 126 |
| Fotografias | Álvaro Feijó | 8 fotograf. | documentos |
| Impressos | Publicações periódicas e recortes; | ~41 docs. | |
| Documentos de outros | Cartas; envelopes; pedido de assinatura; cartões de visita; cópia-tradução de carta; desenho; | 28 docs. | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier de Álvaro Feijó (informação recolhida no dia 10 de julho de 2011).

| | | | |
|-----------------------------|---|----------|--------------|
| Trabalhos e correspondência | Documentos pessoais, bilhetes de identificação, etc. | 11 fotos | 4 documentos |
| Cartões de visita | Recortes de jornais e periódicos e fotografias de outros indivíduos | 20 fotos | ~ 200 |
| Albuns | Documentos pessoais, bilhetes de identificação, etc. | 20 fotos | 1000 |
| Contribuições | Cartões de visita, envelopes, cartas, etc. | 3 fotos | 50 ex. |
| Trabalhos e correspondência | Documentos pessoais, bilhetes de identificação, etc. | 20 fotos | 50 ex. |
| Albuns | Documentos pessoais, bilhetes de identificação, etc. | 20 fotos | 50 ex. |

Quadro 2.12 – Conteúdos do Espólio Literário de Álvaro Feijó

Quadro 2.12 – Conteúdos do Espólio Literário de Manuel Campos Lima

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|------------------------------|---|------------------|-------------------------------|
| Poesia | Originais dactilografados; originais manuscritos; cópia dactilografada; | 6 docs. | |
| Ficção Narrativa | Novelas, contos e narrativa: originais manuscritos (incompletos); originais dactilografados (com emendas); cópias dactilografadas (com emendas, incompletos); | 63 docs. | |
| Ensaio, Crítica e Jornalismo | Ensaio, crítica, crónica jornalística e prosa política: cópias dactilografadas (com emendas); originais dactilografados (com emendas, incompleto); originais manuscritos (de apontamento); texto impresso; prova tipográfica; caderno de setenta com originais manuscritos; original misto; fotocópias de textos dactilografados; | 165 docs. | |
| Biografia e Memorialismo | Biografia, memorialismo, depoimentos e entrevistas: cópias dactilografadas (com emendas); original dactilografado; | 7 docs. | |
| Correspondência | Expedida e recebida; | 179 docs. | 13 cx. |
| Vária | Documentos pessoais (originais mistos e dactilografados, cópias dactilografadas, fotocópias, originais impressos e cópias manuscritas autenticadas): cartas de campista nacional; cartões de identidade; declaração (de procuração); Letra de empréstimo; declarações (abonatórias); processos de querrela e de reclamação; pedido de certidão; requerimento; certidões; instruções para o recenseamento eleitoral; comunicados; declarações de escrutínio eleitoral (1969) e da eleição dos deputados à Assembleia Nacional; calendário e mapa do circuito de sessões eleitorais 1975; | 22 docs. | Total: ~ 532 documentos |
| Fotografias | Grupo "Seara Nova"; | 1 fotograf. | |
| Impressos | Recortes de imprensa: provas tipográficas (1ª e 2ª); recortes de texto impresso; Folhetos e Impressos: original impresso de folheto; fotocópia de abaixo-assinado; folheto policopiado ("Declaração do Movimento democrático eleitoral"; "Dia 10. Os Acontecimentos académicos em Coimbra"; "Projeto de Estatutos da SPE"; "Documentos do 25 de Abril de 1974" e outros). | 47 docs. | |
| Documentos de outros | Cópias e originais dactilografados, e originais manuscritos e dactilografados de: textos e cartas; | 42 docs. | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio de Manuel Campos Lima (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.13 – Conteúdos do Espólio Literário de Orlando da Costa

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|------------------------------|--|------------------|-------------------------------|
| Poesia e Ficção Narrativa | Poesia, romance, conto, novela e teatro: originais impressos; originais manuscritos; originais dactilografados; originais mistos; provas tipográficas; fotocópias; | 129 docs. | |
| Ensaio, Crítica e Jornalismo | Ensaio, crítica, crónica, textos políticos: originais manuscritos e dactilografados; cópias dactilografadas; originais e cópias impressos; fotocópias; | 46 docs. | 19 cx. |
| Biografia e Memorialismo | Biografia, memorialismo, depoimentos e entrevistas; textos; palavras pronunciadas por Orlando da Costa na sessão de inauguração de uma exposição; questionário; | 39 docs. | Total: ~ 689 documentos |
| Correspondência | Recebida e Expedida: cartas; bilhetes-postais; circular; convocatória; cartões; convites; | 41 docs. | |
| Vária | Atividades culturais e documentos pessoais (originais manuscritos e mistos, cópias autenticadas e cópias dactilografadas); curriculum; minuta; cópia de despacho; | 18 docs. | |
| Fotografias | _____ | 195 fotograf. | |
| Impressos | _____ | 179 docs. | |
| Documentos de outros | Críticas a obras e folhetos: fotografias coladas sobre papel; publicações completas; fotocópias; | 42 docs. | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio de Orlando da Costa (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.14 – Conteúdos do Espólio Literário de Antunes da Silva

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|----------------------|---|------------------|-------------------------------|
| Poesia | Originais dactilografados, com emendas (1ª, 2ª e 3ª versões); | 3 docs. | |
| Correspondência | Recebida, expedida e trocada; | 170 docs. | 10 cx. |
| Vária | Documentos pessoais: Fotocópia do bilhete de identidade; indicativos de trabalhos a realizar; Documentos diversos: contratos; convites; circulares; oficinas circulares; cópias de textos; recibos; boletins; cartões (de pêsames); livro e fitas de pêsames; informativos; | 73 docs. | Total: ~ 986 documentos |
| Fotografias | Antunes da Silva; homenagens a Antunes da Silva; | 43 fotograf. | |
| Impressos | Recortes de imprensa e folhetos; | 687 docs. | |
| Documentos de outros | Textos e poemas; | 10 docs. | |

Quadro 2.15 – Conteúdos do Espólio Literário de Mário Braga

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|--------------------------|---|---|--------------------------------|
| Produção Literária | Romances; contos; prefácios; novelas; crónicas; apontamentos; teatro; ensaio; crítica; textos; discursos; notas; antologia; | 144 docs. | |
| Entrevistas e Inquéritos | _____ | 25 docs. | 11 cx. |
| Correspondência | Recebida e expedida | 716 docs. | |
| Vária | Documentos e objetos pessoais: listas; listagens; fichas; livro; carta; cartão; bloco; cartões de visita; fichas; orçamento; abaixo-assinado; extrato; molduras; contracto; diplomas; caixa; Monografias: de outros e do autor; Desenhos; | 26 docs. 12 monografias 14 desenhos | Total: ~ 1023 documentos |
| Fotografias | _____ | 49 fotograf. | |
| Documentos de outros | Cartas; circulares; folhetos; poemas; debates; discurso; textos; | 37 docs. | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio de Mário Braga (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.16 – Conteúdos do Espólio Literário de Alves Redol

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
|--------------------|---|-------------------------|-------------------------------|
| Produção Literária | Romance, poesia e teatro: originais dactilografados; provas tipográficas; originais dactilografados, com emendas; fotocópias; adaptações; apontamentos; | 94 pastas | |
| Correspondência | Recebida: originais manuscritos; originais dactilografados; originais mistos; cópia dactilografada; | 12 docs. | 26 cx. |
| Vária | Atividade profissional e documentos pessoais: originais mistos; originais dactilografados; originais manuscritos; originais impressos; fotocópias; Monografias e publicações: originais impressos de jornais; boletins; revistas; sebetinas; folheto; monografias; capa de livro; folhas; | 146 docs. | Total: ~ 586 documentos |
| Fotografias | Fotografias e reproduções | 65 fotograf. | |
| Impressos | Documentos impressos e outros; Documentos 'Post-Mortem' | 45 docs. | |
| Objetos pessoais | Mesa; cadeira; máquina de escrever; lanterna; tronco de sobreiro; casaco; boina; | 7 | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio de Alves Redol (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011)

Quadro 2.17 – Conteúdos dos Espólios Literários de Joaquim Lagoeiro, de Arquimedes da Silva Santos e de Alexandre Babo

| Joaquim Lagoeiro | | | Arquimedes da Silva Santos | | | Alexandre Babo | | |
|---|------------------|--------------|--|--------------------------|--------------|---|------------------|--------------|
| Tipo/Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas | Tipo/Tipologia de documentos | Documentos inventariados | Nº de caixas | Tipo/Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas |
| Originais manuscritos de obras literárias | ? | 10 cx. | Poesia | ~ 22 docs. | 82 cx. | Crônicas, artigos de jornal, traduções, peças de teatro | ~ 234 docs. | |
| | | | Ensaio, crônicas e diversos | ~ 16 docs. | | Correspondência | ~ 79 docs. | |
| | | | Bibliografias, Biografia, Memorialismo | ~ 14 docs. | | Fotografias | ~ 70 fotograf. | |
| | | | Correspondência (recebida e expedida) | ~ 171 docs. | | Impressos: recortes de imprensa; vários; críticas à obra; | ~ 247 docs. | 8 cx. |
| | | | Vária: Atividades culturais e outras | ~ 18 docs. | | Documentos de outros | ~ 54 docs. | |
| | | | Impressos | ~ 7 docs. | | Monografias e periódicos | ~ 29 docs. | |
| | | | Documentos de outros | ~ 1 docs. | | | | |
| | | | Publicações periódicas | ~ 14 pastas | | | | |

Quadro 2.18 – Conteúdos dos Espólios Literários de Garcez da Silva, de Mário Sacramento e de Jorge Reis

| Tipologia de documentos | Garcez da Silva | | Mário Sacramento | | Jorge Reis | |
|---|------------------|--|---|------------------|--------------|---|
| | Nº de documentos | Nº de caixas | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Nº de caixas | Tipologia de documentos |
| Poesia, contos, ensaio, crítica de arte, desenho e pintura (do próprio), correspondência, documentação de outros, biografia e memorialismo, obras não publicadas, fotografias da sua autoria para jornais (cópias de recortes); | ~ 1977 docs. | 12 cx. (biblioteca particular) + ? cx. (espólio) | Correspondência (recebida, expedida e de outros): cartas e postais; | 1097 fólios | 13 cx. | À data da pesquisa este espólio encontrava-se na sala de expurgo, ainda por tratar. |
| | | | Postais artigos (cópias) | 25 docs. | | |
| | | | Documentos (cópias e originais) | 64 fotograf. | | |
| | | | Publicações periódicas | 2 | | |
| | | | Folheto | 1 | | |

Fonte: Informação fornecida por Graça Silva no dia 10 de Julho de 2011.

Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio de Mário Sacramento (informações fornecidas pela técnica superior de BAD, Sílvia Araújo Igreja, no dia 10 de Julho de 2011).

Informação fornecida pela técnica superior de BAD, Sílvia Araújo Igreja, no dia 10 de Julho de 2011.

Quadro 2.19 – Conteúdos dos Espólios Literários de Arsénio Mota, de Carlos de Oliveira e de José da Fonte Santa

| Tipologia de documentos | Arsénio Mota | | Carlos de Oliveira | | José da Fonte Santa | |
|-------------------------------|------------------|-----------------------------------|-------------------------|------------------|-------------------------|---|
| | Nº de documentos | Nº de caixas | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Tipologia de documentos | Nº de documentos |
| Publicações de vários autores | 203 | | | | | |
| Publicações para crianças | 14 | 44 cx. (biblioteca particular) | | | | |
| Coleção "tapete voador" | 5 | 1 pintura 1 medalha | | | | |
| Obras inéditas | 7 (em A4) | | | | | |
| Algumas obras participadas | 10 | | | | | |
| Pintura | 1 | | | | | |
| Medalha | 1 | | | | | |
| | | | Espólio em tratamento. | 27 cx. | Espólio em tratamento. | 21 cx (arquivo francês); 1 cx de cartão (média); Total: ~ 557 documentos (falta a parte artística) |

Quadro 2.20 – Conteúdos do Espólio Editorial *Vértice*

| Tipo | Tipologia de documentos | | Nº de documentos | | Nº de caixas |
|-------------------------|--|------------------|-------------------------|------------------|---|
| | Tipologia de documentos | Nº de documentos | Tipologia de documentos | Nº de documentos | |
| Administração | Livros de atas (originais manuscritos); Relatórios e contas; faturação; | 2 docs. | | | |
| Contabilidade | | ? | | | |
| Correspondência | Expedida, Recebida e Trocada | ? | | | 113 cx. (arquivo francês) |
| Redação | Arquivo gráfico; fotografias; recortes de imprensa; folhetos; recortes de imprensa (gravuras; recortes da revista "Esfera"); | ? | | | 42cx. (brancas) 2 cx. (papelão médias) |
| Colaborações literárias | Original manuscrito | 1 | | | |
| Colaborações artísticas | Desenho (tinta da china sobre almaço) | 1 | | | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio Editorial *Vértice* (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

| | | | |
|-------------------------------|---|----------------------------|---|
| Administração e contabilidade | Documentos de contabilidade; Livros tipo mercancia; caderno; livros de registo; livros de depósitos; livros de letras; livros caixa; livros; folhas de caixa soltas (entradas e saídas); folhas de caixa soltas; volumes (não encadernados); provas a granel; verbetes de diário; dossier de registos; folhas soltas; mapas de caixa; caixas; | 4 cx. 3 caixotes | 422 cx. 6 caixotes 1 armário de arquivo (12 gavetas+ 1 grande) 3 armários pretos |
| Colaborações artísticas | Zincogravuras feitas para a História Universal e para outras publicações; | 318 cx. (arquivo morto) | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio Editorial *Cosmos* (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.22 – Conteúdos dos Espólios Editoriais *O Diabo* e *Horizonte*

| Tipologia de documentos | O Diabo | | Horizonte | |
|--|------------------|----------------------------|------------------|------------------------|
| | Nº de documentos | Nº de caixas | Nº de documentos | Nº de caixas |
| Redação: recortes de imprensa | 5 docs. | | | |
| Colaborações literárias: originais manuscritos e dactilografados; nota manuscrita; | 18 docs. | 1 cx. (arquivo francês) | | 1 cx (arquivo francês) |
| Colaborações artísticas: desenhos (tinta da china sobre almaço e tinta da china sobre cartão); | 3 desenhos | | | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier dos Espólios Editoriais *O Diabo* e *Horizonte* (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.23 – Conteúdos do Espólio do Cineclub Vila-franquense

| Tipo | Tipologia de documentos | Nº Documentos/Objetos | Total |
|--------------------------|--|-----------------------|------------------------------------|
| Objetos | Tesoura; numerador; carimbo; prensa; retroprojektor; sintonizador; caixa de bobines; | 7 objetos | 11 cx. |
| Monografias e periódicos | Catálogos; enciclopédias; revistas; jornais; outros; boletins; separatas; suplementos; livros; | 83 docs. | 1 pasta (com 4 títulos de jornais) |
| Documentos | Fascículos (provas e originais); cartas-convite; convites; conferências; encontros; seminários; mapas; boletins, listagem; envelopes; lista; bloco de notas; outros; | 25 docs. | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier do Espólio do Cineclub Vila-franquense (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.24 – Conteúdos do Espólio Artístico de José Dias Coelho

| Categoria/Tipo | Quantidade | Total |
|--|-----------------------|-------|
| Desenhos: de José Dias Coelho; de outros artistas; | 109 desenhos. (99+10) | |
| Desenhos de Arquitetura e Geometria (trabalhos académicos); de José Dias Coelho; de outros artistas; | 30 desenhos. (28+2) | |
| Pinturas: de José Dias Coelho; | 30 | |
| Esculturas: de José Dias Coelho; de outros artistas; | 8 (7+1) | 185 |
| Artes Decorativas: de José Dias Coelho (2 vidros e 3 cerâmicas); | 5 | |
| Gravuras: de José Dias Coelho (linóleo); | 1 | |
| Documentos: Poesia e reprodução de desenho; | 2 | |

Fonte: Documento “Informações sobre Espólios e Coleções”, fornecido por Luísa Duarte Santos, no dia 25 de Julho de 2011.

Quadro 2.25 – Conteúdos dos Espólios Artísticos de Francisco Castro Rodrigues e de Jorge de Oliveira e de João Machado da Costa e Natércia Costa

| Francisco Castro Rodrigues | | Jorge de Oliveira | | João Machado da Costa e Natércia Costa | |
|---|--------------------|---|--------------|---|--------------|
| Categoria/Tipo | Quantidade | Categoria/Tipo | Quantidade | Categoria/Tipo | Quantidade |
| Artes Plásticas: desenhos; pinturas; esculturas; | 4 (2+1+1) | Artes Plásticas: desenhos | 1 | | |
| Documentação: atividades artísticas; fotografia; impressos (catálogos, recortes, etc.); publicações periódicas; | 193 (41+4+21+1+27) | Documentação: catálogos e recortes imprensa | 91 | | |
| | Total | | Total | | Total |
| | 197 | | 92 | | 84 |
| | | | | Artes Plásticas: painéis de azulejo; placas; cerâmicas; desenhos; | 29+21+32+2 |

Fonte: Documento "Informações sobre Espólios e Coleções", fornecido por Luísa Duarte Santos, no dia 25 de Julho de 2011.

Quadro 2.26 – Conteúdos do Espólio Artístico de Rui Filipe

| Categoria/Tipo | Quantidade | Total |
|--|---------------------|----------------------------------|
| Produção do Autor: textos (poesia, <i>memorabilia</i> , ensaio, outros); produção visual-plástica (desenho - em depósito); produção visual-plástica (pintura - em depósito); | 30 (13+7+10) | |
| Dossier Biográfico: declarações; objetos pessoais; | 3 (1+2 e 1 caixote) | |
| Correspondência: expedida; recebida; dossiers de correspondência; | 65 (7+41+17) | |
| Atividades: gestão da obra, exposições e exposições individuais; exposições coletivas; Gestão da obra, em coleções, etc.; | 78 (20+54+4) | 739 |
| Fotografia: com o autor; de outros; outras/dossiers de fotografias | 435 (46+1+388) | (total de objetos inventariados) |
| Receção da Obra: dossier crítico, dossier de imprensa - críticas às obras; dossier de imprensa - críticas à obra; dossier de imprensa - referências gerais; Dossier de imprensa - críticas <i>post-mortem</i> ; dossier crítico - documentos diversos - críticas à obra; | 110 (96+3+5+1+5) | |
| Documentos de outros: produção de outros - textos; documentação diversa; | 23 (2+21) | |
| Documentos <i>post-mortem</i> : documentos de condolências; | 3 | |

Fonte: Documento "Informações sobre Espólios e Coleções", fornecido por Luísa Duarte Santos, no dia 25 de Julho de 2011. Inventário em finalização. Está por inventariar: 22 caixas de arquivo francês; 1 pasta; slides e outra documentação; objetos pessoais; obras de arte (informação fornecida por Luísa Duarte Santos, no dia 25 de Julho de 2011).

Quadro 2.27 – Conteúdos do Espólio Artístico de Maria Barreira e Vasco Pereira da Conceição

| Categoria/Tipo | Quantidade | Total |
|---|-------------------|-------|
| Artes Plásticas: desenhos; pinturas; esculturas; gravuras | 296 (19+17+254+6) | |
| Artes Decorativas: medalhas; plaquetes | 134 (103+31) | 1046 |
| Documentação (diversa) | 352 | |
| Fotografias | 90 | |
| Livros de Arte | 174 | |
| Biblioteca Particular | ? | |

Fonte: Documento "Informações sobre Espólios e Coleções", fornecido por Luísa Duarte Santos no dia 25 de Julho de 2011.

Quadro 2.28 – Conteúdos do Espólio Artístico-Literário de Avelino Cunhal

| Categoria/Tipo | Quantidade | Total |
|--|-----------------|---------------|
| Produção do Autor: ficção e romance; contos; teatro; | 3 docs. + 2 cx. | |
| Produção do Autor: produção visual-plástica (desenho, ilustração, pintura) | 1 cx. + 2 obras | 10 cx. |
| Documentos Pessoais; | 7 docs. | + |
| Correspondência; | 2 cx. | Obras de arte |

Quadro 2.29 – Conteúdos da “Coleção de Artes Plásticas” e da “Coleção de Artes Decorativas e Outros Ob

| Categoria/Tipo | Quantidade | Total | Categoria/Tipo | Quantidade | Total |
|--|------------|-------|------------------------------------|------------|-------|
| Desenho | 465 | | Total Medalhística | 85 | |
| Total Pintura | 77 | | Total Equipamentos e Utensílios | 52 | |
| Total Escultura | 11 | | Total Adereços e Objetos de Adorno | 28 | |
| Total Artes Decorativas (vidro e cerâmica) | 6 | | Total Cerâmica | 6 | |
| Total Gravura | 76 | 642 | Total Têxteis | 5 | 190 |
| Total Colagem | 2 | | Total Mobiliário | 4 | |
| Total de Vídeo Arte | 4 | | Total Numismática | 4 | |
| Total de Fotografia | 1 | | Total Ourivesaria | 4 | |
| | | | Total Filatelia | 2 | |

Fonte: Documento “Informações sobre Espólios e Coleções”, fornecido por Luisa Duarte Santos, no dia 25 de julho de 2011.

A coleção de “Artes Plásticas” e a coleção de “Artes Decorativas e Outros Objetos”, integram obras provenientes dos espólios. Para esta contabilização foram consideradas, até esta data, só as provenientes dos Espólios literários (quadros 2.1 a 2.19), dos Espólios Editoriais (quadros 2.20 a 2.23), do Espólio de José Dias Coelho (quadro 2.24) e uma pintura do Espólio de Aveleiro Cunha (quadro 2.28). A primeira, integra também obras de arte contemporânea (informação fornecida por Luisa Duarte Santos, no dia 25 de julho de 2011).

Quadro 2.30 – Legados Pessoais

| Legado | Tipologia de documentos | Nº de documentos |
|------------------------------|--|------------------|
| 1 Afonso Castro Senda | Brochura; monografia; filmes (originais impressos); | 4 docs. |
| 2 Alberto Vilaça | Cartas (originais manuscritos); | 2 docs. |
| 3 Alvaro Salema | Circulares, Cartões, Carta, Bilhete | 8 docs. |
| 4 António Modesto Navarro | Ensaio (original dactilografado com emendas) e carta (fotocópia) | 2 docs. |
| 5 Armando Baeleal | Textos; tese; comunicado; dados biográficos; (fotocópias e originais dactilografados) | 15 docs. |
| 6 Arquimedes da Silva Santos | Poemas; desenho/poema; impresso; ficha bibliográfica; fotografias; periódico; recortes; textos; nota prévia (originais dactilografados e impressos, fotocópias, original de imprensa, fotocópia de recortes de imprensa); | 29 docs. |
| 7 Artur da Fonseca | Artigos de imprensa: notícias, entrevistas, críticas, resposta a inquérito; Folhetos e catálogos; cartazes, programas, convites, folhetos, regulamentos de concursos; Fotografias; recortes, revistas; cartão, cd's e dvd's. | ~ 80 docs. |
| 8 Assis Esperança | Romance "Fronteiras" (original dactilografado com emendas) | 1 docs. |
| 9 António Dias Lourenço | Texto: discurso de Alves Redo Nº25 (original dactilografado com emendas) | 1 docs. |
| 10 Emanuel Lopes Jordão | Poema; texto; bilhete de identidade; postal; requerimento; declaração; inquérito; recortes; circular; folhetos; artigos/crítica; cartaz; (fotocópias, originais mistos e cópias dactilografadas) | 28 docs. |
| 11 Felisberto Pereira Lemos | Poemas; contos; postal/fotografia (vários) (originais manuscritos e impressos); | 8 docs. |
| 12 Fernando Lopes-Graça | Música/partituras (heliogravuras e manuscritos originais) | 3 docs. |
| 13 Garcez da Silva | "Alves Redol e o Grupo..." (original misto); | 1 doc. |
| 14 Giovanni Ricciardi | Carta; registos; certidão (original dactilografado e fotocópias); | 4 docs. |
| 15 Ilse Losa/Margarida Losa | Cartas; provas tipográficas; poemas; zincogravura (originais manuscritos e originais de imprensa); | 7 docs. |
| 16 Ivo Cortesão | Periódicos (originais de imprensa) | 9 docs. |
| 17 José Pedro F. Horta | Cartas; poema (originais manuscritos) | 6 docs. |
| 18 Júlio Goes | Romance; carta (Originais manuscritos) | 2 |
| 19 J. Santos Simões | Poemas e fotografia (originais dactilografados e manuscrito); | 9 docs. |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier dos Legados (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.31 – Legados Pessoais (cont.)

| Legado | Tipologia de documentos | Nº de documentos |
|---|---|------------------|
| 20 Maria Lucília Estanco Louro | Cartas e Poemas de Maria Lucília Estanco Louro (originais manuscritos e dactilografados); Núcleo MUD: relatórios; reportagem; representações; circulares; cartas; comunicado; folheto; Núcleo da Associação Feminina Portuguesa para a Paz: estatutos, programa; circular; boletins; Outro núcleo: poema; envelope com missiva; | 41 docs. |
| 21 Manuel Denis Jacinto | Lista; cartas; cartões; postal ilustrado; cartão de condólcias; envelope (fotocópia e originais mistos); Poemas; romance; texto; artigos; encontros; programas; jornais; críticas; conferências; entrevistas; recortes; contos; índice; fotografias; (fotocópias dos originais dactilografados e manuscritos, fotocópias - algumas com emendas -, originais dactilografados e manuscritos, originais de imprensa e mistos); desenho e moldura | 8 docs. |
| 22 Maria da Conceição Ribeiro | Produção literária: Poemas; romances; novela | 52 docs. |
| 23 Maria Fernanda Mourão | Correspondência expedida e recebida: Cartas; postais; bilhetes-postais; cartões; escritório; Atividade cultural: escritório; documento | 78 docs. |
| 24 Maria José Vitorino Gonçalves | Documentos Pessoais: bloco de notas; cadernos; bilhete-postal; apontamento; recibo; Fotografias e desenhos; Documentos de terceiros: folheto; extratos de conta; recorte; poema; postal; Recortes de imprensa e folheto; (Publicações de imprensa, originais manuscritos, originais dactilografados - alguns com emendas - e cópias) | 1 |
| 25 Maria Leticia Dionísio | Monografia (original impresso) | 12 docs. |
| 26 Mário Soares | Cartas; ensaios; circular; comunicado; depoimento; teatro; texto em francês (cópias dactilografadas com emendas, fotocópias, originais manuscritos e dactilografados, policópias e originais de imprensa) | 3 docs. |
| 27 Saul de Oliveira | Discurso "1º Aniversário do MNR" (original de imprensa); | 7 poemas |
| 28 Sidónio Muralha | Texto (original dactilografado com emendas) e programas (original de imprensa e fotocópia) | |
| | Recortes (originais de imprensa e fotocópia) | |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier dos Legados (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.32 – Legados Institucionais

| Legado | Tipologia de documentos | Nº de documentos |
|--|---|------------------|
| APMNR | Cronologia; comunicações; jornal; tese; carta (fotocópias, original dactilografado e original de imprensa); | 6 docs. |
| Cooperativa Alves Redol | Cartas-circulares; programas; quotas; lista; artigos Aviso, Guia de Depósito (fotocópias); | 11 docs. |
| Comissão organizadora <i>In Memoriam</i> de Joaquim Namorado | Envelopes; cartões de visita; bilhete; cartões; cartas; postal; convite (originais manuscritos, dactilografados e mistos) | 33 docs. |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier dos Legados (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 2.33 – Legados Artísticos

| Legado | Tipologia de documentos | Nº de objetos |
|------------------------------|---|---------------|
| Margarida Tengarrinha | Artes Plásticas: desenhos; matrizes de xilogravura; Documentação; | 16 (9+7) |
| António Alfredo | Documentação; | 7 |
| Joaquim e Aida Barata | Artes plásticas: serigrafia; Documentação: álbum de desenhos; monografia; | 3 (1+2) |
| Legado/Oferta de Noémia Cruz | Artes plásticas: desenhos; gravuras; esculturas; Documentação; | 10 (7+3) |

Fonte: Documento “Informações sobre Espólios e Coleções”, fornecido por Luísa Duarte Santos no dia 25 de Julho de 2011.

Quadro 2.34 – Legados “Vários”

| Legado | Tipologia de documentos | Nº de documentos |
|------------------------------|--|------------------|
| ? | Biografia de Alves Redol (original manuscrito); | 1 |
| Manuel Rodrigues de Oliveira | Texto (fotocópia); | 1 |
| ? | Testemunho sobre Soeiro Pereira Gomes (fotocópia); | 1 |
| José Manuel Mendes | Texto (original dactilografado com emendas); | 1 |
| Victor de Sá | Carta (original misto); | 1 |
| Mário Dionísio | Cartão para José Cardoso Pires (original misto); | 1 |
| Manuel do Nascimento | Texto (original dactilografado); | 1 |
| Humberto de Mergulhão | recorte (original de imprensa); | 1 |
| ? | Poesia; cartas (fotocópias); | 195 p. |
| ? | Pautas (original manuscrito); | 18 p. |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, dossier dos Legados (informação recolhida no dia 10 de Julho de 2011).

Quadro 3.3 – Autoria das organizações e da maioria das exposições (14 a 24)

| | 100% autor | Org. 80/20% | Compartilhado | Dado | Qualifica | Compartilhado | Compartilhado |
|----|------------|-------------|---------------|------|-----------|---------------|---------------|
| 14 | 200,00% | 100% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| 15 | 100% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| 16 | 100% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| 17 | 100% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| 18 | 100% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| 19 | 100% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| 20 | 100% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| 21 | 100% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| 22 | 100% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| 23 | 100% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| 24 | 100% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |

Lista de Bibliotecas Particulares

José Ferreira Monte

Alexandre Cabral

Armindo Rodrigues

Manuel Campos Lima

Santos Silva

Garcez da Silva

Arsénio Mota

Alves Redol

Maria Barreira e Vasco da Conceição

Quadro 3.1 – Autoria da organização e da curadoria das exposições (1 a 13)

| Nº Exposição | Ano | Organização | Curadoria | Conteúdos | Categoria |
|---|------|-----------------------------|--|-------------|-----------|
| 1 Alves Redol | 1970 | Vértice e Joaquim Namorado | — | Originais | VO |
| 2 Alves Redol | 1971 | CLAR (com base na anterior) | A. Mota Redol | Originais | VO |
| 3 Gaibéus e o Seu Tempo | 1979 | CLAR | A. Mota Redol | Reproduções | VO |
| 4 O Neo-Realismo e as Suas Margens – I Descoberta e Afirmação | 1983 | Joaquim Namorado | — | Originais | NR |
| 5 50 Anos de Gaibéus de Alves Redol | 1989 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | VO |
| 6 Júlio Pomar | 1989 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 7 Cipriano Dourado | 1990 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 8 Homenagem a Rogério Paulo | 1990 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | VO |
| 9 Escritores Neo-Realistas do Concelho de Vila Franca de Xira | 1990 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | NR |
| 10 50 Anos de Vida Literária de Manuel da Fonseca | 1991 | MNR | Luis A. Costa Dias | Originais | VO |
| 11 Dois Escritores do Neo-Realismo – Aleixo Ribeiro e Leão Penedo | 1991 | MNR/CIMNR | Luis A. Costa Dias/A. Mota Redol | Originais | VO |
| 12 Mário Dionísio: 50 Anos de Vida Literária | 1991 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | VO |
| 13 50 Anos a Ler Esteiros de Soeiro Pereira Gomes | 1991 | MNR | Luis A. Costa Dias | Originais | VO |

Quadro 3.2 – Autoria da organização e da curadoria das exposições (14 a 26)

| Nº | Exposição | Ano | Organização | Curadoria | Conteúdos | Categoria |
|----|---|------|-------------|--|----------------------------|-----------|
| 14 | <i>Carlos de Oliveira: 50 Anos na Literatura Portuguesa</i> | 1992 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | VO |
| 15 | <i>Leão Penedo: 50 Anos na Ficção e no Cinema</i> | 1992 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | VO |
| 16 | <i>50 Anos Depois: Vértice</i> | 1993 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | VO/NR |
| 17 | <i>50 Anos Depois: Joaquim Namorado</i> | 1993 | MNR | Luis A. Costa Dias | Originais | VO |
| 18 | <i>Vértice e o Neo-Realismo</i> | 1993 | CIMNR/MNR | A. Mota Redol/Luis A. Costa Dias | Originais | NR |
| 19 | <i>Entre a Realidade e a Utopia – O Movimento Neo-Realista</i> | 1993 | MNR | Luis A. Costa Dias | Originais | NR |
| 20 | <i>Manuel Ribeiro de Pavia</i> | 1993 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 21 | <i>Manuel Filipe</i> | 1994 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 22 | <i>48 Anos de Censura em Portugal</i> | 1994 | MNR | Luis A. Costa Dias | Reproduções | NR |
| 23 | <i>Os Proibidos</i> | 1994 | MNR | Luis A. Costa Dias | Reproduções | NR |
| 24 | <i>As Greves de 8 e 9 de Maio. Rodas Paradas duma Engrenagem Caduca</i> | 1994 | MNR | Luis A. Costa Dias | Reproduções | NR |
| 25 | <i>Lima de Freitas – Artes Plásticas e Literatura</i> | 1994 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 26 | <i>Sociero Pereira Gomes</i> | 1994 | MNR | Luis A. Costa Dias | Originais e Reproduções | VO |

Quadro 3.3 – Autoria da organização e da curadoria das exposições (27 a 41)

| Nº | Exposição | Ano | Organização | Curadoria | Conteúdos | Categoria |
|----|---|------|---------------------|---|-------------|-----------|
| 27 | <i>A Bordo do "Liberdade". Os Passeios Culturais no Tejo no Principio da Década de 1940</i> | 1995 | MNR | Luis A. Costa Dias | Reproduções | NR |
| 28 | <i>Jorge Reis. Vida e Obra</i> | 1995 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | VO |
| 29 | <i>Maria Barreira e Vasco da Conceição</i> | 1995 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 30 | <i>O Neo-Realismo em Gravura</i> | 1995 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 31 | <i>Manuel Ribeiro de Pavia - Ilustração e Gravura - Exposição Bibliográfica</i> | 1996 | MNR | Luis A. Costa Dias | Originais | AP |
| 32 | <i>Alexandre Cabral. Um Escritor, Uma Época</i> | 1996 | MNR | Júlio Graça | Originais | VO |
| 33 | <i>A Imprensa Periódica e a Gênese do Movimento Neo-Realista</i> | 1996 | MNR | Luis A. Costa Dias | Originais | NR |
| 34 | <i>Anjos Teixeira - Um Precursor do Neo-Realismo</i> | 1996 | APMNR | Francisco Castro Rodrigues/ A. Mota Redol | Originais | AP |
| 35 | <i>Os Escritores Também Pintam. Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Joaquim Namorado, Mário Dionísio</i> | 1997 | CIMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 36 | <i>Júlio Graça</i> | 1997 | MNR | Idalina Mesquita | Originais | VO |
| 37 | <i>Augusto Gomes - Pintura, Desenho</i> | 1997 | Rogério Ribeiro/MNR | Rogério Ribeiro | Originais | AP |
| 38 | <i>Desenhos de Júlio Pomar. Coleção Ernesto de Sousa - Anos 40</i> | 1998 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 39 | <i>Pintura e Desenho de Artindo Vicente</i> | 1999 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 40 | <i>Neo-Realistas em Destaque</i> | 1999 | MNR | Idalina Mesquita Júlio | Reproduções | NR |
| 41 | <i>Alves Redol, Álvaro Guerra - Dos Cafés às Touradas</i> | 1999 | MNR | Graça/Idalina Mesquita | Originais | VO |

Quadro 3.4 – Autoria da organização e da curadoria das exposições (42 a 51)

| Nº Exposição | Ano | Organização | Curadoria | Conteúdos | Categoria |
|--------------|------|---------------------|--|-------------|-----------|
| 42 | 2000 | MNR | José de Santa Bárbara/Idalina Mesquita | Reproduções | VO |
| 43 | 2000 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 44 | 2002 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 45 | 2002 | APMNR/MNR | A. Mota Redol/Idalina Mesquita | Originais | VO |
| 46 | 2002 | Museu Municipal/MNR | Idalina Mesquita | Originais | MNR/NR |
| 47 | 2002 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 48 | 2003 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 49 | 2003 | MNR | Idalina Mesquita | Originais | VO |
| 50 | 2003 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 51 | 2004 | MNR | Idalina Mesquita | Originais | VO |

Quadro 3.2 – Vinte e cinco exposições que caracterizam a curadoria (25 a 41)

Quadro 3.5 – Autoria da organização e da curadoria das exposições (52 a 63)

| Nº | Exposição | Ano | Organização | Curadoria | Conteúdos | Categoria |
|----|---|------|-------------------------------------|----------------------------|-------------------------|-----------|
| 52 | Nuno San-Payo | 2004 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 53 | José Farinha | 2004 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 54 | Centenário do Nascimento de Armindo Rodrigues (1904-2004) "Voz Arremessada ao Caminho" | 2004 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | VO |
| 55 | Júlio Pomar – Desenho, Gravura, Pintura | 2004 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | AP |
| 56 | Um Tempo e um Lugar - Dos Anos 40 aos Anos 60 / Dez Exposições Gerais de Artes Plásticas | 2005 | Rogério Ribeiro/MNR/Museu Municipal | Rogério Ribeiro | Originais | AP |
| 57 | Jorge de Oliveira | 2006 | APMNR | Luisa Duarte Santos | Originais | AP |
| 58 | Alcino Soutinho – Representações de Arquitectura | 2007 | Alcino Soutinho Arquitecto, Lda* | | Originais | AP |
| 59 | Garcez da Silva – Uma Voz Polifónica (1915-2006) | 2007 | APMNR | A. Mota Redol | Originais | VO |
| 60 | Batalha pelo Contestado – O Movimento Neo-Realista Português | 2007 | MNR | A. Mota Redol/David Santos | Originais Reproduções | NR |
| 61 | Uma Arte do Povo, pelo Povo e para o Povo – Neo-Realismo e Artes Plásticas | 2007 | MNR | David Santos | Reproduções e Originais | NR |
| 62 | The Return of the Real – I, João Tabarra | 2007 | MNR | David Santos | Originais | AP |
| 63 | Arquimedes da Silva Santos - Sonhando para os Outros | 2007 | MNR | Luisa Duarte Santos | Originais | VO |

Fonte: António Mota Redol

* A pedido da APMNR, a exposição foi propositadamente concebida.

**Quadro 4.1 – Classificação das exposições segundo as categorias
Vida e Obra e Apresentação do Museu**

| Categoria | Nº | Exposição | Ano | Total exposições |
|---|---|---|------|------------------|
| Vida e Obra: Exposições de Literatura | 1 | <i>Alves Redol</i> | 1970 | 25 |
| | 2 | <i>Alves Redol</i> | 1971 | |
| | 3 | <i>Gaibéus e o Seu Tempo</i> | 1979 | |
| | 5 | <i>50 Anos de Gaibéus de Alves Redol</i> | 1989 | |
| | 8 | <i>Homenagem a Rogério Paulo</i> | 1990 | |
| | 10 | <i>50 Anos de Vida Literária de Manuel da Fonseca</i> | 1991 | |
| | 11 | <i>Dois Escritores do Neo-Realismo – Aleixo Ribeiro e Leão Penedo</i> | 1991 | |
| | 12 | <i>Mário Dionísio: 50 Anos de Vida Literária</i> | 1991 | |
| | 13 | <i>50 Anos a ler Esteiros de Soeiro Pereira Gomes</i> | 1991 | |
| | 14 | <i>Carlos de Oliveira: 50 Anos na Literatura Portuguesa</i> | 1992 | |
| | 15 | <i>Leão Penedo: 50 Anos na Ficção e no Cinema</i> | 1992 | |
| | 16 | <i>50 Anos Depois: Vértice</i> | 1993 | |
| | 17 | <i>50 Anos Depois: Joaquim Namorado</i> | 1993 | |
| | 26 | <i>Soeiro Pereira Gomes</i> | 1994 | |
| | 28 | <i>Jorge Reis. Vida e Obra</i> | 1995 | |
| | 32 | <i>Alexandre Cabral. Um Escritor, Uma Época</i> | 1996 | |
| | 36 | <i>Júlio Graça</i> | 1997 | |
| 41 | <i>Alves Redol, Álvaro Guerra - Dos Cafés às Touradas</i> | 1999 | | |
| 42 | <i>Orlando da Costa. Os Olhos sem Fronteira</i> | 2000 | | |
| 45 | <i>Carlos de Oliveira e a Perfeição da Escrita</i> | 2002 | | |
| 49 | <i>Júlio Graça. Vida e Obra</i> | 2003 | | |
| 51 | <i>Álvaro Guerra - Razões de Liberdade</i> | 2004 | | |
| 54 | <i>Centenário do Nascimento de Armindo Rodrigues (1904-2004) "Voz Arremçada ao Caminho"</i> | 2004 | | |
| 59 | <i>Garcez da Silva – Uma Voz polifónica (1915-2006)</i> | 2007 | | |
| 63 | <i>Arquimedes da Silva Santos - Sonhando para os Outros</i> | 2007 | | |
| Apresentação do Museu (MNR) | 46 | <i>O Movimento Neo-Realista e o Museu do Neo-Realismo</i> | 2002 | 1 |

Quadro 4.2 – Classificação das exposições segundo as categorias *Movimento Neorrealista e seu contexto histórico e Artes Plásticas*

| Categoria | Nº | Exposição | Ano | Total exposições |
|---|---|---|------------|-------------------------|
| Movimento neorrealista e seu contexto histórico (NR) | 4 | <i>O Neo-Realismo e as suas Margens – I Descoberta e Afirmção</i> | 1983 | 14 |
| | 9 | <i>Escritores Neo-Realistas do Concelho de Vila Franca de Xira</i> | 1990 | |
| | 16 | <i>50 Anos Depois: Vértice</i> | 1993 | |
| | 18 | <i>Vértice e o Neo-Realismo</i> | 1993 | |
| | 19 | <i>Entre a Realidade e a Utopia – O Movimento Neo-Realista</i> | 1993 | |
| | 22 | <i>48 Anos de Censura em Portugal</i> | 1994 | |
| | 23 | <i>Os Proibidos</i> | 1994 | |
| | 24 | <i>As Greves de 8 e 9 de Maio. Rodas Paradas duma Engrenagem Caduca</i> | 1994 | |
| | 27 | <i>A Bordo do “Liberdade”. Os Passeios Culturais no Tejo no Princípio da Década de 1940</i> | 1995 | |
| | 33 | <i>A Imprensa Periódica na Génese do Movimento Neo-Realista</i> | 1996 | |
| | 40 | <i>Neo-Realistas em Destaque</i> | 1999 | |
| | 46 | <i>O Movimento Neo-Realista e o Museu do Neo-Realismo</i> | 2002 | |
| | 60 | <i>Batalha pelo Conteúdo – O Movimento Neo-Realista Português</i> | 2007 | |
| | 61 | <i>Uma Arte do Povo, pelo Povo e para o Povo – Neo-Realismo e Artes Plásticas</i> | 2007 | |
| Artes Plásticas (AP) | 6 | <i>Júlio Pomar</i> | 1989 | 25 |
| | 7 | <i>Cipriano Dourado</i> | 1990 | |
| | 20 | <i>Manuel Ribeiro de Pavia</i> | 1993 | |
| | 21 | <i>Manuel Filipe</i> | 1994 | |
| | 25 | <i>Lima de Freitas – Artes Plásticas e Literatura</i> | 1994 | |
| | 29 | <i>Maria Barreira e Vasco da Conceição (Escultura)</i> | 1995 | |
| | 30 | <i>O Neo-Realismo em Gravura</i> | 1995 | |
| | 31 | <i>Manuel Ribeiro de Pavia - Ilustração e Gravura – Exposição Bibliográfica</i> | 1996 | |
| | 34 | <i>Anjos Teixeira - Um Precursor do Neo-Realismo</i> | 1996 | |
| | 35 | <i>Os Escritores Também Pintam. Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Joaquim Namorado, Mário Dionísio</i> | 1997 | |
| | 37 | <i>Augusto Gomes – Pintura, Desenho</i> | 1997 | |
| | 38 | <i>Desenhos de Júlio Pomar. Coleção Ernesto de Sousa – Anos 40</i> | 1998 | |
| | 39 | <i>Pintura e Desenho de Arlindo Vicente</i> | 1999 | |
| | 43 | <i>Neo-Realismo Versus Surrealismo</i> | 2000 | |
| | 44 | <i>Abel Salazar - Pintura</i> | 2002 | |
| | 47 | <i>Querubim Lapa - Desenhos e Pinturas Neo-Realistas (1945-1964)</i> | 2002 | |
| | 48 | <i>Avelino Cunhal - Pintura</i> | 2003 | |
| | 50 | <i>O Neo-Realismo em Dorindo Carvalho - Desenho/Pintura</i> | 2003 | |
| | 52 | <i>Nuno San-Payo</i> | 2004 | |
| | 53 | <i>José Farinha</i> | 2004 | |
| 55 | <i>Júlio Pomar – Desenho, Gravura, Pintura</i> | 2004 | | |
| 56 | <i>Um Tempo e um Lugar - Dos Anos 40 aos Anos 60 / Dez Exposições Gerais de Artes Plásticas</i> | 2005 | | |
| 57 | <i>Jorge de Oliveira</i> | 2006 | | |
| 58 | <i>Alcino Soutinho – Representações de Arquitectura</i> | 2007 | | |
| 62 | <i>The Return of the Real – I, João Tabarra</i> | 2007 | | |

Quadro 5.1 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (1 a 9)

| Nº | Exposição | Ano | Período | Duração | Local | Itinerância | Fonte |
|----|---|------|------------------------|---------|---|---|------------------------------------|
| 1 | Alves Redol | 1970 | _____ | _____ | _____ | Várias dezenas de localidades | Arquivo AMR |
| 2 | Alves Redol | 1971 | _____ | _____ | _____ | Várias dezenas de localidades | Arquivo AMR |
| 3 | Gaibéus e o Seu Tempo | 1979 | _____ | _____ | _____ | Em 140 localidades no total. No Concelho de Vila Franca de Xira esteve em Alhandra, Bom-Sucesso, Vialonga, A-dos-Loucos, Cotovios, Suberra, Alverca, Póvoa de Santa Iria, Quintas, Vala do Carregado, Castanheira do Ribatejo | AMR |
| 4 | O Neo-Realismo e as suas Margens – I Descoberta e Afirmção | 1983 | Janeiro/Fevereiro | _____ | Figueira da Foz (Museu Municipal) | Não | Entrevista MR |
| 5 | 50 Anos de Gaibéus de Alves Redol* | 1989 | De 27/12/89 a ? | _____ | Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian – Galeria de exposições temporárias) | Vila Franca de Xira | Arquivo Gráfico MNR Arquivo AMR |
| 6 | Júlio Pomar | 1989 | De 7/12/89 a 31/12/89 | 25 dias | Vila Franca de Xira (Galeria Municipal de Exposições) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 7 | Cipriano Dourado | 1990 | De 19/10/90 a 04/11/90 | 27 dias | Vila Franca de Xira (Galeria Municipal de Exposições) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 8 | Homenagem a Rogério Paulo | 1990 | De 19/11/90 a 30/11/90 | 12 dias | Vila Franca de Xira (Sala da Assembleia Municipal) | Alhandra (Sociedade Euterpe Alhandrense - de 7/12/90 a 21/12/90) | Arquivo MNR |
| 9 | Escritores Neo-Realistas do Concelho de Vila Franca de Xira | 1990 | _____ | _____ | Vila Franca de Xira (Antiga Estalagem da Lezíria) | Póvoa de Santa Iria, Alverca | Arquivo Fotográfico MNR AMR |

* Ver, em anexo, a lista das atividades realizadas no âmbito das Comemorações do 50º aniversário de Gaibéus (1989-1990).

Quadro 5.2 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (10 a 18)

| Nº | Exposição | Ano | Período | Duração | Local | Itinerância | Fonte |
|----|--|------|-----------------------|---------|--|---|----------------------------|
| 10 | 50 Anos de <i>Vida Literária de Manuel da Fonseca</i> | 1991 | De ?/2/91 a ? | — | Vila Franca de Xira (Celeiro da Patriarcal) | Benavente, Salvaterra de Magos (de 10/02/92 a 24/02/92), Grândola (Biblioteca Municipal - 1993), Sines, Évora (Reitoria da Universidade – de 1/11/94 a 6/11/94), Mora (Galeria da Casa da Cultura), Castro Verde (Biblioteca Municipal) | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 11 | Dois Escritores do Neo-Realismo – <i>Alexo Ribeiro e Leão Penedo</i> | 1991 | De 6/4/91 a 21/4/91 | 16 dias | Vila Franca de Xira (Celeiro da Patriarcal) | Não | Arquivo MNR |
| 12 | Mário Dionísio: 50 Anos de <i>Vida Literária</i> | 1991 | De 1/6/91 a ? | — | Vila Franca de Xira (Celeiro da Patriarcal) | Lisboa (Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian) | Arquivo MNR |
| 13 | 50 Anos a <i>Ler Esteiros de Soeiro Pereira Gomes</i> | 1991 | De 1/12/91 a 15/12/91 | 15 dias | Alhandra (Sociedade Euterpe Alhandrense) | Salvaterra de Magos, Grândola, Porto, Festa do Avante, Alhandra (Escola C+S) | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 14 | <i>Carlos de Oliveira: 50 Anos na Literatura Portuguesa</i> | 1992 | De 12/6/92 a 17/6/92 | 6 dias | Olivual Basto (Centro Cultural da Mala-Posta) | Lisboa (Padrão dos Descobrimentos), Coimbra (Edifício Chiado), Amadora (Galeria Municipal), Cantanhede (Biblioteca Municipal), Matosinhos, Porto | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 15 | <i>Leão Penedo: 50 Anos na Ficção e no Cinema</i> | 1992 | De 15/9/92 a 27/9/92 | 13 dias | Lisboa (Sociedade Nacional de Belas Artes) | Não | Arquivo MNR |
| 16 | 50 Anos Depois: <i>Vértice</i> | 1993 | De 31/1/93 a 28/2/93 | 29 dias | Vila Franca de Xira (Celeiro da Patriarcal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 17 | 50 Anos Depois: <i>Joaquim Namorado</i> | 1993 | De 31/1/93 a 28/2/93 | 29 dias | Vila Franca de Xira (Celeiro da Patriarcal) | Alter-do-Chão | — |
| 18 | <i>Vértice e o Neo-Realismo</i> | 1993 | De ?-9-93 a ? | — | Festa do Avante (Pavilhão da Caminho) | Não | Arquivo MNR |

Quadro 5.3 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (19 a 29)

| Nº | Exposição | Ano | Período | Duração | Local | Itinerância | Fonte |
|----|---|------|------------------------|-----------|---|---|----------------------------|
| 19 | <i>Entre a Realidade e a Utopia – O Movimento Neo-Realista</i> | 1993 | De 4/12/93 a 17/5/94 | 167 dias* | Museu do Neo-Realismo | Matosinhos** (Casa-Museu Abel Salazar), Festa do Avante (de 2 a 4 de Setembro de 1994), Benavente | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 20 | <i>Manuel Ribeiro de Pavia</i> | 1993 | De 4/12/93 a 30/12/93 | 27 dias | Vila Franca de Xira (Galeria Municipal de Exposições) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 21 | <i>Manuel Filipe</i> | 1994 | De 14/1/94 a 20/2/94 | 48 dias | Vila Franca de Xira (Galeria Municipal de Exposições) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 22 | <i>48 Anos de Censura em Portugal</i> | 1994 | — | — | — | Sim*** | Arquivo MNR |
| 23 | <i>Os Proibidos</i> | 1994 | — | — | Almada (Oficina da Cultura da Câmara Municipal) | Sim | Arquivo MNR |
| 24 | <i>As Greves de 8 e 9 de Maio. Rodas Paradas dum Engrenagem Caduca</i> | 1994 | De 7-05-94 a ? | — | Alhandra (Sociedade Euterpe Alhandrense) | Alhandra (Escola C+S), Alverca do Ribatejo (Escola Secundária Infante D. Pedro) | Arquivo MNR |
| 25 | <i>Lima de Freitas – Artes Plásticas e Literatura</i> | 1994 | De 19/11/94 a 18/12/94 | 30 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 26 | <i>Soeiro Pereira Gomes</i> | 1994 | — | — | — | Alhandra, Salvaterra de Magos, Grândola, Porto, França (não se conseguiu apurar a localidade), etc. | Arquivo MNR |
| 27 | <i>A Bordo do "Liberdade". Os Passeios Culturais no Tejo no Princípio da Década de 1940</i> | 1995 | De 4/4/95 a 10/6/95 | 68 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Peniche (Museu Municipal), Festa do Avante | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 28 | <i>Jorge Reis. Vida e Obra</i> | 1995 | De 2/11/95 a 9/12/95 | 38 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Marinha Grande (Biblioteca da Câmara Municipal) | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 29 | <i>Maria Barreira e Vasco da Conceição</i> | 1995 | De 3/06/95 a 2/07/95 | 32 dias | Alverca (Galeria Municipal de Exposições) | Não | Arquivo AMR Catálogo |

* A exposição encerrou durante um determinado período, por motivo de obras.

** Parte (somente literatura) da exposição permanente "O Neo-Realismo Literário Português" e empréstimo da documentação bem como dos expositores. Além disso, foi produzido um novo catálogo para esta exposição, com edição da Câmara Municipal de Matosinhos.

*** A exposição foi montada num autocarro que percorreu as escolas do concelho de Vila Franca de Xira.

Quadro 5.4 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (30 a 39)

| Nº | Exposição | Ano | Período | Duração | Local | Itinerância | Fonte |
|----|---|------|------------------------|---------|---|--|----------------------------|
| 30 | <i>O Neo-Realismo em Gravura</i> | 1995 | De 20/07/95 a 3/09/95 | 50 dias | Vila Franca de Xira (Galeria Municipal de Exposições) | Não | Arquivo AMR |
| 31 | <i>Manuel Ribeiro de Pavia - Ilustração e Gravura - Exposição Bibliográfica</i> | 1996 | De 20/4/96 a ? | — | Pavia (Casa-Museu Manuel Ribeiro Pavia) | Não | Arquivo MNR |
| 32 | <i>Alexandre Cabral, Um Escritor, Uma Época</i> | 1996 | De 11/10/96 a 26/10/96 | 16 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 33 | <i>A Imprensa Periódica na Génese do Movimento Neo-Realista</i> | 1996 | De 7/11/96 a ? | — | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 34 | <i>Anjos Teixeira - Um Precursor do Neo-Realismo</i> | 1996 | De 25/10/96 a 24/11/96 | 31 dias | Galeria Municipal de Exposições de Alverca | Não | Arquivo AMR |
| 35 | <i>Os Escritores Também Pintam. Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Joaquim Namorado, Mário Dionísio</i> | 1997 | De 16/5/97 a 15/6/97 | 41 dias | Vila Franca de Xira (Galeria Municipal de Exposições) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 36 | <i>Júlio Graça</i> | 1997 | De 28/8/97 a ? | — | Alhandra (Museu Sousa Martins) | Alverca (Fórum Cultural), Vila Franca de Xira (Escola Secundária Alves Redol, Escola E.B. 2 e 3 Dr. Vasco Montiz, Escola E.B. 1 Alvaro Guerra) | Arquivo MNR |
| 37 | <i>Augusto Gomes - Pintura, Desenho</i> | 1997 | — | — | Alverca (Galeria Municipal de Exposições) | Não | — |
| 38 | <i>Desenhos de Júlio Pomar. Coleção Ernesto de Sousa - Anos 40</i> | 1998 | De 13/10/98 a 31/10/98 | 29 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 39 | <i>Pintura e Desenho de Artindo Vicente</i> | 1999 | De 4/2/99 a 10/4/99 | 66 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |

Quadro 23 - Esboço: Duração, Local e Itinerância das Exposições (10 a 30)

Quadro 5.5 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (40 a 52)

| N.º | Exposição | Ano | Período | Duração | Local | Itinerância | Fonte |
|-----|--|------|----------------------------|----------|---|--|----------------------------|
| 40 | <i>Neo-Realistas em Destaque</i> | 1999 | De 18-5-99 a ? | — | Vila Franca de Xira (Largo da Câmara) | Não | Arquivo MNR |
| 41 | <i>Alves Redol, Álvaro Guerra - Dos Cafés às Touradas</i> | 1999 | De 27/5/99 a 4/7/99 | 39 dias | Vila Franca de Xira (Café Central) | Não | Arquivo MNR |
| 42 | <i>Orlando da Costa. Os Olhos sem Fronteira</i> | 2000 | De 26/10/00 a 30/11/00 | 36 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Lisboa (Museu Republica e Resistência e Casa de Goa) e Goa | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 43 | <i>Neo-Realismo Versus Surrealismo</i> | 2000 | De 11/11/2000 a 10/12/2000 | 30 dias | Vila Franca de Xira (Galeria do Palácio da Quinta da Piedade) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 44 | <i>Abel Salazar - Pintura</i> | 2002 | De 17/5/02 a 8/6/02 | 33 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 45 | <i>Carlos de Oliveira e a Perfeição da Escrita</i> | 2002 | De 28/6/02 a 18/8/02 | 52 dias | Vila Franca de Xira (Celeiro da Patriarcal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 46 | <i>O Movimento Neo-Realista e o Museu do Neo-Realismo</i> | 2002 | De 28/6/02 a 18/8/02 | 52 dias | Vila Franca de Xira (Celeiro da Patriarcal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 47 | <i>Querubim Lapa - Desenhos e Pinturas Neo-Realistas (1945-1964)</i> | 2002 | De 7/11/2002 a 30/11/2002 | 24 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 48 | <i>Avelino Cunhal - Pintura</i> | 2003 | De 8/5/2003 a 7/6/2003 | 31 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 49 | <i>Júlio Graça. Vida e Obra</i> | 2003 | De 19/9/2003 a 16/11/2003 | 69 dias | Museu de Alhambra - Casa Dr. Sousa Martins | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 50 | <i>O Neo-Realismo em Dorindo Carvalho - Desenho/Pintura</i> | 2003 | De 13/11/2003 a 6/12/2003 | 34 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 51 | <i>Álvoro Guerra - Razões de Liberdade</i> | 2004 | De 24/4/2004 a 1/8/2004 | 100 dias | Vila Franca de Xira (Celeiro da Patriarcal) | Não | Arquivo MNR |
| 52 | <i>Nuno San-Payo</i> | 2004 | De 3/6/2004 a 17/7/2004 | 45 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |

Quadro 5.6 – Período, Duração, Local e Itinerância das Exposições (53 a 63)

| Nº | Exposição | Ano | Período | Duração | Local | Itinerância | Fonte |
|----|---|------|---------------------------------|----------|---|---|----------------------------|
| 53 | <i>José Farinha</i> | 2004 | De 4/11/2004 a 4/12/2004 | 31 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 54 | <i>Centenário do Nascimento de Armando Rodrigues (1904- 2004) "Voz Arremecada ao Caminho"</i> | 2004 | — | — | Lisboa (Ordem dos Médicos) | Vila Franca de Xira (Galeria da Biblioteca Municipal), Estremoz, Figueira da Foz (Biblioteca Municipal), Leiria (Biblioteca Municipal), Castro Verde (Biblioteca Municipal), Aljustrel, Ferreira do Alentejo, Cuba, Almada, Samora Correia | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 55 | <i>Júlio Pomar – Desenho, Gravura, Pintura</i> | 2004 | De 11/12/2004 a 31/01/2005 | 52 dias | Mação (Biblioteca Municipal)* | Não | — |
| 56 | <i>Um Tempo e um Lugar - Dos Anos 40 aos Anos 60 / Dez Exposições Gerais de Artes Plásticas</i> | 2005 | De 23/9/2005 a 16/12/2005 | 85 dias | Vila Franca de Xira (Celeiro da Patriarcal) | Não | Arquivo MNR Arquivo AMR |
| 57 | <i>Jorge de Oliveira</i> | 2006 | De 7/9/2006 a 14/10/2006 | 38 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo MNR |
| 58 | <i>Alcino Soutinho – Representações de Arquitetura</i> | 2007 | 10/5/07 a 9/6/07 | 31 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Não | Arquivo APMNR |
| 59 | <i>Garcês da Silva – Uma Voz Polifónica (1915-2006)</i> | 2007 | De 4/4/07 a 28/4/07 | 25 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Alenquer | Arquivo AMR |
| 60 | <i>Batalha pelo Conteúdo – O Movimento Neo-Realista Português</i> | 2007 | Outubro 2007 a Setembro 2008 | 1 ano | Museu do Neo-Realismo | Não | Catálogo |
| 61 | <i>Uma Arte do Povo, pelo Povo e para o Povo – Neo-Realismo e Artes Plásticas</i> | 2007 | De 20/10/2007 a 6/1/2008 | 78 dias | Museu do Neo-Realismo | Não | Catálogo |
| 62 | <i>João Tabarra The Return of the Real – I,</i> | 2007 | De 20/10/2007 a 6/1/2008 | 78 dias | Museu do Neo-Realismo | Não | Arquivo MNR |
| 63 | <i>Arquimedes da Silva Santos – Sonhando para os Outros</i> | 2007 | De 20/10/2007 a 16/3/2008 | 174 dias | Museu do Neo-Realismo | Não | Catálogo |

* Primeira exposição de Júlio Pomar realizada fora dos grandes centros urbanos (informação fornecida por AMR, no dia 31 de Julho de 2014).

Quadro 6 – Relação Espólios/Exposições

| Quadro | Espólio/Fundo | Data de Entradas/s | Exposição | Ano | Categoria | Data da Morte |
|--------|-------------------------------------|-------------------------|--|------------------------------|-------------------|-------------------|
| 2.1 | Manuel da Fonseca | 1991 | 10. 50 Anos de Vida Literária de Manuel da Fonseca - Manuel da Fonseca. Ventos do Escritor e da Obra - Manuel da Fonseca. Uma Chicotada de Vento (Originais) - Manuel da Fonseca. Uma Chicotada de Vento (Réplicas) | 1991 1993 1994 1995 | VO — — — | 11/3/93 |
| 2.2 | Soeiro Pereira Gomes | 1991 | 13. 50 Anos a Ler Esteiros de Soeiro Pereira Gomes 26. Soeiro Pereira Gomes | 1991 1994 | VO VO | 5/12/49 |
| 2.10 | Júlio Graça | 1993/2003/ 2006/2007 | 36. Júlio Graça | 1997 | VO | 21/02/06 |
| 2.3 | Armando Rodrigues | 1993/1995 | 54. Centenário do Nascimento de Armando Rodrigues (1904-2004) "Voz Arremeçada ao Caminho" | 2004 | VO | 8/8/93 |
| 2.4 | Alexandre Cabral | 1992/2003/2005 | 32. Alexandre Cabral. Um Escritor, Uma Época | 1996 | VO | 21/1/96 |
| 2.5 | Joaquim Namorado | 1991 | 17. 50 Anos Depois: Joaquim Namorado | 1993 | VO | 29/12/86 |
| 2.7 | Leão Penedo | 1994 | 11. Dois Escritores do Neo-Realismo – Alexio Ribeiro e Leão Penedo 15. Leão Penedo: 50 Anos na Ficção e no Cinema | 1991 1992 | VO VO | 1976 |
| 2.17 | Arquimedes da Silva Santos | Entre 2003 e 2009 | 63. Arquimedes da Silva Santos | 2007 | VO | — |
| 2.13 | Orlando da Costa | 2001 | 42. Orlando da Costa. Os Olhos sem Fronteira | 2000 | VO | 27/01/06 |
| 2.16 | Alves Redol | 2006/2007 | 1. Alves Redol 2. Alves Redol 3. Gaibéus e o Seu Tempo 5. 50 Anos de Gaibéus de Alves Redol | 1970 1971 1979 1989 | VO | 29/11/69 |
| 2.20 | Vértice | 1992/1993 | 41. Alves Redol, Álvaro Guerra - Dos Cafés às Touradas 16. 50 Anos Depois: Vértice | 1993 1993 | VO NR | — |
| 2.18 | Jorge Reis | 2006/2007 | 18. Vértice e o Neo-Realismo | 1995 | VO | 2005 |
| 2.25 | Jorge de Oliveira | 2006/2008 | 28. Jorge Reis. Vida e Obra | 2006 | AP | — |
| 2.18 | Garcez da Silva | 2007 | 57. Jorge de Oliveira 59. Garcez da Silva - Uma Voz Polifónica (1915-2006) | 2007 | VO | 2006 |
| 2.19 | Carlos de Oliveira | 2011 | 14. Carlos de Oliveira: 50 Anos na Literatura Portuguesa | 1992 | VO | 1/7/81 |
| 2.27 | Maria Barreira e Vasco da Conceição | — | 45. Carlos de Oliveira e a Perfeição da Escrita 29. Maria Barreira e Vasco da Conceição | 2002 1995 | VO AP | 23/12/10 e 7/5/92 |
| 2.28 | Avelino Cunhal | — | 48. Avelino Cunhal - Pintura | 2003 | AP | 19/12/66 |

Fonte: Museu do Neo-Realismo, Área Documental – Gestão de Incorporações.

Quadro 7 – Relação Autor/Exposições

| Autor | Exposição | Ano | Categoria | Data da Morte |
|--------------------------|--|------|-----------|---------------|
| Júlio Pomar | 6. Júlio Pomar | 1989 | AP | — |
| | 55. Júlio Pomar – Desenho, Gravura, Pintura | 2004 | AP | — |
| Cipriano Dourado | 7. Cipriano Dourado | 1990 | AP | 1981 |
| Rogério Paulo | 8. Homenagem a Rogério Paulo | 1990 | VO | 26/2/93 |
| Mário Dionísio | 12. Mário Dionísio: 50 Anos de Vida Literária | 1991 | VO | 17/11/93 |
| Manuel Ribeiro de Pavia | 20. Manuel Ribeiro de Pavia | 1993 | AP | 19/3/57 |
| | 31. Manuel Ribeiro de Pavia – Ilustração e Gravura – Exposição Bibliográfica | 1996 | AP | — |
| Manuel Filipe | 21. Manuel Filipe | 1994 | AP | 2002 |
| Lima de Freitas | 25. Lima de Freitas – Artes Plásticas e Literatura | 1994 | AP | 1998 |
| Augusto Gomes | 37. Augusto Gomes - Pintura, Desenho | 1997 | AP | 1976 |
| Arlindo Vicente | 39. Pintura e Desenho de Arlindo Vicente | 1999 | AP | 24/11/77 |
| Álvaro Guerra | 41. Alves Redol, Álvaro Guerra - Dos Cafés às Touradas | 1999 | VO | 18/4/02 |
| | 51. Álvaro Guerra - Razões de Liberdade | 2004 | VO | — |
| Abel Salazar | 44. Abel Salazar - Pintura | 2002 | AP | 29/12/46 |
| Querubim Lapa | 47. Querubim Lapa - Desenhos e Pinturas Neo-Realistas (1945-1964) | 2002 | AP | 2/5/2016 |
| Dorindo de Carvalho | 50. O Neo-Realismo em Dorindo Carvalho - Desenho/Pintura | 2003 | AP | — |
| Nuno San-Payo | 52. Nuno San-Payo | 2004 | AP | 10/7/14 |
| José Farinha | 53. José Farinha | 2004 | AP | 1979 |
| Ferreira de Castro | Ferreira de Castro – Vida e Obra | 2006 | — | 29/6/74 |
| Fernando Pitteira Santos | Fernando Pitteira Santos | 2006 | — | 28/09/92 |
| Vários | 19. Entre a Realidade e a Utopia – O Movimento Neo-Realista | 1993 | NR | — |
| | - O Neo-Realismo Literário Português – Entre a Realidade e a Utopia | 1994 | — | — |
| | 35. Os Escritores Também Pintam. Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Joaquim Namorado, Mário Dionísio | 1997 | AP | — |

Fonte: Área Documental – Gestão de Incorporações (MNR).

Quadro 8.1 – Organização dos conteúdos de algumas exposições realizadas no âmbito do projeto do MNR (I)

| Nº | Exposição | Ano | Organização dos Conteúdos | Observações | Fonte |
|----|---|------|--|--|--|
| 4 | <i>O Neo-Realismo e as Suas Margens – I</i> <i>Descoberta e Afirmção</i> | 1983 | Temas (títulos): I – “Descoberta E Afirmção”. Inclui materiais de diversos neorealistas, com uma brevíssima apresentação sobre cada um deles (data de nascimento, e óbito); II – “Os Movimentos Juvenis”. | - Materiais: I – Desenhos, Litografias, Serigrafias, Pinturas, Tipo gravuras, Xilogravuras, Litogravuras, Linóleos, Gravura s/cobre, Lino gravura, Agua-tinta, Busto; II – Páginas literárias, Artigo, Publicação, Poemas; Recortes de Jornais; primeiras Edições; | Espólio Joaquim Namorado (MNR) |
| 19 | <i>Entre a Realidade e a Utopia – O Movimento Neo-Realista</i> | 1993 | Temas (títulos): – Formação. A Década de 1930; (1 ao 9) – Os Movimentos Culturais Juvenis nos Anos 30; – O ensaísmo Doutrinário e Crítico (1936-1945); – Primeiro surto da Poesia e da Ficção. Década de 40 (“Novo Cancioneiro”, “Novos Prosadores”); – O Encontro de Gerações – A década de 1950; – O ensaísmo Sociológico, 1945 – Anos 60; – Uma Geração de protesto – As décadas de 1960/70; – O ensaísmo Técnico-científico. Anos 60 e 70; – Literatura de Depoimento Social; – Literatura Juvenil; – Principais Manifestações artísticas: Música, Dramaturgia e Cinema, Artes Plásticas; | - “Repudiou-se deste modo deliberado a exaustão, tanto mais que por razões de espaço disponível como por necessidades de natural conservação de património houve que definir uma rotatividade de documentos expostos”, pelo que a quantidade de espécies catalogadas (266) não se encontra museografada em simultâneo, mas está sujeita a alternância periódica. – “Acresce ainda a opção de recurso exclusivo, ou quase, aos nossos acervos arquivísticos, com particular destaque para os espólios e outras coleções até ao momento doadas ao Museu. – “Exposição sugeriu a seleção da primeira obra de cada autor, e não desie ou daquele título que eventualmente o consagrou como escritor”. – “No campo das artes plásticas, além de algumas peças já existentes na coleção do Museu, pôde finalmente contar-se com a oferta de algumas obras especialmente feitas pelos autores para assinalar a abertura desta exposição” – Total de 296 objetos, incluindo recortes de jornais e primeiras edições; | Arquivo Fotográfico MNR e catálogo (“roteiro de leitura da exposição”) |

Quadro 8.2 – Organização dos conteúdos de algumas exposições realizadas no âmbito do projeto do MNR (II)

Quadro 8.2 – Organização dos conteúdos de algumas exposições realizadas no âmbito do projeto do MNR (II)

| Nº | Exposição | Ano | Organização dos Conteúdos | Observações | Fonte |
|----|---|------|--|---|--|
| 32 | <i>Alexandre Cabral. Um Escritor, Uma Época</i> | 1996 | <p>Temas (títulos):</p> <p>Bloco A (Galeria da Biblioteca Municipal):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O Ficcionalista; ▪ O Tradutor; ▪ O Ensaísta; <p>Gabinete de trabalho de Alexandre Cabral (reconstituição de um dos gabinetes de trabalho do escritor);</p> <p>Bloco B (Café Central):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O Camiliano; <p>(ficheiros, bibliografia sobre Camilo Castelo Branco, objetos, fotografias, etc.)</p> <p>Bloco C (Galeria Municipal de Exposições):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O Cidadão (documentos, fotografias, livros, desenhos, recortes de jornal, primeiras edições, etc.) | <p>- Júlio Graça foi apontado como "a pessoa mais apropriada a ocupar-se da direção desta iniciativa".</p> <p>- "Ao homem de grande dignidade, ao trabalhador esforçado, ao intelectual, ao cidadão exemplar que é, na sua humildade, o Alexandre Cabral quero, em meu nome pessoal, em nome do Município que represento e decerto também em nome de todos quantos não desistem de lutar por um futuro mais promissor, mais fraterno e mais humano deixar um singelo, mas profundo agradecimento: Muito Obrigado Alexandre Cabral" (Daniel dos Reis Branco).</p> <p>- Total de 176 objetos expostos, incluindo recortes de jornais e primeiras edições.</p> | <p>Arquivo Fotográfico MNR</p> <p>Catálogo</p> |
| 33 | <i>A Imprensa Periódica na Génese do Movimento Neo-Realista</i> | 1996 | <p>Temas (títulos):</p> <p>- Situação da Imprensa Periódica nas décadas de 1930 e 1940;</p> <p>- Os Movimentos Culturais Juvenis dos Anos 30;</p> <p>- As Vias de uma Imprensa Independente na afirmação do Neo-Realismo:</p> <p>Sol Nascente, O Diabo;</p> <p>- No silêncio dos Primeiros Anos 40: Biblioteca Cosmos, Vértice;</p> | <p>- "Além da informação que este catálogo veicula, o Museu encontrou ensejo de ordenar e sistematizar materiais em torno de um importante acervo próprio de jornais, revistas, páginas culturais que ascendem já a mais de uma centena de títulos. Por outro lado, envolvendo um tema conjunto, houve oportunidade de valorizar o uso sistemático do conjunto de espólios literários e editoriais à sua guarda.</p> <p>- Total de 98 objetos, incluindo recortes de jornais e primeiras edições.</p> | <p>Arquivo Fotográfico MNR</p> <p>Catálogo</p> |
| 42 | <i>Oriundo da Costa. Os Olhos sem Fronteira</i> | 2000 | <p>Temas (títulos):</p> <p>- Horizontes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Origens; ▪ Mensagens; ▪ O Repouso; <p>- Oriundo da Costa, Um Escritor Maior;</p> <p>- Bibliografia de Oriundo da Costa;</p> <p>- Família, uma Experiência Única;</p> | <p>- "Julgamos alcançar o nosso propósito: registar a vida e a obra de um autor inolvidável".</p> <p>- Total de 133 objetos, incluindo recortes de jornais e primeiras edições.</p> | <p>Catálogo</p> |

Quadro 8.3 – Organização dos conteúdos de algumas exposições realizadas no âmbito do projeto do MNR (III)

| Nº | Exposição | Ano | Organização dos Conteúdos | Observações | Fonte |
|----|---|------|--|--|----------|
| 45 | <i>Carlos de Oliveira e a Perfeição da Escrita</i> | 2002 | Temas (títulos): <ul style="list-style-type: none"> ▪ Infância e Juventude; ▪ Um Escritor revela-se; ▪ O Operário das Palavras; ▪ Apogeu da Obra; ▪ Profusão da Obra de Carlos de Oliveira no Estrangeiro ▪ A Gândara na Obra de Carlos de Oliveira; ▪ Carlos de Oliveira, Um Escritor que também Pinta; ▪ Carlos de Oliveira visto por alguns artistas plásticos; | - Exposição Biobibliográfica; - “Carlos de Oliveira, que esta exposição evoca e homenageia, é um dos mais importantes escritores portugueses do século XX, para além de ser um nome de referência do Movimento Neorrealista”. - Materiais: Reproduções fotográficas, Cartão de jogador, Capas de livros, Originais dactilografados e Originais manuscritos, Reproduções de poemas e sonetos editados em revistas, Folheto de apresentação, Guião para teatro, Obras de pintura; Recortes de Jornais; primeiras Edições; | Catálogo |
| 46 | <i>O Movimento Neo-Realista e o Museu do Neo-Realismo</i> | 2002 | Temas (títulos): <ul style="list-style-type: none"> ▪ O Neo-Realismo Literário: <ul style="list-style-type: none"> a) Gênese do Movimento; b) 1º Surto da Poesia e da Ficção (década de 40 – séc. XX); c) Encontro de Gerações (1950); d) O Ensaiismo; e) Uma Geração de Protesto (1960-70); ▪ Outras Manifestações Artísticas: <ul style="list-style-type: none"> a) Música; b) Dramaturgia; c) Cinema; d) Artes Plásticas; | | Catálogo |

Quadro 8.4 – Organização dos conteúdos de algumas exposições realizadas no âmbito do MNR (IV)

| Nº | Exposição | Ano | Organização dos Conteúdos | Observações | Fonte |
|----|--|------|--|--|---|
| 51 | Álvaro Guerra - Razões de Liberdade | 2004 | <p>Títulos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ I - Primeiros Passos... (1 ao 42); ▪ II - O Sonho no Absurdo... (43 ao 97); ▪ III - Utopia e Libertação (98 ao 133); ▪ IV - Uma voz no Mundo (134 ao 207); ▪ V - Testemunhos da Memória (208 ao 224); ▪ Sem título - Proposta de reflexão ao visitante. | <p>- Documentos pessoais, Fotografias, várias Capas de livros, Folhetos, Cartazes, Recortes de jornais, Cartões vários, Textos, Entrevistas, Provas censuradas, revistas com artigos, Condecorações, Medalha, Objetos pessoais e de família, Recortes de Jornais e primeiras Edições;</p> <p>- "Uma justa homenagem" (Maria da Luz Rosinha)</p> <p>- "Agora é tempo de o evocar e de o homenagear por tudo aquilo que fez e deu ao seu país e à sua terra natal. A exposição de que este catálogo é um dos principais suportes é apenas um dos modos que temos de lembrar Alvaro Guerra, a sua vida e a sua obra.</p> <p>- "(...) Tem as terras o dever cívico e moral de recordar os seus filhos mais ilustres e de dar a conhecer o seu legado às gerações futuras. É esse o objetivo desta exposição".</p> <p>- Em relação ao projeto: "Ele é, sem dúvida, um ato de homenagem e de consagração de uma memória que nos honra e engrandece, como outros vila-franquenses ilustres, não será esquecido".</p> <p>Total de 224 objetos.</p> | <p>Arquivo AMR (dossier e fotografias) Catálogo</p> |
| 54 | Centenário do Nascimento de Armindo Rodrigues (1904-2004) "Voz Arremecida ao Caminho" | 2004 | <p>Temas (títulos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Nascimento e Infância; ▪ Adolescência. Formatura; ▪ Casamento; ▪ 1º Livro; ▪ Fase de Maturidade; ▪ 25 de Abril; ▪ Relações. Amizades. <p>Intervenção Política.</p> | <p>Fotografias (48), Originais manuscritos de poemas, Documentos pessoais, Folhetos, Notícias e Anúncios, Reproduções de ilustrações, Capas de revistas, ampliação de um logótipo, Cartas, Cartões, Comunicados, Recibos, Mensagem, Discurso, Manifesto; Recortes de Jornais; primeiras Edições;</p> | <p>Arquivo AMR Catálogo</p> |

Quadro 8.5 – Organização dos conteúdos de algumas exposições realizadas no âmbito do projeto do MNR (V)

| Nº | Exposição | Ano | Organização dos Conteúdos | Observações | Fonte |
|----|---|------|--|--|-------------|
| 59 | <i>Garcez da Silva – Uma Voz Polifónica (1915-2006)</i> | 2007 | <p>Temas (títulos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Família. Nascimento. Infância; ▪ Atividade Cultural em VFX. Grupo Neorrealista ▪ A Repressão ▪ Outros Horizontes ▪ A Busca da Perfeição; | <p>9 Retratos, 14 Paisagens, Desenhos, Fotografias, Textos, Reprodução de Artigos, Capas de Livros, Versões de poemas, Apontamentos, Documentos pessoais e Documentos de outros; Recortes de Jornais; primeiras Edições;</p> | Arquivo AMR |
| 60 | <i>Batalha pelo Conteúdo – O Movimento Neo-Realista Português</i> | 2007 | <p>Temas (títulos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Génese do Movimento; ▪ Prevalência do Conteúdo (Música; Artes Plásticas; Ilustração); ▪ Procura da Forma (Cinema; Teatro) ▪ Herança do Neo-Realismo | <p>– “Exposição de longa duração” que ocupa os pisos 2 e 3 do novo edifício.</p> <p>– A exposição “vem comprovar que, apesar de inicialmente vocacionado para o estudo e disponibilização de fontes documentais sobre o movimento cultural do Neo-Realismo, o Museu tem vindo a promover uma prática continuada de investigação e divulgação dos seus conteúdos”.</p> | Catálogo |
| 61 | <i>Uma Arte do Povo, pelo Povo e para o Povo – Neo-Realismo e Artes Plásticas</i> | 2007 | <p>Temas (títulos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Festa; ▪ Cenas do quotidiano; ▪ Maternidade; ▪ Política; ▪ Guerra; ▪ Desespero; ▪ Excluídos; ▪ Operariado; ▪ Fauna marítima; ▪ Campesinato; | <p>– Primeira “exposição temporária” do novo edifício.</p> <p>– “Pretende-se apresentar uma mostra significativa das artes plásticas do Neo-Realismo, em particular centradas nos anos 40 e 60”.</p> <p>– “Pretende o MNR iniciar (...) uma mais ampla e continuada divulgação sobre a expressão visual de um movimento que está ainda preso a demasiados clichés e preconceitos”.</p> <p>– A mostra tem um numero considerável de obras de colecionadores particulares, emprestadas ao Museu.</p> | Catálogo |

Quadro 9 – Outras exposições realizadas

| Exposição | Ano | Organização | Curadoria | Duração | Local | Observações | Fonte |
|---|------|------------------------------------|-----------------------|---------|---|--|---------------|
| <i>Eduardo Lourenço</i> | 2004 | Biblioteca Municipal da Maia | Maria Manuel Baptista | _____ | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | A APMNR solicitou a exposição, que foi montada por funcionários da Biblioteca da Maia. | Arquivo APMNR |
| <i>Ferreira de Castro – Vida e Obra</i> | 2005 | Museu Ferreira de Castro | _____ | _____ | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Cedida, a título de empréstimo, a Vila Franca de Xira a solicitação da APMNR | Arquivo APMNR |
| <i>Fernando Piteira Santos</i> | 2006 | Centro de Documentação 25 de Abril | _____ | 40 dias | Vila Franca de Xira (Galeria de exposições da Biblioteca Municipal) | Cedida, a título de empréstimo, a Lisboa (Museu da República e Resistência) | Arquivo APMNR |
| <i>Ferreira de Castro – Vida e Obra</i> | 2006 | Museu Ferreira de Castro | _____ | _____ | Escola Alves Redol | Por iniciativa da APMNR | Arquivo APMNR |

COLIBRI – ARTES GRÁFICAS

APARTADO 42 001 – 1601-801 LISBOA

TELEFONE | (+351) 21 931 74 99

www.edi-colibri.pt | colibri@edi-colibri.pt

A implantação do Museu do Neo-Realismo foi um processo bastante complexo, que a autora considera ter-se iniciado em 1969 com a morte de Alves Redol e com a possibilidade de se fundar uma Casa-Museu Alves Redol.

Tendo sido decidido, em 1979, alcançar o objectivo para um Museu do Neo-Realismo, iniciou-se uma longa fase de gestação do empreendimento, que passou por contactos com a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, a assunção do

projecto de criação de uma Comissão de Promoção, pela formação da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, a que se seguiu a criação do Centro de Documentação do Neo-Realismo e a abertura ao público do Museu do Neo-Realismo, que incluiu aquela, em 1995.

Proseguiu-se com a elaboração do projecto de arquitectura, cuja autoria foi do Arquitecto Alcino Soutinho, inaugurando-se as novas instalações do Museu em 2007. Nesta período foram realizadas numerosas exposições, inúmeras sessões e eventos académicos sobre o Movimento do Neo-Realismo.



Quadro 9 – Outras exposições realizadas

| Exposição | Ano | Organização | Características | Descrição | Local | Observações | Fonte |
|---------------------------------------|------|--|------------------------|---|---|--|-------------------|
| Exposições de Expressão | 2004 | Ateneu de Municipal de Moia | Marta Manuel Dagimã | www.edi-colibri.pt colibri@edi-colibri.pt TELEFONE (+351) 21 931 24 99 APARTADO 43 001 - 1601-801 LISBOA COLIBRI - ARTES GRÁFICAS | Vila Franca de Xira Cidade de expografia As artes gráficas Municipal | A APANDE aderiu a exposição que foi montada por iniciativa da Direção de Moia | Arquivo APANDE |
| Exposições de Cadeia - Pólio e Outras | 2006 | Museu Evaristo de Castro | | | Vila Franca de Xira Cidade de expografia da Universidade de Évora | Cadeia, o livro de emprego, 4 Vila Franca de Xira expografia de Evora | Arquivo APANDE |
| Exposições de Arte Gráfica | 2006 | Exposições de Desenvolvimento 25 de Maio | | | Museu de expografia de Évora | Cadeia, o livro de emprego, o Livro de Moia de expografia e Resistência | Arquivo APANDE |
| Exposições de Cadeia - Trabalho | 2006 | Museu Evaristo de Castro | | | Vila Franca de Xira | Na iniciativa de APANDE | Arquivo APANDE |



1993



2007



Edições Colibri



MUSEU DO
NEO-REALISMO
Associação Promotora